

# *Ditas natáveis*



**Padres e Irmãos Barnabitas**

**Nossa capa**  
**O Cristo Crucificado**  
**Arte de José Carlos da Silva Vieira**  
**Pastoral dos Coroinhas e PASCOM Loreto**  
**Rio de Janeiro - RJ**



Capa do livro original de 1583  
Falta, na parte de baixo, o nome de  
Giovanni Battista Somasco

Carimbo da  
Libreria del Civico Museo da cidade de Cremona

**DITOS  
NOTÁVEIS  
RECOLHIDOS POR DIVERSOS AUTORES  
DITOS PELO REVERENDO PADRE  
ANTÔNIO MARIA ZACCARIA  
NATURAL DE CREMONA  
OBRA MUITO DEVOTA E MUITO ÚTIL  
PARA QUEM DESEJA TER PROVEITO  
NAS COISAS ESPIRITUAIS E GOVERNAR-SE A SI MESMO  
SEGUNDO A VONTADE DE DEUS  
  
EM VENEZA  
GIOVANNI BATISTA SOMASCO**

NOTA

Essa acima é a tradução da capa do livro da edição original de 1583 (cf página anterior).

Evitamos colocar na capa desta edição em Português o nome de nosso Fundador, porque a autoria dessas frases é do Frei Batista de Crema. Para maiores esclarecimentos, não deixem de ler os dois artigos do Pe. Antonio M. Gentili, Barnabita, publicados após o texto dos *Ditos*. É um bom conhecimento para nós, Família zaccariana no Brasil, que ainda carecemos de tantas fontes de nossa História e Espiritualidade.

*Ditos notáveis*, Do original em italiano DETTI NOTABILI raccolti da diversi authori ... Veneza 1583, Tradução de Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP, Rio de Janeiro 2020.

A todos os membros da Família zaccariana de Língua Portuguesa que, como diz o título original da obra, “*desejam ter proveito nas coisas espirituais e governar-se a si mesmos segundo a vontade de Deus*”.

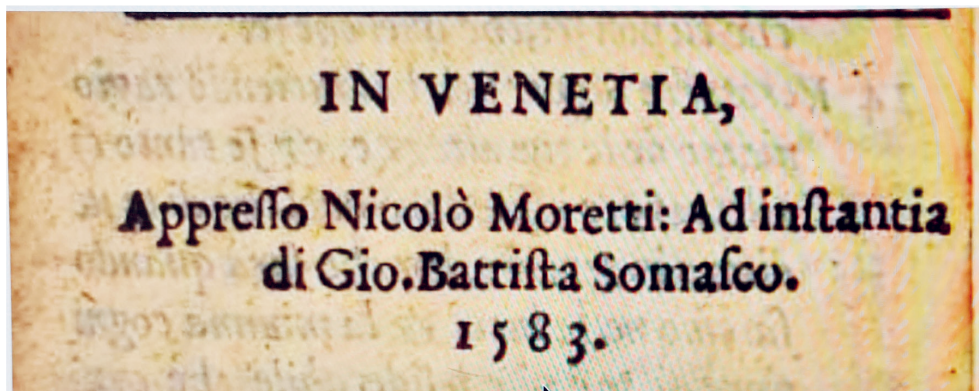
Fotos

pp. 3 e 6 - Do livro original, fotos by LANP



## ÍNDICE

|                            |                              |
|----------------------------|------------------------------|
| 8-13 > AMOR                | 67-69 > MEDITAÇÃO            |
| 14-18 > CARIDADE           | 70-76 > MESTRE               |
| 19-23 > CIÊNCIA ESPIRITUAL | 77-78 > ÓCIO                 |
| 24 > CIÚME ESPIRITUAL      | 79-83 > ORAÇÃO               |
| 25-27 > COMPUNÇÃO          | 84-91 > PACIÊNCIA            |
| 28-31 > CONTEMPLAÇÃO       | 92-98 > PENITÊNCIA           |
| 32-33 > DEVOÇÃO            | 99-102 > RAPTO               |
| 34-38 > DISCRIÇÃO          | 103-108 > RELIGIOSO          |
| 39-40 > DISTRAÇÃO          | 109-110 > SINAIS E APARIÇÕES |
| 41-45 > ESPÍRITO           | 111-121 > TENTAÇÕES          |
| 46-47 > FALAR EM EXCESSO   | 111----- > a. Angelical      |
| 48-49 > FERVOR             | 111-115 > b. Diabólica       |
| 50-51 > FUROR              | 115-117 > c. Divina          |
| 52-57 > HUMILDADE          | 117-119 > d. Humana          |
| 58-59 > IRA                | 122-130 > TIBIEZA            |
| 60-64 > LÁGRIMAS           | 131-133 > VIDA MISTA         |
| 65-66 > LIBERDADE          | 134-137 > VISÃO DE DEUS      |



No final do livro, temos essa inscrição:

Em Veneza

Por Nicolau Moretti, a pedido de João Batista Somasco

1583

## APRESENTAÇÃO

Embora já tivéssemos um trabalho do Pe. José Meireles Sisnando, Barnabita a respeito dos *Detti notabili*, achei por bem fazer uma tradução da mesma obra para ajudar a quem interessar possa.

A ideia me veio após um dos coroinhas de nossa Paróquia e Santuário Nossa Senhora de Loreto ter descoberto no aplicativo de Internet Google livros, três obras ligadas a Santo Antônio Maria Zaccaria, dentre elas esta e mas ter enviado para ver se havia algum interesse. Claro que o achado virtual do jovem acendeu um alerta positivo em mim, quando me deparei com o texto e com os outros também.

Como a pandemia reduziu muito a minha atividade externa, resolvi me dedicar à tradução dessa obra tão interessante para confessores e orientadores espirituais e, é claro, para quem deseja avançar em coisas cada vez mais perfeitas, como prescreve nosso Fundador.

São 865 frases distribuídas por 33 títulos ou vozes, sendo que as maiores, com 55 frases cada, são as vozes AMOR e TIBIEZA. Interessante não é? Isso lhes diz alguma coisa?

Embora essas frases não tenham sido escritas pelo nosso Fundador, encontramos muitas que têm correspondências concretas nos Escritos do Zaccaria. É, no entanto, muito provável que grande parte delas seja do Frei Batista Carioni da Crema que, como todos sabem, foi mentor espiritual do nosso santo e da família zaccariana dos inícios.

Terminei a tradução no dia de Finados de 2020, tendo-a iniciado no mês de abril, após a Semana Santa, mas o trabalho não termina aqui. Após cada título haverá algo relacionado aos Escritos do Fundador ou através de comentários e citações. Como sempre digo, aproveitem a leitura e a meditação dessas frases.

Para esclarecer e enriquecer essa obra, acrescento dois trabalhos do nosso confrade Antonio M. Gentili a respeito dos *Ditos* notáveis, um de 2002 e outro desse ano de 2020, Valem a pena!

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP  
Rio de Janeiro, 02/11/2020

# AMOR

**1** O primeiro princípio do amor consiste no conhecimento.

**2** O amor é uma virtude unitiva entre o amante e o amado, que transforma um no outro.

**3** O amor é o fundamento de todo bem e de todo mal, da paz e de todas as guerras, de todos os temores e da solicitude, do fervor e do furor e de todas as outras paixões.

**4** O amor terreno tem os olhos tampados e não enxerga; mas todo amor mundano deve ser suspeito.

**5** Se alguém pudesse dominar perfeitamente apenas o amor, conseguiria vencer todas as outras paixões.

**6** Quem não controla os impulsos do amor seguindo as regras da razão, acaba caindo na fossa do pecado.

**7** Quem não se deixa enganar pelo amor é muito mais divino que humano.

**8** Quem, depois de ter feito uso da razão, não reconhece ter sido enganado pelo amor, é completamente cego e se engana a si mesmo.

**9** Quem não freia os impulsos do amor com orações e outros meios espirituais e diz que não peca por amor, não é digno de crédito.

**10** O amor faz e desfaz, reprova e aprova e acompanha tudo o que fazemos, mesmo o que é contrário ao próprio amor. Mas eu digo: que não se encontre puro ódio misturado ao amor, quando o cruel vingador for



rígido com os outros, porque ama demais a si mesmo.

**11** Quem controla o amor, consegue vencer todas as outras paixões, mas quem se deixa levar pelo amor, não será verdadeiramente vencedor em coisa alguma.

**12** Assim como o amor bom é toda a perfeição, da mesma forma, o amor ruim é só defeito, porque tal como é o amor, assim é a coisa amada. Sendo assim, a alma se empobrece quando ama coisas inferiores a si mesma e se torna nobre quando ama coisas superiores.

**13** Algumas vezes, o amado não responde com o mesmo amor, porque o verdadeiro amor mútuo não pode existir, a não ser entre pessoas que sejam semelhantes nas virtudes.

**14** O amor sempre cresce, embora algumas vezes pareça diminuir, porque sempre tende para o infinito, aumenta e se torna cada vez maior.

**15** Quanto mais espiritual for o amor, tanto no amante como no amado, tanto maior em dignidade e em satisfação ele o será.

**16** O amor fingido tem sofrimento e deleite correspondentes.

**17** Com o mesmo amor podemos amar a Deus, o próximo e qualquer coisa que a razão prove que pode ser amada.

**18** O amor mundano é aquele que induz todos ao prazer e não traz constrangimento a algumas pessoas; ele é chamado por muitos de boas maneiras e frequentemente traz consigo a adulação e a afetação.

**19** Parece que este amor enxerga muitas coisas, mas é cego, porque tem seu fundamento em coisas vãs e não na verdade. Por isso, ele se deleita

com joguinhos, brincadeiras [divertimentos] e espetáculos.

**20** Esse amor leva à complacência [ternura] de si mesmo. Por isso, não o leva a amar o mundo mais do que a si mesmo.

**21** O amor próprio [fechamento em si mesmo] é o começo de todos os males e a privação de todos os bens e, por fim, é porta do inferno.

**22** O amor próprio encontrou a blasfêmia, o desespero, a hipocrisia, as desculpas [justificativas] e o desejo de morar para sempre neste mundo.

**23** Este amor tem sempre o contrário daquilo que deseja, porque não quer passar por nenhuma tentação ou por adversidades [dificuldades] e está sempre cheio de doenças, sofrimentos e angústias.

**24** O amor próprio preenche toda a mente e acaba por desprezar o próprio Deus.

**25** O amor próprio leva ao medo do castigo e só por isso pode ser considerado bom, isto é, quando, por medo do castigo, provoca remorso de consciência.

**26** O amor próprio só pode ser removido pelo seu contrário: o ódio [desprezo] de si mesmo.

**27** É difícil despir-se do amor próprio, mas esta dificuldade deve fazer crescer o ânimo, pois quanto mais difícil, tanto mais louvável [o despir-se].

**28** Quem se despe do amor próprio vence o mundo; isso só é concedido aos perfeitos.

**29** Não pode existir suplício eterno no inferno, se não estivesse fundamentado no amor próprio.

**30** Se você deseja despir-se do amor próprio, purifica as suas intenções e faça tudo somente para a pura honra de Deus.

**31** O amor próprio não terá nenhuma imperfeição ou pena na pátria, mas será sumamente alegre e estará todo em Deus.

**32** O amor racional e fundamentado no intelecto e na vontade não tem os olhos vendados ou fracos como o amor considerado anteriormente.

**33** O amor racional destrói todos os males e é princípio de todo bem, tanto moral como divino.

**34** Este amor equilibra todos os outros amores e sustenta nas tentações, vencendo-as rapidamente; por isso, somos diferentes dos animais.

**35** O amor racional é concedido somente por Deus, não a pessoas fechadas em si mesmas, mas às generosas.

**36** O amor racional contém o desprezo por si mesmo; quanto maior for este amor, mais desprezo [por si mesmo] ele trará.

**37** O homem santo, ao desprezar a si mesmo, fica verdadeiramente ; curado, e ao se amar, despreza a si mesmo.

**38** O amor racional, embora clame a Deus por vingança contra si mesmo, não a introduz em você e nem a tira de si.

**39** O amor racional, quando voltado para Deus, traz em si o apaixonar-se pelo próprio Deus e nos transforma Nele.

**40** Amar a si mesmo é próprio de Deus, e não das criaturas, a não ser quando Ele o permite, porque só Deus pode amar a si mesmo sem errar.

**41** O amor de Deus pelas criaturas é razão de todo bem; o amor das criaturas por Ele as orienta para a honra de Deus.

**42** Muitos dizem querer amar a Deus; mas são poucos os que O amam de verdade e querem amá-Lo não só na imaginação.

**43** O amor das criaturas para com Deus não deveria ter limites; pelo contrário, deve ser ilimitado e a sua intensidade não deve ter medidas, pois honrar a Deus de forma calculada é desonrá-Lo.

**44** O ímpeto do amor divino extingue qualquer outro amor e, ao crescer sempre, consome a alma e se mistura em Deus.

**45** A motivação para adquirirmos, conservarmos e aumentarmos este amor, reside na exigente imitação de Cristo e no exercitar-se nas obras virtuosas e cristãs.

**46** O amor de Deus em nós se revela principalmente na observância dos seus Mandamentos e Conselhos e no estar prontos a obedecer ao seu mínimo sinal.

**47** O amor de Deus não pode estar naquele que não ama todas as pessoas, porque a imagem de Deus está em todos.

**48** Quem ama o que desagrada a Deus, odeia de verdade o que Deus ama e, sem o amor de Deus, passa a ser digno de morte.

**49** Somente o amor de Deus torna uma pessoa nobre; sem este amor, ela perde a nobreza, mesmo que se considere senhor do mundo.

**50** A criatura será tanto mais excelente, quanto mais se deleitar no amor de Deus.

**51** O verdadeiro amor de Deus nada teme, não conhece castigo e não deseja prêmio e quanto menos o deseja, mais o recebe.

**52** O amor de Deus é solitário, não quer companhia; mas quem ama a Deus só um pouquinho é aquele que não se contenta só em Deus.

**53** O amor de Deus é uma ferida contínua aberta no coração, acompanhada por uma alegria permanente.

**54** O amor de Deus eleva a alma e a torna estável [serena].

**55** O amor de Deus não diminui por causa dos tormentos, chagas e opróbrios; pelo contrário cresce a um grau mais elevado.

## COMENTÁRIO ZACCARIANO

Como nosso Fundador é totalmente AMOR! Isso se mostra claramente nas expressões que ele usa ao se referir aos Filhos e Filhas de Paulo Santo: *Caríssimo (s)*, dirigindo-se aos seus ouvintes nos Sermões; *Minhas queridas filhas (10502.03)*, escrevendo às Angélicas que partiam em missão; ao Soresina, ao manifestar seu sofrimento pelas falhas do filho querido (cf **11003.05.06**); ao casal Bernardo e Laura, no seu testamento aos Casais de São Paulo (cf **11106**). Esses são alguns exemplos. Destaco agora duas frases do Sermão 4, sobre o amor a Deus e ao próximo: “*Que extraordinária compaixão! Que amor imenso! Deus humilhou-se tanto para que o homem voltasse a amá-lo e assim, pudesse salvar-se!*” (**20412**); “*Só uma coisa faz você adquirir e aumentar o amor de Deus e crescer neste amor; além disso, faz com que ele apareça claramente, quando, de fato, existe em você. Quer saber o que é? É o amor ao próximo!*” (**20418**). Existem outras. Pesquisem!

# CARIDADE

**1** Através da Caridade, isto é, do amor de Deus, é que somos amados por Ele, para “saboreá-lo”; é também pela Caridade que nós amamos a Deus para honrá-Lo.

**2** A Caridade só diz respeito à pura honra e ao amor de Deus e ao desprezo de si mesmo.

**3** A Caridade é um voluntário e excelentíssimo deleitar-se em Deus, pela qual chegamos ao desprezo de nós mesmos, sem cairmos no desespero.

**4** A Caridade ama a Deus de todo o coração, porque não recebe em si a mistura de outras coisas; com toda a mente, porque sempre se recorda de Deus; com toda a alma, porque tira de si todo deleitar-se sensual;- com todas as forças, porque nunca se cansa no fazer e no sofrer.

**5** A Caridade contém em si todas as virtudes e afasta de si todos os vícios; e o viciado não pode viver na caridade.

**6** A Caridade é um coração ferido que sempre ri chorando e chora rindo, não conhece castigo e medo e se alegra nas tribulações e angústias.

**7** A Caridade é a purificação da mente, através da qual vemos o que é apropriado [viver] para honra de Deus, para a nossa salvação e a de nosso próximo.

**8** Embora a caridade possa estar acompanhada da recompensa, será um fracasso quem visa à recompensa por amor próprio [pelos próprios méritos].



**9** A Caridade não para de estimular, mas quando chega à perfeição, elimina todos os estímulos.

**10** A Caridade não se esfria com o passar do tempo, nem cai na tibieza por causa das tribulações, nem se cansa por causa das fadigas, mas volta com maior força ao que já começamos.

**11** Se a Caridade não realizar coisas grandes, não se chama mais Caridade e sim ódio.

**12** Muitas vezes, sob o pretexto de fazer Caridade, perdemos a pureza da Castidade.

**13** Se você quer saber se existe Caridade em você, saiba que a caridade é paciente e benigna; mas se você é duro e impaciente com o próximo, você não tem Caridade.

**14** A caridade não sabe o que é a inveja ou a malícia; mas quem é invejoso e malicioso não tem Caridade e está cheio do que lhe é contrário.

**15** A caridade não é soberba nem ambiciosa; portanto, o soberbo que sempre procura as honrarias, não tem Caridade.

**16** Quem tem Caridade não procura a si mesmo, e o amor próprio exclui a Caridade.

**17** A Caridade não perde a dignidade, não fala mal, não julga com temeridade, pelo contrário, desculpa e ameniza o defeito dos outros.

**18** A Caridade não se alegra com o mal dos outros, mas se deleita com a pura verdade e se compadece por causa do pecado dos outros.

**19** A Caridade suporta todos os males, acredita em todo bem, espera em tudo o que difícil e naturalmente impossível e sustenta todo peso como pedra duríssima e sem vacilar.

**20** A Caridade nunca acabará e, quando cessarem a fé e a esperança no céu, o amor crescerá.

**21** Muitos pensam que amam o próximo, mas no mínimo, não são motivados pela Caridade e sim pelo afeto natural; por isso, não têm merecimento.

**22** Quem pensa que vive a Caridade, verifique se está pronto para sofrer pela salvação do próximo, não pelo sofrimento, mas pela própria pessoa.

**23** A caridade não é menos afável com o inimigo do que com o próprio amigo e pede pelo ganho [crescimento] dele.

**24** A caridade nos impele a pedir perdão ao inimigo que nos provocou sem nenhum motivo, porque ela não conhece nenhum inimigo, pelo contrário, se mostra gratuitamente a todos.

**25** A caridade nos traz o conhecimento do que precisamos sobre os adversários, a tal ponto que nos beneficie, pois somos devedores a eles como amigos e benfeitores.

**26** É claro que a caridade aquece o coração, mas algumas vezes pode torná-lo frio, conforme a situação.

**27** Quando a caridade é dada com grande abundância, provoca, no homem, insólitas transformações do corpo e das forças da alma.

**28** A caridade intensa faz enrubescer o rosto e transforma a fisionomia em amável e respeitosa.

**29** Esta caridade manda embora o medo de qualquer coisa assustadora, mesmo que eu ouvisse de Deus: “Eu te condeno ao suplício eterno”.

**30** Esta caridade exclui totalmente qualquer vergonha.

**31** Esta caridade nos faz perder o rigorismo mental e não permite que nos fixemos nos mesmos pensamentos, mas conduz a mwntw para seguir o ímpeto e as moções do Espírito.

**32** Esta caridade tem a luz, que se deixa transparecer na pessoa que a vive.

**33** Quem vive esta caridade, vê num instante, mais do que outra pessoa com longo esforço; com um simples olhar, ele vê um conjunto de muitas coisas.

**34** Esta caridade diz palavras que não se podem entender; ou melhor só a muito custo as compreendemos.

**35** Esta caridade nos leva a fazer alguns gestos e ações e a dizer algumas palavras que parecem loucura aos não experientes.

**36** Não há cruz ou morte tão horríveis, que esta Caridade não faça parecer suma alegria e contentamento.

**37** Esta caridade persevera continuamente pela oração e, muitas vezes, o espírito se abandona em Deus naturalmente.

**38** Esta caridade prejudica o apetite e provoca a perda do discernimento

quanto a um alimento e a outro e muitas vezes induz ao vômito, porque enfraquece a força digestiva.

**39** Esta caridade traz em si uma compreensão mais clara de Deus e um conhecimento mais adequado das coisas da natureza que todos os livros de Filosofia.

**40** E por fim, esta é aquela caridade, que nunca falha [acaba] e que se manifesta pelo esforço de conceder-nos seus bens, porque nada pode defini-la e nenhum sentido pode compreendê-la. Ela supera tudo, porque a caridade é o próprio Deus.

## COMENTÁRIO ZACCARIANO

Ananos a Deus acima de todas as coisas e ao próximo por amor a Deus, ao enxergarmos em nossos irmãos e irmãs a imagem divina.

O carisma de uma Congregação, tanto o do Fundador, o dos inícios e a sua atualização para os tempos atuais é uma programa de vida, uma orientação, um rumo a seguir, uma motivação uma razão de ser, uma identidade. Diante disso, faça um esforço não indiferente para situar o nosso carisma da **renovação do fervor cristão** dentro do contexto desses *DITOS* sobre Caridade e fazendo uso atento da frase seguinte: “*Ora, a verdadeira finalidade da Reforma revela-se nisto: que procuremos tão somente a pura honra de Cristo, a pura utilidade do próximo, o puro desprezo de nós mesmos e só injúrias*” (31608)

# CIÊNCIA ESPIRITUAL

**1** A ciência espiritual existe não só porque vem do Espírito, ou porque trata de coisas espirituais, mas porque torna espiritual quem a possui.

**2** A ciência espiritual é uma luz dada só por Deus, que ilumina e aquece a mente.

**3** A ciência espiritual ilumina todo homem que deseja chegar a Cristo e às virtudes. Quem a possui pode, então, julgar qualquer coisa sem ser julgado.

**4** A ciência espiritual é a filha querida da humildade mais baixa [desprezível] e mãe da verdadeira discrição, da qual as chaves são [abrem para] o total abandono, a humildade profunda, a castidade puríssima e a fê estável e irrestrita.

**5** Veja como são poucos os que possuem as coisas ditas anteriormente e conclua que muitos são tolos, porque se cansa à toa quem deseja abrir o livro de tal doutrina [da ciência espiritual] sem aquelas chaves.

**6** A ciência espiritual se organiza com a pureza de coração, sem a qual, o coração se contamina e fica cheio de fantasias imundas.

**7** Se você quiser aprender esta ciência, não pretenda saber de coisas elevadas e curiosas.

**8** A ciência espiritual vê muitas coisas ocultas do coração alheio.

**9** A ciência espiritual sabe falar das coisas espirituais, [sabe] persuadir e ensinar sempre repetindo e parece que tem os carvões acesos no fogo, de tal modo que “derrete” os ouvintes em Cristo.

- 10** A ciência espiritual não deixa passar os erros sem a devida punição.
- 11** Esta ciência elimina toda prudência da carne e faz o homem tornar-se simples como as pombas e astuto e prudente como as serpentes.
- 12** Esta ciência supera todas as outras ciências e confunde os filósofos e teólogos tolos e arrogantes, mesmo não tendo a força exterior da literatura, pela qual não tem muito apreço.
- 13** Quem quiser aprender esta ciência, deve aspirar ao [conhecimento do] Cristo Crucificado e deve amar a cruz de todas as tribulações, porque esta doutrina não foi feita para pessoas fracas e delicadas, para criancinhas e afeminados, para tíbios e negligentes, para soberbos e cheios de si, para os distraídos e para os que estão dominados pelas paixões.
- 14** Se você vir alguém sem ciência espiritual, saiba que convém que ele seja protegido dos nossos defeitos.
- 15** A pessoa cresce na ciência espiritual tanto quanto faz progresso nas virtudes concretas.
- 16** Alguém, talvez, até pudesse aparentar ter esta doutrina, mas a sua vida mostrará se isso é verdade ou então se ele é um hipócrita.
- 17** Você que tem o coração ofuscado [fechado] e não pode falar nem de Cristo, nem das virtudes e, ao contrário, está sempre ocupado com palavras e pensamentos vãos, cuidado com a justiça divina, porque, quem não tem a ciência espiritual, caminha nas trevas, correndo muitos perigos para a sua alma.
- 18** Se a ciência espiritual foi rara nas fases anteriores da vida, atualmen-



te só se acham seus vestígios.

**19** Tenham mais medo da falta da ciência espiritual nos fiéis, do que se todos os flagelos [sofrimentos] tomassem conta deles, porque os flagelos não podem mudar nem corromper esta ciência, mas ela pode mitigar toda pena e todo tormento.

**20** Se você não tem esta ciência, com a qual pode ensinar a si mesmo e aos outros, você não é muito diferente dos animais, mesmo que seja uma pessoa honrada e tenha ciência exterior.

**21** A ciência espiritual se apoia de muitas maneiras nas Escrituras, as quais não podem ser compreendidas de nenhuma forma pelos curiosos.

**22** Muitíssimas vezes, uma pobre velhinha é mais entendida na ciência espiritual do que muitos teólogos estudiosos da Santíssima Trindade e de outros mistérios.

**23** A ciência espiritual há muito tempo precedeu a força da letra; aliás, nem precisa dela, mas afirma, com São Paulo, que a letra mata e o espírito é que vivifica.

**24** A ciência espiritual não ensina imediatamente o que aprendemos com a meditação, mas com a experiência prática vivida por muito tempo.

**25** Esta ciência é diferente daquela meramente humana, ou seja, da que vem da letra, porque só é dada aos puros de coração, enquanto que a outra se adquire pelo estudo e é encontrada nos impuros [de coração].

**26** Esta ciência faz o homem ficar tranquilo, estável e prudente; a outra nós a encontramos nos instáveis, inquietos e precipitados.

**27** A ciência espiritual descarta a curiosidade e a filosofia inútil [que não dá frutos], ao passo que é abraçada com forte desejo pela ciência carnal.

**28** A ciência espiritual tem compaixão pelo próximo; já a outra está cheia de calúnias e deboches. A primeira é prudência e a segunda é estupidez.

**29** A ciência espiritual quer ser e não aparecer; a outra se contenta com a força e com a pompa, para poder gloriar-se e debochar dos outros.

**30** A ciência espiritual exige um mestre que seja perfeito e santo e exige também um discípulo que não queira só aprender, mas que também queira viver o que aprendeu. Mas nesses tempos [que vivemos], são raros os que querem ensinar e também os que querem aprender.

**31** Não se pode chamar de mestre de espiritualidade quem não tiver pureza de vida e sim de carnal ou até de animal.

**32** Se o mestre não vive o que ensina ou seja, se ensina o contrário do que vive, e mesmo assim o discípulo aprende a ciência do espírito, o mestre não deve gloriar-se por isso, porque a doutrina não vai além do seu poder. Se ela não está no mestre, não poderá infundir-se no discípulo. Nesse caso, quem age é o Espírito Santo.

**33** A doutrina moral, de modo geral, por definição, não pode ser chamada de ciência espiritual e nem divulgada como tal. O simples falar, o discorrer sobre os anjos, sobre Deus e sobre a propriedade das coisas, sem ter uma vida pura, não é ciência espiritual. E quanto mais rapidamente alguém quiser aprender e ensinar coisas mais elevadas e especiais [sutis]. sem ter pureza de vida, tanto mais se expõe a perigos

[abismos] maiores.

## REFLEXÃO ZACCARIANA

Vamos tomar como ponto de partida a frase número 30: “*A ciência espiritual exige um mestre que seja perfeito e santo e exige também um discípulo que não queira só aprender, mas que também queira viver o que aprendeu. Mas nesses tempos [que vivemos], são raros os que querem ensinar e também os que querem aprender*”.

Vivemos nestes tempos (1ª metade do século 21) de muita pressa e superficialidade. A discricção, que gera o discernimento cede lugar a decisões sem qualquer fundamento na realidade; muitas vezes surgem filósofos e formadores de opinião “fajutos” que apresentam soluções fáceis para os mais diversos problemas da vida humana, inclusive para os espirituais. A Internet está cheia de “soluções infalíveis”, que atendem a ideologias mais ou menos difundidas aqui e ali. As pessoas as seguem sem questionar, como se fossem a verdade absoluta. Travam-se verdadeiras batalhas verbais que já provocaram até perda de amizades construídas ao longo de muitos anos. É o que vivemos também na Igreja do Brasil e do mundo inteiro.

Nosso Fundador pode ajudar a nossa reflexão. Para quem quer ensinar como convém, recomendamos a leitura de Constituições 12, sobretudo os parágrafos **31201-07** e Constituições 18 (**31804-05**)

Para terminar, fiquem com esse exemplo de Santo Antônio Maria Zaccaria, tirado da carta que ele escreveu a Carlos Magni: “*Prezado amigo e irmão Carlos. Eu tenho rezado sempre por você diante do Cristo Crucificado, porque preciso aprender primeiro o que eu quero ensinar-lhe*” (**10301**).

## CIÚME ESPIRITUAL

1 O ciúme espiritual é o fervor carregado de um amor muito intenso, que descarta qualquer outro amor e não recebe nenhuma recompensa [companhia].

2 Tal ciúme tem efeitos semelhantes aos do ciúme mundano, mas está sempre disfarçado [escondido] com mel e tem o sabor de um fel muito doce.

3 Este ciúme não tem em si nenhuma maneira, nenhuma medida e nenhum peso de amor.

4 O ciúme espiritual é um amante escrupuloso: sempre inquieto quando deve estar sereno; isto o leva a falar demais.

5 Este ciúme é aquele que faz a mente ficar sempre fora do ar, impedindo tudo o que é necessário para o verdadeiro amor.

6 Este ciúme, que existe nos servos de Cristo, algumas vezes vira inveja, algumas vezes vira indiferença, muitas vezes ainda vira furor, mesmo que sua origem seja uma boa intenção.

7 O ciúme espiritual está sempre solícito, cheio de olhos na frente e atrás e indignado sem perder a dignidade.

### REFLEXÃO ZACCARIANA

Vejam-se as advertências do Zaccaria aos seus companheiros e companheiras de caminhada. Eu diria que são mais de CUIDADO do que de ciúme espiritual. Confira, por exemplo, **10504, 10701, 10801** E não deixe de ler e meditar as **Cartas 9,10 e 11**, cheias de ciúme espiritual.

# COMPUNÇÃO

- 1** A Compunção é uma doçura sensível da mente causada quer pelo demônio, quer pela natureza, quer por inspiração divina.
- 2** Com a compunção, a alma é alimentada [amamentada] por Deus, tal como a criança pelas carícias da mãe.
- 3** A compunção é o refrigério da alma e o conforto na dor, tal como a criança que chora e ri ao mesmo tempo.
- 4** Como o demônio conhece a doçura da compunção, engana os gulosos espirituais atraindo-os sob as aparências [da compunção].
- 5** A compunção é passageira, ou melhor, fugaz, porque não é estável. Que ela se torne suspeita para você, quanto mais lhe trouxer maior satisfação.
- 6** Esta doçura mental é muito procurada e desejada pelos imperfeitos.
- 7** Considera, depois dessa devoção, que mudança de costumes acontece e você saberá qual a proveniência da devoção.
- 8** Esta devoção sensível é portanto, perigosa, porque, proporcionando deleite, engana facilmente as pessoas desavisadas.
- 9** Muitos, ainda, não conseguindo obtê-la [esta devoção] se tornam impacientes e murmuram contra Deus; alguns recorrem às consolações terrenas e perdem a esperança nas divinas.
- 10** Muitos se contentam com esta devoção e não têm o cuidado de mudar para melhor.

**11** A compunção natural procede da compreensão compassiva, pela qual muitos nos parecem ser bem devotos, mas suas obras são meramente humanas.

**12** É vã a compunção se a alma não se purificar de suas paixões e não mudar para uma vida melhor.

**13** Muitas vezes, meditar sobre os pecados, sobre a morte, sobre o inferno, sobre a memória dos benefícios divinos, sobre a esperança na recompensa levam à compunção, A finalidade [da meditação] é mostrar de onde ela [a compunção] veio.

**14** Amar a si mesmo e aos seus, gera naturalmente a compaixão, da qual, depois, provém a alegria, quando a ela se acrescenta a esperança de adquirir o bem e de fugir do mal.

**15** A compunção que traz a salvação é um sinal seguro da ação divina na alma, pela qual ela se embebe do divino bem querer.

**16** Esta compunção é concedida por Deus como estímulo às obras de caridade e como prêmio pela boa vontade.

**17** Meditar na pobreza e na morte de Cristo, tendo o desejo de vivê-las em si e de fazer-lhes memória, nos leva à compunção que traz a salvação.

**18** Meditar na miséria da situação presente e na recompensa futura é o efeito da verdadeira compunção.

**19** Algumas vezes, a devoção sensível e a compunção nos são tiradas, para que a alma se humilhe e aprenda a ter compaixão pelo próximo, que está privado dela.



**20** Algumas vezes a doçura da compunção nos é tirada para que a alma se examine [para saber] se o motivo é sua própria culpa.

**21** Nem sempre coloque sua esperança na compunção, como se ela fosse o verdadeiro bem.

**22** Muitas vezes a doçura espiritual desaparece para que se distingam os preguiçosos dos fervorosos, porque o fervoroso quer servir a Deus sem nenhuma doçura, só pela virtude, ao passo que o preguiçoso, ao não encontrar as doces pastagens, retrocede.

**23** Se a alma estiver verdadeiramente sedenta de perfeição, ganhará na privação da consolação não menos do que na presença dela.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Dessa vez, não faço nenhuma consideração, mas proponho apenas esta frase do Sermão 2 para que todos a meditem: *“A mente pode ser comparada a uma roda d’água que não para de girar: se você colocar trigo nela, ela mói, se colocar joio ou outro grão ruim, ela mói também. Assim a sua mente: ela está sempre em movimento e, se você a alimentar com boas imagens e bons pensamentos, ela permanecerá neles, mas, se colocar nela só pensamentos maus, ela vai ficar parada neles”* (20218).

# CONTEMPLAÇÃO

**1** A contemplação é um conhecimento delicioso da verdade sem discursos, quer dizer, sem cansaço.

**2** A contemplação passa de verdade em verdade; no início, ela é semelhante à imaginação, mas, no meio e no final, é muito diferente.

**3** Da mesma forma que a castidade é ornamento do corpo, assum a mente se adorna com a contemplação.

**4** A contemplação é a ação mais nobre do homem; sem ela, o homem não faz nada de apropriado nem perfeito.

**5** A contenplação se adquire com o esforço, mas é rara e não é concedida aos preguiçosos e às criancinhas.

**6** A contemplação filosófica é imperfeita e pode conter algumas paixões negativas, mas a contemplação cristã pretende eliminar todas as paixões e, por isso, é perfeitíssima.

**7** A verdadeira contemplação foge de quem a procura por curiosidade, mas vai atrás de quem foge dela por humildade e o abraça.

**8** A menor contemplação das coisas cristãs é mais deliciosa, sublime e clara do que a maior contemplação da Filosofia

**9.**Alguns cristãos contemplam como meros filósofos, mas os verdadeiros contemplativos são poucos, porque querer contemplar sem ter vencido as paixões, nada mais é do que enganar-se a si mesmo.

**10** A verdadeira contemplação cristã está sempre no coração de seus

amados.

**11** A verdadeira contemplação cristã se aproxima do êxtase, ou seja, da mente que muito pensa [muito acostumada a pensar].

**12** Às vezes a contemplação gostaria de permanecer numa determinada consideração, mas, contra a sua vontade, o Espírito a leva para outro lugar.

**13** O contemplativo ganha muito mais num só momento de contemplação do que em todos os [momentos] anteriores.

**14** O contemplativo da vida mista ganha tanto na ação quanto na contemplação, mas a vida mista é mais preciosa do que qualquer tesouro.

**15** O verdadeiro contemplativo enxerga mais com um simples olhar do que se meditasse fazendo grande esforço.

**16** Algumas vezes as coisas unidas se separam na hora da contemplação, como quando se desce de Deus para as criaturas.

**17** Só o contemplativo conhece e escuta a harmonia interior que o Espírito Santo opera na alma e obedece a diversas vozes e movimentos do mesmo Espírito.

**18** O contemplativo enxerga claramente na escuridão, mas, por causa da grandeza da luz, ele se torna incapaz de enxergar.

**19** Quanto mais o coração do contemplativo se elevar, tanto mais ele verá Deus se elevar, Ele que habita em luz imperscrutável e inacessível.

**20** O desejo do contemplativo cresce mais intensamente quanto mais

ele se assegura de que jamais poderá desvendar toda a escuridão.

**21** O contemplativo sempre arde sem dor e se preenche sem aborrecimento. A mente do contemplativo é levada com a doçura do amor do Amado e sem violência.

**22** Doce é o ócio, doce é o repouso do contemplativo, mas é muito mais doce o abraço que ele dá no seu Amado.

**23** O contemplativo vê, com o olho do coração, os coros angelicais, a Divina Providência, a ordem das criaturas, a bondade divina e as outras coisas que é possível saber [conhecer].

**24** Este olho é iluminado ora pela meditação feita por leitura direta, ora pela doutrina adquirida nos estudos humanísticos, ora por inspiração divina.

**25** Esta contemplação, mesmo que seja doce para a alma, não é perfeita e pode ser completamente representada [como os atores numa peça teatral].

**26** O olho direito, não se contentando com esta luz, sobe [voa] mais alto e distingue o mais secreto da divindade e da substância divina e contempla muitos atributos de Deus e muitos segredos das criaturas, aos quais o conhecimento humano não pode chegar.

**27** Este olho não se lembra do que viu e, após ter visto, não consegue contar o que viu e logo faz ver que não é o homem a operar, mas é Deus que opera através do homem.

**28** Se tua mente está disposta a elevar-se até esta visão, que está além da visão mundana, lembra-te do que diz a Escritura: não Me poderá ver

o homem que vive ...?????

**29** Todavia, aquela alma que não viu o seu Deus vive na miséria. Mas é muito mais infeliz aquela [alma] que não sentisse o gosto de vê-Lo de coração puro e com desejo ardente.

**30** É desejável, acima de qualquer tesouro, chegar a este grau [de contemplação], ao qual não se chega por nenhum outro caminho, que não seja o [caminho] da mortificação.

### COMENTÁRIO ZACCARIANO

Tomemos como base a frase nº 14: “*O contemplativo da vida mista ganha tanto na ação quanto na contemplação, mas a vida mista é mais preciosa do que qualquer tesouro*”. Somos uma Congregação de vida mista. Nossas Constituições atuais afirmam essa realidade na Introdução; “*A família dos Clérigos Refulares de São Paulo - Barnabitas - ... se propõe de realizar o ideal de consagração a Deus no serviço apostólico*” (nº 1); “*...a Congregação se distingue, desde o início, por intensa vida de renovação interior ... e no especial esforço de reforma dos costumes ...*” (nº 3); “*Desde os inícios os Barnabitas sentiram-se e foram colaboradores dos Bispos ...*” (nº 4). No número 5 as Constituições falam dos Barnabitas que se destacaram, ao longo dos séculos, “*ao se tornarem modelos de vida religiosa e apostólica*”.

Mas ... E a dimensão contemplativa? Reclama-se que falta o tempo, que as atividades da vida diária e do apostolado impedem ou, pelo menos, limitam a dimensão contemplativa vivida em comunidade. Individualmente, cada consagrado procurará estabelecer seus momentos de se aproximar de Deus ou, como recomenda o Fundador, de estar em sintonia com Ele. Uma leitura e Meditação da **Carta 3** de Santo Antônio Maria Zaccaria nos ajudará muito na contemplação.

# DEVOÇÃO

**1** Devoção é uma prontidão da alma naquelas coisas que são de Deus; ela exclui toda preguiça e tristeza.

**2** Através da verdadeira devoção, a alma obriga-se a si mesma às coisas de Deus e se afasta das coisas humanas.

**3** ... (*não consta no original*)

**4** A perfeita devoção elimina tudo o que é duvidoso e escrupuloso e traz em si a liberdade e a alegria interior.

**5** Só pode ser chamado de devoto aquele que segue a Deus só com seus próprios meios; porém, o devoto fica com a mente sempre sintonizada com Deus e voltada para Ele.

**6** A verdadeira devoção procura ganhar as almas, mas não é devoto quem abandonar o próximo para se dedicar às suas orações de fachada e estrepitosas.

**7** Seria melhor procurar a paz interior com poucas orações fervorosas, do que sufocar o próprio espírito com muitas orações frias.

**8** A ação praticada com verdadeira devoção traz prazer, cuidado e maturidade, mas a que se faz apenas através de cerimônias exteriores causa tédio, falta de cuidado e incômodo, pois se exime de fazê-la mais do que excurá-la com perfeição.

**9** A devoção sempre se lamenta consigo mesma ao tratar das coisas divinas, acusando-se a si mesma diante de Deus de ter errado muito nas mesmas coisas.

**10** Não considerem devoto quem chora só exteriormente ao meditar a Paixão de Cristo ou se alegra com o Paraíso, se não estiver provido interiormente de verdadeiras virtudes.

**11** A verdadeira devoção pode surgir algumas vezes com as lágrimas e algumas vezes com a aridez.

**12** O morno árido não se deve gloriar pela sua culpa, porque se mostra por fora tal qual é por dentro.

**13** Muitos, sob a aparência da devoção, da oração e da contemplação, se deixam amarrar pela corda do ócio e da preguiça.

**14** Alguns, hoje em dia, querem ter pessoas devotas com quem possam confabular sobre moralidades e deleitar-se com cartinhas amáveis e com presentes.

**15** Esta falsa [não devota] devoção não conduz a Deus, mas nutre a complacência de si mesmo e tem os olhos tão cegos, que não deixam ver o início corrompido pela má intenção, o meio [corrompido] pela adulação e pela perda de tempo e o fim [corrompido] pelas feias imaginações carnis.

**16** Esta imaginação é vã em algumas viúvas.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

*“Se vocês se dedicarem à verdadeira devoção (... pronta vontade para fazer as coisas de Deus), ... vocês se tornarão, finalmente, tão fervorosos, que não se limitarão às coisas da bondade de Deus” (31240),* mas serão capazes de enfrentar as adversidades sem as terem do seu lado a atormentá-los continuamente.

# DISCRIÇÃO

**1** A discrição é um discernimento pelo qual conhecemos as propriedades de cada coisa: o que deve ser assumido e o que deve ser deixado.

**2** A discrição é o olho da mente, que não deixa errar nem pra mais, nem pra menos.

**3** A discrição (que é o mesmo que a prudência) é freio para todos os excessos e estímulo para todas as virtudes.

**4** A discrição não deixa cair no vício; pelo contrário, purifica o que pode ser vicioso e orienta para a virtude.

**5** É próprio da discrição colocar limites e orientar a prática das virtudes, quer na postura do corpo, como na interioridade da alma.

**6** A discrição perfeita e mais elevada é mais para as coisas de Deus e da sua Providência do que para as coisas humanas.

**7** A discrição dos espíritos, quer sejam eles bons, isto é, melhores, quer sejam maus, isto é, piores, não se dá a não ser no que a Providência divina realiza, qualquer que seja o fim a que eles levem.

**8** A discrição vê as coisas passadas e, com o exemplo delas, organiza as presentes, antevendo as futuras.

**9** O olhar da discrição é tão claro, que enxerga até as mínimas coisas; já quem não as vê, não é discreto.

**10** A discrição, de vez em quando, finge não ver até coisas grandes.



**11** A discrição equilibra a alma para que não exagere nem deixe a desejar e mostra o tempo e a ocasião [certos], porque, sem estas considerações, [a alma] não será discreta ao operar.

**12** O discreto tem olhos na frente e atrás, em baixo e em cima, à direita e à esquerda. Por causa dessa virtude, o homem se assemelha muito a Deus.

**13** Quanto mais o discreto crescer no ato de discernir, tanto mais crescerá nas outras virtudes.

**14** Ao discreto aproveita [muito] saber ceder [recuar, voltar atrás]; por causa disso, ele fica mais cauteloso, porque só a discrição ensina que a cura vem depois da ferida e o ganho vem tanto do defeito como do crescimento.

**15** O discreto teme sem desespero e espera com temor; fica triste sem amargura e alegre sem dissipação.

**16** O demônio viu que a virtude da discrição é tão forte, que não se atreveu a atacá-la.

**17** O verdadeiro discreto fica longe das grandes indecisões; se alguém nelas cair, reconheça-se como indiscreto.

**18** A coroa da discrição é adornar todas as virtudes, pelas quais, depois, acaba sendo adornada.

**19** O discreto é uma pessoa odiosa para aqueles que parece não estarem ornados de alguma virtude; e não estão mesmo. [É odioso também] para os tíbios e imperfeitos, que são [para ele] como um esporão em seu flanco.

**20** O discreto é odioso para todos os que caem no vício. Não se pode, porém, determinar superficialmente qual seja a pior perseguição: a dos viciados declarados ou a dos tíbios.

**21** A perseguição dos tíbios contra os discretos é contínua e variada, mas a dos viciados é, muitas vezes, toda ela em um tempo não tão específico.

**22** O verdadeiro discreto não precisa do conselho dos outros e não deve ser julgado por outros, mas pode julgar os outros, como diz Paulo.

**23** Como o sal é necessário para qualquer alimento, assim também a discrição [é necessária] em todo agir; da mesma forma que a comida sem sal não agrada, assim também a virtude é insípida sem a discrição.

**24** Conseguimos a discrição meditando sobre o que vamos fazer e depois de já termos começado a fazer; e, sempre questionando [interrogando], o conduzimos ao fim com solicitude.

**25** A discrição sempre leva ao máximo e ao máximo das virtudes; mas você não poderá ser discreto se não se esforçar [cansar] muito para chegar ao máximo de todas as virtudes.

**26** Você só poderá conseguir a discrição perfeita quando desejar todas as ofensas e injúrias para si.

**27** Muitos colocaram o grau mais alto em várias virtudes, como a abstinência, a oração e o serviço aos doentes, mas Santo Antônio coloca tudo na discrição.

**28** O discreto só pode ocultar e manifestar as suas virtudes e, mais ainda, exaltá-las sem perigo.

**29** Aquê!e que acumula virtudes sem discric!ão é como quem espalha a poeira ao vento.

**30** Estes são os sinais de quem é discreto: saber prever [uma situação] de maneira imediata e adequada, ter uma perfeita tranquilidade de mente, aceitar todas as coisas como vindas da mão de Deus e poder dar a todos um ót!mo e muito salutar conselho nas situações duvidosas, repentinas e imediatas.

**31** Muitos parecem discretos em certas situações, mas se se encontrarem em outras, só demonstrariam ser tolos e imprudentes.

**32** O discreto sabe viver na penúria e na abundância, mas não é discreto quem não souber viver em situações adversas.

**33** Quem é discreto faz de tudo para dar razão, mais de uma vez a coisas viáveis.

**34** O perfeito discreto já venceu todas as suas más inclinações, mas quem está preso a uma paixão, não é um discreto perfeito.

**35** A discric!ão não comete exageros nem se omite; sendo assim, foge da prudência excessiva e também da tolice.

**36** Ser exageradamente prudente é não conhecer todos os defeitos que há em si, ou seja, não se compadecer dos defeitos dos outros, que são conhecidos.

**37** Ser exageradamente prudente é fazer mais do que é imposto [pedido], é desprestigiar o que os outros fazem e é [também] investigar sem ter autoridade.

**38** Ser exageradamente prudente é falar de maneira dissimulada e fazer novas leis para que os simples [desavisados, distraídos] caiam.

**39** Ser exageradamente prudente, mesmo que lhe caiba julgar, é investigar mais do que é exigido pelo juízo.

**40** Ser exageradamente prudente é investigar o que está acima da natureza, sem humildade e sem nunca se permitir a oração.

## REFLEXÃO ZACCARIANA

“*A discricção vê as coisas passadas e, com o exemplo delas, organiza as presentes, antevendo as futuras*”. Esta é a frase número 8 desta seção dos *Ditos*. Ela é muito importante, pois parece que as coisas só funcionam por decreto. Funcionam mesmo? Constata-se uma precipitação para encontrar soluções sem o devido discernimento pessoal e comunitário. Nosso Fundador diz: “*A obediência deve ser voluntária e não forçada*” (30202) e “*Fiquem sabendo, queridos filhos, que é coisa muito boa ter regras de vida por escrito ou receber ordens escritas dos superiores. Mas estas coisas não valeriam nada se não estivessem gravadas em nossos corações*” (10703). Ora, não se chega à obediência voluntária e a gravar as leis, normas e preceitos no coração sem o devido discernimento, que deixa as pessoas livres para aceitar até o que parece impossível. No capítulo sobre o Reformador, nosso santo coloca a DISCRIÇÃO como a primeira das qualidades que alguém deve ter se quiser empreender a Reforma dos costumes. Leia **31804-05**, em que ele chega a parodiar a frase nº 12 dessa seção dos *Ditos* (cf. **31805**).

Também vai nos ajudar muito olhar para Maria Santíssima em Lc 1,26-38 (Anunciação), Lc 2,19 (a visita dos pastores à manjedoura de Belém), Lc 2,41-52 (Jesus no Templo entre os doutores) e Jo 2,1-11 (as Bodas de Caná). Olhemos também para São José: Mt 1,18-25 e 2,13-15.19-23.

## DISTRAÇÃO

**1** A distração é a alienação [distanciamento] da mente em relação ao seu fim e do que é orientado para tal fim.

**2** A distração é filha do ócio, mãe da curiosidade, inventora do pecado e perdição da fortaleza [firmeza] interior; pois, assim como a virtude unificada se fortifica, da mesma forma, a dispersa é anulada.

**3** A distração se deleira com bobagens, jogos, novidades, espetáculos e outras superficialidades; e o distraído [por sua vez] tem uma mente superficial, deixa-se persuadir ao erro e está cheio de vaidades inúteis.

**4** A distração é tão comum neste tempo, que não é considerada [levada em conta] como pecado.

**5** O distraído é movido pelo espírito errante, que o leva para onde lhe apraz e o engana [ilude] como quer e quando quer.

**6** O primeiro engano do demônio contra o homem se dá através da distração, mas nunca poderia prevalecer quando [o homem] está com a mente unificada.

**7** Ó homem, não ande fora de si mesmo, pois o demônio o espera fora da porta para raptá-lo pela distração.

**8** Se você fica fora de si mesmo por causa da distração e se cansa com coisas inúteis, saiba que não terá todos os frutos do seu esforço e não verá nem a metade [deles]; ao contrário, quase sempre você perderá seus ganhos e ainda incorrerá nos danos [prejuízos] causados pelo pecado.

**9** Da distração vem [nasce] a [imaginação] fantástica, que é uma inútil divagação da mente, que não se esforça nem produz frutos.

**10** A imaginação fantástica substitui a mente, de tal forma que as coisas que existem, são como se não fossem e não pudessem ser. Por causa disso, o homem pouco se diferencia das feras, que não têm nenhum controle para a razão.

**11** Quem vive no ócio normalmente é distraído e cheio de fantasias, porque não tem disciplina interior.

**12** Os remédios para esta doença [a distração] são a pobreza, o esforço [compromisso], a obediência, a meditação sobre a morte e sobre o que vem depois da morte.

**13** Presta atenção em si mesmo e se cuide com toda a diligência do seu coração, porque é do coração que procedem a vida e a morte, o bem e o mal.

**REFLEXÃO ZACCARIANA: Leia Carta 3: 10307-11**

# ESPÍRITO

**1** O Espírito tem, pela sua própria acuidade, a capacidade de penetrar a partir de qualquer [palavra] que seja dita.

**2** Antes que o Espírito venha a nós, precisamos de um mestre e de lições [instrução, formação] e, à semelhança dos apóstolos, é conveniente nos darmos aos jejuns e às orações.

**3** A doutrina do Espírito não tem erro nem engano; já as lições e o mestre não podem fazer o mesmo. As palavras do Espírito, mesmo sem som, são mais compreensíveis do que qualquer coisa sonora.

**4** O Espírito fala à alma tal como a língua ao ouvido e ensina todas as verdades, porque não há verdade que não venha do Espírito Santo.

**5** O Espírito se afasta da pessoa obscura e cheia de simulações e dos corações insensatos e elimina todo pecado do seu íntimo [da sua habitação].

**6** Da mesma forma como o Espírito é sufocado pela tristeza da alma, assim também se alivia e se robustece em situações de alegria, porque é só o Espírito que alegra e santifica a alma.

**7** O Espírito torna os homens espirituais; não considerem os pensamentos e obras do homem como espirituais sem o Espí-

rito.

**8** Aonde estiver o Espírito do Senhor, aí estará a verdadeira liberdade.

**9** Só o Espírito nos ensina a adorar o Senhor em espírito e verdade; é como diz Cristo: Ele sopra onde quer e você escuta a sua voz, mas não sabe de onde vem nem para onde vai.

**10** As palavras do Espírito não são entendidas por pessoas carnais e são consideradas como loucura por elas.

**11** Muitas vezes o Espírito fala para a alma coisas que Ele não pode manifestar para outras pessoas.

**12** Em vão ensina aos outros aquela pessoa que não aprendeu com o Espírito Santo e não concretizou com obras.

**13** Você perceberá onde mora o Espírito pelo seguinte: primeiro, quando encontrar em alguém o conhecimento não apenas intelectual, mas o espiritual; depois, quando essa pessoa falar, consegue levar os corações a deixarem as coisas terrenas e a aspirarem às divinas.

**14** Encontramos a presença do Espírito mais na exortação do que no dom das línguas, na memória e em outra graça.

**15** A vanglória nos acompanha em muitas de nossas ações em



vez do Espírito e muitos não a percebem.

**16** O Espírito é único, como se lê no Livro da Sabedoria; daí se conclui que, quem está dividido e ama a divisão e quem é distraído, fica sem a presença do Espírito.

**17** O Espírito é múltiplo [se multiplica]; donde se conclui que quem não tem muitas perfeições de várias correntes espirituais e de pessoas espirituais, não é perfeito espiritualmente.

**18** O Espírito é sutil [de fino trato], eloquente e nobre; mas a pessoa sem sal, incapaz de persuadir, tosca e anti-social, não tem o Espírito.

**19** O Espírito não tem mancha, mas é certo e seguro que, quem consente nas más inclinações não tem o Espírito e quem é ambíguo nos seus julgamentos e ações [também] não tem o Espírito.

**20** O Espírito é suave, profundo, benigno e humano; mas quem provoca sofrimentos inaceitáveis, quem é lento e negligente, rígido e sem compaixão, cheio de amargura e sem sal [graça], não pode ter o Espírito.

**21** O Espírito é estável e certo; mas não é verdadeiramente espiritual a pessoa instável no cultivo das virtudes, nos seus propósitos e devidas finalidades de vida, nem o dúbio no con-

quistar a virtude e transmitir o conhecimento.

**22** O Espírito não impede as boas ações; mas não possui o Espírito quem é contrário ao bem e resiste ao Espírito.

**23** O Espírito contém todas as virtudes, mas se lhe falta a fortaleza, você não possui esta virtude [parte, dom] do Espírito.

**24** Não conseguiu chegar ao mais alto grau da espiritualidade quem com a inteligência, com o afeto e com o diálogo não aproveita [atrai pra si] todos os espíritos inteligíveis, puros e sutis dos homens e dos anjos e não desbanca [desmente] todos os espíritos sutis e maus dos homens e dos demônios.

**25** O homem interior [espiritual] é o que tem o Espírito sutil e certo, possui todas as virtudes e enxerga todas as coisas; por sua própria capacidade, ele pode julgar qualquer coisa sem ser julgado.

**26** Deus deu a este homem interior o poder de ligar e de desligar nas 12 tribos de Israel e, como diz Paulo, ele julgará os anjos.

**27** A virtude imaculada e o conhecimento procedem do juízo. Ora, como o homem renegado e sem ciência espiritual poderá julgar o que é verdadeiro se não enxerga além do próprio nariz?

**28** Quem deseja penetrar sutilmente os sete dons do Espírito Santo, olhe pra si mesmo e verifique se tem esses dons interna e externamente. Mas é melhor desvendar essas coisas no silêncio do que manchar o bom espírito com frases frias

## **COMENTÁRIO ZACCARIANO**

Contra a superficialidade: “*O Espírito Santo chega logo ao mais íntimo das pessoas, não fica na superfície, mas quem não enxerga o seu interior, não consegue decidir-se de jeito nenhum*” (10206). Mas, “*quando acontece uma coisa repentina e imprevista, que exige providências rápidas, aí é que elevamos a mente a Deus, pedindo que nos inspire o que temos que fazer: desse modo, sob a inspiração do Espírito Santo, não vamos errar*” (10209).

Orientando o Mestre dos Noviços, nosso santo o exorta: “*Ensinem-se em quais pensamentos devem enraizar-se e os ritmos e harmonias do Espírito Santo neles* (31235).

Constatando os sinais do relaxamento: “*... irmãos, lembrem-se de novo de como as Congregações santas foram preparadas, no início, pelo Espírito Santo; mais tarde, porém, relaxaram-se, por causa de muitos acréscimos de leis e de estatutos promovidos pelos que não possuíam o Espírito Santo do mesmo modo que seus pais. E, por isso, introduziram leis e costumes relaxados, do jeito que eles mesmos eram*” (31702). Confira também **31608-10**. .

## EXCESSO NO FALAR

**1** O excesso no falar deve ser entendido mais de acordo com o sentido do dado [às palavras] por quem fala do que pelas próprias palavras.

**2** O excesso no falar, muitas vezes, diz uma coisa e quer [dizer] uma outra, porém traz luz aos cegos, fazendo conhecer a intenção e cega aqueles que pensam ver e entender as palavras.

**3** Muitas vezes, esse [excesso no] falar parece submeter e contaminar quem ama unilateralmente [só a si mesmo].

**4** Grande parte do cancionero apresenta excesso no falar.

**5** De vez em quando, o amado fala demais à alma, dando-lhe o querer e o saber, porém lhe tira a força do poder e [ainda] a acusa de negligência.

**6** De vez em quando, a alma reclama que não lhe permitem crescer de virtude em virtude, como se Deus estivesse ausente.

**7** Deus louva aqueles que oferecem sacrifícios, mas depois também diz que considera uma abominação estes mesmos sacrifícios, incenso, solenidades e o excessivo falar.

**8** Quando Jó dizia: ‘Mesmo que Deus me mate, eu quero esperar Nele’ e depois se lamentou como se não pudesse mais suportar, dizendo que a sua carne não é de ferro [pedra], ele falou em excesso [sem noção].

**9** Quando Deus disse pela boca de Ezequiel: ‘Não encontrei homem que se me apresente para aplacar-me’; e quando diz: ‘Não quero escutar este povo, mesmo que Moisés e Samuel estivessem diante de Mim’,

eles falariam em vão.

**10** Quando a alma diz a Deus: ‘Por que não dás atenção às nossas preces? Por que nós fomos humilhados e não te interessaste? Por que não dais condições ao mundo e permites o mal?’ Isso é falar em excesso.

**11** Jó falou demais quando dizia ‘Quero competir com Deus’. E em outro lugar: ‘Quero que os meus pecados sejam pesados na balança, junto com a calamidade que eu suporto e que seria mais pesada que a areia do mar’, como se Deus já o tivesse condenado.

**12** Um excesso semelhante é quando, às vezes, a alma se lamenta com Deus: ‘Por que não me criaste no tempo dos tiranos, para que eu sofresse o martírio por Ti?’

**13** Exaltar este excesso? Só se for com grande desprezo, sob forma de blasfêmia, como o fez Jó; e Jeremias, ao contrário do outro, o fez com grande confiança, de maneira desesperada.

**14** Este [modo de] falar nasce de grande confiança que exclui toda e qualquer presunção, porém é pra poucos, porque são raríssimos os que têm familiaridade com Deus.

**15** Os pusilânimes, negligentes e fechados em si mesmo não são capazes disso, porque se escandalizam com tal modo de falar.

**16** Era este o modo de falar dos Apóstolos; por causa disso, foram julgados por muitos como bêbados e malucos.

**REFLEXÃO ZACCARIANA:** Medite, no Sermão sobre o 2º Mandamento, os parágrafos **20212-16**.

## FERVOR

**1** O bom e santo fervor é fogo do Pai, esplendor do Filho e chama do Espírito Santo

**2** Sem um grande fervor, jamais alguém se tornará grande diante de Deus; mas o fervor é dom de Deus.

**3** O verdadeiro fervor espiritual é um vigoroso e contínuo renovar [reformar] da mente em vista dos bons costumes.

**4** O fervor é apoio para a perfeição, aumento da boa vontade, confirmação dos santos propósitos e perseverança estável.

**5** O fervor é o olho da mente, com o qual se conserva apenas a honra de Deus e se despreza todo o resto.

**6** O fervor provoca o desejo de observar os preceitos divinos e os conselhos, não só os conhecidos, mas também os que podemos pressupor.

**7** O fervor faz crescer o desprezo sem medida de si mesmo por amor a Deus; por isso, extermina todas as paixões e, como uma fortíssima e armada legião, extermina os poucos inimigos desprevenidos.

**8** O demônio viu a legião de fervorosos e se assustou, porque, contra a sua vontade, foi forçado a reconhecer-lhes conquistas sempre mais novas.

**9** O verdadeiro fervor sempre cresce, tanto nos momentos de prosperidade, como nos de austeridade, quer nos momentos de consolação, quer nos de desolação.

**10** O fervor não conhece nem modo nem medida, sempre considera não ter feito nada, sempre se prepara para o que ainda falta e, quanto mais consegue, tanto mais deseja.

**11** O perfeito fervor, por sua virtude e seu ânimo, gostaria de honrar tanto a Deus, que iria além dos Serafins.

**12** O fervor coloca os fervorosos no mais alto grau de liberdade e se compadece daqueles que não o têm.

**13** O fervor conduz à vida ativa, nobre e contemplativa, sem abandonar as coisas que são necessárias para todo e qualquer estado de vida.

**14** Aquêles que reclamam que Deus não lhes dá o fervor, acrescentam uma blasfêmia à sua insatisfação.

**15** Afasta de ti quem é contra o fervor, como são os distraídos de pensamento e os que se deleitam nos sentidos, que Deus te concederá o fervor.

**16** Quando o fervor se torna perfeito, parece que, às vezes está ausente, mas não está faltando; pelo contrário, se transforma em um hábito delicioso.

**17** Enquanto tiveres boa vontade e firme propósito, não te entristeças, mesmo que pareça que o fervor se apagou, porque ele não pode se extinguir, ainda que o fervor exterior [sensível] não exista mais.

**18** O fervor começa como dom de Deus e é confirmado com firmes propósitos e nunca se acabará durante esta vida.

# FUROR

**1** O furor animalesco, que procede da ira, é uma exaltação repentina do coração causada ou por não termos conseguido um bem ou por termos sofrido um mal.

**2** Este furor é uma perdição para a alma e para o corpo e faz perder amigos; este furor desgasta mais em uma hora do que a ira em um dia.

**3** Não se encontra estupidez pior do que ver o furor junto com a obstinação.

**4** As causas desse furor são a apatia, a tristeza, a cólera e a inveja.

**5** O furor espiritual, pouco identificado pela maioria, nasce da falta de consideração e da falta de equilíbrio na discricção.

**6** O furor espiritual é [fruto de] um espírito instável, que aparentemente deseja fazer muitas coisas, mas acaba estragando, em pouco tempo, o que é bem feito.

**7** Este furor, por se aproximar muito do espírito nobilíssimo, é considerado como fervor por muitos, mas é perigosíssimo.

**8** Este furor é visto, muitas vezes, nas obras de piedade e na reforma dos costumes; por causa dele, alguns têm a presunção de [querer] fazer coisas grandes e impossíveis em pouco tempo.

**9** Este furor é tão cego, que só vê o que quer.

**10** O furor, que parece ser devoto e cheio de virtudes, tem origem na soberba, porque não gostaria de ter companhia alguma.



**11** A madrinha deste furor é a cegueira mental, que por não ter discriminação, abandona e dispensa o ato de pensar, pelo que se procuram novas curiosidades; seus amigos são os superficiais e os tíbios, porque é necessário que o furioso fique do lado desses dois extremos.

**12** Os jejuns, as vigílias, as disciplinas e outras asperezas semelhantes, tornam-se, para o furioso, ocasião para revelar-se a si mesmo.

**13** Se o furioso se priva por algum tempo das coisas necessárias, em outro momento se recupera em coisas supérfluas.

**14** Se tu desejas desviar-te deste perigo, ou escapar depois de ter caído nele, aconselha-te com os discretos e, de acordo com eles, consegue [recupera] o teu espírito.

**15** Quem não quiser viver no furor em lugar do fervor, não deve deixar-se guiar pelo conselho dos tíbios, mas imitar as pegadas dos verdadeiros humildes.

**16** O furioso exalta as obras dos fervorosos e dos santos antigos e se convence de que pode segui-los sem [a ajuda de] outro Mestre.

**17** Se o furioso se rebaixasse e se esforçasse até cansar, tornar-se-ia fervoroso, o que nunca ou raras vezes acontece.

**18** Na maioria das vezes, o furioso acaba na tibieza e estraga a boa obra começada.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

A História se repete continuamente. Você não está vendo atitudes de FUROR na sociedade atual e até na Igreja? Reflita bem e verá.

## HUMILDADE

**1** A humildade nasce do conhecimento das próprias deficiências, tanto as naturais como as provocadas pela vontade humana e [nasce] do reconhecimento da grandeza de Deus; por isso, a alma se rebaixa até abraçando coisas vis [desprezíveis].

**2** A humildade procede da prudência e da justiça; por isso, o homem que não quer ver e é injusto não pode ser humilde.

**3** Não é humilde quem se reconhece e se condena como pecador, mas não abandona o pecado.

**4** ...

**5** A filha primogênita da humildade é a ciência espiritual, mas quem não for iluminado por esta ciência não é humilde.

**6** Quanto mais a pessoa se rebaixa e não achar que é o melhor [maior. único], tanto mais se aproximará de Deus.

**7** Quem não procura saber de curiosidades, ainda que sejam importantes e desejáveis, mas se satisfaz sendo ignorante [dessas coisas], este se aproxima da humildade.

**8** A humildade dos principiantes tem olhos ainda desacostumados a ver, pois só conseguem ver coisas grandes. A humildade dos experientes tem olhos que enxergam claramente. Já a humildade dos perfeitos, como enxergam na escuridão, é como o sol, pois vêem claramente todas as coisas: feias [ruins] e belas [boas]

**9** O verdadeiro humilde não perde a serenidade quando sofre injúrias,

danos e pecados.

**10** O humilde se lamenta porque não encontra situação tão insignificante como a sua baixaza, a qual está abaixo dos mínimos.

**11** O humilde se lamenta porque não encontra um carrasco suficientemente apto que possa e queira puni-lo e que não tem tantos delitos pelos quais mereça ser punido.

**12** O verdadeiro humilde se envergonha por pedir ajuda a Deus, porém não se desespera, mas, se de um lado não ousa levantar os olhos para o céu, do outro se alegra por estar confuso.

**13** É por isso que o verdadeiro humilde está muito distante da ruína: porque não se encontra situação em que ele possa cair mais baixa do que a sua.

**14** O humilde tem uma planta que dá frutos de todas as virtudes, cuja raiz está no lugar mais baixo do mundo; os ramos e os frutos estão no Paraíso.

**15** O humilde é justificado por Deus e, apesar disso, ele se condena a si mesmo e, porque tem conhecimento dos dons de Deus para a sua pessoa, não menor do que suas próprias culpas, chora por causa de seus próprios defeitos e não se considera merecedor dos dons de Deus.

**16** O verdadeiro humilde não se importa se é honrado ou ofendido, porque já está alheio a essas situações extremas, como se estivesse morto.

**17** Os olhos do verdadeiro humilde são como fontes de lágrimas contínuas e quanto mais chora, mais se acha feio [mau, não merecedor].

**18** A humildade sempre aspira a coisas grandes, o que consegue com todo vigor; porém, como é próprio do humilde desprezar-se a si mesmo, assim é próprio da humildade exaltá-lo.

**19** O verdadeiro humilde não sabe encontrar justificativas [quando erra], mas suporta tudo alegremente e se compraz apenas no sofrimento.

**20** O humilde, muitas vezes é visto como louco, porque faz muita coisa contrária à prudência dos homens; além disso, é considerado soberbo porque diz coisas muito elevadas.

**21** Todos louvam a humildade nos outros, mas poucos a desejam para si mesmos; isso é porque não conhecem a grande importância da humildade, pois é coisa sabida que a perfeição desta virtude não pode ser compreendida a não ser por aqueles que a possuem.

**22** Assim como não ter mais dores é sinal de saúde, não mais lamentar-se de alguma coisa é sinal de humildade, porque quem se lamenta, quer exaltar a si mesmo e culpar os outros.

**23** O verdadeiro humilde não sabe rir nem zombar dos companheiros e não sabe também chorar abertamente, porque se a humildade aparecer externamente mais do que existe internamente, trará perigo para o humilde e para os outros.

**24** O hipócrita que se rebaixa maliciosamente, e não tem humildade, apenas uma sombra, por isso ele é pior do que o abertamente soberbo.

**25** Alguns se aviltam para enganar; outros porque são de índole má e baixa; esses não se chamam humildes, mas humilhados.

**26** O verdadeiro humilde é só aquele que pode recuperar o soberbo que

é recuperável.

**27** Só Cristo é verdadeiramente humilde; todos os outros bebem da Sua humildade.

**28** Homens santos, anjos e as Escrituras nos ensinam como ser humildes, mas quem verdadeiramente ensina é Cristo que diz: ‘aprendam de mim, que sou manso e humilde de coração’.

**29** Ninguém pode dizer que não aprendeu a ser humilde, porque não teve mestre que lhe ensinasse, porque Cristo, do alto da sua Cruz, que é como cátedra, sempre prega a humildade.

**30** A nossa humildade, comparada à de Cristo, não merece ser chamada de humildade.

**31** Em nós, a humildade nasce do conhecimento da nossa própria miséria; em Cristo, nasceu do conhecimento da sua grandeza, visto que quis abaixar-se até onde poderia ser justamente exaltado por causa da excelênciadesta virtude pela qual pôde exaltar o Altíssimo e ornar o mais Belo.

**32** A nossa humildade voluntária abraça a justiça como punição pelos nossos defeitos, mas a humildade de Cristo fez violência à justiça e à natureza contra Si mesmo.

**33** Cristo, que não tem pecado, quis, devido à sua inocência, apropriar-se de todos os nossos pecados e pagar por eles em Si mesmo, porque não seriam cancelados de outra maneira; nós, que estamos cheios de pecados, ainda que suportássemos todas as penas, não poderíamos cancelá-los.

**34** A humildade de Cristo procede da sua grandeza e foi vista e seguida, mas a nossa humildade não pode ser exaltada, a não ser a partir de si mesma.

**35** A suma grandeza de Cristo é a sua humildade; já a nossa exaltação é feita por Ele.

**36** A nossa humildade não teria nenhum valor se a humildade de Cristo não a aceitasse, porque se a nossa justiça, sem a graça de Deus é limitada, onde estará a nossa grandeza, a não ser em todas as injúrias e misérias?

**37** A humildade de Cristo, por ser contrária à nossa quanto à origem, ao modo e ao efeito, não pode ser compreendida pelos sábios deste mundo, porque a razão humana não compreende de que modo o Sumo [Bem] possa ser exaltado se deixando rebaixar.

**38** Quem não conhece suas enfermidades não pode ser humilde e sem humildade nunca será perfeito e, sendo imperfeito, será sempre tímido e ambíguo.

**39** Se tu quiseres conhecer a tua baixeza através da experiência, considera [a necessidade de] recolher todas as misérias da alma e do corpo e conhecerás a tua nulidade.

**40** Reconhece que não podes fazer nada por ti mesmo e que todos os teus bens procedem de Deus e, ainda que não te rebaixes diante Dele voluntariamente, porque não queres, é conveniente “desceres do pedestal”. [abandonares toda mania de grandeza].

**41** Se tu és tentado e a tua mente fica pressionada a ter imaginações muitíssimo feias, lembra-te de que Deus permite tudo isso, para que

aprendas a ser humilde.

**42** Se o homem se conhecesse a si mesmo de maneira perfeita, seria superior a todas as tentações, mas é conveniente que se conheça através das tentações.

**43** Da mesma forma que a soberba é a mãe da cegueira mental, a humildade gera o “santo desprezo” de si mesmo.

**44** Encontrando um pecador humilde [arrepentido] e um justo soberbo, saiba que o primeiro agrada mais a Deus do que o segundo.

**45** O justo que não conhece bem as suas limitações, semeou os seus bens em terreno estéril e sua colheita será muito pequena.

**46** Quanto mais alto o homem chegar na [vivência da] virtude, tanto mais deverá sentir-se humildemente inferior; caso contrário, será jogado da condição mais alta à mais baixa.

**47** Da humildade nasce a discricção, da discricção a capacidade de enxergar com profundidade, da capacidade de enxergar, o saber prever; o berdadeiro humilde, porém, prevê sua queda e seu ressurgir e não se desespera, mas confia a cada momento.

**48** Quem caiu em algum defeito porque é pobre ou doente, só poderá recuperar-se com paciência e humildade.

## **REFLEXÕES ZACCARIANAS**

Leia e medite **31218** e transforme o texto numa linguagem que possa ser aceita pelas pessoas do nosso tempo. Não se esqueça de se valer dos *Ditos* sobre a Humildade.

## IRA

**1** A ira é um “ferver do sangue” para defender-se de uma contrariedade que sobrevem.

**2** O homem irado não pode orar perfeitamente a Deus, mesmo que, com sua boca O chame externamente.

**3** Há alguém que, por causa de seus próprios defeitos, fica indignado contra si mesmo e, desse modo acumula um vício atrás do outro.

**4** Alguns rezam a Deus e aos santos para que se vinguem, em seu lugar, dos que os ofenderam e, dessa forma, apresentam Deus como alguém que é furioso, igual a eles.

**5** ... (não consta no original)

**6** Muitos, para fugir da cólera, procuram consolos, convites e passatempos [diversões] e, ao querer fugir de um buraco, acabam caindo em dois.

**7** É raro quem racionalmente fica indignado contra si mesmo e que saiba transformar um vício em virtude.

**8** Quem deseja vencer a ira, não procure companhias agradáveis e prestativas e nem se isole na solidão, mas suporte a companhia de gente má.

**9** Se você quer livrar-se desse veneno, escolhe para si um mestre que seja cruel com você e quebre todas as suas vontades.

**10** O início desta cura é suportar com esforço, o meio é carregar todos os pesos sem tristeza e sem dor e o fim é aceitar tudo com humildade e



alegria e considerar-se indigno dos sofrimentos.

**11** O iracundo conturba todas as suas companhias e é combatido por todos, donde lhe vem ou desesperar-se ou corrigir-se.

**12** Uma exortação suave costuma mitigar o iracundo, mas aquêle que despreza a suavidade é o próprio demônio encarnado.

**13** Quem quiser corrigir o iracundo com um porrete, não o deve fazer com ira, para não causar um dano maior a si mesmo e para ser útil aos outros, mas faça isso, se for necessário, com mansidão e como remédio.

**14** A ira expõe o erro cometido, afirmando que somos assim por natureza e que é preciso corrigir os outros, como se não fosse melhor corrigi-los sem cólera.

**15** A ira enrustida fica pior do que qualquer fera, quando está misturada com o furor.

**16** Da mesma forma que o homem encontra a paz no Espírito Santo, assim também o Espírito Santo se afasta do homem iracundo.

**17** É próprio de quem vive com ira pensar em coisas inaceitáveis, mesmo sem ser ofendido [atacado, contrariado].

**18** Atingir a ira autêntica e venenosa é repreender asperamente aquêle que, na presença dos outros transforma o bem em mal e é também transformar o mal em bem sem hesitar.

**REFLEXÕES ZACCARIANAS:** Relacione estas frases com as do FUROR, leia **20511-12** e **20706** e atualize essas afirmações.

# LÁGRIMAS

**1** As lágrimas, às vezes surgem da condição feminina; algumas vezes, de situações de dor, como por uma ofensa ou tribulação; algumas vezes, do demônio da hipocrisia; algumas vezes, da imaginação forte de alguém que considera as lágrimas dignas de grande mérito; algumas vezes, da meditação sobre a Paixão de Cristo ou sobre a morte e o inferno.

**2** De acordo com Deus, a lágrima é uma constatação da alma com aspecto de esperança e de virtude.

**3** Esta lágrima traz uma alegria contínua e está plena de conforto espiritual.

**4** A lágrima é um agulhão de ouro para a alma, dado a ela por Deus, que assim a estimula a deixar as coisas terrenas, purificando a si mesma.

**5** Esta lágrima é provocada por uma tristeza saudável, não porque sofremos uma pena ou porque perdemos os merecimentos, mas porque Deus foi ofendido.

**6** Às vezes, as lágrimas dos santos não são água, mas fogo!

**7** O coração de quem é bom e devoto derrama lágrimas de plena alegria, mas não as provoca.

**8** O homem justo oferece a Deus um sacrifício aceitável, feito de lágrimas e gemidos.

**9** Os principiantes no conhecimento [do porque] das lágrimas se abstêm dos pecados, mortificam os sentidos e perseveram nos momentos

de contrariedade sem reclamar.

**10** Sinal de proveito no conhecimento das lágrimas é não indignar-se por causa das ofensas e nem esquecer-se delas, mas fazer o bem aos seus inimigos.

**11** Um sinal daquêles que são perfeitos no conhecimento das lágrimas é a humildade própria de quem se rebaixa ao mais profundo, é a sede contínua de tribulações e de injúrias; é culpar-se só a si mesmo.

**12** O primeiro estágio das lágrimas é aceito diante da face de Deus; o segundo é digno de ser louvado por Deus e pelos homens e o terceiro será purificado pela ação do Espírito Santo.

**13** As lágrimas que dão frutos não nascem dos nossos desejos [impulsos], mas do que devemos desejar.

**14** A meditação profunda sobre a morte, quando não tem origem no medo, é a mãe das lágrimas que dão frutos.

**15** Quem recupera o tempo perdido, é forçado a chorar intensamente, mas o seu pranto deve dar frutos em dobro no futuro como compensação [pelo tempo perdido].

**16** As lágrimas verdadeiras nascem da consideração sincera e firme da nossa situação de vida passada, presente e futura e se tornam frutuosas se forem acompanhadas pela esperança e pelo amor.

**17** Não se conhece bem o verdadeiro fruto das lágrimas, a não ser quando se aproxima o tempo de morrer.

**18** O pranto que não procede tanto da compunção exterior, mas da de-

voção interior é como um banho que faz a alma ser cada vez mais bonita.

**19** Esta lágrima induz ao riso que não é sarcástico, alegre o próximo porque o admira e atormenta os demônios e os pecadores invejosos.

**20** Sendo assim, esta lágrima lava e apaga o pecado, como se nunca tivesse sido cometido.

**21** O pecador que chora verdadeiramente por causa de suas culpas, é mais santo do que o justo que sorri por causa de sua bondade.

**22** A essência das lágrimas ora vai, ora vem nos principiantes e nos que já produzem frutos, mas permanece nos que amadureceram.

**23** Quando a força das lágrimas, sem ser chamada, nos invade na hora da confiança, nos faz perguntamos, porque o Espírito veio nos visitar na oração.

**24** É preciso precaver-se das lágrimas forçadas, porque não têm nenhuma utilidade.

**25** Se tu estudas por curiosidade, querendo saber pelo [gosto do] saber ou só para aparecer, não te espantes se não encontrares a fonte das lágrimas.

**26** Comer demais e se deleitar nos prazeres carnis costumam mandar embora a fonte das lágrimas; da mesma forma, os fortes e os acomodados se desmancham em lágrimas, mas esse choro, mesmo que provenha da lembrança de coisas espirituais, deve ser considerado por nós como muito suspeito.

**27** As lágrimas autênticas nascem das vigílias moderadas, dos jejuns e da oração mental permanente; estas práticas são rejeitadas pelos negligentes.

**28** Se tu fazes jejuns e rezas e não consegues chegar às lágrimas, procura saber a razão da tua aridez e te voltas para ti mesmo.

**29** Quem tem este dom [das lágrimas] e julga seu próximo por não o ter, será julgado e desprezado, mas quem zomba dos que choram, despreza seu próprio bem e o do próximo.

**30** Vi alguns velhos chorarem gemendo muito diante dos outros, mas depois continuaram áridos, distraídos e não mudaram os seus costumes, os quais eu não me atrevo a considerar como vanglória ou como qualquer outra intenção pervertida.

**31** Logo se conhecem as lágrimas que vêm de Deus, porque os ânimos mudam para melhor pouco depois de elas terem sido enxugadas.

**32** Lembra-te de que não renunciaste perfeitamente ao mundo no interior do teu coração, se [ainda] não chegaste às lágrimas que nascem da devoção.

**33** Encontramos lágrimas tanto diante da queda da humanidade [no pecado] como depois da Ressurreição, mesmo não havendo mais pecado; por isso mesmo, nesse meio tempo, é conveniente chorar.

**34** Aqueles que choram por causa de algum problema temporal, não conhecem o fruto das lágrimas.

**35** Às vezes é preferível chorar menos do que derramar muitas lágrimas, considerando a qualidade e a intensidade do espírito mais fervoroso.

**36** Há alguns que [se emocionam e] choram diante de uma bela cerimônia ou ao escutar uma homilia bem elaborada e persuasiva, mas, afinal, nós bem sabemos da utilidade deste choro!

**37** Aquêles que choram de alegria no Espírito Santo, se tornaram, por sua vida pura, semelhantes a Deus, que é a [própria] alegria e o júbilo.

**38** Como o amor supera o temor, assim também as lágrimas de amor são mais perfeitas que as de temor.

**39** Aquêles em quem se compraz a divina misericórdia e que saborearam a doçura da virtude, estão sempre alegres quando choram e lacrimam de alegria.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Todos nós já nos deparamos com o choro das pessoas. Alguns choram para enganar, outros porque estão realmente emocionados. É preciso ter compaixão e discernimento diante do sofrimento do próximo e saber reconhecer suas verdadeiras lágrimas e saber orientá-lo quando ele deve contê-las porque não o levarão a se converter.

Lendo o 5º Sermão de Santo Antônio Maria Zaccaria encontraremos orientação para lidar com as nossas emoções e com as dos outros. *“Todos sabem que as primeiras reações (impulsos, instintos, paixões) não são controladas pelo homem; isso até é um escudo de proteção e de defesa para os que vivem no vício! Se essas primeiras reações fossem más, o homem não mereceria nem pena, nem elogios, nem prêmio ... É (20 claro que mereceria elogios, se fosse tão controlado, que nunca, ou apenas em algumas vezes, se deixasse levar por essas reações! O homem será elogiado ou chamado à atenção, conforme as conseqüências - boas ou más - provocadas por essas primeiras reações” (20503).*

# LIBERDADE

**1** Só é possível encontrar a liberdade onde estiver o Espírito de Deus, donde se conclui que os homens não espirituais são todos escravos.

**2** Quem não estiver ligado em Cristo, será escravo do demônio, porque só conseguimos a autêntica liberdade quando estamos verdadeiramente a serviço de Cristo.

**3** A verdadeira liberdade não suplanta a obediência e ainda realiza muito mais do que aquêle que a define.

**4** A verdadeira liberdade não teme coisa alguma, porque se coloca aos pés de todos pela humildade e, por isso, se torna superior a tudo.

**5** Só se encontra a verdadeira liberdade nos que têm um coração generoso e, por já terem conseguido a vitória total sobre si mesmos, se tornaram filhos de Deus.

**6** Sem Cristo, não temos liberdade, porque só seremos livres quando o Filho do Homem nos libertar da escravidão do pecado.

**7** O nosso arbítrio jamais se sujeitará à razão, se a razão não estiver perfeitamente sujeita a Deus.

**8** Quem está sujeito a Deus em tudo, sujeitará todas as coisas.

**9** A verdadeira liberdade consiste em estar acima de qualquer pecado e, pela confirmação da graça, conseguir não mais pecar na medida em que isso é possível na vida presente.

**10** A falsa liberdade tem origem na soberba e, por fim, resulta em confusão e humilhação.

**11** Esta falsa liberdade leva à negação da fé em Deus e ao afastamento da Santa Mãe Igreja.

**12** A falsa liberdade costuma cegar a alma, a ponto de reclamar das coisas de Deus que são justamente permitidas e também do superior.

**13** Esta falsa liberdade leva ao hábito de pecar e ao desprezo do preceito divino e torna o homem vítima do desespero.

**14** A primeira liberdade é boa e santa na mesma medida em que a segunda é perniciosa.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Tendo em vista as frases referentes à voz LIBERDADE, leve em conta o trecho seguinte do Sermão 5: “*Caríssimo, será que o homem não tem o poder de dominar as paixões do jeito que ele quiser? Por que não? Ele pode, de fato, dominá-las depois das primeiras reações e, se quiser, pode diminuí-las e até apagá-las, de tal forma que não causem muitos prejuízos aos sábios e aos prudentes*” (20514). E também: “*Veja bem: a liberdade é tão importante, apoiada pela graça de Deus, que o homem pode tornar-se demônio ou Deus, como ele desejar!*” (20515).



# MEDITAÇÃO

**1** A meditação é a firmeza da mente, freia as divagações e recolhe todos os pensamentos; ela é cansativa no início, mas, no fim, traz frutos abundantes.

**2** Como para o distraído, todos os pensamentos acabam em distração, para o que realmente medita, toda imaginação se torna meditação.

**3** A meditação faz discernir o que é precioso do que é vil e faz com que nos aproximemos da verdade.

**4** A meditação é mais familiar para o homem do que a oração, a contemplação e o êxtase.

**5** Meditar sobre as virtudes é o meio para se chegar à oração e à contemplação e contemplar é o meio para se chegar ao êxtase.

**6** Quando uma pessoa, ao meditar, deseja ardentemente uma vida de prosperidade, como por exemplo, fugir de tudo o que lhe é contrário, das tribulações e da morte, na maioria das vezes incorre nestas situações e na pior das misérias.

**7** A meditação é o princípio do saborear interior e da mudança de vida para melhor, abre caminho para o conhecimento pessoal e para a vitória sobre si mesmo e ilumina a mente para discernir os próprios pensamentos.

**8** Algumas vezes é uma atitude louvável parar de meditar, para voltar depois com maior atenção.

**9** Muitas coisas chegam à nossa mente durante a Meditação. Por exem-

plo: a vontade de amar a Deus, a memória da vida de Cristo e dos santos, a memória da presença de Deus que sempre e em tudo nos diz respeito, a memória da morte e de tudo o que vem depois dela.

**11** Meditar sobre a morte é freiar os vícios e estimular as virtudes, é aguilhão para os negligentes e esperança para os penitentes.

**12** Meditar sobre a morte é renunciar a todo deleite físico e à própria vontade; é um pranto contínuo que muda a alma para melhor, faz esquecer as preocupações do mundo e vencer as próprias paixões. Meditar profundamente sobre a morte acaba com o medo de morrer, afasta as tristezas deste mundo e leva ao contentamento.

**13** Quem faz memória piedosa da morte, sabe qual é a diferença entre o medo de morrer que é próprio da natureza humana e o medo que vem pela graça.

**14** Quem espera a morte em qualquer lugar, tempo ou ocasião, é experimentado e bom, mas quem a deseja só por humildade, pode ser chamado de santo.

**15** Assim como o corpo morre se ficar sem nutrição por longo tempo, da mesma forma a alma morrerá se ficar, por muito tempo, sem a meditação sobre a morte e sobre o que acontece depois dela.

**16** No princípio, meditar sobre a morte é penoso; no meio é proveitoso, porque provoca o desprezo de si mesmo e do mundo inteiro; no fim, traz grande alegria, porque aspira à liberdade e à visão de Deus.

**17** Quem deliberadamente escolhesse não morrer, estaria afastado da caridade, porque a caridade deseja estar na presença de Deus.

**18** Quem deseja a morte para fugir das tribulações ou por medo dos sofrimentos, não meditou verdadeiramente sobre a morte porque, se pudesse, fugiria dela de muito bom grado.

**19** Muitos parecem ser servos de Deus, mas não meditaram verdadeiramente sobre a morte, porque, quando se aproxima o momento de morrer, gostariam de eliminá-lo.

**20** Embora a memória da morte seja muito útil, saber com certeza qual será o último dia, seria não menos prejudicial, porque alimentaria o pecado mais do que a esperança da penitência futura.

**21** Se, por alguma razão, não te esforçares para crer que um dia qualquer será o teu último dia, viverás sempre na negligência.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Nosso santo nos diz que é essencial meditar. Em **31001**, ele afirma com todas as letras: *“A oração mental é tão necessária para o nosso crescimento espiritual, que, sem dúvida, cada um de vocês pode concluir - e isso eu digo com toda certeza - que, quem não se dedicar a ela e não se deleitar interiormente nela, jamais progredirá, mesmo que mastigasse externamente, o dia inteiro, muitos salmos e outras orações. Saibam, meus irmãos, que a oração mental é a comida, é o alimento dos que querem progredir. Por isso, se vocês não se nutrirem dela, certamente sentirão faltar-lhes as forças.”* Sendo assim, exigiu que nossos primeiros fizessem, pelo menos, duas horas de Meditação e oração todos os dias, caso contrário, não produziriam frutos e suas obras seriam vazias de bons resultados (cf. **31013**).

Por isso, é necessário que religiosos, religiosas e leigos arranjem um jeito de adequar seus horários e atividades para se dedicarem a esta prática que continua, ainda hoje, indispensável.

## MESTRE

**1** O mestre de vida espiritual não é bom se seu viver não superar o que ele ensina.

**2** O mestre deve conhecer, por experiência, todas as tentações e saber como vencê-las.

**3** O mestre deve verificar com discrição o quanto os discípulos crescem ou regridem no caminho de Deus.

**4** O mestre, não sem um certo risco, tenta aquêle discípulo que ele sabe que não se tornará mais fervoroso e nem fiel a ele por causa da própria tentação.

**5** Sabemos que um mestre é bom, quando ele conseguiu conduzir alguns discípulos ao máximo das virtudes e à perfeição.

**6** Se você é capaz de pensar e de discernir, fique atento a que tipo de pessoa vai obedecer e, crendo nela, vai deixar-se guiar pela mesma; não escolha o cego e, como faz o timoneiro [numa embarcação], não aceite quem é totalmente instável.

**7** Ao escolher um mestre, procura o mais perfeito, mas se não o encontrar, espera um pouco e peça a Deus na oração que o conduza a um porto seguro; encontrando um bom mestre, não tenha dúvida em colocar a sua alma nas mãos dele, para que o conduza para onde ele mesmo é conduzido, isto é, para a perfeição.

**8** É muito raro encontrar discípulos capazes da verdadeira obediência. E mestres? É mais raro ainda!

**9** Não confie no mestre que não está cheio de mística teológica, que não é inferior a ninguém quanto à humildade, que é superior a todos na discrição e considerado acima de todos por sua autêntica experiência.

**10** Tenha cuidado com o mestre vaidoso no vestir, que faz muitas perguntas [que fala muito], que fica curioso para saber de detalhes e que é apressado para julgar os outros.

**11** Quando o discípulo não sabe falar sobre Cristo e sobre as virtudes, quando costuma não saber julgar e não aspira à perfeição, acaba acusando o seu mestre de ser tíbio.

**12** Da mesma forma como conhecemos a competência do mestre que, pela sua experiência, sabe resolver todas as questões duvidosas, assim, a índole do bom discípulo é a de saber fazer boas perguntas e de duvidar.

**13** Não se reúnem vários mestres para guiar uma só alma, mas em algum caso é mais prático convocar o colégio dos mestres, como faziam os Padres antigos.

**14** O mestre que é discreto, explicita para alguns em que consiste a perfeição; já para outros, esconde, porque conhece a capacidade de cada um.

**15** Aproxima-se da salvação quem descobrir as feridas do coração do seu mesmtre junto com o semeador, o demônio.

**16** Aquêle que esconde do mestre o seu interior, nutre em si o mal que o envenena, porque esta atitude é o principal engano do discípulo.

**17** É melhor para você abrir seu coração confiantemente para o seu

mestre do que ser orientado sem o conselho dele; isso porque a obediência de Cristo quer que o benefício para um seja levado pelo outro.

**18** Conhecemos um bom discípulo, quando seu mestre fala e age o reprimendo; daí, o discípulo aceita boa parte [do que foi dito e feito] e não falha, mas cresce, aumentando sua fé.

**19** Ao contrário, o mau discípulo não cresce na fé e não abre fielmente o seu coração ao mestre [seu pai espiritual] e está sempre desconfiado dos conselhos dele.

**20** Quem julga o seu mestre, ou o contesta, ou é desleal com ele, e até difama a sua vida, esse não tem jeito na opinião dos outros [dos homens].

**21** Quem não aceita a repreensão do mestre, seja ela justa ou injusta, renuncia à sua própria saúde [ao seu bem-estar].

**22** Quem assume a repreensão do seu mestre, seja ela justa ou injusta e, com força de ânimo, se humilha, logo será vitorioso na batalha espiritual e conseguirá a remissão de todos os seus pecados.

**23** O discípulo preguiçoso e negligente se alegra com a ausência do seu mestre, mas o discípulo sério [nobre] e fervoroso gosta de estar sempre na presença do mestre e, quando o mestre estiver ausente, observará, não com menor atenção, os preceitos e conselhos dele.

**24** Alguns procuram desculpar-se diante da repreensão do mestre, outros se calam para não piorar a situação [para evitar o peso da mão do mestre], mas os que querem ser bons, absorvem os opróbrios amargos com serenidade [doçura] e, depois da repreensão, pedem perdão com o coração alegre e, além disso, se acusam.

**25** A obediência perfeita não pode perseverar a não ser entre aqueles que estão no mesmo estágio de virtude, porque onde há diferença, não pode haver perfeita união.

**26** Não creio que seja possível alguém perseverar sob a orientação de um bom mestre sem uma obediência perfeita.

**27** A disciplina do verdadeiro mestre só se vê naquêles que aprendeu a obedecer de forma correta, pois não saberá comandar de forma correta quem não obedece corretamente

**28.** Não pense que você sabe comandar corretamente, se não “desaparecer” no meio de todos, mas se você ficar muito visível, com certeza e com todas as forças, deverá renunciar à função de mestre.

**29** Se cada arte exige um mestre, muito mais a de orientar as almas, pois ela trata de coisas tão difíceis, que exige a máxima firmeza e tamanha discricção, que só podem ser compreendidas em vista do bem desejado.

**30** Quem não se comportou retamente e deseja dirigir os outros é muito presunçoso, porque os discípulos serão tais e quais os [seus] mestres.

**31** A obediência é de grande importância e só é conveniente para quem tem espírito forte e generoso, porque é perfeita mortificação do corpo e da alma, que se pode ver através das obras e das palavras.

**32** A obediência é uma morte voluntária, uma vida de abandono e um afastamento de qualquer temor.

**33** A obediência é um verdadeiro martírio, que manda embora todos os pecados e confere o próprio Deus à alma; no entanto, a perfeita obediência só convém aos perfeitos.

**34** Quem obedece ao seu mestre por respeito humano, ou melhor, por medo, diminui sua coragem, quer dizer, perde o merecimento pelo seu esforço.

**35** Quem obedece naquelas situações que lhe satisfazem e murmura nas que não lhe agradam, não faz a vontade de Deus, nem a do seu superior, mas a própria vontade.

**36** Se você tem a obrigação de viver o voto de obediência, não se livre-completamente de sua observância por causa dos defeitos dos mestres, mas neste caso, a sua disciplina [pessoal] substitua o mestre.

**37** Nossa mente só poderia recusar a obediência se estivesse cheia de soberba.

**38** A verdadeira obediência não fica arranjando desculpas, não contradiz, nem contesta, mas está morta para o mal, dá frutos nas situações sem muita importância e é muitíssimo virtuosa ao fazer o bem.

**39** Se você está obrigado pelo voto de obediência e encontra nele a sua motivação de vida, e se se afastar do verdadeiro bem por causa dos defeitos dos ministros, ou se for atraído para o mal, não tenha medo e siga o conselho dos santos, afaste-se daquela situação para mudar a obediência para melhor.

**40** Não é lícito pedir explicações ao mestre sobre a obediência, ou melhor, interpretar a intenção do mestre de maneira diferente da que ele lhe impôs, como se ele não fosse um especialista e um veterano que nunca violou a obediência.

**41** É dever do mestre equilibrar, algumas vezes, o cumprimento do preceito de acordo com as circunstâncias e a capacidade dos discípulos;



sendo assim, o dever do discípulo é simplesmente obedecer.

## REFLEXÃO ZACCARIANA

A formação merece uma atenção toda especial do nosso pai e fundador. Nos capítulos 11 e 12 de suas Constituições, ele apresenta como deve ser o perfil de formandos e de formadores (mestres). Esse perfil cabe muito bem na pessoa de todos os religiosos e religiosas da família zaccariana, dos Leigos de São Paulo e dos jovens de ambos os sexos que procuram orientação conosco. Lembremos, porém, que ninguém adquire e assimila de uma vez só todas as condições para ser bom discípulo e bom mestre, mas continua válido o que diz Santo Antônio Maria Zaccaria: “*Se você não se achar à altura ..., decida a tornar-se aquilo que você ainda não é*” (31802).

Dos discípulos ele exige que sejam “*úteis para si mesmos e para os outros*” (31102), que sejam “*dotados de boas qualidades, de fogo e de luz*” (31106). Zaccaria não fazia questão de número, mas era preferível que os discípulos fossem “*poucos, mas com boa disposição, do que muitos, não aptos*” (31106). Não era preciso ser um super dotados, podiam ser “*não muito inteligentes, mas de muito boa vontade*” (31103). Aliás, a “boa vontade” aparece como requisito obrigatório também em outros trechos das Constituições: “*... durante o tempo da aridez: olhem e reparem muito bem dentro de vocês, se ainda está viva a semente da boa vontade*” (31241), dizendo aos Noviços que não sentem a devoção exterior, como se estivesse apagada ou mesmo tivesse desaparecido, pois isso era permissão de Deus. Falando das qualidades do verdadeiro Reformador, ele afirma: “*Quem não tiver boa vontade e reta intenção, será incapaz de reformar os bons costumes*” (31816); “*... o reformador deve ser de Deus e santo e, tendo avaliado muitas vezes, por experiência própria, reconheça que Deus jamais lhe faltou nas suas necessidades e nos momentos de sua boa vontade*” (31823); “*... você deve procurar outras pessoas que sejam inteligentes e, acima de tudo, de*

*imensa boa vontade, não se preocupando se elas são muito pobres, velhas e doentes” (31826).*

O Mestre e todos os outros devem ser “*plantas e colunas de renovação do fervor cristão*” (10711). No Capítulo 12 das Conxtituições o Fundador trata especificamente da figura do Mestre, daquêle que é o responsável maior pela formação de novos membros da nossa família religiosa. Como em tudo, o perfil ideal para um mestre traçado nesse capítulo serve para todos. O Mestre deve ser “*único ... e o principal responsável*” (31201). Mas “*se o Mestre precisar de ajuda, permitimos-lhe que (conforme sua necessidade e oportunidade de tempo) escolha um ou dois companheiros subalternos, de acordo com a sua vontade*” (31204), isso para que haja unidade na formação e se evitem conflitos de autoridade e de orientação. O Mestre deve ter as seguintes qualidades pessoais: “*que ele seja de uma vida íntegra e irrepreensível, que esteja cheio de discrição prática, que seja bom conhecedor dos enganos e das batalhas diabólicas, que saiba investigar, de modo autêntico e sutil, as características dos vícios e das virtudes, que seja santo em tudo, que tenha grande capacidade natural*” (31205). Mas o Fundador sabia “*que são pouquíssimos e raríssimos os dotados de tal perfeição, que possam conduzir outros à mais alta e total perfeição*” (31203). Nós também sabemos dessa situação. A toda hora surge a afirmação, muitas vezes categórica, por parte de alguns: ‘Não temos formadores!’ Mas estamos despertando em todos, novos e antigos, a necessidade de se prepararem para essa importantíssima missão na nossa família religiosa? Afinal “*vocês bem sabem que todo crescimento ou ruína espiritual das Congregações depende da boa ou má formação e instrução dos Noviços*” (31201), diz Santo Antônio Maria Zaccaria.

Naquela época se falava de Noviços. Hoje a formação é muito mais complexa e tem várias etapas; por isso, é muito maior a nossa responsabilidade.

# ÓCIO

**1** O ócio é abster-se da atividade corporal, ou melhor, intelectual, em relação às ações que são necessárias e urgentes.

**2** Pode ser chamado de ocioso aquêle que, embora agindo bem, não o faz por amor à virtude.

**3** O ocioso não é só quem para de agir, mas também quem, se debulhando em lágrimas e mesmo desejando a virtude perfeita, não arranca de si todas as raízes da preguiça.

**4** O demônio costuma armar a sua tenda à porta de cada ocioso. Este, quando quer orar, multiplica os movimentos desordenados e importunos do corpo inteiro e, depois, os expõe, ora aqui, ora ali, sem nenhuma discrição.

**5** O ocioso se deleita com coisas vãs e com fofocas e se fortalece com companhias fúteis.

**6** O ocioso tem sempre muito tempo e, para fugir do ócio, ele se ocupa de coisas inúteis, tais como jogar, deixar o tempo passar e outras futilidades.

**7** O ocioso está cheio de doenças [defeitos].. Ele não é prudente, fala demais,, é acusador, murmurador e semeador de discórdia.

**8** Não creio que se possa encontrar um ocioso que não seja guloso, instável e luxurioso, mesmo que, na hora [quando o vemos], não esteja aparentando nada disso.

**9** O ocioso encontra desculpas para os seus atos, mas condena os ou-

tros, mas quem se libertou do costume de julgar, conseguiu vencer o ócio.

**10** O ocioso, dia após dia, vai deixando para depois [suas obrigações] prometendo a si mesmo fazer o que nunca fará, trocando o certo pelo incerto, sem conhecer que cada dia tem seus males, que contrastam com as boas obras.

**11** Quem vive no ócio, persuadido de que Deus tem piedade, quando chegar a hora da morte, vai achar que Deus é muito cruel.

**12** Alguns ociosos são alegres, outros são tristes; os primeiros são dados à lassidão e os outros ao desprezo e aos julgamentos.

**13** Não pense que alguém possa libertar-se do ócio, se não se exercitar com a mente, ou melhor, se não tiver o controle das coisas exteriores.

**14** Aquêles que gosta de servir a Deus nunca será ocioso e não lhe faltará tempo, porque o amor de Deus manda embora o ócio e a memória do juízo final faz o ocioso tornar-se solícito.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Ócio, preguiça, indecisão, falta de firmeza, negligência, tibieza são atitudes e comportamentos deviam e devem ser banidos da vida de quem é zaccariano.

Nossa motivação de vida deve ser o seguinte: *“Coragem, irmãos! Se até agora houve alguma falta de firmeza em nós, vamos jogá-la fora junto com a negligência e corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus, porque Ele não precisa de nossos bens”* (10216). Não deixe de ler e meditar também **31820-21**.

# ORAÇÃO

**1** A oração é uma elevação da mente a Deus. Quem não eleva a mente não ora, mas balbucia [palavras] e fica sonolento. Eu deixo a você a consideração do valor desta oração.

**2** A pessoa que, ao orar, fica distraída em relação a si mesma e a todo o resto, não consegue nenhum fruto e ainda não sentiu o gosto da oração.

**3** A oração é o elo pelo qual a alma querida se une a Cristo, o querido, mas não faz conta de si e muito menos dos outros.

**4** Se você quer orar bem, deve antes afastar-se das coisas do mundo e purificar-se de suas próprias paixões as quais tiram da alma a confiança na oração, porque você só fica pronto para orar com a meditação.

**5** A oração pela qual nós oramos a Deus é boa, mas é muito melhor aquela pela qual Deus ora em nós com gemidos inenarráveis.

**6** O demônio não consegue perceber as jaculatórias [orações curtinhas]; no entanto, elas são úteis, seguras e mais louváveis do que as longas orações de tanta gente.

**7** Muitas vezes, o verdadeiro orante se apresenta diante dos olhos de Cristo, para ver se a situação em que se encontra lhe agrada ou desagrada.

**8** O amado não costuma negar coisa alguma ao amante, a não ser, quem sabe, para dar-lhe uma graça maior; porém, o nosso pedido deve ser colocado nas mãos de Cristo, porque será melhor para nós desse modo do que se for pela nossa própria vontade.

**9** Os nossos pedidos são justos e discretos, quando nos colocamos totalmente nas mãos de Cristo, que nos ama sempre.

**10** Se alguém se conhecesse bem, eu não sei se poderia pedir uma recompensa a Deus neste mundo e até no outro.

**11** Que coisa justa Deus nos poderá negar, Ele que nos convida e nos incentiva a [sempre] pedir?

**12** Se você desejar ser ouvido nas suas orações, aprenda a se adequar ao seu pedido, porque você não conseguirá ser humilde se fugir das injúrias.

**13** Não deixe de rezar porque você não sabe ler, pois a oração é atividade do espírito e não da letra e você pode falar sempre com o Cristo, presente no seu coração.

**14** A súplica é quando a alma orante parece querer fazer violência contra Deus, como o fez Moisés; ela deve ser feita sem nenhum respeito por nós mesmos, nem pelos nossos caprichos..

**15** Quando Deus induz a alma à súplica, primeiro a rebaixa por uma perfeita humildade e depois a eleva pela esperança que traz a certeza de que vai conseguir o que pediu.

**16** Se o suplicante imperfeito não for escutado, murmurará contra Deus e, se em alguma ocasião for escutado, isto será para seu prejuízo.

**17** Alguns dizem ao suplicar: ‘Senhor, dá-me o que darias a Ti mesmo, se Tu estivesses no meu ser e eu no Teu’. Ora, que estes estejam atentos ao perigo da presunção e do amor próprio!

**18** Alguns pensam que estão suplicando ao falarem assim: ‘Eu queria esta coisa por inteiro, mas que me transformasse em alguém mais capacitado’. Mas, ao falar assim, você desagrada a Deus.

**19** Quem percebe que recebeu mais do que pôde pedir, teme ser sufocado pela abundância de benefícios, da mesma forma que o corpo é sufocado pelo excesso de comida.

**20** A única coisa que interessa é que a pessoa supere todas as formas de rezar e permaneça apenas em um contínuo agradecimento.

**21** Não é maravilhoso que meu Pai São Domingos tenha sido sempre atendido em suas orações? É que ele sempre agradeceu a Deus!

**22** Os mais velhos e experientes às vezes ficam relaxados nas orações, nos pedidos e nas súplicas, mas superam o relaxamento com excelentes esforços, porque quando a alma se sente sempre atendida, diminui os pedidos, mas tem o aumento da suprema graça.

**23** Podemos conhecer quem chegou a este estágio pelos benefícios divinos alcançados; porém, ele agradece a Deus da mesma forma, quando os benefícios divinos são abundantes e quando escasseiam, quando Deus os concede e quando os retira.

**24** Qualquer um pode saber qual agradecimento, quer pelos benefícios recebidos, quer pelos negados, foi mais bem aceito por Deus, quanto mais souber que foi atendido por Ele.

**25** Deus costuma conceder esta graça aos seus amados, que são mais conhecidos pelos benefícios negados do que pelos recebidos. Quem chegou a este estágio reconhece em si a bondade e a providência divinas muito mais que os outros.

**26** A alma ganha muito mais agradecendo a Deus pelo mal recebido do que insistindo muitas vezes em fazer bons pedidos.

**27** Quem reclama porque não foi atendido, ou porque quer que Deus dê sinais de que vai escutá-lo, ou porque está perturbado por alguma dúvida, não merece chegar a este estágio [de oração].

**28** Se você deseja chegar a este estágio de oração, procura romper com sua vontade própria, ou por você mesmo, ou com a ajuda de outros e deixe tudo alegremente à vontade de Deus e se confia com grande temor à benevolência divina.

**29** Se você quiser chegar a este estágio de oração, é necessário que consiga uma perfeita vitória sobre todas as suas paixões e sobre você mesmo.

**30** Se você puder desconsiderar a si mesmo porque vive profunda humildade, aí sim, você poderá chegar a este estágio de oração.

## **REFLEXÕES ZACCARIANAS**

Santo Antônio Maria Zaccaria revela uma grande intimidade com Deus, mais especificamente com o Cristo Crucificado. Seus Escritos mostram isso claramente, não só nos trechos específicos sobre oração e meditação, mas em toda a extensão do seu pensamento que ficou registrado e chegou até nós. A beleza do Sermão 4, que fala do amor a Deus e ao próximo tão intimamente ligados que se confundem mostra que o lugar da humanidade é mesmo junto de Deus (cf. por exemplo, **20418-24**. Que tal esse texto do 6º Sermão? *“Que grande bondade! Que amor sem fim! Deus que se faz homem! E por que? Para reconduzir o homem a Deus, para ensinar-lhe o caminho, para iluminá-lo com*



a sua luz” (20606). E esse outro? “*Deus deu ao homem uma capacidade intelectual que não tem fim e que nem pode acabar neste mundo; deu-lhe um desejo, que também não se acaba, de saborear a Deus e de experimentar a sua perfeição; deu-lhe uma insatisfação permanente em relação às coisas desse mundo e um desejo contínuo das coisas do céu*” (20607). Só mais esse: “*Deus, que fez tudo para o homem e o homem para Deus, fez também, das criaturas, o caminho para o homem chegar a Deus*” (20608).

As frases sobre a ORAÇÃO que estão nesta seção dos *Ditos* nos dão a pista para as considerações de nosso Fundador sobre esta prática de união e intimidade com Deus. Nessa hora, fica obrigatória a leitura e a meditação da *Carta 3* e do *capítulo 10 das Constituições*. Na carta, ele ensina como manter a sintonia com Deus mesmo quem leva uma vida agitada e com pouco tempo, que é a da maioria das pessoas que vivem nos grandes centros urbanos. A carta está repleta de boas indicações sobre como ocupar o tempo que se tem para não ficarmos longe de Deus e para cuidarmos do nosso crescimento pessoal em todos os sentidos. O capítulo 10 das *Constituições* recomenda com insistência que façamos a experiência da oração mental como indispensável para quem deseja orar verdadeiramente e ainda indica as várias atitudes do homem e da mulher orantes.

A sugestão é comparar tanto a carta como o capítulo 10 com as frases dos *Ditos* e “escrever seu próprio livro” (cf. 30805), ou seja, valorizar sua própria capacidade de reflexão e suas experiências de oração.

# PACIÊNCIA

**1** A paciência procede da fortaleza de ânimo [da alma], pela qual suportamos as coisas contrárias, mas este tipo de paciência pode conter alguma imperfeição própria da vanglória e das outras paixões.

**2** A paciência sustentada por respeito humano, por temor, pela esperança de obter comodidades neste mundo [temporais] ou pela impossibilidade [incapacidade] de vingar-se traz pouco fruto e, mais do que isso, pode ser chamada de padecimento, em vez de paciência.

**3** Ninguém pode aproximar-se de Deus sem paciência voluntária acompanhada de tribulações,

**4** O princípio da verdadeira paciência é o firme propósito de observá-la por causa de Cristo. Esta é a paciência necessária para a salvação, sem a qual ninguém poderá ver a Deus, nem suportar as contrariedades sem reclamar e murmurar. Sem esta virtude, caíremos na fossa do pecado.

**5** Quem não tem esta paciência e não procura obtê-la, sofre e sempre sofrerá contra a sua vontade.

**6** Já que é necessário sofrer no tempo presente (não é preciso sofrer pelo passado e nem pelo futuro) e não podendo fugir do sofrimento sem suportá-lo de bom grado, perdemos de onde deveríamos ganhar.

**7** Se você quiser ficar livre do perigo da impaciência, não fale como muitos dizem: ‘Para mim, é suficiente não reclamar [lamentar]’ mas seja paciente a mais não poder [abundantemente], pois a paciência pode fazer da necessidade uma virtude e sabe extrair alegria do sofrimento [da pena].

**8** Quem já entrou nesse estado de paciência, já está fora do perigo da impaciência, está longe de cair [nela] e acumula os prêmios pelos seus méritos.

**9** Deus não premia igualmente os pacientes voluntários e os que assim se tornaram por necessidade, mas é grande estupidez não ganhar em paciência, pois, não ganhando, haverá grave dano e perda.

**10** O falso amor de si mesmo mandou embora o bem da paciência, mas se você amar verdadeiramente a si mesmo, não se prive de tamanho bem

**11** Se fosse possível fugir de todos os sofrimentos com a impaciência, talvez seria até loucura não abraçá-la, porque nada mais se ganha sendo impaciente, do que tornar-se digno de mais impaciência.

**12** Se não fosse o sofrimento voluntário, cessaria todo o fundamento do nosso prêmio, porque Deus não costuma premiar os preguiçosos e os negligentes, mas os fervorosos, nos quais só a paciência faz a diferença.

**13** Muitos pedem a Deus a paciência, mas quando sentem a adversidade, não aceitam o sofrimento e permanecem imperfeitos, porque, como não se chega a ser pacientes sem sofrimento, assim não se pede a paciência sem sofrimento e tormento.

**14** A paciência é louvada por todos, mas poucos têm o desejo de abraçá-la. E quem louva a paciência com palavras e de coração, mas a nega com o que faz, condena-se a si mesmo.

**15** Alguns gostariam de sofrer somente por algum espaço de tempo e pronto; outros gostariam de sofrer só de acordo com a sua própria vontade, mas Deus reprovou a paciência de uns e de outros; porém, se você

quiser abraçar a paciência que é útil em todas as circunstâncias, abandone-se ao juízo e à vontade de Deus.

**16** Muitos se salvam na tribulação. Esses mesmos se teriam afogado [fracassado] na prosperidade, porque a tribulação vivifica os humildes e rebaixa os soberbos.

**17** Muitos não se conheceram a si mesmos, não conseguiram fazer orações, nem venceram a negligência a não ser através da pressão da tribulação.

**18** Até agora escrevemos sobre o princípio e o meio de conseguir a paciência, sobre o saber calar-se e sobre o controlar as ações quando o coração se colocar fortemente contra a nossa vontade.

**19** Se você não tem paciência como gostaria de ter, decida conhecer a sua dignidade, que deveria superar todas as contrariedades [tudo o que é contrário] e desprezar a possibilidade de ser vencido por coisas mínimas, como acontece com todos os impacientes.

**20** Veja para que direção você está sendo levado, você que recusa o sofrimento, que se sente constrangido a temer uma mosca e a ser inferior a ela, já que se considera incomodado [ofendido] por ela e se perturba.

**21** Sabe por que você fica desanimado [o seu ânimo se abate] nas tribulações? Porque você não se afastou das delícias da carne.

**22** Quem fica dividido entre o mundo e Deus [Quem quer dar parte ao mundo e parte a Deus], ficará constrangido a temer quer na presença, quer na ausência do inimigo, porque o cuidado e a solicitude com as coisas terrenas exclui a paciência.

**23** A verdadeira paciência faz o homem ficar tão seguro na hora dos tormentos e da morte, como se toda a prosperidade lhe tivesse sido concedida.

**24** Parece que, às vezes, ao faltar o corpo, falte também o vigor da alma, mas o vigor da alma é mais forte do que o próprio corpo, aliás do que qualquer corpo, porque o corpo corruptível agrava [pesa sobre] a alma e a inibe, mas não pode fazer-lhe violência no seu agir contra a vontade dela.

**25** Lembre-se de que os exercícios físicos [corporais] valem pouco, mas o espírito, movido pelo desejo, vivifica o homem.

**26** Quem, ao lhe faltar o corpo, lhe falte também o espírito, [é porque] já antes lhe faltava o espírito, visto que o espírito não aparece, mas, em algumas ocasiões se manifesta [aparece] como era interiormente.

**27** Paulo confirma esta situação ao dizer: ‘ Quando estou enfermo, aí sim que estou sadio’, porque a virtude se torna mais forte na enfermidade. Portanto, nós devemos medicar a alma que perece num corpo enfermo, não com a doçura da prosperidade nem com a esperança das coisas temporais, mas se conformar com os sofrimentos de Cristo e com as suas adversidades.

**28** Se Cristo diz que devemos arrancar os olhos e cortar pés e mãos quando nos escandalizam, por qual razão não os eliminamos [matar-mos] totalmente em nós mesmos para conseguir a verdadeira vida, sem que eles [olhos, mãos e pés], estando vivos, nos atrapalhem, permanecendo em nós?

**29** É infantilidade não deixar voluntariamente o que somos forçados a abandonar contra a nossa própria vontade.

**30** A finalidade da paciência é parar com todas as pretensões, lembrar-se das ofensas e mais, desejar as tribulações e alegrar-se por causa delas. O sinal da paciência é não ser,ps afetados pela ira em nosso coração quando estivermos na presença de quem nos ofende naquêle momento.

**31** Quem não sente em si mesmo a influência da irascibilidade, torna-se senhor de [superior a] si mesmo.

**32** O verdadeiro paciente é generoso e supera qualquer situação, porque suportar as adversidades é próprio dos ânimos grandes, mas quem foge das adversidades é muito covarde e se torna menor que a tribulação de que tem medo.

**33** Aqueles que não morreram para o mundo conseguem, de vez em quando, permanecer [sustentar-se] pacientes, mas por vanglória, hipocrisia, desejo de bens, de honras e por vingança. Essas pessoas são mártires do diabo dos infernos!

**34** Sofrer por Cristo não prejudica quem já se afastou de todas as consolações e delícias [delicadezas] do mundo.

**35** O que parece difícil e até impossível para os que vivem na carne, parece fácil e leve para os que são fortes e vivem no Espírito (são fervorosos), porque estes, tendo morrido para o mundo, suportam com alegria tudo o que vem da mão do Senhor.

**36** Os que são verdadeiramente pacientes e desejam sofrer por Cristo, conseguiram [conquistaram] grande confiança junto a Deus, mas os que têm medo dos sofrimentos e até os recusam, não têm a mesma segurança em Deus.

**37** Quem deseja verdadeiramente padecer, embora viva, já está morto

e já experimentou todas as delícias [ternuras] da carne e não pensa em voltar atrás.

**38** As trevas desaparecem com o nascer do sol; da mesma forma, todos os vícios desaparecem com o padecer por Cristo.

**39** Só quem suporta as tribulações com alegria é que pode freiar seus pensamentos que são princípio de todos os males.

**40** A paciência, como diz São Tiago, faz tudo com perfeição, porque faz todas as virtudes serem perfeitas.

**41** Todos os fiéis passaram pelo caminho da paciência e, se por acaso, alguém não passou [por este caminho], não será capaz de mostrar nenhum sinal da sua fé.

**42** O verdadeiro paciente já escapou do inferno deste e do outro mundo e possui o Paraíso deste e do outro mundo.

**43** O verdadeiro paciente diminuiu tanto a sua pena neste mundo, que não conhece nem sente mais a pena interior e, por conseguinte, a pena exterior fica diminuída [aliviada].

**44** O fruto da paciência é a serenidade da mente, serenidade esta que você não conseguirá ter se recusar a sofrer [padecer] por Cristo.

**45** Quem tem o dom [bem] da paciência, abraça de tal modo a caridade, que não troca o mal pelo mal,, mas substitui o mal pelo bem.

**46** Quanto maior for a provação [coisa] que a alma [ânimo] do verdadeiro, paciente suportar, tanto mais firme seu ânimo ficará na tribulação.

**47** Basta ao verdadeiro paciente condenar-se a si mesmo, porque não será mais condenado por Deus.

**48** Quem, no seu íntimo, conhece a ação da Providência divina e, no seu coração, sabe por experiência, que Deus é seu protetor, suporta de bom grado a violência [os tapas] da tribulação.

**49** Quem deseja viver em Deus em tudo e por tudo não se incomoda com coisa alguma que lhe aconteça neste mundo.

**50** A paciência dá prova de [mostra] quem é de Deus; esta prova faz conhecer a virtude, a virtude induz à esperança e a esperança não confunde, porque caminha com a [está junto da] caridade.

**51** Só pode tornar-se imortal quem for verdadeiro amante da Cruz.

**52** Quem assume a Cruz para morrer não tem mais gosto por coisa alguma deste mundo; da mesma forma, quem deseja possuir a perfeita paciência, fica persuadido de que não possui mais nada deste mundo.

**53** O mundo cheio de sofrimentos crucifica a muitos, mas só recebem os frutos da Cruz aqueles para quem o mundo está crucificado.

**54** Ó meu leitor, não demore mais para morrer perfeitamente [para os vícios], porque assim você ficará perto da ressurreição.

## **REFLEXÕES ZACCARIANAS**

Vivemos numa época marcada pela impaciência, que gera ansiedade, frustrações por causa dos fracassos na realização de desejos e tantos outros males. Essa situação se agravou por causa da pandemia do corona virus. Como nosso pensamento hoje está acelerado por



conta da “enxurrada” de informações, que não permitem um sereno discernimento sobre o que presta e o que não presta, muitos não pensam mais, não são capazes de fazer escolhas de vida e se tornam joguetes de ideologias e “mitos”. A juventude é a maior vítima dessa aceleração do pensamento. Mas é claro que nem tudo está perdido. Só estamos atravessando mais um período de crise das muitas que a humanidade já atravessou. Crises pedem soluções.

Na época de Santo Antônio Maria Zaccaria havia uma crise semelhante à atual e ele, como outros santos recomendavam o método gradualidade para resolver os problemas da falta de paciência. Todos nós conhecemos a famosa expressão do Fundador: “degrau por degrau”, que aparece claramente a 2ª carta e no 1º sermão. Aí estão os textos: *“É uma grande verdade que Deus fez o homem instável e querendo sempre mudar, para não ficar parado no mal e, também, para que, conseguindo um bem, não fique parado só nele, mas passe para outro maior e, desse, para outro maior ainda e, assim, crescendo degrau por degrau, chegue à perfeição”* (10202) e *“O homem que quer chegar a Deus precisa de ir degrau por degrau, subindo do primeiro para o segundo e deste para o terceiro e, assim por diante. Ele não pode começar pelo segundo, deixando de lado o primeiro, pois as suas pernas são curtas demais e seus passos muito pequenos. É por isso que não poderá construir: você não fez os alicerces!”* (20114). Inquietação e instabilidade, inclusive espiritual são próprias da pessoa humana, reconhece o Fundador. Por isso, paciência \*degrau por degrau); é preciso crescer sempre, não parar, mas sem queimar etapas, pois a impaciência gera uma grave paixão: a IRA! Cuidado com ela, pois *“a ira o afasta da contemplação de Deus, estraga, ao mesmo tempo, a sua vida corporal e espiritual, faz você ficar imprudente, ... não o deixa cumprir os deveres da justiça, ... A ira não deixa o homem ter um comportamento gentil e uma conversa educada, porque o “homem irado age sem critério”. Em poucas palavras, a ira tira da pessoa todas as virtudes, a escraviza a todos os vícios e faz de você o lugar das perturbações”* (20511).

# PENITÊNCIA

**1** Existem dois tipos de penitência: interior e exterior. A primeira é necessária para todos os pecadores. A segunda é útil para alguns e prejudicial para outros.

**2** A penitência é um pacto feito com Deus para deixarmos o mal e fazermos o bem, visto que, antes, tínhamos feito o mal e deixado o bem.

**3** A penitência é um freio permanente para todas as consolações corporais e afagos mentais daquela alma que julga a si mesma e se culpa [condena] sem desespero.

**4** A penitência é abster-se do pecado; portanto, quem não tem o cuidado de deixar todos os defeitos,, mas vive de aparências, não é perfeito penitente.

**5** Avaliamos [medimos] a penitência muito mais pela grandeza da verdadeira humildade, do que pela variedade e intensidade dos flagelos corporais.

**6** A penitência é um suportar voluntário de penas, aflições, opróbrios e todo tipo de males.

**7** O verdadeiro penitente tem uma sede e uma fome que não se acabam de justiça, de ser escarnecido e de todo tipo de mal.

**8** Penitente é aquela pessoa que julga e condena a si mesma do fundo do coração, considerando-se indigna de perdão e pedindo para si justiça com misericórdia; no entanto, ela é merecidamente perdoada por Deus.

**9** Se você quiser conseguir o perdão mais depressa, , peça a Deus com

simplicidade [humildade] de coração, não mais por justiça, mas por misericórdia.

**10** O verdadeiro penitente não julga que as coisas que dissemos antes sejam impossíveis, isto é, que levem ao desespero e quem é de outro parecer, que se guarde de ser um penitente fingido.

**11** A verdadeira penitência exclui todo amor próprio e, sem nenhuma preocupação consigo mesma, chega, por fim, à pura honra de Deus, mas a penitência imperfeita é causa de medo da morte e dos castigos.

**12** A penitência sempre encontra várias maneiras de purificar [punir] você mesmo, de reprimir a gula e qualquer concupiscência e está sempre presente no julgar da alma.

**13** O verdadeiro penitente agrava tanto o seu pecado, que pensa não ser capaz de agradar a Deus nem com todos os santos, nem com todos os anjos e nem com o mundo inteiro.

**14** O verdadeiro penitente considera o quanto tenha desonrado a Deus perfeitíssimo e sumamente belo, o quanto tenha desprezado o Deus justo, o quanto tenha desprezado o Deus de toda graça, que tenha perdido as virtudes e as riquezas espirituais; porém, está interiormente confuso e se envergonha tanto, que não tem nenhum cuidado para esconder sua vergonha exterior.

**15** Diz o perfeito penitente: ‘Se Deus não quiser me perdoar, seja benedito para sempre; se Ele quiser me condenar e me jogar [matar] no inferno, mesmo assim, quero esperar Nele’.

**16** Como os doentes do corpo e os sãos da mente não procuram as atenções do médico para apressar a cura, assim também o verdadeiro pe-

nitente provoca a mansidão de Deus como vingança contra si mesmo, para curar-se de novo.

**17** O verdadeiro penitente não teria coragem de invocar a misericórdia divina, se o próprio Deus não o tivesse ordenado.

**18** O verdadeiro penitente não se contenta em reconciliar-se com Deus, mas deseja crescer sempre nas virtudes e no favor [na complacência] de Deus.

**19** O verdadeiro penitente, sabendo que usou coisas ilícitas, deixa de usar também as coisas lícitas.

**20** Não acredite naquêlê pensamento diabólico que diz: este defeito é pouca coisa, este pecado não tem muita importância, porque por causa de todos eles o Cristo morreu.

**21** Um pecado que não se apaga com a penitência, por causa do seu peso, traz imediatamente um outro pecado depois de si; porém os pecados recorrentes [envelhecidos] precisam de muita atenção [cuidado] e de constante [perseverante] penitência.

**22** A penitência de Cristo e de sua Mãe é diferente da nossa, tal como a luz é diferente das trevas;

**23** O penitente logo se recupera da queda ocorrida por pura ignorância, ou melhor, por fragilidade.

**24** O penitente não se desculpa facilmente quando cai por sua própria malícia, ou melhor, por negligência temporária, mesmo que esse defeito não seja muito grave.

**25** Não se encha de tristeza inutilmente, se você cai muitas vezes por ignorância, ou melhor, por fragilidade; não se desespere, mas se levante com firmeza, lembrando-se de que o justo cai sete vezes por dia e se levanta.

**26** Ai de quem não se sente estimulado à penitência depois do pecado, mas se afunda na mais grave negligência, ou seja, se esquece do pecado.

**27** A esperança de quem diz: ‘eu cometerei este pecado e depois me arrependerei’ não está acompanhada de penitência.

**28** Da mesma forma que a doença de quem não é penitente chega, às vezes, a tamanha intensidade, que exclui a penitência, assim também a doença do pecador penitente passa [acaba] antes que seja condenável.

**29** A verdadeira penitência, largamente aceita por Deus e frutuosa para os homens, é a mortificação da vontade e das próprias paixões.

**30** A penitência interior e nas coisas espirituais é mais dura e mais frutuosa que a exterior, com os maus tratos ao corpo.

**31** Quem suporta de ânimo tranquilo o ter sido desprovido por Deus da consolação interior, já vive a [participa da] verdadeira penitência.

**32** A penitência que Deus nos envia, se for vivida de boa vontade, não oferece risco [não tem perigo] e é digna de muita recompensa [de muito prêmio].

**33** A penitência que Deus nos envia, se for vivida de boa vontade, mesmo que seja por uma coisa mínima, é mais grata a Deus e mais útil para a alma, do que uma grande obra [de virtude] feita por nós.

**34** Quem faz penitência e deseja defender e confirmar a própria vontade penitenciando-se com frequência, nunca deixa de fazer [está sempre fazendo] penitência.

**35** Quem faz penitência exterior sem o “tempero” do discernimento [da discrição], deveria arrepender-se, pois não faz verdadeira penitência.

**36** Quem pratica a penitência exterior sem discernimento [discrição], será forçado a se relaxar, algumas vezes, com delícias exageradas [abundantes].

**37** Assim como a pessoa que se dá ao relaxamento não pode ser forte espiritualmente, da mesma forma o penitente indiferente não pode evitar que, algumas vezes, incorra em grave defeito.

**38** Assim como as distrações, as paixões desordenadas e a obscuridade da mente são a companhia da pessoa sem escrúpulos, da mesma forma, a integridade da mente e a pureza da castidade acompanham o jejum moderado do penitente.

**39** Quem põe a sua finalidade na penitência exterior é semelhante a quem não faz diferença entre instrumento e fim, ou melhor, entre exílio e a pátria.

**40** Quem se lamenta por não poder cumprir uma penitência exterior e fica indignado na hora da refeição porque lhe falta alguma coisa, demonstra que o seu objetivo é a penitência exterior.

**41** Quem flagela [mortifica] seu corpo ostensivamente [indiscretamente], se convence de ter feito grandes coisas, fica contaminado pela ira e pela vanglória e costuma condenar os outros que não fazem o mesmo e se coloca contra o conselho de Paulo, que repreendia quem julgava seu

próximo, dizendo que, quem come e quem jejua o faz para sua própria glória e não para a glória do Senhor.

**42** O jejum, as vigílias e outras mortificações corporais são boas quando se mortifica a carne de tal modo que não fique impossibilitada de fazer o que é necessário.

**43** Lembra-te, ó penitente indiscreto, que Deus não se agrada daquilo que tu arrancas violentamente do que te é necessário.

**44** É coisa justa [saber] que, assim como as satisfações da carne nos levam à culpa, da mesma forma, se a carne for moderadamente mortificada, nos conduzirá à verdade; assim como, por causa da gula [nossos primeiros pais] foram expulsos das alegrias do Paraíso, da mesma forma voltemos àquelas alegrias pelo caminho da abstinência.

**45** Oferecer a Deus uma hóstia viva sempre Lhe agradou, mas sempre Lhe desagradou o sacrifício de quem é desonesto.

**46** Alguns conseguem jejuar por dois ou três dias; já para outros não é suficiente uma boa refeição quotidiana. Por isso, é necessário adequar-se à idade, à compleição física e aos costumes e respeitar sua natureza, pois, desgastá-la seria indiscrição [falta de juízo].

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Muita gente confunde penitência com castigo, com flagelação ou outras formas de tortura. Sabemos que as práticas penitenciais vistas como auto-punição ou como punição imposta por outros não têm valor de purificação verdadeira de algum pecado ou crime. Vamos tomar conhecimento do que diz nosso Fundador a respeito: *“Por acaso, você conhece apenas leis punitivas? Com essas, o homem não melhora, nem*

*muda totalmente os costumes, porque, por dentro, fica aquilo que era e sempre estaria pronto para fazer o mal, quando a punição cessar. Ainda: você já viu leis que não visam a coisas sempre mais perfeitas? Estas também falham, porque não progredir é falhar” (31820).* Como pode, os perceber, as penitências só servem para fazer o homem purificar suas más tendências e pecados e poder progredir nas virtudes, levando-as ao máximo que ele conseguir.

Outro trecho conhecido do Fundador está na Carta 3, em que ele ensina a Carlos Magni como superar seus defeitos: *“Na meditação, na oração, nos pensamentos, esforce-se para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que, como comandante chefia os outros que existem em você. Querendo acabar com ele, esforce-se também para acabar com os outros que aparecerem, ...: tendo os olhos sempre voltados para o que é o mais importante, abra caminho até ele, matando todos os que estiverem na frente” (10313).* Penitência, então é arrancar seus defeitos pela raiz. Fazer penitência será, também, combater a tibieza, deixando atitudes negativas para ir assumindo outras cada vez mais perfeitas (cf. por exemplo **11104**).

Outra prática penitencial que era muito usada na época do nosso santo foi o jejum, até hoje recomendado pela Igreja. Santo Antônio Maria Zaccaria trata do tema nas suas Constituições, pedindo sempre moderação, não aceitando nenhum exagero e apontando sempre para o cultivo de si mesmo. Cf. **30505**, **30705** e **31903**.

Sabemos também que os nossos primeiros padres não economizavam em formas de penitência. Com o Fundador ainda vivo, eles causaram espanto à sociedade de Milão com sua vida de extrema pobreza, que podia ser vista por todos. Isso lhes valeu até uma perseguição que quase dissolveu a Congregação ainda nos inícios (cf. Sermão 7). Quem não se lembra da maneira pela qual Sto. Alexandre Sauli foi admitido na Congregação? Será interessante também ler *Primavera Barnabítica* (edição em Português de 2017) págs. 63-67. Nos inícios era assim! Hoje há outras formas mas a Penitência continua necessária.



## RAPTO (ÊXTASE)

**1** Encontramos vários tipos de êxtase, dentre os quais somente um é apropriado [adequado] e bom.

**2** O êxtase denota certa violência e alienação dos sentidos em quem é arrebatado, ora mais ora menos, de acordo com a maneira e a virtude de quem o arrebatou.

**3** Alguém é arrebatado e tem seus sentidos alienados por motivo de doença, como a epilepsia; essa pessoa fala e age como se fosse louca.

**4** Algumas pessoas são arrebatadas pelo demônio e isso se chama fanatismo; durante o êxtase, elas vêem, ora coisas assustadoras, ora deliciosas; às vezes vêem coisas futuras e sabem deixar estupefato [“de queixo caído”] quem as ouve; essas visões, porém, não levam a uma mudança de vida para melhor, mas trazem muito mais decepção e escândalo.

**5** Alguém fica fora de si devido a uma forte apreensão ou imaginação e, por isso pode ser chamado muito mais de raivoso do que arrebatado, porque vê coisas fantásticas e é temerário nos seus conselhos, quer pelos pensamentos, quer pela reputação e está muito perto da morte do corpo e da alma.

**6** Alguém fica fora de si, mesmo que seja por boa inspiração. É possível resistir no começo e no meio, mas é melhor resistir a este arrebatamento humildemente e considerar-se indigno, do que aceitá-lo.

**7** Não se pode resistir ao perfeito arrebatamento nem no começo, nem no meio e nem no fim, por causa da força muito eficaz do Espírito, pois tudo isso começou, continuou e terminou pela força do Espírito Santo.

**8** Deus toca como músico quando acontece o verdadeiro êxtase e a mente de quem é arrebatado é como o órgão de Deus, cheio de diversos sons de alegria. A alma não pode entediar-se por causa dessa diversidade que procede da infinita graça de Deus, porque ouve coisas sempre novas.

**9** A alma pode preparar-se para tal êxtase, desde que saiba que lhe são necessárias a modéstia de vida, a meditação assídua, a oração permanente e a contemplação cristã; por isso não pode levar uma vida imunda, porque o êxtase não só foi concedido gratuitamente, mas permanece gratuito.

**10** Se você dissesse que Paulo estava impuro quando foi arrebatado, eu lhe responderia que ele foi purificado antes pela sua boa vontade quando disse no caminho: ‘Senhor, o que queres que eu faça?’ E depois ficou em êxtase na cidade por três dias.

**11** Apenas os perfeitíssimos podem chegar a este grau tão elevado e depois de muito esforço e de muitas lutas; mas, se alguém mereceu chegar a este grau e consegue enxergar a ‘terra de visão’, não deve afastar-se dela nunca mais, mas estabelecer-se nela por meio de uma vida de firmeza e santidade.

**12** Não se deve dar a posse desta terra aos filhos de Esaú, isto é, a povos sujeitos às paixões, mas a filhos do fiel Abraão.

**13** Alguns são arrebatados, mas não têm espiritualidade, como se lê a respeito da rainha de Sabá; outros têm espiritualidade, como Ezequiel, Daniel e João no Apocalipse: alguns são arrebatados para fora de seu espírito.

**14** Os primeiros vêm as coisas presentes, os segundos vêm as coisas

passadas, presentes e futuras; os terceiros vêem as coisas invisíveis.

**15** Os primeiros, quando voltam a si, ficam assustados, os segundos sabem e conhecem o que viram; os terceiros conservam o que viram, mas não se lembram de muitos detalhes [do que viram].

**16** Os primeiros ficam mais com o susto provocado pela visão que tiveram; os segundos ficam contemplando mais a clareza da verdade [do que viram]; já os últimos se ocupam mais da perfeição da vida e da alegria que vem de Deus.

**17** Ninguém consegue compreender o último grau do êxtase, a não ser quem o vive atualmente, todo imerso na alegria do seu Senhor.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

*“O Padre Dom Antônio Maria Zaccaria foi o fundador dos Padres Clérigos Regulares de São Paulo Degolado e dos dois Mosteiros das Angélicas de São Paulo em Milão e de Santa Marta em Cremona. Ele era natural de Cremona, nascido da boa e honrada Casa dos Zaccaria, mas mais honrado por suas singulares pureza e inocência, a ponto de parecer um anjo na terra, pela vida, pelos costumes e pelo aspecto. Não é, pois, de se espantar que, no primeiro Sacrifício que celebrou, os devotos circunstantes tivessem visto Anjos na assistência.*

*Teve um dom oratório singular, com arrebatamento e êxtase; espírito profético, via os segredos e pecados ocultos de alguns; e previu a morte próxima de um jovem, que embora sadio, foi induzido ao arrependimento de seus pecados e a fazer uma boa confissão geral. Era extremamente ardente em seu zelo em honra de Deus e da salvação das almas, e eficaz em levar os errantes e pecadores à conversão”* (Memórias da Angélica Anônima, Edição em Português, 2018, pág. 14).

A preocupação do Fundador era o crescimento perseverante e

contínuo de todos, como já vimos anteriormente. Ele foi um Mestre de espiritualidade para os três Colégios e continua sendo esse mesmo Mestre para nós, seguidores e seguidoras de suas intuições, quer sejamos religiosos ou leigos de todas as idades, de “todos os povos, raças, línguas e nações”.

Ele quer que sejamos de Deus e estejamos unidos constantemente a Ele, como já vimos nas duas primeiras partes

Deus nunca nos falta nos momentos de nossa boa vontade da Carta 3. A oitava qualidade do bom Reformador diz o seguinte: “*É preciso que você confie sempre na ajuda divina e conheça, por experiência, que ela nunca lhe faltará. As coisas de Deus não sejam tratadas, a não ser por pessoas de Deus (31822)*. E continua: “*Por isso, o reformador deve ser de Deus e santo e, tendo avaliado muitas vezes, por experiência própria, reconheça que Deus jamais lhe faltou nas suas necessidades e nos momentos de sua boa vontade. Deus, que tantas vezes demora em nos dar o que pedimos, para que apareça mais bondoso quando solicitado, no fim, costuma ouvir-nos*” (31823).

Uma sugestão para que estejamos sempre conscientes da presença amorosa de Deus na nossa vida é a prática, se possível, diária da *Leitura Orante da Bíblia: **Leitura, Meditação, Oração e Contemplação***. Não é uma criação de Antônio Maria Zaccaria, mas tem muito a ver com ele, enquanto, progressivamente (degrau por degrau) vai nos colocando na presença do Deus da Aliança. Eutomo contato inicial com o texto, descubro nele o que Deus fala para a minha realidade, dou minha resposta a Ele e *contemplo*, ou seja, *vou olhando a realidade com os olhos de Deus*. Isso não seria uma experiência de êxtase? O que você acha?

# RELIGIOSO

**1** A santa e imaculada Religião é visitar os pequeninos e ver as suas necessidades e conservar-se puro em relação às coisas do mundo.

**2** A Religião cresce na penúria, na aspereza, no cansaço, nas perseguições e na falta [privação, ausência] de privilégios [favores].

**3** O fim imediato do [homem] religioso é a pureza de coração, sem o que não sei como conseguirá o fim último que diz: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus; isso deve ser levado em conta pelos homens religiosos que não têm Deus interiormente.

**4** O religioso há de detestar [odiar] as riquezas, as delícias, as honras, os que vivem perto de si, os parentes, o corpo e a sua própria vida e amar somente a Deus.

**5** Não considerem religiosos aqueles que se vestem bem, que têm endereço fixo e participam das mesmas cerimônias [que vocês], mas somente aqueles que têm um coração e uma vontade fervorosos de espírito, aqueles que são fecundos de todas as boas obras e, por compaixão, choram os pecados dos outros.

**6** O religioso que vive de maneira negligente não é capaz de chorar e fica sem aquela compunção da qual o verdadeiro religioso é dotado e que traz salvação.

**7** Quem oferece a Deus só cerimônias exteriores em vez de devoções interiores é um hipócrita e não um religioso.

**8** De acordo com a expressão de João Domingos, a vida do mosteiro não serve para o guloso, para o fútil, para o superficial, nem para o clé-

rigo, para o triste e o raivoso [furioso].

**9** Quem não é bom religioso nunca o será motivado por injúrias ou por disciplinas semelhantes, embora, às vezes, consiga refrear o mal.

**10** O falso religioso aprende na escola da virtude: a malícia em lugar da simplicidade, a malignidade em lugar da benignidade, a astúcia em vez da pureza, a hipocrisia em vez da lealdade, a tibieza em vez da solicitude, o vício em lugar da virtude e, logo em seguida, o mal em lugar do bem.

**11** ---- (não consta no original)

**12** O falso religioso troca uma paixão por outra, mas na verdade, nenhuma se extingue. Por exemplo, troca a malícia pela fúria [cólera], se fugir da tristeza, cai na dissolução e, a partir dos excessos, incorre na abstinência exagerada.

**13** É próprio do religioso chorar sempre, mas ele se desgasta se se comprazer com as honras e com cargos elevados, se se saciar [nutrir] com delícias; [sendo assim] se deleita nos jogos e em costumes luxuriosos.

**14** Seria uma grande decepção [confusão] se o filho, apenas chegado das exéquias do próprio pai, depois de ter chorado e ainda soluçando, fosse imediatamente se casar todo sorridente. Da mesma forma, não convém ao religioso, depois da oração se voltar para a dissolução [dos costumes], depois da renúncia às coisas do mundo, voltar a viver e a vestir-se suntuosamente.

**15** O verdadeiro religioso vence logo a batalha contra as paixões da carne, contra todos os laços do mundo e contra toda a astúcia do demônio.

**16** Na mente do verdadeiro religioso não permanecem escândalos, suspeições e nem opiniões sinistras.

**17** O coração do religioso torna-se impuro quando recebe coisas inferiores a si mesmo, ou seja, quando pensa nas riquezas, em convites, guerras, historinhas e outras coisas, mas quando se envolve com coisas superiores a si, como por exemplo, com a virtude e com Deus, ele se torna a mais pura honra.

**18** Se quiser compreender em que situação você está, veja se o seu coração ocupa mais o tempo em pensamentos superiores a você, ou inferiores e vãos; dessa forma, conhecerá quem você é.

**19** Quanto mais numerosos forem os religiosos imperfeitos, tíbios e negligentes, tanto pior será a sua situação; e, ao contrário, quanto mais numerosos forem os religiosos fervorosos, tanto mais úteis para si mesmos e para os outros eles serão.

**20** Não há nada de mais nocivo na Igreja de Deus do que uma pessoa perversa quando tem o nome e a fama de ser santa, porque ninguém tem coragem de repreendê-la e a culpa se transforma em exemplo quando, em respeito à função da pessoa, o pecador é elogiado [louvado].

**21** O verdadeiro religioso fica indignado com todos os vícios e os despreza; ele abraça e acaricia compassivo todas as pessoas sem ódio e com misericórdia.

**22** O verdadeiro religioso dá conta de saber o quanto cresce e o quanto decresce na virtude.

**23** O verdadeiro religioso será bom como monge, como eremita, sozinho ou entre muitos, em qualquer lugar e com todas as pessoas.

**24** O verdadeiro religioso, praticando [presenciando] boas obras, torna-se mais solícito em relação a elas; da solicitude nasce um bom sentimento, do qual nasce a estabilidade. O verdadeiro religioso, porém [já] é estável e está longe de toda decadência.

**25** O verdadeiro religioso é ornamento para o seu tempo, luz do mundo, polo do firmamento, exemplo de virtudes, guia seguro e, até mesmo, um anjo com corpo quase celestial e uma pessoa belíssima!

**26** Bem que, algumas vezes, o religioso verdadeiro e experiente parece ter perdido muito do fervor exterior. Ainda assim [apesar disso] aumenta sempre as lágrimas ardentes, não exteriores, mas de coração.

**27** O verdadeiro religioso é companheiro dos santos e consorte dos anjos e, pela virtude, se esforça para ser semelhante a Deus e se conforma a Ele.

**28** O verdadeiro religioso faz contínua violência contra sua própria natureza; ele faz isso para poder superar a si mesmo e sempre aspira à visão da essência divina.

**29** O verdadeiro religioso fala sem duplo sentido, seus membros não fazem imundícies e sua mente é iluminada como se não tivesse erros.

**30** O verdadeiro religioso está unido a Deus em todo tempo e lugar; ele só pensa em Deus e Dele fala e só faz as obras de Deus; ele, em pouco tempo, está mais em Deus do que em si mesmo.

**31** O verdadeiro religioso acrescenta mais fervor ao fervor, mais fogo ao fogo, mais virtude à virtude, mais desejo ao desejo e em pouco tempo, ótimo ao [que já é] ótimo.



32 O verdadeiro religioso deseja a morte mais do que outros [desejam] a vida e não fica preocupado como, onde e quando deve morrer.

33 O verdadeiro religioso não teme nada a não ser a Deus, a Quem sempre reverencia e ama.

34 O verdadeiro religioso não se lembra das coisas passadas e não se preocupa com o futuro, mas, no presente, está sempre fixo na eternidade; embora algumas coisas aconteçam com ele e outras não, ele abraça tudo com intensidade [desejo].

35 Só é religioso quem não desejou chegar a um explícito combate contra o demônio, ou melhor, não chegou mesmo a este duelo singular.

36 O religioso teme mais ter grande abundância de consolações espirituais e de bens temporais, do que passar necessidade [sofrer carestia].

37 O religioso que não cumpriu o que foi dito acima, perdeu sua condição secular e não atingiu perfeitamente a condição monástica.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Para a Congregação que se reorganiza e se renova: *“Prestem atenção, irmãos: ... alguns dizem que têm vontade de mudar, mas na verdade desejariam não ficar submetidos a ninguém, ou fugir dos aborrecimentos, ou viver na abundância e na ociosidade, ou com bons companheiros, ou comodidades, ou para poder estudar ou por algum motivo semelhante, isto é, razões que não são a finalidade desta Reforma. Ora, a verdadeira finalidade da Reforma revela-se nisto: que procuremos tão somente a pura honra de Cristo, a pura utilidade do próximo, o puro desprezo de nós mesmos e só injúrias, para que os reformadores considerem agradável o ser desprezados ...” (31608).*

A partir desse trecho das Constituições do Fundador, faça a sua reflexão sobre o momento de renovação e de reestruturação que está em curso em toda a nossa família religiosa (2018-2024) e que deverá ser permanente, não pode acabar!

Além disso, a leitura cuidadosa desses *Ditos* sobre a figura do RELIGIOSO nos remete a outros trechos do Fundador. Para continuar a reflexão, sugiro a leitura das vozes *Os membros da Congregação* (págs; 15 e 16) e *Vida comunitária* (págs 34 a 38) do livrinho de Giuseppe M. Cagni, “*A regra do coração*”, Coleção Panem nostrum nº 1, Edição em Português, Rio de Janeiro 2016.

O verdadeiro religioso deve ser um *profeta*. Para isso, precisa ser íntimo da Palavra de Deus. Por isso, diz o Fundador: “*Estudem a Sagrada Escritura e se deleitem com avidez na tentativa de entendê-la e compreendê-la, de modo a sondar e revelar seu sentido mais oculto, principalmente aquele que é útil para a formação pessoal*” (30802). No nosso caso, os escritos paulinos devem nos motivar não só para a formação intelectual, mas para assimilarmos o jeito pastoral do Apóstolo, ampliando fronteiras, buscando a melhor estratégia, nunca sozinhos, mas com colaboradores, estimulando a vida comunitária, fazendo bom uso da comunicação com todos os meios disponíveis e não parando nunca, como diz o Fundador a Bartolomeu Ferrari e a todos os que estavam na missão de Vicenza, citando 2Cor 10,13: “*Paulo dizia que chegaria até os limites que o Cristo marcasse. Ora, o limite que Jesus Crucificado lhes prometeu é que as forças de vocês irão penetrar os corações até o mais profundo*” (10602).

O bom religioso é *místico*. Que mística? De novo, a da Sagrada Escritura, a dos Santos Padres da Igreja e tantos outros livros de espiritualidade. O Fundador cita várias obras disponíveis na época. É bom lembrar que a imprensa já tinha sido inventada. Para saber o que ele recomendava, confira 30803. Aí vamos encontrar livros do Frei Batista de Crema, cujos originais é possível obter em Google livros.

O religioso místico é uma *pessoa de oração*, é claro.

## SONHOS E APARIÇÕES

**1** Quem segue os sonhos é semelhante a quem quer abraçar a [sua própria] sombra.

**2** Só se preocupam com os sonhos os que são fracos de mente, os quais muitas vezes são enganados pelo demônio.

**3** O sonho assustador, que não procede de um ânimo sereno e não provoca mudança de vida para melhor, convém considerá-lo que vem do demônio durante a [diante da] aparição e, depois, por causa da fé que o sonho faz devotar a ele [ao próprio demônio].

**4** Quando a imaginação chega com o sono, ou na vigília, transforma-se em algo melhor, mas se esta melhora não continuar, pode ser coisa do demônio ou de uma hábito ruim.

**5** Sabemos que a mudança para melhor da imaginação, quer venha pelo sono, quer na vigília, é coisa de Deus, quando fica evidente uma finalidade melhor.

**6** Quem afirma livremente que tem visões e aparições de santos, muitas vezes é enganado pelo demônio, mas fuja de fatos milagrosos com firme decisão e se julgue indigno de ver [ter visão dos] os santos.

**7** Não se deixe enganar por aquêlê pensamento que diz; ‘Eu gostaria de aprender com os santos e me satisfazer com isso, porque neles não há engano escondido’. Não acredite nisso, mesmo se eles lhe falarem coisas boas, se você não souber discernir se estas inspirações são de Deus.

**8** Recolhe-se em si mesmo e se humilhe perfeitamente, porque, fazendo assim, você terá a presença dos santos mesmo que não queira; mas se

you não fizer assim, não compreenderá a linguagem dos santos e continuará se enganando.

**9** Não despreze os ensinamentos da “burrinha de Balaão” porque, dessa forma, você se tornará verdadeiramente douto.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Frequentemente recebemos pessoas assustadas por causa de sonhos ou de visões fantásticas. Isso, em geral, aflora nos sonhos. Há quem se assuste porque “jura de pés juntos” que viu Jesus, Nossa Senhora, algum santo na hora em que pareciam estar sonhando. Psicólogos sérios poderiam explicar esses fenômenos, mas é prudente reproduzir aqui o que diz a frase nº 6 desta seção dos *Ditos*: “*Quem afirma livremente que tem visões e aparições de santos, muitas vezes é enganado pelo demônio, mas fuja de fatos milagrosos com firme decisão e se julgue indigno de ver [ter visão dos] os santos*”.

Sem maiores pretensões de solucionar esses casos de maneira a esgotar o assunto, fique com esta frase do Fundador: “... não adore qualquer tipo de demônio de jeito nenhum! Não tenha nenhum pacto com eles, não só por meio de rituais e de magias - coisa que você talvez não faça - mas também, evitando curiosidade excessiva a respeito do futuro, deixando de orientar-se por sonhos e deixando de lado preocupações como essas: *Hoje é dia de andar a cavalo, ou não? Devo fazer roupas hoje? E tantas outras superstições*” (20120). E com essa outra: “... Olhando superficialmente, eu sei que você não dá prioridade aos ídolos como, por exemplo, as magias, os encantos e o conhecimento do futuro pela astrologia, mas você tem curiosidade de saber os segredos de coisas sem importância: ... Por isso, preste atenção, pois esta curiosidade, muitas vezes provoca sonhos e desilusões em várias situações com as quais o demônio a engana, a você e às outras “cabeças tontas” que querem explorar a grandeza de Deus” (20129).

# TENTAÇÕES

## a. Angelical

**1** A tentação angelical sempre se esforça para conduzir a pessoa a uma melhor situação [espiritual], mas quem resiste a ela, descarta o próprio bem.

**2** O anjo bom vem para conduzir ao bem; se, porém, quem o recebe se ensoberbecer, acabará mal;

**3** A tentação angelical deixa o coração alegre depois que ela se vai, ou o deixa triste, mas não com aquela tristeza que leva a mente à confusão, mas com uma tristeza saudável, que traz compunção e produz frutos.

**4** Se um anjo ou um santo vêm até você, pensa bem no que eles falaram ao seu íntimo e se recolha humildemente em si mesmo, dizendo: ‘Como pôde este [anjo ou santo] tão puro [limpo] ter vindo a mim que sou um estábulo tão fedorento?’

**5** Se você foi resistente ao anjo ou ao santo por humildade, da mesma forma que Pedro afastou de si o próprio Cristo, a graça se multiplicará pra você mais do que nunca, porque o anjo bom, quando é afastado de você desta maneira, não fica indignado, pelo contrário, se alegra e fará por Deus aquilo que você quer.

## b. Diabólica

**1** O demônio tem o cuidado de tornar as suas tentações semelhantes às da natureza e ele faz isso para que elas não sejam identificadas como sendo suas.

**2** De vez em quando, o demônio usa o homem como instrumento nas suas tentações para ter duplo ganho enganando a muitos.

**3** Quando a tentação leva a um pecado que vai além da capacidade [medida] humana, como por exemplo as heresias, sortilégios, blasfêmias e coisas semelhantes, então o demônio usa o homem como seu instrumento.

**4** O demônio supõe a natureza [humana], por isso, não pode provocar o pecado da carne em nós, se a natureza não pode agir por suas próprias forças. Quando então ele tenta os frígidos, impotentes e eunucos, não pode levá-los ao pecado, a não ser submetendo [prostrando] a força da mente.

**5** Quando nós damos ao inimigo a força da nossa alma, isto é, o consentimento, ou quando lhe damos a força do nosso corpo, isto é, aquela força da natureza que temos para nossa nutrição e para gerar [vida], então o demônio nos mata com nossas próprias armas.

**6** Muitos dão a culpa ao demônio por aquilo que eles mesmos provocam, por causa de suas más inclinações.

**7** A tentação diabólica no corpo acontece pelo movimento e na alma por causa dos muitos pensamentos.

**8** É bem verdade que, às vezes, as tentações da mente têm sua origem nos maus costumes; apesar disso, na grande maioria das vezes, são do demônio.

**9** Embora o demônio não possa fazer violência contra a graça do livre arbítrio, é bem verdade que não podemos resistir às suas tentações com nossas próprias forças.

**10** Quando o demônio domina uma pessoa através da tentação, imediatamente a coloca nas mãos de outro demônio pior [que ele], para que a

pessoa seja iludida, tentada e, muitas vezes, dominada.

**11** Algumas vezes o demônio tenta a pessoa da mesma maneira [com a mesma tentação] e durante muito tempo para vencê-la pelo tédio e pelo cansaço.

**12** Quando você se sente induzido a um mal no presente, o qual se mostra sob as cores de um bem futuro, saiba que você está sendo tentado pelo demônio.

**13** A tentação diabólica fica visível [explícita] quando a alma desiste de desejar as virtudes, ou quando presume que pode adquiri-las com suas próprias forças.

**14** Para o demônio é suficiente fazer-nos cair em tentação ou deixar a nossa mente confusa.

**15** A tentação diabólica se manifesta mais nos pecados espirituais do que nos corporais. São exemplos as dúvidas de fé, a confusão mental, as disputas, zombarias, juízos temerários e coisas semelhantes.

**16** A conhecida batalha do demônio está acima das forças naturais da alma racional.

**17** O demônio não combate exteriormente, quando tem muito a ganhar interiormente.

**18** Se você ainda não travou uma luta aberta e violenta contra o demônio, é porque ele o considera um adversário desigual; sendo assim, ele o evita [despreza].

**19** Se você confia na força [graça] de Deus, nada o perturbe se desejar

travar esta batalha aberta [contra o demônio] com segurança, porque não lhe faltará a graça e a coroa [da vitória].

**20** Não fique triste se você vê a clara [aberta] presença do demônio, porque se aproxima a coroa [da vitória].

**21** A tentação do demônio, seja clara, seja oculta, traz consolação no início mas, no fim, provoca confusão mental.

**22** A finalidade desejada pela tentação do demônio é, principalmente, muito mais o desespero do que o pecado, ou melhor, o perseverar no pecado.

**23** O desespero é um pecado diretamente contrário à majestade divina; ele exclui qualquer respeito [reverência], mas se você não se desesperar, já superou o demônio maligno.

**24** Não fique triste quando você vir pequenos e grandes, inocentes e pecadores serem presos e atormentados pelo demônio, porque isso acontece para a salvação deles, para servir de exemplo para os outros e para honra e glória de Deus.

**25** Não se pode imaginar coisa mais maravilhosa do que ver o inocente ser flagelado e os pecadores culpados serem curados pelos seus flagelos. Ora, quem não louvaria a força de Deus vendo que onde o justo é punido, aí o pecador é curado.

**26** Não despreze o endemoninhado achando que ele é mau, principalmente se você ainda não foi tentado, porque a malícia está na mente e não no corpo; aliás, louva a clemência divina, que entregou o corpo na mão do demônio e não a alma, tal como fez com Jó.



**27** Se vocÇe quer curar o endemoninhado, faça com que ele se confesse e comungue frequentemente, mas que se rompam as forças do inimigo com estas armas.

### **c. Divina**

**1** Dizemos que Deus tenta, porque Ele o faz para a salvação das almas, mas quem reclama de qualquer tentação, se afasta de Deus.

**2** Se Deus não tentar alguém, - como diz São Tiago: ‘Lembra-te de que Ele não faz isso por impaciência ou por malícia, a tentação divina nada mais é do que a procura do nosso proveito [crescimento]; por isso [a tentação divina] não deve ser detestada, mas desejada.

**3** Deus não nos tenta nem permite que sejamos tentados, sem antes nos compensar com a sua graça -, pelo contrário, isso Ele o faz sem exageros, a fim de que possamos resistir.

**4** Deus nunca nos acusaria de termos consentido numa tentação, se nos visse inferiores a ela; temos esse testemunho pela virtuosa paciência dos apóstolos, que receberam o Espírito Santo antes da grande provação.

**5** Deus tentou Adão quando lhe perguntou: ‘Onde estás?’ para ter misericórdia dele e das gerações futuras, se ele fosse humilhado. Tentou Noé no dilúvio, para que providenciasse abrigo para si e para as gerações futuras; tentou também Abraão, para que ele merecesse receber as promessas feitas com total fidelidade.

**6** Deus tentou Jó para dar exemplo de paciência para todo mundo; da mesma forma, tentou Moisés em muitas situações, para que ele merecesse receber a Santa Lei e a promulgasse para os eleitos.

**7** Deus tentou o seu Filho, a Quem desejava colocar acima de todos;

atualmente Deus tenta os maiores e mais excelentes dos eleitos com as tentações as mais fortes, para que os menores aprendam, a seu exemplo, como devam comportar-se nas tentações mais fracas.

**8** Se Deus tentou os mais fortes com tentações as mais diversas e fortíssimas, os mais fracos não podem clamar por justiça quando são tentados em poucas e pequenas coisas. [situações].

**9** Não é adequado dizer que Deus tique enviando as tentações para que prejudiquem os imperfeitos, os quais exigem tudo com pressa, mas, se tivessem ficado sem tentações, reclamariam dizendo que Deus não lhes concedeu um prêmio maior.

**10** Deus não deve parar de tentar os justos, para que, dessa forma, tenham maior crescimento nas virtudes. Deus, no entanto, tenta aqueles que são justos e sem pecado, para que se tornem mais perfeitos e cresçam em maior grau de virtudes.

**11** Quem é perfeito logo pula fora das tentações; mas quem é imperfeito consente nelas imediatamente.

**12** Muitas vezes acontece que alguém, que já superou coisas maiores, é tentado em coisas menores; isso é permitido [por Deus] para preservar a sua humildade.

**13** Quem desanima porque é tentado, já consentiu e é vencido pela tentação.

**14** É próprio da má tentação humana cair no pecado e não é próprio perseverar nele, mas não se desespere por causa do pecado.

**15** Se você quiser vencer as tentações, fecha a porta dos sentidos, atra-

vés dos quais o deônio se infiltra. Não despreze as coisas pequenas, porque diz o sábio que, quem despreza as coisas mínimas, pouco a pouco acabará caindo nas grandes.

**16** Se você quiser conseguir a vitória, fortifica a resistência da sua alma durante o período em que você não é tentado, porque depois que o inimigo já penetrou, não adianta posicionar as defesas.

**17** Se você quiser superar as tentações em pouco tempo, começa pelas que são mais fortes, porque, quando vencemos o comandante [capitão], os soldados se dispersam.

**18** Se você quiser superar as tentações, não se sinta seguro mesmo depois de muitas vitórias, mas seja perseverante no arrancar [extirpar] perfeitamente [pela raiz] todas as paixões, porque, muitas vezes, por não prestarmos atenção a um pequeno fungo, ele acaba tomando uma rocha muito forte.

#### **d. Humana**

**1** Tentação é obter conhecimento [ciência] ou experiência daquilo que procuramos ou tentamos e é um estímulo à virtude contra os negligentes, para os quais, por sua própria culpa, acaba se tornando um vício.

**2** Ninguém é tentado acima do que pode suportar, como diz o Apóstolo, porque Deus não permite.

**3** Nem todas as tentações afetam a todos mas, em todo o mundo, a tentação da prosperidade mata mais do que a adversidade, porque as delícias alimentam os pecados [vícios] da carne e o fechar-se em si [egoísmo] mata mais do que as tentações.

**4** Adquirimos a sabedoria pela tentação, porque, como diz a sentença

do sábio, o que pode saber quem não é tentado?

**5** Algumas vezes a tentação humana tende para o bem; outras vezes, para o mal.

**6** Quem rejeita as tentações e foge delas, recusa o prêmio e a vitória e se guia pelo ócio e pela preguiça.

**7** Quem é tentado no corpo pelas paixões e enfermidades e na mente pelas imaginações, encontrou a ocasião para superar o ócio, o qual é a latrina de todos os pecados.

**8** Algumas vezes o homem tenta a si mesmo por livre e espontânea vontade para provar quantas forças ele terá caso tenha que se esforçar muito ou caso tenha que realizar alguma obra.

**9** A tentação da carne e das outras paixões naturais, por si só, não é nem viciosa nem virtuosa.

**10** Não acredite que a natureza proíba [impeça] o que Deus colocou em você e, para seu proveito, se esforce mesmo além das suas forças para ficar livre das tentações.

**11** Vale pouco ou nada querer ter a vitória e não superar a si mesmo e ao demônio.

**12** As reações naturais da carne que não procedem da malícia ou de algum outro defeito voluntário, não afetam [ofendem] a castidade.

**13** A excitação da carne, que procede apenas do demônio, é quando o autêntico controlado [sóbrio], pacífico, humilde, amante da castidade é incomodado na carne e isso não prejudica a castidade.

**14** Se você já tiver equilibrado ou subjugado perfeitamente as suas paixões, a sua tentação será apenas exterior e você não será culpado por isso.

**15** É próprio dos negligentes e imperfeitos serem tentados muitas vezes e com veemência.

**16** Desejar as tentações é próprio de quem é muito perfeito, porque está certo da vitória, mas é próprio também dos muito imperfeitos, porque se comprazem e se deleitam nas tentações.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

Compare as frases seguintes do nosso Fundador sobre as tentações e veja como ele aproveitou os *Ditos*: “*O demônio tem medo de que aconteça algo desagradável, porque conhece, por experiência, que a simplicidade do Pe. Superior sempre deu bons resultados, pois ele nunca lançou as redes sem apanhar aquela quantidade de peixes bons e grandes!* (10613), escrevendo aos que estavam em missão. “*Parece que o demônio está me tentando e me levando a julgar mal as atitudes de vocês, insinuando que, pelo fato de nenhum de nós estar aí, há em nossa casa uma grande confusão, além do mal que ele jogou e continua jogando nos seus corações, de modo que tudo está em desordem*” (10701) escrevendo de Guastalla a seus companheiros em 3 de novembro de 1538. “... *São João Clímaco, que, tendo certeza de ter superado a gula, ofereceu ao demônio um cacho de uvas, para ver se ele era capaz de tentá-lo com isso*” (10904); “*o fato de não estar satisfeita nunca, sempre aberta para as tentações, tendo idéias duvidosas e pouco claras: isso prova que ela ainda é a mesma que era antes de entrar na vida religiosa ou, pelo menos, que é imperfeita e que mudou muito pouco*” (10908), puxando as orelhas da Angélica Negri e se dirigindo a todas as Angélicas. “... *se os outros considerarem vocês como pessoas*

*simples, fervorosas, preocupadas com o crescimento do próximo, não assustadas com a violência das paixões ou das tentações, mas conservando sempre uma firme vivência dos valores, nos momentos difíceis e nos tranquilos e consoladores” (11004): esse é outro puxão de orelhas, especialmente ao Soares e, de tabela, a todos os outros. Finalmente, ao tratar do voto de Castidade nas suas Constituições, ele diz: “... se houver quem não queira crescer na virtude da Castidade (fugindo de tudo o que a ela se opõe), de tal modo que corpo e mente sejam manchados por tais males, este seja eliminado sem que tenhamos medo de errar. Tenham, porém, grande discernimento para não expulsar alguém, quando essa tentação partir do demônio, ou for uma permissão divina. Vocês saberão se alguém, está sendo tentado pelo demônio ou por permissão divina; quando virem esta pessoa refrear voluntariamente a língua e fugir da leviandade e da ociosidade e procurar viver uma profunda humildade, ao mesmo tempo em que deseja ardente e alegremente a verdadeira integridade da alma e do corpo. Mas, se esses sinais não aparecerem, fiquemos atentos, pois essa pessoa está vivendo numa negligência voluntária” (30302-03).*

Muita gente confunde tentação e pecado, pensam que são a mesma coisa. Espero que, depois de ler esta seção dos *Ditos*, tenham mudado de ideia. Nosso Fundador trata desse assunto com muita clareza no Sermão 5. Por exemplo: “*A experiência de todos os dias mostra que as paixões e as tendências naturais (tristeza, alegria, ira, amor,...) estão em todas as pessoas. Elas são naturais, porque tudo o que vemos normalmente nas pessoas de todas as gerações, vem da natureza. Por isso, quem dissesse que essas tendências e paixões são más, seria mau e ignorante ele mesmo! Partindo da natureza e, por conseguinte, de Deus, dariam a culpa ao próprio Autor de tudo, coisa que ninguém teria coragem de fazer, a não ser o insolente, o temerário e o grosseiro!*” (20501). É assim que ele começa o sermão, tratando dos nossos impulsos e instintos ou, como ele chama de primeiras *reações*, que são espontâneas e incontroláveis num primeiro momento, mas nos levarão

ao pecado num segundo momento, caso tomem conta de nós e passem a guiar nossos passos e nossas ações. Mas nós somos capazes de mudar essas situações até de transformar um mal em bem: “*Caríssimo, será que o homem não tem o poder de dominar as paixões do jeito que ele quiser? Por que não? Ele pode, de fato, dominá-las depois das primeiras reações e, se quiser, pode diminuí-las e até apagá-las, de tal forma que não causem muitos prejuízos aos sábios e aos prudentes*” (20514). Logo em seguida, o Fundador trata claramente do livre arbítrio: “*Veja bem: a liberdade é tão importante, apoiada pela graça de Deus, que o homem pode tornar-se demônio ou Deus, como ele desejar!*” (20515). Será muito bom que você leia e medite o texto do Sermão 5 na íntegra, principalmente se você deseja percorrer um caminho de santidade sem se assustar com as tentações e com as suas imperfeições.

Outra coisa que aflige as pessoas de hoje em dia é a falta de consolações espirituais. Há uma busca de curas, milagres e de outras manifestações que possam aliviar os sofrimentos muito aumentados por causa da pandemia (2020-21). Quantos suicídios de jovens! Quanta violência doméstica! Quanta indiferença pelos mais fracos! Quanta superficialidade! Tudo isso nos faz cair na tentação do “eu não tenho nada com isso” e ... vida que segue quase sempre na maior tibieza. Portanto, “*Filhos e plantas de Paulo, alarguem os seus corações, pois quem os plantou e ainda planta, tem o coração maior e mais aberto que o mar e não sejam inferiores à vocação para a qual foram chamados*” (10712).

## TIBIEZA

**1** Quente é aquêlê que persevera no serviço de Deus mantendo o fervor inicial; frio é aquêlê que nunca teve fervor e nem começou a servir a Deus; túbio é aquêlê que há tempo recebeu dons e graças de Deus, mas depois, por negligência e relaxamento da sua mente, regrediu e, tendo começado a servir a Deus, nunca mudou para um fervor que se pudesse notar.

**2** O túbio é semelhante à água mais ou menos quente [morna]. quando exposta ao frio, torna-se mais ou menos fria tanto quanto parecia quando estava longe do frio.

**3** A tibieza é uma heresia espalhada pelo mundo inteiro. Não é perseguida pelos inquisidores, mas é abraçada pelo demônio.

**4** A tibieza é um fruto venenoso do amor próprio, é a destruição dos santos costumrd, fundamento dos vícios, ruína do mundo, abertura para o inferno, fechamento para o paraíso, mãe dos defeitos e madrasta da abstinência, que alimenta todas as virtudes.

**5** Para o túbio é muito mais escandaloso falar da suma perfeição do que falar de uma heresia.

**6** A tibieza é a cegueira da mente e o túbio está sempre distraído e não reflete interiormente.

**7** Encontramos a tibieza aí onde ela não deveria estar, isto é, naquêles que deveriam ser verdadeiros e fervorosos servos de Deus.

**8** O túbio é aquêlê que se sente fiel e seguro na fé, dorme em perigo e não teme cair onde a razão se manifesta.



**9** Sinal de tibieza é conhecer a casca da letra e não poder aprender o seu sentido mais profundo [sua medula].

**10** Você nunca viu um túbio que saiba o que é a teologia mística, a não ser superficialmente, embora possa conhecer a teologia filosófica e contestatória e disputar com arrogância sobre vários temas [várias coisas] sem ter experi}encia de Cristo e das virtudes.

**11** O túbio é a ruína dos fervorosos, trapaceiro com as pessoas virtuosas, aceita bons amigos [companheiros]; sendo assim, em pouco tempo a milícia dos túbios fica sob a bandeira do demônio infernal.

**12** O túbio, na sua confusão, se gloria nas vitórias dos seus predecessores e quando morrem os justos, enfeita o sepulcro deles, se orgulha de ter sido discípulo dos justos e goza indignamente dos bens deles. Dessa forma, assume o lugar dos escribas e fariseus que, por causa dessas atitudes, foram reprimidos por Cristo.

**13** O túbio, quanto à aparênci, parece cuidar do culto divino, mas é só quanto à cerimônia exterior, para impressionar.

**14** Parece que o túbio tem zelo pela honra de Deus e, quando vê um verdadeiro virtuoso, começa a zombar dele. Isso é verdade!

**15** Diz o túbio: ‘Eu suportaria qualquer coisa por Cristo, desde que eu soubesse que isso Lhe agradaria. Mas ele não sabe que tudo que acontece é providência divina.

**16** Diz o túbio: ‘Eu morreria por Cristo’mas depois não quer sofrer nenhum escárnio e, se alguém lhe diz uma palavra ruim, logo fica indignado. Como ele poderá suportar as coisas grandes, se as pequenas o incomodam tanto?

**17** Lemos na profecia de Daniel que a iniquidade vem dos mais antigos e dos que governam os povos. Podemos dizer o mesmo da tibieza.

**18** O tÍbio se deleita com jogos, fábulas, novidades e coisas vãs. Se você vir este tÍbio, foge dele!

**19** A mãe da tibieza é não agradecer pelos benefícios divinos [recebidos], suas companheiras são a sensualidade, a curiosidade e as distrações. O que alimenta a tibieza é confiar na bondade de Deus junto com alguma boa obra [que você pratica] e estar persuadido de que é suficiente ter nojo dos pecados graves, como se a tibieza não fosse um pecado grave. A filha carÍssima da tibieza é a dona hipocrisia, encoberta pela aparência da verdade e interiormente cheia de mau cheiro.

**20** Se você não se livrar logo da tibieza, sentirá grande dificuldade para voltar ao primeiro fervor, porque a tibieza está acima de todas as enfermidades espirituais e está muito distante da correção [sanção].

**21** Se você não puder recuperar o fervor rapidamente, não desanime, porque embora seja impossível para o homem [afastar] a beatice do tÍbio, para Deus não é difícil.

**22** O temor de Deus que se torna filial e o desconfiar de si mesmo excluem a tibieza, mas é um Ótimo reméδιο fugir da conversa com os tÍbios e conversar com os fervorosos.

**23** Se você quiser começar a fugir da tibieza, manuseia o martelo contra uma confiança fraca; se você quiser ter sucesso para extirpá-la, deseje somente a virtude, sem outras promesss de ganhos; se quiser matá-la totalmente, deseja todos os oprÓbrios e males por amor de Cristo.

**24** Quem, dia após dia, não se esforçar com violência adequada para

melhorar, saiba que caiu na tibieza; portanto, renove seu propósito com mais força do que antes.

**25** Estas são as palavras dos tíbios: ‘Eu não quero ser santo, basta que eu vá para o céu’, ‘Não me preocupo com tanta perfeição, basta que eu viva como os outros, não é preciso crescer tanto na virtude’. Se você ouvir coisas semelhantes, saiba que são palavras de demônios em carne e osso, que prometem salvação para nos enganar.

**26** Se alguém o atrasa e o tira da situação de perfeição, foge dele, pois é um demônio tentador.

**27** Se você prometeu a Deus que deseja crescer sempre e fugir da tibieza, não demore a cumprir a promessa, porque, como diz o sábio, a promessa do insensato e infiel não agrada a Deus;

**28** A tibieza começa quando não me preocupo com as coisas pequenas [mínimas]; chega ao meio quando vivo com graves defeitos e atinge o auge quando desprezo a Deus.

**29** As santas e altas muralhas das virtudes caem por terra pouco a pouco por ação da tibieza.

**30** A esperança do tívio é quase um desespero, sua fé é quase uma infidelidade, sua caridade é quase um ódio a Deus e aos homens.

**31** A tibieza começa com a falta de discernimento, persevera na [com a} obscuridade da mente e termina na cegueira do intelecto.

**32** O tívio foge mais da visão clara e da batalha do demônio, porque, ao parecer um amigo visível, [o demônio] torna-se um adversário secreto e é mais difícil vencê-lo do que ao demônio inimigo público.

**33** Quanto mais virmos a tibieza crescer, tanto mais devemos desejar ser fervorosos e nos considerarmos bem-aventurados se formos perseguidos pelos [como] tíbios.

**34** O tíbio, apesar de ser um incentivo à prática do bem para quem é bom,, na verdade é um carrasco dos justos, porque, aparentando para os outros ter fervor, na verdade é vergonha para eles e é sempre inimigo do verdadeiro fervoroso.

**35** Não sei qual é a maior violência: a dos fervorosos contra os tíbios ou a dos tíbios contra os fervorosos. De um lado, quem combate é o zelo, já do outro é o desleixo.

**36** Quem não teme a tibieza já caiu na sua armadilha [fossa] ou está prestes a cair. Quem teme a tibieza de maneira servil, por ter medo das penas, se não a abandonar, acaba se tornando seu filho e não escapará da mesma tibieza.

**37** Aquêle que não teme mais a tibieza é porque já chegou ao verdadeiro fervor e ao amor às virtudes; esta pessoa já alcançou a vitória.

**38** Todo tíbio é ocioso e todo ocioso é tíbio, porque o amor de Deus e o graça do Espírito Santo não conhecem preguiça.

**39** O tíbio chama o ócio de sossego e chama de necessárias as coisas vãs e secundárias; quando não está totalmente satisfeito, logo reclama e, por fim, está em contínua situação de pecado, porque não pára de pecar ou já se acostumou a pecar.

**40** A ira de Deus se manifesta muito mais por causa da multiplicação do número dos ímpios do que no castigo físico do mundo [terremotos, erupções vulcânicas, furacões, ...]

**41** Você saberá quem é tívio por estes sinais: primeiro, quando em uma Congregação estiverem poucos fervorosos e muitos tívios; depois, quando as conversas não tratarem da máxima perfeição nem das virtudes as mais elevadas. E, se por acaso, as conversas versarem sobre esses assuntos, logo acabam e não perseveram.

**42** Quando o raciocínio de tais pessoas não leva você nem os outros ao fervor e à firmeza das virtudes e se aquêles que conversam com você e os discípulos deles, por causa dos seus defeitos [imperfeições], não aspiram à perfeição, saiba que [todos] eles são tívios.

**43** Quando eles são contestadores e briguentos, quando procuram os seus interesses mais do que as coisas comuns e fazem tudo por costume e de fachada mais do que por forte consideração, isso é sinal de que são tívios.

**44** Quando você vir pessoas ignorantes das coisas interiores e distraídas nas exteriores, [quando vir pessoas] impacientes nas contrariedades, escrupulosas e se recusando a morar em prédios humildes, a vestir-se com roupas mais simples, a conversar com pessoas de classe baixa e, pelo contrário, amam as pessoas de classe alta e se desculpam ao aplaudir os defeitos dessas pessoas, tudo isso é sinal de que eles são tívios.

**45** Da mesma forma que a mosca não tem coragem de se aproximar da água fervente, mas polui a água morna, assim também o demônio teme a oração dos fervorosos e suja [mancha] a dos tívios.

**46** Assim como o sacrifício dos maus é abominável diante da face de Deus, da mesma forma a oração dos justos provoca náuseas em Deus.

**47** O tívio não sabe o que pedir na oração; apesar disso, se espanta porque Deus não aceitou a sua prece.

**48** Algumas vezes, o tÍbio ora atentamente e, embora ele merecesse atenção, a tibieza predomina com resistência redobrada e tira todo o fruto da oração.

**49** Ainda que o tÍbio seja atendido na sua oração, se não abandonar a tibieza, voltará para a sua perdição.

**50** Alguns são tão tÍbios, que temem que se reze por eles para que se livrem da querida aparência de tibieza. Apesar disso, querem que se reze [que se faça oração] por eles.

**51** Da mesma forma que o aspecto dos fervorosos quase não muda mais [não tem muitas aparências], assim o coração dos tÍbios está sempre instável.

**52** O tÍbio sempre deseja ser instruído e, se você não lhe ensinar, diz querer pedir a Deus a razão; e sempre quer aprender, sem nunca chegar ao conhecimento da verdade.

**53** O bem entra por um ouvido do tÍbio e sai pelo outro e não fica mais nele, são resta um pouco de admiração, porque [o tÍbio] está tão cheio de soberba, que não fixa a Palavra de Deus.

**54** O tÍbio diz: ‘ Eu sou esforçado como você’, mas com suas obras faz exatamente o contrário.

**55** A exortação do tÍbio está cheia de pompa, de novidades curiosas, de adulaçes e de auto elogios e é totalmente estéril e infrutuosa.

## REFLEXÃO ZACCARIANA

Enviando as Angélicas em missão, nosso Fundador fez que é preciso destruir “*a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza*” (10502). A tibieza ocupou um espaço tão grande na vida e nos Escritos de Santo Antônio Maria Zaccaria, que ele dá a ela esse destaque de distinção, chamando-a de “Madame” (Dona) numa tradução mais antiga. Diante disso, resolvi fazer uma lista de palavras relacionadas a esta realidade tão presente na vida pessoal, religiosa e social, não só no século 16, mas através da História da humanidade, mais aqui do que ali ou vice versa. Vamos lá, então:

### **Tibieza: palavras relacionadas nos Escritos do Fundador**

falta de firmeza - 10204.05.07.08.12.14.16

indecisão - 10205.07

erva daninha - 10206.10.14

mediocridade - 10207

dúvida - 10208

negligência - 10210.12.16 / 20616 / 31603

preguiça - 10211.13

peste - 10502

fariseu - 11101.02.03

mesquinhez - 20618.23

deixar pra depois - 20619

“já está bom assim” - 20620

murmuração - 31104.12 / 31828

relaxamento - 31241 / 31003.04 / 31701.03.12

mau cheiro - 31704

corrupção - 31716

demônios invisíveis - 31807

leis só punitivas = 31820

Quanta coisa! Mas é bem possível que tenha faltado alguma palavra ou expressão. Com a sua capacidade de pesquisa e com experiên-

cia, poderá encontrar mais algumas.

A seguir, **expressões** bem nossas que induzem à tibieza:

“Deixa como está, pra ver como é que fica”.

“Não mexe nisso não!”

“Pra que tudo isso?”

“Chega! Assim mesmo está mais do que bom!”

“Esses são os meus pevdados! Depois ... tem os de todos os dias ...”

Deixa que eu faço! Você não sabe!”

“Pra que tanta pressa? Temos muito tempo ainda”.

“Basta fazer controlC, controlV. Dá menos trabalho, nem precisa ler”.

“Pra que chegar cedo?”

“Treinar pra que? O negócio é jogar”.

“Vocês rezam demais!”

“Eu quero sombra e água fresca”.

Também aqui, você poderá encontrar muitas outras expressões e até não concordar com essas.

Terminamos com esta afirmação do Fundador, que encontramos no capítulo 18 de suas Constituições: “*Você precisa ser perseverante no seu empreendimento, porque muitos começam com grandeza de ânimo, mas depois desistem, vencidos pelas demoras. Quem se aborrece pelo cansaço trazido pelas contrariedades ou pelo arrastar-se do seu trabalho, saiba que já entregou a vitória ao seu inimigo, antes mesmo de começar*” (31809). E continua: “*Que adianta começar bem e não acabar bem? Isso não passaria de um cansaço inútil. Hoje, você vê que tudo está prosperando bem: não se alegre. Amanhã, verá tudo voltar-se contra você: não fique triste, mas siga a sua viagem com constância, que você chegará ao fim. Os corações volúveis desagradam muito a Deus, porque foram gerados e nasceram da infidelidade*” (31810). Esta pe a terceira das oito qualidades do Reformador: a **perseverança**. Portanto, não pare, continue sempre adiante, mas não se esqueça: é degrau por degrau!



## VIDA MISTA

**1** A vida ativa inferior e rude consiste nas atividades físicas [corporais], mas a vida ativa nobre consiste nas atividades da alma, tais como arrancar os vícios pela raiz, plantar as virtudes, refrear e transformar a imaginação e os pensamentos.

**2** A vida contemplativa se satisfaz apenas com o que usufrui de Deus [da graça divina] e do [crescente] conhecimento da verdade.

**3** A vida mista, ativa e contemplativa na sua perfeição só é encontrada nesta terra; mas, por outro lado, encontramos a vida mista que partiu desta vida com algumas imperfeições.

**4** A vida mista ainda é imperfeita quando, numa hora serve à vida ativa e na outra a contemplativa, mas ela é boa e perfeita quando abraça as duas ao mesmo tempo na sua perfeição.

**5** Veja o quanto é rara a vida mista, se o próprio Evangelho diz que somente quem escolheu a vida contemplativa, ficou com a melhor [ótima] parte.

**6** A vida mista é maravilhosa mas, para quem abraça coisas opostas, a vida ativa usa a distração e a contemplativa a união. Ora, como encontrar a união distraída e a distração unida?

**7** É muito difícil possuir a vida mista, porque nela devemos unir a ativa e a contemplativa; não que uma confunda ou impeça a outra, mas uma faz a outra ficar mais perfeita, desde que ambas se coloquem em ação ao mesmo tempo.

**8** Já que a vida mista não é impossível para Deus, deve ser muito dese-

jada por quem tem ânimo generoso, porque quanto mais rara e difícil é uma virtude, tanto mais costuma atrair quem tem ânimo grande.

**9** Quem traz em si um espírito triste, se assusta ao ver o tabernáculo da vida mista e, ao querer sempre carregar tristeza, contra a sua vontade, acaba levando alegria a quem possui a vida mista.

**10** Não sei se alguém deva obter esse tipo de vida com seu próprio esforço ou se ela lhe é infundida só por Deus, porque a vida contemplativa recusa agir como a vida ativa deseja. Mas se lembre de que os dons gratuitos não são dados aos ingratos, porque apenas os fervorosos os podem ter.

**11** Ó, que coisa estupenda ver um homem revestido de carne mortal agir com as mãos [trabalhar] ao mesmo tempo que conversa com Deus interiormente!

**12** Esta vida é ociosa no agir e operosa no ócio; isto porque é vida mais que humana e pode ser chamada de angelical, mas é uma incógnita.

**13** Da mesma forma que o Anjo é, ao mesmo tempo, contemplativo de Deus e colaborador na nossa salvação, assim a vida mista, que não se cansa de agir com as mãos e com os pés e, com a mente, contempla a Deus.

**14** Os loucos consideram essas coisas uma maluquice, mas elas são, na realidade, palavras de sobriedade e da verdade.

## **REFLEXÃO ZACCARIANA**

O grande desafio para a vida consagrada nos dias atuais é exatamente equilibrar e harmonizar a vida ativa e a contemplativa. Somos

vítimas do fazer, fazer e fazer, fomos engolidos pelas ansiedades do nosso tempo, pelas exigências da eficiência a todo custo e acabamos por não conseguir viver direito a vida ativa: estamos sempre cansados, reclamando de tudo, dos confrades, dos superiores, do povo e vai por aí. Por outro lado, a espiritualidade não consegue sustentar o trabalho pastoral e acabamos virando “funcionários” do sagrado.

Numa situação dessas, é preciso refazer os passos, retomar o caminho. Para isso, que tal ler e meditar a Carta 3 de nosso Fundador, que é um ótimo roteiro para quem deseja levar uma vida mista que valha a pena. Vamos ver o que a carta recomenda:

- aprender para ensinar os outros
- usar de familiaridade com Deus (com o Cristo Crucificado) na oração
- não se prender às formalidades na oração pessoal
- gerenciar bem o tempo para não perder a sintonia diária com Deus
- rezar os momentos do dia a dia, sem precisar interromper atividades obrigatórias
- administrar bem as distrações, sabendo voltar à concentração
- pedir orientação para quem é experiente nesta área
- passar da oração vocal à oração mental (cf. **31001-03**)
- cuidar de si cultivando as virtudes e arrancando os vícios (pecados) pela raiz.

A leitura da Carta à moda da *Lectio Divina* certamente fará com que o Cristo Crucificado, através de nosso Fundador, dê a você orientações seguras para estar bem alimentado pessoalmente, de tal modo que você “*rezará sempre, de modo que bebendo, comendo, trabalhando, falando, estudando, escrevendo... (1Cor.10,31), você estará rezando e o trabalho, não impedirá a elevação da mente e a ocupação espiritual, nem essas atrapalharão o seu trabalho*” (**10311**).

Fiquemos com estas palavras do nosso santo: “*Caríssimo, ... fazendo de outra maneira, você não cumprirá os deveres que tem perante Deus e o próximo*” (**10312**).

# VISÃO DE DEUS

**1** A visão de Deus é vida eterna, fonte eficiente para todo amado, à qual não se chega, se antes ela não for precedida pela visão do intelecto, acompanhada pelo fogo da caridade.

**2** A fome sempre se sacia nesta visão e a saciedade está sempre com fome; a fome fica sem punição e a saciedade sem incômodo [obstáculo].

**3** Nesta visão sempre se procuram e se acham coisas novas, sem curiosidades, por ócio ou por costume e ela não provoca tédio; e porque Deus é todo bem, a alma jamais se cansa Dele.

**4** Por esta visão, Deus deseja ser visto face a face, embora Ele habite em luz inacessível.

**5** Por esta visão, cada um, de acordo com a própria capacidade, fica tão pleno, que sempre lhe permanecem coisas que nunca acabam [infinitas].

**6** Por esta visão, vemos clamente que Deus é trino, uno e trino, como sabemos agora que uno é um [só Deus] e trino são três [pessoas].

**7** Nesta visão, a mente de cada um estará tão suspensa, como se estivesse fora de si e a liberdade da mente estará tão afetada pelo êxtase, como se nunca tivesse sido livre, mas esta violência dará à mente uma liberdade ainda maior.

**8** Por esta visão, a juventude torna-se maturidade, a velhice florescente, a saúde contínua, o ócio sem tédio e cansaço, a agilidade está [sempre] pronta e a idade pára, não avança.

**9** Por esta visão, a mente é sempre iluminada, a razão ratificada, a vontade saciada e ninguém terá necessidade de ensinar ao companheiro, pois todos estarão plenos de Deus.

**10** Não é o conhecimento tirado dos livros que precede a visão de Deus, mas a preparação trazida por bons pensamentos e o contínuo exercício interior.

**11** Estas são coisas escondidas e secretas, de tal forma que aquilo que se vê com os olhos não o compreendemos e muito menos poderemos narrar o que está acima de nós e se as coisas da terra são incertas para nós, muito mais o serão as coisas celestiais.

**12** É verdade, ó Senhor, que desejando falar da tua Majestade, nos faltam os conceitos e também as palavras, como se Tu pudesses ser compreendido por nós.

**13** É verdade, Senhor que, se sabemos alguma coisa de Ti, podemos dizer que é mais ignorância que conhecimento, mas na verdade, sabemos mais o que Tu não és do que o que Tu és.

**14** É verdade, Senhor, que nós pensamos balbuciando sobre as tuas grandezas e se encontramos tanto alento e ardor quando vemos algo de Ti estando na escuridão das trevas, imagina quando estivermos na luz e se o mínimo conhecimento de Ti é mais desejável do que qualquer coisa criada, o que será possuir-Te plenamente e para sempre?

**15** Senhor, é melhor calar sobre Ti do que tentar explicar a mínima partícula da tua glória, porque Tu ultrapassas incomparavelmente o nosso conhecimento, que é melhor honrar-Te com pureza de vida, do que manchar a tua honra com as nossas palavras. Amém.



***“Você se converterá a Deus, lendo a Bíblia, recitando ou cantando salmos e, mais ainda, oferecendo-lhe sacrifícios: do seu corpo: mortificando-o por amor a Deus, do seu interior: unindo-o a Deus; o maior de todos: a Santíssima Eucaristia. Não é de se admirar que o homem tenha fracassado e se tenha tornado medíocre: é que deixou de participar desse Sacramento. A sua principal conversão para Deus é se alimentar da Eucaristia... ” (20325)***

## *Segunda parte*

Feita a tradução dos *Deti notabili* (1583) com seus respectivos comentários e semelhanças com textos dos Escritos de Santo Antônio Maria Zaccaria (pp 8-136), passamos a publicar dois textos esclarecedores sobre a autoria e autenticidade desta obra de espiritualidade que consideramos muito útil para o nosso crescimento tanto nas etapas da formação inicial como na permanente.

Trata-se de dois artigos do nosso confrade P. Antonio M. Gentili, um dos maiores estudiosos da nossa História e Espiritualidade. Um deles, o que vem logo a seguir, é uma conferência do autor num encontro de espiritualidade na cidade de Lodi, em 1992; o outro, escrito em plena quarentena, da covid 19 em 2020. Sem entrar em maiores detalhes agora, vamos à sua leitura, certamente muito proveitosa.

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

## *Os Ditos notáveis e o espírito de “Padre Zaccaria” através dos séculos*

Antonio M. Gentili

### *I – Os Ditos notáveis sob o crivo da história*

#### *O “nascimento” dos Ditos notáveis*

Em 25 de março de 1583, Giovanni Paolo Folperto assinava em Milão a carta dedicatória dos *Ditos notáveis*, endereçando-a ao cardeal Gabriel Paleotti (1522-1597)<sup>1</sup>, arcebispo de Bolonha e incansável defensor da reforma tridentina. Ali se lê que lhe tendo “chegado às mãos uma pequena obra composta pelo reverendo padre Antonio Maria Zaccaria... homem singular não só pela doutrina, mas antes pela bondade e santidade de vida”, quis “trazê-la à luz”, pois certamente seria “de grande utilidade para aqueles que desejam a virtude e aspiram alcançar algum grau de perfeição no caminho espiritual”. Para dar maior credibilidade aos *Ditos* – “em louvor à obra”, como se lê – o dominicano de Verona, frei Desiderio Anichini, moralista e célebre pregador (dele só se tem notícia de um *Motu brevis* dedicado à preparação para a confissão, impresso em Veneza em 1582, em apêndice ao Confessionário de Girolamo Panormitano OP e de uma não muito precisa *Summa de casibus consfientiae et de censuris*)<sup>2</sup>, dirigia-se aos “piedosos leitores” do opúsculo, assegurando-lhes que “quem, a cada dia, se mirar no espelho, lendo-o e relendo-o, poderá, em breve, se tornar santo nessa vida e beato na outra”

Na publicação de Veneza, precisava-se, imediatamente após o título, que os *Ditos notáveis* eram extraídos de diversos autores. Na edição francesa, impressa em Paris em 1600, extraímos informação mais precisa sobre a origem do texto. Com efeito, Folperto declara: “Recebi essa pequena obra espiritual do beato (note-se a qualificação) senhor padre Antonio Maria Zaccaria, cremonense, de sua madre, senhora Angélica Paola Antonia, muitos anos depois da morte do referido padre”



(de se notar a qualificação de madre que Folperto reivindica para a Negri, o apelativo senhora estando reservado às monjas; de se notar ainda que Antonia em francês é colocada como Atoinette). Nessa edição, não aparece mais a referência aos “diversos autores” e a carta dedicatória ao cardeal Paleotti registra algumas variantes. Além disso, lemos uma elogiosa Approbation, datada de 7 de outubro e assinada por dois doutores em teologia da faculdade da Sorbonne, M. Roguenant, pároco de São Bento em Paris e T. Gallot, que atestam não ter encontrado, no opúsculo em exame, “nada que seja contrário à religião católica, apostólica romana, mas [ter verificado] muitos pontos fortemente necessários e vantajosos para todos aqueles que desejem se encaminhar no sentido da perfeição”, na medida em que se trata de um “livro católico e pleno de chamadas divinas, pois é destruição dos hereges e vida dos católicos”.

Vale recordar que Giovanni Paolo Folperto foi acolhido na Congregação em 1º de janeiro de 1541, deixando-a em 2 de abril de 1554, em razão da visita apostólica e da fidelidade à “divina madre”, a Angélica Paola Antonia Negri (sabemos que morreu octogenário, provavelmente não muito depois da publicação dos *Ditos*). A ele se deve a publicação das cartas que trazem a inconfundível firma A. P. A., publicação essa realizada em duas ocasiões: em 1563 e em 1576. À época em que saiu a primeira edição dos *Ditos*, Folperto, tornando-se sacerdote, era reitor do Colégio situado na rua San Simone, denominado Taegi a partir do sobrenome do fundador, conde Ambrogio, que o instituiu em Milão em 1559.

### *As primeiras reações*

Cumprida essa iniciativa editorial, como dirá padre Gianantonio Gabuzio (1551-1621), «ignaris patribus nostris», vale registrar as primeiríssimas reações de parte dos Barnabitas, não se deixando de notar que, nesse meio tempo (1614), saíra, como veremos, em Milão, uma segunda edição atribuindo os *Ditos* ao Santo, sem especificar que foram extraídos de diversos autores.

De modo verossímil, o primeiro a se pronunciar sobre a pequena obra foi padre Ambrogio Mazenta (1565-1635), autor de uma substanciosa *Historia de origine Clericorum regularium sancti Pauli e da Prolepsis sive brevis informatio de antiquitate et primatu inter tres fundatores Clericorum regularium sancti Pauli decollati et de inchoatione, probatione et fundatione eiusdem Ordinis*<sup>3</sup>, em que, ao invés de atribuir a Antonio M. Zaccaria (1502-1539), atribui ao padre Tiago Antonio Morigia (1497-1546) o primado na instituição dos Barnabitas. Em uma primeira redação do capítulo que levava o título *An Antonius Maria Zaccaria sit primus et unus auctor Congregationis Clericorum regularium sancti Pauli*, lê-se: “Atribui-se a Zaccaria um livrinho de *Ditos* espirituais, falsamente editado sob seu nome por um desertor de nossa Ordem, que não ousava divulgá-lo sob o nome do verdadeiro autor, cujos escritos foram castigados – traduzimos literalmente – pelo santo Ofício da Inquisição. Com efeito, aquele livrinho foi escrito por Battista de Crema, como se pode ver no livro de nossos capítulos. Em 1614, foi novamente editado por iniciativa de um dos nossos, que, desconhecendo os tempos passados e não podendo obter, no presente, a concessão do geral da Ordem, esperou o interregno do penúltimo capítulo geral e, enganosamente, o publicou sem a devida permissão”<sup>4</sup>. Em redação posterior, Mazenta precisa ainda mais: “Apresenta-se nesse momento em particular a ocasião de escrever que, durante o interregno entre os dois capítulos [gerais], apenas realizados, foi divulgado por um cremonense (riscado, lê-se: por um dos nossos jovens cremonenses), sem o consenso dos superiores, o livrinho dos *Ditos* espirituais, sob falso título e carta dedicatória, na qual se diz que seu autor seria Antonio Maria Zaccaria, primeiro e único fundador da Congregação dos Clérigos regulares de São Paulo”<sup>5</sup>. O interregno a que se faz referência deveu-se à nomeação ao bispado, em 1612, de padre Cosimo Dossena, durante o triênio de seu mandato como geral, iniciado no ano anterior. Assumiu o governo da Congregação o próprio padre Mazenta, reconfirmado no cargo dois anos depois, tendo ele, quando da primeira e da segunda

edição italiana dos *Ditos*, atribuído sua paternidade, com conhecimento de causa, ao dominicano frei Battista Carioni de Crema (cerca de 1460-1534), guia espiritual dos Paulinos, julgando a iniciativa totalmente fraudulenta, sem, no entanto, fazer qualquer avaliação da obra em si mesma.

Não obstante a respeitabilidade do ilustre estudioso, o capítulo geral de 1620 decretou que o primado na instituição dos Clérigos regulares de São Paulo cabia a Zaccaria, conforme intervenção dos dois mais ilustres historiadores da Ordem para dar prova disso. Padre Agostino Tornielli (1543-1622), célebre autor dos *Annales sacri*, contestou a tese de Mazenta na então inédita *Apologia primatus admodum reverendi patris nostri Antonii Mariae Zaccariae in Congregatione Clericorum regularium sancti Pauli*. Tornielli cita sobretudo a tese de Mazenta que denuncia uma espécie de fraude por parte de Folperto: “Falsamente, foi atribuída [por Folperto] a Zaccaria a compilação [do livro dos *Ditos*] que não se podia ler sob o nome do verdadeiro autor”, que seria frei Battista de Crema, cujos livros acabaram no Índice em 1552, em seguida ao processo instaurado contra os Paulinos e seu “primeiro padre e fundador”. Para concluir: “Não se esclareceu se o autor do livrinho tenha sido efetivamente o Frei Battista ou o Zaccaria”<sup>6</sup>. Mais adiante, em uma nota à margem, precisa: “É notório que o Battista tenha escrito um livro de Frases, mas não se pode provar que Zaccaria tenha feito o mesmo. E embora pareça bastante provável que essa fraude tenha sido praticada por Folperto, não estamos absolutamente certos desse fato. Consequentemente, julgamos que o citado livrinho possa ser lido em boa fé, restando certo que o padre [Folperto] não deveria ter reeditado o livrinho em questão sem antes promover uma investigação cuidadosa sobre a verdade” dos fatos<sup>7</sup>. Observemos, de passagem, que os historiadores barnabitas são bastante severos na avaliação da personalidade de Folperto, cujas iniciativas editoriais, em todo caso, revelam-se providenciais por ter conservado para nós documentos de primeira ordem sobre a história dos Paulinos. Diríamos, com padre Francesco Luigi

Barelli, historiador da Congregação, que “não devemos nos espantar, pois a força da virtude é grande demais e a virtude dos homens santos se faz louvar mesmo pelos dissolutos”<sup>8</sup>.

Outra voz respeitável é a de padre Gabuzio, contemporâneo de Tornelli. Em carta a Mazenta de 17 de junho de 1618, embora polemizando com a conhecida tese, não pode deixar de concordar com o juízo relativo aos *Ditos*: “... Tendo sido publicado e divulgado temerariamente nos anos passados, em tempos de capítulo geral, sob os olhos de todos os superiores da Congregação – coisa que me desagradou profundamente –, aquele livrinho sob o falso nome de Zaccaria e com aquele prefácio...”. Mais ainda, Gabuzio lamenta que isso tenha sido tolerado...<sup>9</sup>

A Gabuzio foi confiada a redação “oficial” das origens da Ordem na qual, como valente e rigoroso historiógrafo, afirma: “Circula sob o nome [de Zaccaria] um livrinho apócrifo de Frases sobre perfeição espiritual, editado inicialmente em Veneza e posteriormente em Milão, sem o conhecimento de nossos padres. Mas, na medida em que não existe qualquer testemunho, entre nós, de tal obra e tanto o estilo quanto a doutrina indicam outro autor, é lícito julgar que se trate de uma obra falsamente atribuída” ao santo Fundador. “Com efeito – conclui – não é oportuno dar como certas coisas duvidosas e afirmar coisas que não se conhecem”<sup>10</sup>. Há de se notar que Gabuzio deixou três redações de sua História, com algumas variantes sobre nosso tema, mostrando a perplexidade do autor acerca da atribuição dos *Ditos* a Zaccaria. É fato que, na edição publicada em Roma em 1852, o organizador, ninguém menos do que o ilustre biblista padre Carlo Vercellone (1814-1869), omite qualquer referência à pequena obra, àquela altura pacificamente atribuída ao Fundador<sup>11</sup>.

### *A pré-história dos Ditos notáveis*

Nossa pesquisa partiu da data de publicação dos *Ditos* notáveis – 1538. Perguntamo-nos agora se seria possível indagar sobre sua pré-história. Quer dizer: que rastros anteriores àquela data se conservam

nos documentos contemporâneos e nos de nossas origens em relação ao livrinho em questão?

Um primeiro e precioso testemunho nos é oferecido por frei Serafino Aceti de Fermo (cerca de 1496 -1540), coetâneo e companheiro de estudos universitários de Zaccaria. Sincero admirador dos escritos de Battista de Crema, declara-se seu grande devedor. No *Tratado sobre a conversão*, dedicado às Convertidas de Vicenza – “objeto” da primeira missão zaccariana – escreve: “Não sabendo como satisfazer a intenção de vocês, me pus a ler as obras do reverendo frei Battista de Crema, claramente compreendendo que em sua doutrina e bondade expostas de forma tão elogiável não é a obstinação, mas sim o puro zelo da verdade que lhe move. Quisesse Deus que tão santa doutrina fosse espiritualmente conhecida e posta em prática, seria ainda mais adorada (sic), quando, pelo pouco conhecimento das coisas divinas, é por muitos desprezada.”<sup>12</sup> Não só às Convertidas, mas também às Silvestrinas (a quem Serafino endereçou outra de suas pequenas obras, as *Dúvidas sobre a oração*, em memória “do meu e vosso padre senhor Antonio Maria” e “da tão fervorosa virgem Ang[élica] P[aola] Ant[onia]” Negri) eram assim familiares os ensinamentos do frei dominicano. E isso não obstante as reservas postas em relação às suas obras, muitas vezes investigadas durante sua vida<sup>13</sup>. Em defesa de tais obras, ele escreveu uma *Apologia a frei Battista de Crema*, publicada postumamente em 1541. Consistia em uma longa carta endereçada a Giulia Sfondrati, tia de quatro Angélicas e do irmão delas, o futuro papa Gregório XIV. Além disso, reuniu duas obras do dominicano: *Conhecimento e vitória sobre si mesmo* e *Espelho interior*. Na redação definitiva do *Tratado sobre a discipulação* (ou seja, sobre o discernimento), podemos ler referência mais explícita à pequena obra cuja história estamos reconstruindo: “Escrevi, no passado, um brevíssimo tratado sobre a virtude da discipulação... E, tendo lido algumas obras do reverendo padre frei Battista de Crema, reconheci, comparando com sua doutrina, plena de fervor maduro, que escrevi de maneira direta sobre aquela virtude, compreensível somente

pelos fervorosos. Por isso, quis adornar meu livrinho com suas *Sen-tenças*, da mesma forma que se lê que a cornícola se adornou com as penas do pavão.”<sup>14</sup> Padre Innocenzo Colosio (1910-1997), nos anos trinta do século passado, comparou as duas redações do Tratado sobre a discrição, assim como as do Tratado sobre a conversão, mostrando como Aceti retomou intencionalmente não poucos aforismas extraídos dos *Ditos*<sup>15</sup>. Esse será o argumento definitivo para atribuição dos *Ditos notáveis* ao frei de Crema.

Os dados domésticos mais antigos nos são oferecidos pelos *Atos capitulares*, os preciosos diários que os Barnabitas redigiam desde 1544. Em 26 de maio de 1546, se dá como leitura a padre Pietro Paolo d’Alessano (1516-1591), arquiteto da igreja e da casa de São Barnabé em Milão, “de [modo] particular o livro das Frases do reverendo padre frei Battista [de Crema]”. Por outro lado, é verossímil que circulassem outras cópias das Frases, juntamente com os demais livros do dominicano, como se pode deduzir da lista de leituras distribuídas aos religiosos no capítulo de 25 de outubro do mesmo ano e de 17 de abril de 1551<sup>16</sup>.

Quando os Paulinos foram banidos das terras vênetas (19 de fevereiro de 1552) e frei Battista investigado em Roma, o padre geral teve que recolher todas as obras do dominicano e enviá-las ao Santo Ofício. Na carta de 12 de maio de 1552, fornece sua lista. Quanto a nosso tema, são assinaladas duas cópias: “Livro das *Frases*, das mãos desse padre totalmente produzido; livro das *Frases*, escrito a mão, mas subscrito ao final pelo Inquisidor”<sup>17</sup>. Na posse dos Barnabitas restavam assim ao menos dois exemplares das *Frases*, um deles mesmo manuscrito e o outro já munido do *imprimatur* eclesiástico que liberava sua livre circulação, permitindo que fosse impresso.

Por outro lado, a existência das *Frases* deveria ser bem conhecida, na medida em que Anton Francesco Doni (1513-1574), na edição de 1555, de sua Livraria, elenca as seguintes obras de frei Battista: “*Filosofia divina, Caminho de aberta verdade, Vitória e conhecimento de*

*si mesmo, Espelho interior e Frases espirituais”* <sup>18</sup>.

### *Caminhando para a publicação das Frases?*

No início dos anos Sessenta do século XVI, espalhou-se o boato de que se preparava a publicação de obras de frei Battista. Um primeiro testemunho nos é oferecido por padre Giampietro Besozzi (1503-1584), figura nodal nos intrincados acontecimentos que estamos reconstruindo. Escrevendo ao padre geral em 6 de outubro de 1562, embora desejando que o Concílio Tridentino aliviasse a censura sobre as obras de frei Battista, para dar paz a seus herdeiros espirituais, não parecia de forma nenhuma propenso a que, uma vez publicadas, fossem lidas e, menos ainda, divulgadas: “Quanto às coisas daqueles livros [de frei Battista], confesso ingenuamente que gostaria muito que o Concílio os perdoasse, pois seria um grande desagravo para nós, a quem quiseram dar e deram marca [= desaprovação] por causa de tais livros. É verdade que não gostaria que delirássemos [= vibrássemos] sobre eles e que, ainda que fossem liberados, [não gostaria] que os lêssemos, nem persuadíssemos outros a lê-los; mas creio que isso não acontecerá” (cf. “Barnabiti Studi”, 6/1989, p. 179, nota 5). Como se vê, temores antigos e jamais aplacados gravaram-se implacavelmente sobre uma herança digna de juízo bastante diverso.

Outro testemunho vem de padre Niccolò d’Aviano (1509-1584). Em carta ao padre geral, datada de 9 de novembro de 1563, escreve: “Dos livros do padre frei Battista – não sei se deva acreditar [que se pretenda republicá-los] – gosto mais do livro das Frases do que dos outros”. E ainda, dessa vez em uma carta conservada em fragmentos e assim sem data, mas verossimilmente da mesma época: “Um padre de São Pedro [em Cremona] veio a meu encontro, desejando ter os livros do padre frei Battista de Crema, pois tinha entendido que seriam reimpressos. Por [isso], peço que se digne saber se estão disponíveis [= prontos] para impressão e se são vendidos aí, [se] há mais de um, quais são e qual o preço de cada um, depois me avise, quando puder, pois ele



o deseja e me pediu insistentemente”<sup>19</sup>.

Não eram apenas os padres Besozzi e d’Aviano que tinham informações sobre a edição dos livros de frei Battista. Na correspondência com o padre geral, Alexandre Sauli (1534-1592) escreve de Pavia em 28 de janeiro de 1564 que soubera que “se publicam os livros de frei Battista em Milão”. No mesmo mês, padre Giampietro Besozzi, referindo-se às cartas da Negri que tinham recebido a aprovação do Concílio de Trento em junho de 1563, mas cuja publicação fora suspensa no mês de janeiro seguinte pelo Inquisidor (indubitavelmente por iniciativa dos padres, temerosos de que a reabilitação da Angélica trouxesse prejuízos a seu instituto), precisou: “Não sei bem se as obras de frei Battista *também* serão publicadas ou se estão impedidas” pela permanência da censura eclesiástica<sup>20</sup>.

Com efeito, a condenação ao Índice dos livros proibidos, emitida em 1552, em que se vedava a difusão das obras de frei Battista, foi atenuada em março de 1564, com a cláusula *donec emendentur*, de modo que não fossem emendadas. Diríamos, *en passant*, que essa mudança se deveu aos bons esforços da condessa Ludovica Torelli, convertida pelo dominicano, nem todos os Barnabitas se mostrando entusiasmados, a começar do próprio Besozzi, que, temendo perigosas recaídas em prejuízo de sua Ordem, não era do parecer de que “os livros de frei Battista viessem para nossa casa” (carta ao padre geral Gerolamo Marta de 8 de maio de 1564)<sup>21</sup>. De todo modo, não poderíamos deixar de lembrar que os livros de frei Battista deixaram de figurar como suspeitos a partir do Índice de 1900, três anos depois da canonização de Zaccaria. Uma longa espera e, afinal de contas, não generosa.

Mais vinte anos se passariam dessas escaramuças até que fossem publicadas as *Frases*, que, de todo modo, viajariam sob falso nome. Um lapso de tempo tão amplo permitiria que se editasse um texto atribuindo-o a Zaccaria, sem suscitar reivindicações, a não ser no círculo estreito dos encarregados dos trabalhos. Com efeito, tudo faz crer que a intervenção com a qual a autoridade eclesiástica milanesa suspendeu a



publicação das Cartas da Negri em 1564 tenha momentaneamente dissuadido Folperto de promover outras iniciativas editoriais. Posteriormente, o próprio Folperto desviou as publicações para outras cidades, de modo que, em 1576, as Cartas saíram em Roma e sete anos depois os *Ditos* em Veneza.

### *As sucessivas edições dos Ditos notáveis*

Já mencionamos tanto a edição francesa de 1600<sup>22</sup>, a que se seguiu, na mesma língua, outra publicação intitulada *Les hautes maximes de la vie spirituelle* (Lyon 1625), quanto a segunda edição italiana de 1614, impressa em Milão. Essa última saiu com duas dedicatórias diferentes, uma às monjas Angélicas na pessoa de Agata Sfondrati (1566-1631), abadessa do mosteiro de São Paulo em Milão, a quem se deve a compilação dos *Sermões* familiares de São Carlos e a anônima redação das *Memórias* do Zaccaria. A outra se dirigiu às Congregações da Assunção e da Anunciação em Santo Alessandro de Milão. Na dedicatória às Angélicas – “verdadeiras herdeiras e imitadoras das heroicas virtudes e santo fervor de seu Padre” –, após assinalar que “se orgulham de ter sepultado junto delas o corpo” do Fundador, Giacomo Comi, editor e prefaciador da obra, acrescenta: “Esses conceitos espirituais serão como uma doce isca que continuamente nutrirá e conservará não só a memória de seu Instituidor, mas também a própria devoção e aquele bom odor dos santos costumes que desse seu digno mosteiro, a todo momento, se difunde por essa cidade”.

No século XVII consolida-se assim a definitiva e indiscutida atribuição dos *Ditos* a Zaccaria. Padre Lorenzo Torelli (1596-1660), autor de um inédito *Compêndio da vida do venerável servo de Deus Antonio Maria Zaccaria*, apresenta em apêndice os *Ditos notáveis* como Quintessência da vida espiritual<sup>23</sup>. Desses, oferece uma parcial tradução latina, sob o título *Axiomata christianae religiosaeque perfectionis*, até hoje inédita<sup>24</sup>.

O projeto cultivado por Torelli, como se mencionará mais adian-

te, foi retomado por padre Agostino Gallicio, enquanto se aprontava a publicação da primeira história da Ordem, a Synopsis de padre Anacleto Secchi (1585-1636), cuja publicação póstuma dar-se-ia em 1682, aos cuidados de padre Valeriano Maggi (1636-1686). Aí se lê que Zaccaria reuniu, para uso pessoal, Aforismas espirituais, extraindo não só dos santos Padres, mas também da própria inteligência e da própria experiência, aforismas que, finalmente, seriam publicados para uso comum, inicialmente em Veneza e depois em Milão, sendo ainda traduzidos em língua gálica em Lion em 1625 (trata-se da segunda edição francesa). Finalmente, é citada a edição milanesa de 1614<sup>25</sup>. Como se vê, o autor enfeita os insuficientes dados iniciais, enriquecendo-os com detalhes totalmente hipotéticos, quando não inverossímeis.

### *A versão latina*

Dando à nossa pequena obra dignidade e difusão no mundo da cultura, providenciou-se a edição latina de 1670, organizada pelo hagiógrafo padre Giovanni Agostino Gallicio (1593-1681), que foi padre geral de 1656 a 1662, tendo como seu colaborador, na qualidade de Procurador geral, nos anos 1656-1659, o próprio Torelli. Ele dedica seu esforço “especialmente aos religiosos clérigos regulares de São Paulo”, assinalando, com orgulho, que se trata da primeira edição “vinda à luz do seio do próprio Padre”, ou seja, elaborada no seio da Congregação. Atesta Gallicio que pretendeu “traduzir e *compendiar*” aforismas tidos como do venerável servo de Deus Antonio Maria – com efeito, resalta entre parênteses *uti accepimus*, assim como nos foi transmitido –, considerando-os “reliquias devidas aos próprios filhos e entregues pelo próprio pai”. Define os *Ditos* como “documentos verdadeiramente áureos, sábios, nervosos, divinos”, aptos a fazer colher “consideráveis frutos de perfeição e santidade”, se não se contentar “apenas em desfolhar o livro ou fazer uma simples leitura”, mas se for cultivado seu “estudo pertinaz, a meditação e sua colocação em prática”. Segue uma nota ao “cândido leitor”, onde é esboçada sinteticamente a figura de Zaccaria, para concluir com essas expressões: “É admirável como ele

compôs, com tanta perícia, esse opúsculo que, em pouquíssimas palavras, encerra grandes ensinamentos e, em fórmulas sintéticas, concentra tantas quantidades notáveis de frases”. Trata-se de colher o miolo dos “aforismas apimentados e de fortíssimo sabor, cuja eficácia só pode ser percebida através de um estudo árduo”. É preciso, pois, “lê-los repetidamente, meditando sobre eles dia e noite”. Diga-se, porém, que Gallicio tomou não poucas liberdades ao colocar os *Ditos* na língua de Cícero: declara não só ter traduzido, mas também compendiado<sup>26</sup>.

Esse texto conheceu uma segunda edição superiorum permissu (não sabemos, porém, quem a organizou), publicada cinquenta e cinco anos depois, em 1725, trazendo em apêndice a alocução de 4 de outubro de 1534 e algumas cartas do Fundador. Os Axiomata sacra são precedidos de uma nova carta dedicatória (não assinada) “aos veneráveis padres Clérigos regulares de são Paulo”, onde se afirma que os aforismas não são unicamente “herança, mas também imagem do Pai”, de modo que quem deseja conhecer e imitar a vida do venerável Antonio Maria Zaccaria tem apenas que “ler esse libelo e fazê-lo objeto de um estudo atento e diligente”. Com efeito, deve-se à pena daquele que foi “apóstolo de seu tempo, reformador dos costumes cristãos e promotor da vida espiritual”.

### *Uma tradição consolidada*

Nesse meio tempo, no início do século XVIII, padre Francesco Luigi Barelli (1654-1726), após se cimentar na reconstrução da história barnabita com amplitude de informações, publicou à parte a *Vida e Ditos notáveis do venerável padre Antonio Maria Zaccaria* (Bolonha, 1706). Barelli, que “manipulou a seu bel prazer o texto primitivo dos *Ditos*” (Boffito, Biblioteca barnabita, 4, p. 252), dedica seu empreendimento ao cardeal Giacomo Boncompagni (1652-1731), arcebispo de Bolonha de 1690 a 1724. Da carta deduz-se a ligação que unia os Paulinos à família Boncompagni, seja em referência a Gregório XIII, o papa que aprovou as Constituições definitivas em 1579, seja ao cardeal

Francesco Boncompagni (1596-1644), arcebispo de Napoli, que honrou a casa barnabita de Arpino “com uma proteção t]ao proveitosa”. Assinala, finalmente, que duas Angélicas, Paola Costanza e Scolastica Maria, pertenciam à mesma família. Anotemos, de passagem, que Barelli retoma das edições latinas a qualificação de venerável para o Fundador, tendo, para tanto, licença do Santo Ofício através do procurador geral, padre Giovanni Michele Teroni.

Vários autores da Ordem, nesse século, consideravam, àquela altura, sem contestação, a paternidade zaccariana dos *Ditos*. Citaremos, antes de tudo, padre Ambrogio Spinola (1645-1727), historiador e depois bispo em Ventimiglia e Sarzana, autor das *Vitae* dos barnabitas mais ilustres<sup>27</sup>. Julgava-se, no passado, que a biografia do Fundador se devesse à pena de padre Innocenzo Chiesa (1567-1637), considerado como testemunha de primeira ordem da paternidade zaccariana dos *Ditos*, dada a época em que viveu, mas se demonstrou tratar de um escrito do próprio Spinola<sup>28</sup>. De todo modo, é curiosa a anotação um tanto barroca, relativa à homogeneidade do texto e à pertença exclusiva a um único autor: a custo se encontrará em “outros autores” um só dito daqueles próprios de Zaccaria, que resultam assim “conceitos próprios e criativos, à guisa de pérolas na única concha da mente pura do padre, o orvalho que o Espírito Santo lhe infundia... juntando-se à doutrina por ele humanamente adquirida” (Abbiati, cit.).

Não difere a opinião de padre Francesco Pezzi (1673-1743), que, no verbete Zaccaria do inédito *Scriptorum ex Clericis regularibus Congregationis divi Pauli catalogus*<sup>29</sup>, retoma, em essência, o que escreveu padre Secchi em sua *Synopsis*<sup>30</sup>. Outro historiador barnabita, padre Pietro Grazioli (1700-1753), no inédito *De claris scriptoribus Congregationis nostrae*, acrescenta outro dado, aliás bastante vago e até hoje não confirmado, dizendo que os *Ditos* foram publicados também em língua espanhola e alemã “*variis in locis*”<sup>31</sup>.

Apontando a fecundidade dos *Ditos*, pouco depois da edição de Barelli, padre Alfonso Croce (1653-1730) publicava, à distância de sete

anos uma da outra, duas “centúrias” comentando o texto zaccariano. Dedicou seu trabalho ao próprio Fundador, escolhendo duzentos “ditos” e “comprovando-os com outros fatos escriturais e sacros”, além de “virtuosos gestos dos mais renomados filhos” de Antonio Maria, com o fim de “imprimir mais facilmente as máximas espirituais de um Padre de espírito tão prodigioso”. À dedicatória endereçada ao Fundador, segue-se uma advertência ao leitor, em que padre Croce se reconhece “um pequeno Pigmeu [que] deseja engrandecer os magnânimos empreendimentos de um grande Gigante”, declarando ter se servido “da pura narração claramente escritural e do místico sentido confirmado por sérios autores”.

Não diversamente de Croce, os irmãos Marinoni dedicaram grande atenção aos *Ditos*. Padre Giovanni Francesco (1678-1761) retomou dos *Ditos* algumas máximas publicadas em apêndice a *A vida cristã* de padre Sebastiano Colome (1712-1788), Milão 1859, pp. 169-174. O irmão Giovanni Pietro (1690-1758), autor das inéditas *Memórias em torno da vida, virtudes e façanhas do venerável Antonio Maria Zaccaria, primeiro fundador de nossa Congregação, diligentemente reunidas e pessoalmente descritas nesses caderninhos ...*<sup>32</sup>, deixou um manuscrito que se ajusta amplamente a nosso libelo: os *Atestados sobre algumas virtudes e dons particulares, recolhidos em vários manuscritos que se conservam no arquivo de São Barnabé, e de vários escritos impressos, concernentes à vida e às gloriosas ações do padre dom Antonio M. Zaccaria*<sup>33</sup>

### *Os Ditos e o processo canônico de Zaccaria*

No começo do século XIX, verifica-se um fato novo: têm início os processos canônicos que, no longo percurso de todo um século, conduzirão Antonio Maria à honra dos altares. Em 19 de novembro de 1817, padre Carlo Giuseppe Mantegazza (1750-1824), postulador da causa, apresentou ao processo diocesano (MI) a lista dos escritos relativos a Zaccaria. Quanto aos *Ditos*, foram registradas as seguintes

edições: *Detti notabili raccolti ecc.*, pp. 72 (ed. 1583); *Ouvres* (sic) *spirituelles ecc.*, pp. 209 (ed. 1600); *Detti notabili...*, com prefácio de Giovanni Giacomo Comi, pp. 141 (ed. 1614); *Axiomata sacra...*, pp. 221 (ed. 1670); *Axiomata sacra...*, pp. 240 (ed. 1725).

O processo “consultivo” de Milão para as obras impressas – trata-se de um recenseamento destinado a reunir testemunhos sobre candidato aos altares – realizou-se em 15 de dezembro de 1817, tendo como responsável um certo Ercole Peri<sup>34</sup>. Desembocando a causa em Roma, antes de se tomar em consideração o heroísmo das virtudes praticadas pelo Servo de Deus, na Congregação de 8 de março de 1825 estabeleceu-se que se deveria proceder à avaliação dos escritos. Àqueles (julgados) de atribuição segura, acrescentou-se “enfim, um sacro libelo tendo por título *Ditos notáveis*. Autor desse libelo, ainda que alguns o atribuísem a padre Giovanni Battista de Crema, é o Servo de Deus, como se deduz da primeira edição italiana, impressa em Veneza, por Giovanni Battista Somasco em 1583, traduzida para o latim sob o título *Axiomata sacra* e publicada após quase cento e quarenta anos, ou seja, em 1725, em Milão por Giovanni Pandolfo Malatesta”.

A inserção da frase “ainda que alguns o atribuísem a padre Giovanni Battista de Crema” não deve ser subestimada, não obstante os revisores, com excessivo desembaraço, tenham contornado o obstáculo sob o peso de uma tradição ininterrupta favorável à paternidade zacariana. Desmentiu tal atribuição Gaetano Bugati (1745-1816), prefeito da Ambrosiana de Milão, de quem vale a pena recordar o juízo formulado no processo canônico ordinário: “Os escritores posteriores acrescentam [entenda-se: aos outros escritos] o livro dos *Ditos notáveis*, ou seja, axiomas espirituais, de que temos várias edições italianas, francesas e latinas, todas tendo na capa o nome do Servo de Deus. Mas, são muito sérios os argumentos que me persuadem de que tal criação seja totalmente suposta, dependente unicamente da fé de padre Folperto, que providenciou a primeira edição italiana e a primeira francesa, que não me parecem, de forma nenhuma, úteis. Basta-me observar que os mais antigos escritores barnabitas, isto é, Tornielli e Gabuzio, o pri-

meiro na Dissertação contra Mazenta e o segundo no capítulo XVIII de sua História da Congregação, abertamente rejeitaram a atribuição desse escrito; às razões por eles expostas, eu poderia acrescentar algumas outras talvez até mais fortes, se não temesse me alongar mais do que o devido na presente discussão crítica”<sup>35</sup>. Tudo indica que, estando Bugati morto há uma dezena de anos, seu parecer também tenha sido desconsiderado nas fases posteriores do processo canônico.

### *O exame dos escritos*

Do exame dos escritos ficou encarregado um Teólogo revisor, que redigiu algumas *Anotações*, nas quais apresenta nove censuras, seis relativas aos *Ditos* e três às *Constituições*. Vejamos as relativas aos *Ditos*. As passagens questionadas dizem respeito aos verbetes *Amor* (n. 18-20; 25); *Oração* (n. 10; 21; 24), *Paciência* (n. 13) e *Penitência* (n. 7).

a) *Amor*. Ao censor parece existir contradição entre a visão negativa do amor mundano do qual se origina o amor-próprio e a afirmação de que o amor-próprio pode ser bom, ao induzir o temor da pena que o mal traz consigo. Como tal temor é servil, não pode ser considerado uma coisa boa, não se podendo, portanto, afirmar que o amor-próprio produza bons frutos.

b) *Oração*. A segunda censura diz respeito ao dito: “*Se alguém se conhecesse bem, eu não sei se poderia pedir uma recompensa a Deus neste mundo e até no outro*” (Oração, n. 10). Parece ao censor que tal dito negue o papel do “mérito” claramente reconhecido no Tridentino: “As boas obras do homem justo não são de se considerar dons de Deus a tal ponto de não serem também méritos do próprio homem”.

A terceira censura diz respeito aos n. 21 e 22 da edição latina, que, como veremos pouco adiante, difere sensivelmente da original. Com efeito, lê-se: “Aqueles que envelheceram na prática da oração a Deus, às vezes deixam de pedir e de esconjurar, chegando a esse método [de oração] mais nobre, consistente no agradecimento. Da parte



daquele cujas súplicas e cujos votos impetram [graças divinas], convém que, às vezes, diminuam os pedidos de modo a se enriquecerem de maiores graças”. No número seguinte, afirma-se que os que chegaram a tal grau de oração devem reconhecer “expressamente terem conseguido um particular e divino privilégio”. Assim formulados, os ditos em questão parecem dar a entender que a oração de pedido perde valor, sendo essa, no entanto, recomendada pelas Escrituras. O texto original (n. 20 e 22. O n. 21 diz respeito à oração de são Domingos) é decisivamente menos categórico na contraposição das duas diferentes modalidades de oração.

A quarta censura ainda diz respeito à Oração (n. 24). O texto latino diz: “Deus dá essa especial iluminação aos que ama, os que se consideram maiores devedores em relação a Deus por aquilo que lhes negou do que por aquilo que lhes concedeu. Os que se elevaram a esse auge de oração penetram com maior profundidade do que os outros as vísceras da divina bondade e providência”. Ao censor essa afirmação soa absurda, como se não devêssemos agradecer a Deus também por seus benefícios. Na realidade, o texto italiano é muito menos paradoxal. Com efeito, diz: “*Qualquer um pode saber qual agradecimento, quer pelos benefícios recebidos, quer pelos negados, foi mais bem aceito por Deus, quanto mais souber que foi atendido por Ele*”.

c) *Paciência*. A quinta censura diz respeito à Paciência (erroneamente, está escrito Penitência), no Dito n. 13, onde se afirma que inutilmente pede tal virtude quem não quer penas e tormentos. Mas, mesmo quem se recusa a sofrer pode pedir a paciência àquele Deus que suscita em nós o querer.

d) *Penitência*. A sexta censura remete aos ditos sobre a Penitência. O n. 7 diz (e aqui italiano e latim estão conformes): “*O verdadeiro penitente tem uma sede e uma fome inextinguíveis de justiça, de ser escarnecido e de todo tipo de mal*”. Ao censor tal afirmação parece negar a misericórdia divina.

É certo que atenua sua reprimenda, invocando a boa-fé do Ser-



vo de Deus e assinalando que ele viveu antes do Tridentino. De todo modo, seu veredito soa bastante explícito: Sou levado a afirmar que tal doutrina, considerada em si mesma, deva ser vista como ao menos próxima da heresia... (Censura I, II) , contém uma evidente heresia... (Censura III), é suspeita de heresia... (Censura IV, V), reconhecida como heresia... (Censura VI).

### *Resposta às censuras*

Apresentado o juízo do Teólogo revisor à Congregação de 16 de dezembro de 1826, essa estabeleceu que se procedesse a um exame posterior mais cuidadoso, no qual confluíu o parecer do Promotor da fé, Virgilio Piscitelli e do Consultor da Congregação dos santos, o frei eremita de santo Agostinho Giuseppe Perugini (1759-1829), bispo titular de Porphyreon na Fenícia e Sacristão de Sua Santidade.

A resposta às Adnotationes do Teólogo revisor foi transmitida ao cardeal relator da Causa, Pietro Vidoni Soresina (1750-1830), pelo Promotor da fé Piscitelli, trazendo ao final as assinaturas do advogado Giacinto Amici juntamente com Francesco Bartoleschi, a que se segue o certificado de revisão por parte de Luigi Gardellini, Subpromotor da fé.

Tal resposta é precedida por um *Judicium* e um *Votum*. O *Judicium* de Perugini observa, antes de tudo, que, por causa da perda dos originais dos escritos do Servo de Deus e dos inevitáveis remanejamentos devidos aos organizadores das sucessivas edições, vale o princípio estabelecido por Bento XIV (*De servorum Dei beatificatione et canonizatione*, 2, 34, 6), no sentido de que a Causa não deva ser por isso interrompida, se o candidato aos altares resulta, por outros caminhos, ortodoxo na doutrina e virtuoso na vida. Acrescenta que, na leitura dos *Ditos*, seja no texto italiano, seja no latino, não encontrou nada que não exprimisse um sentido católico. Cita, enfim, o apreço expresso de historiadores como Gabuzio (sic!), Gallicio, Grazioli e muitos outros, a que se devem somar os Doutores da Sorbonne e o parecer de Mazzucchelli

na obra *De Italiae scriptoribus*.

O *Votum* de Piscitelli, Promotor da fé, após a leitura das Censuras do Teólogo e do Defensor, também resulta favorável ao prosseguimento da Causa. O parecer positivo leva a data de 22 de março de 1828.

Passemos à resposta às *Anotações* por parte do Promotor da fé, assinadas por Amici e Bartoleschi e revistas por Gardellini. Respeitadíssimos escritores como Gabuzio, Gallicio, Grazioli, Mazzucchelli, Barelli, Folperto e os Doutores da Sorbonne, elogiaram a pequena obra, considerando-a (e aqui se cita Anichini) “ápice da perfeição cristã, derrota dos hereges e vida dos cristãos, livro católico rico de chamadas divinas”. Tendo sido unânime e constantemente apreciados, é preciso entender que o Teólogo revisor, ao examinar os *Ditos*, se mostrou mais um fiscal do que um perito... Com efeito, todos os que os examinaram em vista da publicação – em Roma, Milão, Bolonha, Paris, Veneza e em outros lugares, em língua italiana, espanhola, alemã, latina, francesa – elogiaram-nos sobremaneira, como aptos a obter a perfeição cristã. Tendo em conta, além disso, que não existe o manuscrito dos *Ditos*, tem-se notícia de ter sido encontrado o *editio princeps* de 1583 “apud nescio quem secularem virum fortuito reperta; fortuitamente achado com algum secular”, assinalando-se que a versão latina registra discrepâncias em relação a esse texto. O que dá maior peso ao que prescreveu Bento XIV.

As censuras do Teólogo dizem respeito à edição latina. Todavia – sustenta-se – devem ser refutadas. Limitar-nos-emos a reportar a síntese das respostas impressas à margem da *Positio super revisione scriptorum* de 1828. Censura I: “O Servo de Deus fala do amor-próprio, conforme razão que é dom de Deus com o qual o penitente, consciente dos erros cometidos, está em guarda para não recair neles”. Censura II: “O Apóstolo, escrevendo ter combatido o bom combate, não pede a Deus, mas alivia Timóteo na fadiga e considera suas obras dons de Deus”. Censura III: “O que o Servo de Deus escreveu sobre não insistir sempre em um mesmo modo ou grau de oração retoma o próprio exer-

cício da oração e o que é considerado virtual na oração torna-se real”. Censura IV: “Devemos ser mais devedores a Deus por um benefício que nos há negado do que pelo que nos concedeu, na medida em que nos nega aquele tendo em vista a salvação eterna”. Censura V: Deus doa a capacidade de suportar a quem a deseja e não a rejeita”. Censura VI: “Os que dispõem da perfeita e incomum virtude de suportar preferem ser punidos nesse mundo pelas faltas cometidas, para não serem condenados com esse mundo”.

O exame dos escritos, resultando favorável, aplainava o terreno para o reconhecimento do heroísmo das virtudes, sancionado na Congregação geral de 18 de junho de 1833. O decreto correspondente seria, porém, suspenso, por causa da dependência de Zaccaria em relação à doutrina de frei Battista de Crema, dependência essa julgada um obstáculo à causa<sup>37</sup>. “Muitos podem suspeitar – assim Gregório XVI motivava a decisão – que o venerável Zaccaria tenha aderido à reprovada doutrina do Padre de Crema. Dessa suspeita podem se servir os inimigos da santa Sé” (Pró-memória de Gregório XVI, 29 de setembro de 1835).

No ano seguinte ao citado *Pró-memória*, o egiptólogo padre Luigi Ungarelli (1779-1845) editava a primeira bibliografia barnabita dada a publicação, incluindo na recensão os *Ditos notáveis* como obra originária de Zaccaria, sem qualquer menção à questão da paternidade<sup>38</sup>. Cem anos depois, seu digníssimo herdeiro, padre Giuseppe Boffito, mostrar-se-á, como veremos, mais crítico.

### *Duas novas edições no século XIX*

Aguardando que o sucessor do papa Cappellari retomasse a causa, com a superação do obstáculo, os Barnabitas mantiveram viva a esperança de ver glorificado seu Fundador, repropoendo os *Ditos* após mais de um século da edição italiana anterior de Barelli. Mas, não se deixe de notar a ironia da sorte. A fama de santidade de Zaccaria e seu culto também estavam ligados ao mais conhecido de seus escritos, que não eram seus, mas daquele frei Battista, cuja doutrina, considerada

errônea, deixou em compasso de espera os processos canônicos!

Estamos em 1843, ano em que saiu a edição dos *Ditos*, organizada pelo bolonhês, com pouco mais de trinta anos de idade, padre Alessandro Gavazzi (1809-1889), figura discutida como religioso e patriota que, após seis anos, abandonará a Congregação para dar vida à Igreja livre cristã na Itália. É preciso ressaltar que, entre as versões latinas e as paráfrases italianas, o ditado original genuíno fora alterado em vários pontos, dando vida a textos – sustenta o nosso padre – que “deixam muito a desejar”. Foi, assim, tarefa de Gavazzi apresentar-nos os *Ditos* “em sua primeiríssima forma e integridade”. Para isso, ele declara ter “se servido de várias edições, sobretudo da primeira francesa, tão elogiada em razão de sua fidelidade, a ponto de parecer um livro italiano”. Ele se diz “orgulhoso de um raro e particular presente”, que permitiria aos confrades “terem sempre” consigo os *Ditos* do Fundador, nos quais se encerra (sublinhou) “a herança de seu espírito”.

Poucos anos após a edição de Gavazzi, dedicou-se ao empreendimento um religioso de grande prestígio, o arqueólogo Luigi Bruzza (1813-1883), ele também nos seus trinta anos. Recorde-se que, em 2 de fevereiro de 1849, Pio IX, exilado em Gaeta, após longa espera, assinara o decreto que atestava o heroísmo das virtudes de Antonio Maria, na presença do cardeal barnabita Luigi Lambruschini (1776-1854), ex-Secretário de estado de Gregório XVI e então Prefeito da Congregação dos ritos, exatamente a que presidia à causa dos santos. Naquela ocasião, padre Bruzza procedeu a nova edição dos *Ditos*, considerados o escrito que melhor veiculava a espiritualidade do Fundador e que podia se gabar de “singular mérito de invulgar doutrina”. Recordando que a obra fora traduzida em várias línguas e registrara não poucas edições, nosso padre lamenta que “a diversidade e variedade de ditados” era tal que não se sabia “bem qual se poderia ter como texto verdadeiro”. Ficamos sabendo, então, que foram encontradas duas cópias da edição original, em Bolonha e em Gênova (essa última sem as páginas que continham o prefácio e a dedicatória), enquanto se dava como perdida

a conservada em Roma<sup>39</sup>.

Bruzza registra, assim, o aviltamento das edições anteriores que apresentavam “um escrito alterado com arbítrio e falta de diligência”: “Encontramos, em diversos capítulos, ora algumas frases interrompidas, ora outras reunidas sob um mesmo número; e, nas traduções, além de algumas frases terem sido excluídas ou reajustadas arbitrariamente, outras ainda foram acrescentadas sem que jamais estivessem no texto primeiro, ao qual temos o prazer de nos conformarmos inteiramente, sem alterações ou acréscimos, tendo despendido não poucos esforços e diligência para reduzi-lo à ortografia correta e sincera lição, já que, por, falta de cuidado do tipógrafo naquela primeira edição, o texto estava repleto de erros”. Espera-se, enfim, que “outros, possuidores de melhor doutrina, republiquem os demais escritos menores” (interessante a qualificação de “menores” em relação aos Ditos), auspício que longas décadas de espera finalmente traduziram em realidade. O texto de Bruzza é bastante respeitoso do original, salvo uma ou outra expressão colocada em italiano corrente para facilitar a leitura.

O então encaminhado processo de canonização e as edições recentes facilitam a difusão dos Ditos. Padre Spirito Corti (1813-1885), em apêndice à anônima *Vida do venerável Antonio Maria Zaccaria etc.*, Milão 1849, publica “Alguns dos Ditos notáveis”, que padre Ignazio Pica (1835-1915) traduz para o francês nos *Ècrits choisis*, Paris 1894.

### *As edições mais recentes*

Mais um século passará até que se vejam novamente editados os Ditos. Dessa vez, por obra de um bibliófilo de exceção, padre Giuseppe Boffito (1869-1944), que dotou o texto de 1583 de um exemplar aparato crítico, no qual não deixa de registrar as incongruências devidas a prováveis remanejamentos sucessivos feitos no texto original<sup>40</sup>. Publicou a pequena obra em apêndice ao IV volume da monumental *Biblioteca barnabita*, portanto, em um pequeno volume à parte, vindo à luz em 1936 pela tipografia da Livraria editora florentina. Com uma certa

elegância, padre Boffito intitulava diversamente, como já o fizera em obra maior, a capa (*Ditos notáveis de um Santo do Século XVI*) e o frontispício (*Ditos notáveis de santo Antonio Maria Zaccaria*), fazendo-se, desse modo, intérprete das perplexidades que se tinham adensado sobre a paternidade da obra, inclusive após as contribuições de padre Orazio Premoli, historiador de frei Battista e da Ordem barnabita<sup>41</sup>. Com efeito, lê-se no cartãozinho de apresentação: “quer se queira atribuir a compilação ao dominicano frei Battista de Crema, quer, como é mais provável, ao santo Fundador dos Clérigos regulares de são Paulo (Barnabitas)”. Ao registrar os *Ditos* no verbete “Zaccaria” da *Biblioteca barnabita*, Boffito termina com essas linhas: “Tanto é: até quando não surja nenhum fato novo ou não se encontre algum documento novo, a questão parece sem saída. Se, por exemplo, algum dia se encontrasse algum novo escrito das Frases de frei Battista, certamente não se tardaria a chegar a uma conclusão que talvez pudesse ser definitiva”<sup>42</sup>.

A honesta conclusão a que chegou Boffito, deixando transparecer a via de saída, não deixou, no entanto, de repropor a antiga questão sobre a paternidade que, dali a pouco, teria uma resposta que nos parece definitiva. Para dizer a verdade, desde o início do século XX, padre Ignazio Pica, no ensaio que citamos, lamentava que “há cinquenta anos, há uma quase unanimidade” em negar a atribuição dos *Ditos* a Zaccaria<sup>43</sup>. Não nos é fácil documentar uma afirmação tão categórica, ainda mais que, nos cinquenta anos sucessivos, a paternidade zaccariana, se não negada por todos, certamente, resulta bastante redimensionada. Com efeito, após a edição de Boffito, o padre dominicano Innocenzo Colosio deu o golpe de misericórdia que já mencionamos<sup>44</sup>.

### *Uma das obras-primas da espiritualidade italiana”*

Padre Colosio reivindica, antes de tudo, o caráter “original e unitário” dos *Ditos* notáveis, considerados “em grande parte, um trabalho de peso”. É bem verdade que se trata de um conjunto de aforismos, pela própria natureza não concatenados rigorosamente como um discurso

contínuo; no entanto, deve-se reconhecer que, em cada verbete disposto alfabeticamente (embora nem sempre exatamente), existe um coerente fio condutor remetendo a um pensamento bem articulado. Mas, deixemos a palavra ao afiado dominicano, que ilustra essa tese com dois argumentos:

“a) Em cada capítulo, as frases geralmente se seguem em uma bela concatenação lógica, o que não se verificaria facilmente se as frases fossem tiradas daqui e dali. Além disso, o capítulo se abre com a definição, às vezes genérica, do título. Dentre essas definições, há algumas belíssimas, como por exemplo no capítulo II Caridade n.1: *“Através da Caridade, isto é, do amor de Deus, é que somos amados por Ele, para “saboreá-lo”; é também pela Caridade que nós amamos a Deus para honrá-Lo”*; capítulo III *Compunção* n.1 *“A Compunção é uma doçura sensível da mente causada quer pelo demônio, quer pela natureza, quer por inspiração divina”*; capítulo IV *Contemplação* n.1 *“A contemplação é um conhecimento delicioso da verdade sem discursos, quer dizer, sem cansaço”*; capítulo VII *Distração* n.1 *“A distração é a alienação [distanciamento] da mente em relação ao seu fim e do que é orientado para tal fim”*; capítulo X *Fervor* n.1 *“O bom e santo fervor é fogo do Pai, esplendor do Filho e chama do Espírito Santo”*. O primeiro capítulo é um verdadeiro pequeno tratado ordenado sobre o “Amor”. Frases n. 1-17, teoria geral sobre o amor e seus efeitos; n. 18-31, o amor mundano e o amor próprio; n. 32-40, o amor racional; n. 41-55, o amor de Deus. Não é que todos os capítulos sejam assim tão bem ordenados como esse primeiro tão belo. Mas, há certa ordem em todos e, geralmente, quase todos os capítulos podem ser facilmente divididos em suas partes: as frases nunca são erráticas, sempre tendendo a se reagrupar em subseções.”

“b) Todas as frases são ligadas entre si por uma grande unidade de doutrina, de método e de expressão. A exaltação das batalhas espirituais, a ironia contra a ciência mundana, a cordial aversão à tibieza, a frequente recomendação do absoluto desinteresse, os frequentes acenos à com-



pleição fisiológica como causa de determinadas situações espirituais, o estímulo à generosidade magnânima, a consideração da liberdade espiritual como um dos mais belos frutos da perfeição, a insistência sobre a experiência na vida espiritual – esses são alguns dos motivos fundamentais recorrentes em toda a pequena obra. Expressados com palavras características lhe conferem um inquestionável sabor de coisa vivida, sentida, pessoal”<sup>45</sup>.

Mais além dessa valoração de conjunto que anula a hipótese de compilação, padre Colosio desenvolve quatro argumentos que provam “diretamente” a paternidade battistiana dos *Ditos*: 1) “*O artifício estilístico das ‘palavras antônimas’*, do tipo “chorando ri e rindo chora”. Pode-se recordar, para que nos entendamos, “a vivacidade espiritual e o espírito vivo” de Zaccaria. 2) “*Os arroubos auto apologéticos*”, que padre Colosio vê contidos especialmente no capítulo sobre os *Excessos no falar*, onde o autor sustenta que existe uma modalidade paradoxal de se expressar própria do homem espiritual, não diferente daquela dos antigos profetas, resultando chocante e escandalosa para a maioria. 3) *Consonância doutrinária* com outras obras do próprio frei Battista de Crema: “Seria muito fácil pegar as obras de Battista, reconhecidas como genuínas, e fazer uma ampla seleção de trechos paralelos às *Frases*”. 4) E, chegamos ao argumento que desata o nó da questão: “*O uso dos Ditos notáveis, feito pelo contemporâneo Serafino de Fermo*”<sup>46</sup>.

Após o claro pronunciamento de padre Colosio, o debate se enriqueceu com outras vozes. Padre Virginio Colciago (1908-1993) fez um balanço da situação com o artigo publicado em “*Eco dei Barnabiti – Studi*”<sup>47</sup>, enquanto padre. Tiberio Abbiati (1883-1968) oferecia dupla contribuição, sustentando que Zaccaria poderia ser considerado se não autor, talvez redator dos *Ditos*<sup>48</sup>. Finalmente, no 450º ano da morte de frei Battista (1º de janeiro de 1534), veio a contribuição de Antonio Gentili<sup>49</sup>.

Sintetizando as diversas opiniões do lado barnabita, pode-se concluir que, sob o peso de uma tradição secular, além do amor ao pró-



prio Pai, objetivam ver reconhecida a presença de Zaccaria, ao menos na redação dos *Ditos*. Antes de tudo, trata-se do único escrito (se se abstraem algumas cartas e a alocução de 1534) que, como tantas vezes lembrado, veiculou sua espiritualidade através dos séculos, até o início do século XX, com a canonização obtida! Com efeito, pôde-se constatar o grande crédito de que gozou a pequena obra no curso da história não só dos Barnabitas, mas também das Angélicas, a quem foi dedicada a segunda edição italiana. Os biógrafos do Santo e os autores de obras sobre sua espiritualidade sempre recorrem aos *Ditos notáveis*. A esses se referia, em tempos mais próximos de nós, Cristina Campo (1924-1977), a refinada escritora conquistada para a causa da espiritualidade, antepondo ao 2º parágrafo de “*A flauta e o tapete*” o dito (**Compunção 15**) assinado por santo Antonio Maria Zaccaria: “*A compunção que traz a salvação é um sinal seguro da ação divina na alma, pela qual ela se embebe do divino bem querer*”<sup>50</sup>. Da mesma forma, Campo, ao organizar anos antes a primeira edição dos *Ditos e fatos dos Padres do deserto*<sup>51</sup>, não deixava de ressaltar como “no Ocidente, aqueles ensinamentos, após serem apenas aparentemente abafados no desastre universal do Renascimento (pois, entre os contemplativos de antiga cepa, jamais se interromperam), reemergiram na misteriosa Contra Reforma. Torna-se a saboreá-los inalterados no cardeal Bona, monge cisterciense, em santo Antonio Maria Zaccaria (obviamente se refere aos *Ditos*), em Lorenzo Scupoli”..., o teatino autor do *Combate espiritual*, bem próximo do pensamento de Battista de Crema.

### *Com as mãos e com os pés*

Quase de surpresa, sob o título *Mondatori em todo o sagrado*, Giovanni Santambrogio apresentava no jornal “Sole 24 Ore” de 20 de fevereiro de 2000, a nova coleção dos místicos, coordenada por Marco Vannini. “No programa – afirmava – encontramos a recuperação de figuras como Antonio Maria Zaccaria (1502-1539), fundador dos Barnabitas”. Lendo essa chamada, lembrei-me de ter falado dos *Ditos*

*notáveis* com Leonardo Mondatori, quando esse veio me encontrar em San Carlo ai Catinari em Roma, com a intenção de levar a cabo a ideia de uma nova série de pequenas publicações que divulgassem grandes e pequenas obras primas da espiritualidade cristã. Apressei-me em indicar-lhe um texto justamente considerado por Colosio como “uma das obras primas da espiritualidade italiana do século XVI”<sup>52</sup>, o que o dominicano não deixou de apresentar ao próprio Vannini, que, em abril de 2000, organizou exatamente para Oscar Mondatori “*Homens e Religiões*”, um pequeno volume com indicações bibliográficas duplamente imprevisíveis. Dá como seu autor “Padre Zaccaria”, nome que evoca os monges do deserto, atribuindo-lhe como título uma expressão tirada dos *Ditos: Com as mãos e com os pés*. A Introdução, ainda que cuidadosa, não traz novidades substanciais, deixando em aberto a busca das fontes que constitui, antes mesmo da busca da paternidade, o que verdadeiramente está em jogo para um enfoque crítico do texto, de modo a iluminar sua notável consistência. É o que pretendemos, agora, levar em consideração.

### *Uma triplíce ordem de chamadas*

A paternidade de Battista, assim como a proximidade ao pensamento de Zaccaria, estão documentadas através da consulta das obras publicadas do primeiro e do segundo. Uma comparação com as de frei Battista mostra, com toda evidência, que se esforçaria inutilmente quem pretendesse encontrar os *Ditos* tais e quais nos escritos do frei, o que exclui que sejam fruto de uma compilação. É bem verdade que não são poucos os substanciais paralelos existentes. Bastaria a demonstrá-lo o confronto entre o que lê sobre vida ativa, contemplativa e mista no *Espelho interior* e as mesmas vozes nos *Ditos*<sup>53</sup>. Enquanto, no entanto, nas outras obras publicadas, frei Battista procede com uma oratória periódica, aqui o ditado é de tipo sentencioso e, portanto, sintético.

O paralelismo com os escritos de nosso Santo foi buscado, com atenção escrupulosa, pelo padre brasileiro José Meireles Sisnando

(1913-1992), atento estudioso do Fundador e incansável defensor da paternidade zaccariana dos *Ditos*. Dele se conserva, datilografada, uma dupla contribuição. A primeira, com 23 páginas, remonta a 1971 (*Ditos notáveis de santo Antonio M. Zaccaria*). Após uma breve notícia histórica, ilustra as Semelhanças com as obras do Fundador. Depois dele, não poucos cotejos entre os *Ditos* e os escritos de Antonio Maria foram documentados no *Prontuário para o espírito*, organizado pelos padres A. Gentili e G. Scalese<sup>54</sup>. Resta examinar a última ordem de chamadas, vale dizer, a busca das fontes. Providencial ponto de partida é a segunda contribuição do padre Meireles, publicada em junho de 1974, sob o título *As fontes dos "Ditos notáveis"*. Em 52 páginas documenta-se como, além das Escrituras, fontes privilegiadas foram obviamente Tomás de Aquino (cerca de 1220-1274) e os autores a que se reporta em seus escritos, os *Ditos dos Padres do deserto* (citando expressamente Antão Abade), João Crisóstomo (344/47-407), Agostinho (354-430), João Cassiano (360-435ca.), Gregório Magno (cerca de 540-604), João Clímaco (cerca de 575 - cerca de 650), Bernardo (1090/91-1153), Boaventura (1217/18-1274), a *Imitação de Cristo*, além de outras fontes menos frequentes, sem esquecer os escritores dominicanos, como Catarina de Sena (1347-1380), Domenico Cavalca (1270-1342) e Giovanni Dominici (1357-1419), ele também citado expressamente no dito **Religioso 8** (e erroneamente dado como João Clímaco, não se sabe porque, a partir da edição latina de 1670).

Pode-se afirmar, sem temer desmentidos, que os *Ditos* constituem uma pequena “suma” de ascese e de mística. “A parte ascética – escrevia Paul Lecourieux (1865-1951) no Proêmio à edição de Boffito – nos oferece uma análise psicológica fina e profunda” (p.V). Quanto à mística, padre Lecourieux sublinhava a ênfase com a qual o autor propõe como resultado da meditação e da oração mental a prática contemplativa, expressão do despertar do coração, sob a ação do Espírito Santo, como um resultado normal da vida espiritual.

## II. A “doutrina” dos Ditos notáveis

A despeito de sua estrutura, que reagrupa aforismos sob vozes específicas, dispostas (mas, nem sempre) em ordem alfabética, os *Ditos notáveis* dificilmente podem ser tidos como uma doutrina orgânica e completa. Por exemplo, sobre as *virtudes* e os *vícios*, se oferecem chamadas fragmentárias. Fala-se de *Amor-Caridade* (aos quais se poderia juntar o *Ciúme espiritual*), em duas vozes que, somadas, chegam a uma centena de frases; mas, não se fala em *fé e esperança*, a não ser de passagem dentro de outros temas. Quanto às virtudes morais, destacam-se a *Humildade* e a *Paciência*. O mesmo se diga quanto aos vícios: além da *Ira* e do *Ócio*, é dada uma relevância muito particular à *Tibieza*.

É consistente o conjunto das vozes que evidenciam o caráter de sabedoria da vida interior. Fala-se difusamente do *Espírito* entendido como humano; da *Ciência espiritual*; do *Mestre*; do *Excesso de fala*; entendido como modalidade característica de quem se expressa na paradoxal franqueza evangélica e movido pelo Espírito Santo; da *Liberdade*; da *Discrição* ou discernimento; e finalmente de *Sonhos e aparições*, pondo-se em guarda contra credices e enganos. Essa seção se conclui com uma ampla visão da quádrupla *Tentação: humana, diabólica, angélica e divina*.

Sem dúvida, a parte mais conspícua é a reservada à oração interior, considerada expressão da “mística teologia” (**Mestre 9; Tibieza 10**). Além de se deter sobre as clássicas decomposições de *Meditação*, *Oração*, *Contemplação*, *Rapto* (o êxtase) e *Visão de Deus*, são aprofundados aspectos estritamente conexos, como a *Contrição* e a *Devoção* (duas vozes em certos aspectos paralelas); o *Fervor* com o correspondente *Furor*; a *Distração*; a *Penitência* e as *Lágrimas*. Na conclusão, enfrenta-se um tema basilar das doutrinas espirituais: a *Vida mista de ação e contemplação*.

Uma voz independente é a que trata do *Religioso*, em que reaparecem vários temas desenvolvidos em outras vozes. Não se trata do único caso em que um dado argumento registre chamadas em outras

seções além de sua própria. Valha por todos a referência ao “mestre”, que encontramos em pelo menos cinco seções: *Furor*, *Humildade*, *Ira*, *Espírito* e sobretudo *Ciência espiritual*.

O leitor atento não deixará de notar, de um lado, o profundo enraizamento bíblico, especialmente paulino, e a ausência de referências litúrgico-sacramentais, acenadas somente de passagem, dada a própria natureza da obra que se coloca sob um plano de ordem mística. Sobre a confissão e a comunhão, por exemplo, fala-se a propósito da *tentação diabólica*: “*Se você quer curar o endemoninhado, faça com que ele se confesse e comungue frequentemente, mas que se rompam as forças do inimigo com estar armas*” (Tibieza 27). No que se refere à oração litúrgica, temos apenas uma advertência, como quando se fala do túbio que “*O túbio, quanto à aparênci, parece cuidar do culto divino, mas é só quanto à cerimônia exterior, para impressionar*” (Tibieza 13). O autor quer que se evitem “*orações de fachada e estrepitosas*” (**Devoção 6**) e estigmatiza aqueles que “*se emocionam e choram diante de uma bela cerimônia ou ao escutar uma homilia bem elaborada e persuasiva*”, advertindo que “*nós bem sabemos, afinal, da utilidade deste choro*” (**Lágrimas 36**).

Nessa linha, coloca-se a sutil polêmica, não apenas anti filosófica, mas também anti teológica. Frei Battista, em seu provocador anti-intelectualismo, desconfia da “*filosofia inútil [que não dá frutos]*” (**Ciência espiritual 27**), do “*estudo por curiosidade*” (**Lágrimas 25**) e, mais genericamente, de qualquer espécie de curiosidade, considerando na *Ciência espiritual* “*uma pobre velhinha é mais entendida na ciência espiritual do que muitos teólogos estudiosos da Santíssima Trindade e de outros mistérios*” (22). “*Esta ciência*”, ele especifica, “*supera todas as outras ciências e confunde os filósofos e teólogos tolos e arrogantes, mesmo não tendo a força exterior da literatura, pela qual não tem muito apreço*” (**id.12**).

*Primado do amor*

O que toca nos *Ditos* é a fina penetração psicológica da vivência humana: bastaria examinar o capítulo sobre o *Amor* e suas diversas facetas, assim como o capítulo sobre a *Paciência*. No primeiro, afirma-se que “*o amor é o fundamento de todo bem e de todo mal*” (**Amor 3**), adicionando-se que mentiria quem dissesse não ter pecado no amor, se esse impulso ínsito à natureza humana se não o freiasse “*com orações e outros meios espirituais*” (**id. 9**).

Como se vê, aflora, desde as primeiras tiradas, a visão harmônica entre natureza e graça, assim como o forte apelo à iniciativa humana enquanto contrapartida dos dons divinos. Feita essa observação preliminar, passa-se a ilustrar as diversas modalidades do amor. Quanto ao amor-próprio, que aqui é «*o começo de todos os males e a privação de todos os bens*» (**Amor 21**), sustenta-se, com uma visão radicalmente otimista, que «*O amor próprio não terá nenhuma imperfeição ou pena na pátria, mas será sumamente alegre e estará todo em Deus*» (**id. 31**). Ao contrário, o amor racional, ou seja, conforme a razão, é «*princípio de todo bem*» (**ibid. 33**) e quando voltado para Deus «*traz em si o apaixonar-se pelo próprio Deus e nos transforma Nele* » (**Amor 39**). A relação com Deus, em termos de enamoramento, expressa perfeitamente a visão do autor, que se coloca nos rastros do magistério de são Bernardo e são Boaventura. Com isso, chegamos à última expressão do amor, aquele para com Deus: «*O amor de Deus é uma ferida contínua aberta no coração, acompanhada por uma alegria permanente*» (**id. ibid. 53**). E ainda, no capítulo seguinte: «*A Caridade é um coração ferido que sempre ri chorando e chora rindo, não conhece castigo e medo e se alegra nas tribulações e angústias*» (**Caridade 6**). O autor escreve, sem meio termos, que adquirir, conservar e aumentar esse amor comporta a «*imitação de Cristo*» e o exercício das «*obras virtuosas e cristãs*» (**Amor 45**): «*O amor de Deus não pode estar naquele que não ama todas as pessoas, porque a imagem de Deus está em todos*» (**id. 47**). Amor que até mesmo privilegia o inimigo: «*A caridade nos traz o conhecimento do que precisamos sobre os adversários, a tal ponto que*

*nos beneficie, pois somos devedores a eles como amigos e benfeitores»* (**Caridade 25**).

A segunda voz dos *Ditos* apenas aprofunda o amor para com Deus, a Caridade, comentando especialmente o hino paulino da Primeira aos Coríntios. Em seguida, se toma a estreita relação que liga o amor de Deus e a oração, considerada como sua expressão culminante. A caridade é fonte da perene memória de Deus (**Caridade 4**): “*Esta caridade persevera continuamente pela oração e, muitas vezes, o espírito se abandona em Deus naturalmente*” (**Caridade 37**).

Sempre sob o perfil psicológico, o longo capítulo sobre a *Paciência* é uma verdadeira joia de introspecção, a começar do primeiro dito, onde se revela que, sob a cor da tolerância pode-se esconder até mesmo a vaidade (**Paciência 1**). Afirma-se categoricamente que “*Quem deseja verdadeiramente padecer, embora viva, já está morto e já experimentou todas as delícias [ternuras] da carne e não pensa em voltar atrás*” (**Penitência 37**) e sobre o religioso que não vive com coerência a própria profissão declara-se, sem meias palavras, que faliu duplamente, pois “*o religioso teme mais ter grande abundância de consolações espirituais e de bens temporais, do que passar necessidade*” (**Religioso 36**).

### *Uma “teologia” afetiva*

Antes de prosseguir na tentativa de fazer emergir as estruturas que conduzem aos ensinamentos contidos nos *Ditos*, assinalamos como esses se caracterizam por radicalismo e voluntarismo. A polêmica contra a preguiça, o ócio (a esse se dedica toda uma voz) e à “*mais gtave negligência*” (**Penitência 26**. Cf. Compunção 22; Devoção 12; Distração 1.11; Mestre 23; Meditação 21; Espírito 20; 27.38-39; Tentação humana 6-7; Visão de Deus 3) é implacável e recorrente, receitando-lhes o remédio nesses termos: “*Aquêle que gosta de servir a Deus nunca será ocioso e não lhe faltará tempo, porque o amor de Deus manda embora o ócio e a memória do juízo final faz o ocioso tornar-se solícito*” (**Ócio**



14). Não menos premente é o apelo ao *combate espiritual* (Religioso 34; Rapto 17; Tentação diabólica 16-20) escandido com termos como “vencer” e “vitória” (Amor 11.28.34; Distração 34; Ira 7; Meditação 7.11; Ócio 9; Religioso 14; Tentação humana 6.11; Tentação duvuna 16.18). Devemos nos esforçar acima de nossas próprias forças (**Tentação humana 10**) e “*Vale pouco ou nada querer ter a vitória e não superar a si mesmo e ao demônio*” (**Tentação humana 11**). Somente nos despindo do amor-próprio, isto é, praticando um ódio santo (**Amor 37**), puro (**Caridade 2**), desmedido (**Fervor 7**) de si, podemos obter vitória: “*Quem se despe do amor próprio vence o mundo; isso só é concedido aos perfeitos*” (**Amor 28**). A desmoralização do amor-próprio e de suas consequências alcança singular profundidade, ao se afirmar “*Não pode existir suplício eterno no inferno, se não estivesse fundamentado no amor próprio*” (**Amor 29**).

Não menos importante é a dimensão afetiva, aliás já realçada pelo padre Paul Lecourieux no *Proêmio* à edição organizada por Boffito, quando fala dos “*sensos místicos*” e da ação do Espírito, verdadeiro protagonista da vida espiritual. Dele afirma-se que é a única fonte da verdade (**Espírito 4**) e que opera “*a harmonia interior*” (**Contemplação 17**); sua graça proscree a *preguiça* (**Tibieza 38**), na medida em que “*Deus não costuma pressionar os preguiçosos e os negligentes*” (**Paciência 12**); confere paz (**Liberdade 15**); suscita a chama do “*bom e santo fervor*” (**Fervor 1**) e o prazer das lágrimas (**Lágrimas 12.37**); inspira o mestre (**Espírito 12**) e age diretamente no discípulo (**Ciência espiritual 32**); enfim, o Espírito Santo é “autor” do êxtase (**Rapto 7**).

Inquestionavelmente são obra do Espírito Santo, o sabor, o prazer e o deleite que acompanham a vida espiritual. Quem a pratica saboreia o “*servir a Deus*” (**Ócio 14**), a “*oração*” (**Oração 2**), a “*doçura da virtude*” (**Lágrimas 39**). A partir da premissa de que “*chorar de alegria no Espírito Santo*” (**Lágrimas 37**) é fonte de “*alegria que vem de Deus*” (**Rapto 16**), a prática do amor a Deus fará “*parecer suma alegria e contentamento*” o sofrimento e a morte (**Caridade 36**). Quem



tem bom coração chorará “*alegria no Espírito Santo*” (**Lágrimas 37**), espalhará “*lágrimas de plena alegria*” (**Lágrimas7**) e “*exemplo*” (**Religioso 25**), suportando “*com alegria*” as tribulações (**Paciência 39**). O homem espiritual vive “*todo imerso na alegria do seu Senhor*” (**Rapto 17**), e quem se encontra raptado pela contemplação “*é como o órgão de Deus, cheio de diversos sons de alegria*” (**Rapto 8**). Cabe notar que, com frequência, vem destacado o caráter musical e canoro da vida interior (**Compunção 15; Contemplação17**).

Considerações análogas podem ser feitas sobre o deleite que acompanha sobretudo a prática da oração. O autor parte do luminoso princípio de que “*o amado não costuma negar coisa alguma ao amante*” (**Oração 8**). Daí se segue que a meditação “*é o princípio do saborear interior*” (**Meditação 7**); “*A oração é o elo pelo qual a alma querida se une a Cristo, o querido*” (**Oração 3**); a contemplação “*é um conhecimento delicioso da verdade sem discursos, quer dizer, sem cansaço*” (**Contemplação 1**); “*A visão de Deus é ... fonte eficiente para todo amado*” (**Visão de Deus 1**). A referência ao deleite é particularmente recorrente no capítulo sobre a contemplação: “*A verdadeira contemplação cristã está sempre no coração de seus amados*” (**Contemplação 10**); sua mente “*é levada com a doçura do amor do Amado e sem violência*” (**Contemplação 21**); “*é muitíssimo doce o abraço que ele [o contemplativo] dá no seu Amado*” (**Contemplação 22**). “*Seria melhor procurar a paz interior com poucas orações fervorosas, do que sufocar o próprio espírito com muitas orações frias*” (**Devoção 7**); o fervor perfeito se traduz “*em um hábito delicioso*” (**Fervor 16**).

### *Graça e diligência*

Acenamos ao fato de que os *Ditos* trazem em sua indispensável interação entre dom e dever (cf. Fervor 18), iniciativa e consenso, graça e diligência, para utilizarmos os termos clássicos. A contemplação é considerada “*a ação mais nobre do homem*” (**Contemplação 4**) que “*se adquire com o esforço*” (**Contemplação 5**), mas importa a escuta da

harmonia interior que o Espírito santo opera na alma e a obediência “*e obedece a diversas vozes e movimentos do mesmo Espírito*” (**Contemplação 17**). A relação entre graça e diligência é ainda mais ressaltada quando o autor fala da vida mista. “*É muito difícil possuir a vida mista, porque nela devemos unir a ativa e a contemplativa; não que uma confunda ou impeça a outra, mas uma faz a outra ficar mais perfeita, desde que ambas se coloquem em ação ao mesmo tempo*” (**Vida mista 7**). “*Não sei se alguém deva obter esse tipo de vida com seu próprio esforço*”, acrescenta-se, “*ou se ela lhe é infundida só por Deus, porque a vida contemplativa recusa agir como a vida ativa deseja. Mas se lembre de que os dons gratuitos não são dados aos ingratos, porque apenas os fervorosos os podem ter*” (**Vida mista 10**).

Nessa linha colocam-se os repetidos destaques dados quando se trata da *oração*. Da meditação se diz que, de início, “*é cansativa*” (**Meditação 1**), mas que “*é o princípio do saborear interior e da mudança de vida para melhor, abre caminho para o conhecimento pessoal e para a vitória sobre si mesmo*” (**Meditação 7**). Quem deseja chegar à oração deve “*romper com sua vontade própria ... e deixe tudo alegremente à vontade de Deus*” – note-se o matiz – “*e confia com grande temor à benevolência divina*” (**Oração 28. Cf. id. 30**). Somente assim verificar-se-á como “*a oração pela qual nós oramos a Deus é boa, mas é muito melhor aquela pela qual Deus ora em nós com gemidos inenarráveis*” (**Oração 5**), onde os suspiros verdadeiros lembram o quanto São Paulo afirma sobre os “gemidos” que o Espírito Santo faz ecoar no coração dos que oram. Até mesmo o êxtase exige nossa contrapartida. A alma pode se preparar para ele, na condição de que “*saiba que lhe são necessárias a modéstia de vida, a meditação assídua, a oração permanente e a contemplação cristã; por isso não pode levar uma vida imunda*” (**Rapto 9**). Analogamente, alcança-se o ápice da vida espiritual, a visão de Deus, não com “*o conhecimento tirado dos livros ... mas a preparação trazida por bons pensamentos e o contínuo exercício interior*” (**Visão de Deus 10**).

No que se refere à oração, poder-se-ia recordar a centralidade

da morte (e do inferno: **Compunção, 13**) como tema de “... *meditação profunda sobre a morte, ...*” (**Lágrimas, 14**), que ocupa praticamente a metade dos ditos sobre esse argumento (**Meditação 9-21. Cf. Contemplação 28; Distração 12**). Trata-se de adquirir “... *memória piedosa da morte ..., que vem pela graça*” (**Meditação 13**). Além disso, a diferença entre meditação cristã, ou seja, religiosa e meditação filosófica: a primeira, ainda que mínima, é “*mais deliciosa, sublime e clara do que a maior contemplação da Filosofia*” (**Contemplação 8**; a segunda “*é imperfeita e pode conter algumas paixões negativas*” (**id. 6**), na medida em que “*querer contemplar sem ter vencido as paixões, nada mais é do que enganar-se a si mesmo*” (**ibid. 9. Cf. Descrição 8**). Enfim, a doutrina dos dois olhos contemplativos, conforme prevaleça na oração interior o aspecto discursivo, ou a visão, ainda que obscura (**Contemplação 18.20. Cf. Humildade 7**). A contemplação que se nutre do discurso natural, de doutrina adquirida, ou de inspirações divinas (**Contemplação 24**), “*mesmo que seja doce para a alma, não é perfeita e pode ser completamente representada [como os atores numa peça teatral]*” (**Contemplação 25**), anota com fina profundidade. Enquanto é perfeita a contemplação na qual “*só o contemplativo conhece e escuta a harmonia interior que o Espírito Santo opera na alma e obedece a diversas vozes e movimentos do mesmo Espírito*” (**Contemplação 17**). Tal contemplação, que se manifesta em um “*ver o Deus desejado como novidade de vida*”, importa a mística morte de si mesmo, que é a “*morte dos justos*” (**Contemplação 28**), afirma-se, citando Clímaco. Segue que a tal grau “*não se chega por nenhum outro caminho, que não seja o [caminho] da mortificação*” (**Contemplação 30**).

### *Oração e ascese*

Evidentemente, o tema da oração importa, como se disse, toda uma série de reflexões paralelas sobre a devoção, a contrição, as lágrimas. Aqui, basta notar que a contrição é definida como “*uma doçura sensível da mente*” (**Compunção 1**) e “*um sinal seguro da ação divina*

*na alma, pela qual ela se embebe do divino bem querer*” (**Compunção 15**). Essa se alimenta da meditação “*na pobreza e na morte de Cristo*” (**Compunção 17**), embora não escondendo a ambiguidade devida à ressonância que a prática interior tem na esfera emocional e afetiva do homem. Não muito diferentes são as observações relativas à devoção. O verdadeiro devoto “*fica com a mente sempre sintonizada com Deus e voltada para Ele*” (**Devoção 5**) e não só resultará “*num crescimento interior nutrido por verdadeiras virtudes*” (**Discrição ?**), mas, todo inteiro, a buscar “*ganhar as almas*” (**Devoção 6**), de onde emerge a finalidade apostólica da vida espiritual.

Deixamos de nos deter sobre as lágrimas, expressão peculiar da contrição e da devoção. Trata-se de lágrimas que trazem “*uma alegria contínua*” (**Lágrimas 3**) e operam a transformação dos espíritos para melhor (**Lágrimas 31**). Chegamos, então, à vida mista de ação e contemplação, na qual confluem oração e ascese. Com efeito, o autor logo precisa que existem dois tipos de vida ativa: uma “*inferior e rude, consiste nas atividades físicas [corporais]*” e outra “*nobre: consiste nas atividades da alma, tais como arrancar os vícios pela raiz, plantar as virtudes, refrear e transformar a imaginação e os pensamentos*” (**Vida Mista 1**). A vida mista de contemplação e de uma similar “*ação*” é considerada “*mais preciosa do que qualquer tesouro*” (**Contemplação 14**), definida como “*maravilhosa*” (**Vida mista 6**) e “*estupenda*”, enquanto vemos o homem “*agir com as mãos [trabalhar] ao mesmo tempo que conversa com Deus interiormente*” (**Vida mista 11**). Para, em seguida, concluir, aludindo ao episódio de Marta e Maria: “*Veja o quanto é rara a vida mista, se o próprio Evangelho diz que somente quem escolheu a vida contemplativa, ficou com a melhor [ótima] parte*” (**Vida mista 5**).

Dizíamos que a vida ativa coincide com a ascese. A proposta do autor é, de um lado, o símbolo do fervor que proscree a tibieza, o ócio, a negligência, o atraso, “*coisas fantásticas*”, curiosidades e distrações e “*coloca os fervorosos no mais alto grau de liberdade*” (**Fervor 12**) e, do outro, o símbolo da discrição que confere moderação e medida. A

essas vozes são reservadas amplas digressões. O estilo da ascese pode ser apreendido em um dito: *“As lágrimas autênticas nascem das vigílias moderadas, dos jejuns e da oração mental permanente; estas práticas são rejeitadas pelos negligentes”* (**Lágrimas 27**)

A propósito, é esclarecedor o capítulo sobre a Penitência. A interior é dita necessária, consistindo na *“mortificação da vontade e das próprias paixões”* (**Penitência 29**), enquanto a exterior *“é útil para alguns e prejudicial para outros”* (**Penitência 1**). Com efeito, *“a penitência interior e nas coisas espirituais é mais dura e mais frutuosa que a exterior, com os maus tratos ao corpo”* (**Penitência 30**). Daí segue-se que *“quem faz penitência exterior sem o “tempero” do discernimento [da discrição], deveria arrepender-se, pois não faz verdadeira penitência”* (**Penitência 35**). É preciso, pois, que haja moderação no jejum (**Penitência 38**), na aflição da carne (**Penitência 44**) e que se evite a *“abstinência exagerada”* (**Religioso 12**), tendo-se em conta a idade, a compleição física e os hábitos, na medida em que é necessário *“respeitar sua natureza, pois, desgastá-la seria indiscrição [falta de juízo]”* (**Penitência 46**). Com efeito, *“quem pratica a penitência exterior sem discernimento [discrição]”* (**Penitência 36**), não faz penitência. O verdadeiro resultado de qualquer ação penitencial, a começar do *“jejum moderado”* é *“a integridade da mente e a pureza da castidade”* (**Penitência 38**). Vamos reler, em síntese, dois ditos que aparecem respectivamente sob as vozes Furor e Penitência, inclusive para mostrar a repetição de temáticas idênticas: *“Os jejuns, as vigílias, as disciplinas e outras asperezas semelhantes, tornam-se, para o furioso, ocasião para revelar-se a si mesmo”* (**Furor 12**); *“Se o furioso se priva por algum tempo das coisas necessárias, em outro momento se recupera em coisas supérfluas”* (**Furor 13**). E ainda: *“O jejum, as vigílias e outras mortificações corporais são boas quando se mortifica a carne de tal modo que não fique impossibilitada de fazer o que é necessário”*

**(Penitência 42)**; *“Lembra-te, ó penitente indiscreto, que Deus não se agrada daquilo que tu arrancas violentamente do que te é necessário”* **(Penitência 43)**.

### *Vida conforme o Espírito Santo*

Sobre essas bases se desenvolve a vida segundo o espírito. O que se entende por “espírito” humano é exposto na voz homônima com abundância de referências, em sua maioria atinentes ao livro da Sabedoria. A aquisição do espírito importa a presença de um mestre e de seus ensinamentos (**Espírito 2**), mas, sobretudo, a ação do Espírito Santo, que *“fala à alma tal como a língua ao ouvido e ensina todas as verdades”* (**Espírito 4**), de modo que suas palavras, *“mesmo sem som, são mais compreensíveis do que qualquer coisa sonora”* (**Espírito 3**). De tal modo, tornamo-nos espirituais em nossos *“pensamentos e obras”* (**Espírito 7**).

Tal espírito *“ensina a adorar o Senhor em espírito e verdade”* (**Espírito 9**); doa *“a ciência literária e acrescenta a espiritual”* e a fala de quem o possui incendeia *“o coração”,* e *“derrete” os ouvintes em Cristo* (**Ciência espiritual 9**), de modo a deixar as coisas terrenas e aspirar às divinas (**Espírito 13**).

Como já dito, para despertar tal espírito, tem grande importância o mestre, perito em *“mística teológica”* (**Mestre 9**). Seu papel se deve ao fato de que *“a obediência de Cristo quer que o benefício para um seja levado pelo outro”* (**Mestre 17**). Ao autêntico mestre – é expressivo o retrato do inautêntico *“mestre vaidoso no vestir, que faz muitas perguntas [que fala muito], que fica curioso para saber de detalhes e que é apressado para julgar os outros”* (**Mestre 10**) – corresponde o discípulo, cuja indispensável virtude é exatamente a obediência, conforme os ensinamentos e o exemplo de Cristo, obediência essa cuja importância é ressaltada em diversos ditos (**Mestre 25-26; 31-41**).

Evidentemente, o mestre é dotado da ciência espiritual e a ensi-



na ao discípulo. Tal ciência espiritual é objeto de uma voz específica, e existe “*não só porque vem do espírito, ou porque trata de coisas espirituais, mas porque torna espiritual quem a possui*” (**Ciência espiritual 1**). A “*ciência espiritual foi rara nas fases anteriores da vida*”, mas “*atualmente*” – acrescenta o autor – “*só se acham seus vestígios*” (**Ciência espiritual 18**), na medida em que “*são raros os que querem ensinar e também os que querem aprender*” (**Ciência espiritual 30**). Fontes da ciência espiritual são as Escrituras, “*as quais não podem ser compreendidas de nenhuma forma pelos curiosos*” (**Ciência espiritual 21**). Isso indica que de fato sua mensagem não é acessível a todos. Quem, no entanto, a possui goza da liberdade do espírito, bem distante da soberba que “*leva à negação da fé em Deus e ao afastamento da Santa Mãe Igreja*” (**Liberdade 11**), e pode, eventualmente, se expressar com aquele “*excesso da fala*” (**Cf. Caridade 34.35**) sobre o qual os *Ditos* têm uma página memorável, considerada por padre Colosio autobiográfica, no sentido de espelhar o estilo de vida do Dominicano. Se a liberdade é um dom do Espírito Santo (**Liberdade 1**), não a encontramos a não ser “*nos que têm um coração generoso e, por já terem conseguido a vitória total sobre si mesmos, se tornaram filhos de Deus*” (**Liberdade 5**). A verdadeira liberdade, porém, não se consegue sem Cristo (**Liberdade 6**); ao contrário só a possuímos “*quando estamos verdadeiramente a serviço de Cristo*” (**Liberdade 2**), de tal modo que “*quem está em tudo sujeito a Deus, sujeitará todas as coisas*” (**Liberdade 8**).

### *O edifício espiritual*

O edifício espiritual tem como fundamento a humildade, da qual nasce a ciência espiritual (**Humildade 4**) e que refulge em Cristo, o “*verdadeiro humilde*” (**Humildade 26**). Maravilhosos os ditos que tratam da humildade de Cristo, do 26 ao 36. A humildade provoca o conhecimento da “*tua nulidade*” (**Humildade 39**) e a discrição ou discernimento (**Humildade 46**), em que reside “*o grau mais alto*”

**(Discrição 27)** da perfeição. Será a discrição a nos orientar no exame da origem e da natureza das tentações (vimos que pertencem a quatro espécies: humana, diabólica, angélica e divina), na avaliação de sonhos e aparições, assim como no julgamento do estado de fervor ou de furor em que se encontra o homem espiritual.

Em todo caso, um dado constitui o aspecto peculiar do homem espiritual: a “paciência”, vale dizer aquela *“pressão da tribulação”* (**Paciência 17**) que necessariamente acompanha os seguidores de Cristo: *“Ninguém pode aproximar-se de Deus sem paciência voluntária acompanhada de tribulações”* (**Paciência 3**). É unicamente através dela que alcançamos o conhecimento de nós mesmos, a maturidade na oração, a derrota da tibieza (cf. **Paciência 17**). Quem entendeu a lição mata a si mesmo e adquire *“a verdadeira vida”* (**Paciência 28**): *“Ó meu leitor, não demore mais para morrer perfeitamente [para os vícios]”,* – adverte nosso autor – *“porque assim você ficará perto da ressurreição”* (**Paciência 54**).

Se quiséssemos ainda ver como se encarna o radicalismo evangélico, a prática espiritual vivida em sua inteireza, só nos resta percorrer os trinta e seis ditos sobre o Religioso. *“Se quiser compreender em que situação você está,”* – assim adverte aos que se consagram a Deus com a profissão dos votos –, *“veja se o seu coração ocupa mais o tempo em pensamentos superiores a você, ou inferiores e vãos; dessa forma, conhecerá quem você é”* (**Religioso 18**). Com efeito, *“o verdadeiro religioso acrescenta mais fervor ao fervor, mais fogo ao fogo, mais virtude à virtude, mais desejo ao desejo e em pouco tempo, ótimo ao {que já é} ótimo”* (**Religioso 31**); ele *“não se lembra das coisas passadas e não se preocupa com o futuro, mas, no presente, está sempre fixo na eternidade”* (**Religioso 34**) e *“está unido a Deus em todo tempo e lugar; ele só pensa em Deus e Dele fala e só faz as obras de Deus; ele, em pouco tempo, está mais em Deus do que em si mesmo”* (**Religioso 30**). Ao contrário, os falsos religiosos, de quem o autor oferece um quadro de provocante realismo, *“não têm Deus interiormente”* (**Religioso**



3) e inverte a ordem das virtudes, colocando “o mal em lugar do bem” (**Religioso 10**).

### *Constante amparo em Cristo*

O que emerge nos Ditos, conferindo-lhes um acentuado caráter evangélico, não é apenas a negação da “teologia filosófica e contestatória” (**Tibieza 10**) e a afinada preferência da “teologia mística”, mas, sobretudo, o constante amparo em Cristo, do qual é preciso “*ter experi}encia*” (**Tibieza 10**), de modo a poder “*falar sobre Cristo*” (**Mestre 11; Ciência espiritual 17**), apaixonando os ouvintes.

De Cristo se exalta e se propõe como modelo, como se viu, a humildade, a obediência e, agora acrescentamos, a pobreza (**Compunção 17**), a penitência (**Penitência 22**), a paciência (**Paciência 4.27**). A meditação deve despertar a memória de sua vida (**Meditação 9**) e sobretudo convergir em sua paixão e morte (**Caridade 17; Devoção 9; Lágrimas 1**), de modo a se empenhar na “*exigente imitação de Cristo*” (**Amor 45**), considerando que ele foi morto também pelo menor de nossos defeitos (**Penitência 20**). Desse modo, o cristão será capaz de sofrer voluntariamente por Cristo (**Paciência 34.36.38.44; Tibieza 23**) e, em seu nome, operar a morte de si mesmo: “*Se Cristo diz que devemos arrancar os olhos e cortar pés e mãos quando nos escandalizam, por qual razão não os eliminamos [matamos] totalmente em nós mesmos para conseguir a verdadeira vida, sem que eles [olhos, mãos e pés], estando vivos, nos atrapalhem, permanecendo em nós?*” (**Paciência 28**).

Cristo é fonte de verdadeira liberdade interior (**Liberdade 2.6**) e dele se aprende a ciência espiritual: “*Quem quiser aprender esta ciência, deve aspirar ao [conhecimento do] Cristo crucificado e deve amar a cruz de todas as tribulações, porque esta doutrina não foi feita para pessoas fracas e delicadas, para criancinhas e afeminados, para tibios e negligentes, para soberbos e cheios de si, para os distraídos e para os que estão dominados pelas paixões*” (**Ciência espiritual 13**). “*Só pode tornar-se imortal quem for verdadeiro amante da Cruz*”, lê-se no

dito sobre a Paciência (**Paciência 51**).

Cristo é o Dileto com o qual se confabula na oração: “*you can talk always with Christ, present in your heart*” (**Oração 13**). Com efeito, “*the prayer is the link by which the beloved soul unites itself to Christ*”, esquecendo-se de si e dos outros (**id. 3**). Quem reza coloca as próprias reivindicações “*in the hands of Christ*”, sabendo que “*the beloved does not refuse to deny anything to the lover*” (**ibid. 8**) e que a reivindicação “*we put ourselves completely in the hands of Christ, who loves us dearly*” (**id. ibid. 9**). Além disso, “*the true pray-er presents himself before the eyes of Christ, to see if the situation in which he finds himself pleases or displeases Him*” (**Oração 7**).

### Conclusão

Essa rápida passada de olhos é suficiente para fazer com que todos nós tenhamos vontade de retomar a familiaridade com um texto mercedamente considerado não apenas expressão da espiritualidade dos Paulinos e de seu Fundador, mas também uma suma preciosa de ensinamentos ascético-místicos de extraordinária vivacidade e perene atualidade.

Eupilio, 11 de julho de 2002.

### NOTAS AO TEXTO

1. P. PRODI, *Il cardinale Gabriele Paleotti (1522-1597)*, voll. 2, Roma 1959 e 1967.

2 Cf J. QUÉTIF-J. ECHARD, *Scriptores ordinis Praedicatorum*, Parigi 1721, 2, p. 257.

3 ASBR (Arquivo histórico dos Barnabitas, Roma), M.e.9; M.e.4.

4 ASBR, M.e.5, p. 5.

5 ASBR, M.e.6, p. 1.

6 ASBR, M.d.6, p. 52.

7 ASBR, M.d.6, pp. 63-64.

**8** F.L. BARELLI, *Memórias... da Congregação dos Clérigos regulares de são Paulo*, Bologna 1703, 1, p. 172.

**9** ASBR, Y.b.8II, int. 3.

**10** *Historia Clericorum regularium sancti Pauli*, ASBR, M.f.6, p. 74.

**11** Cf *Historia, ecc.*, Roma 1852, p. 72. Detém-se sobre esse particular o padre Ignazio M. PICA, *Sobre um opúsculo atribuído a santo Antonio M. Zaccaria*, «*Revista de ciências históricas*», Pavia 1908. Separata, pp. 10-11.

**12** *Obras espirituais*, Piacenza 1570, p. 182.

**13** O. PREMOLI, *História dos Barnabitas no Século XVI*, Roma 1913, p. 109, nota 2.

**14** *Obras espirituais*, cit., pp. 241-242.

**15** Battista da Crema O.P. (+1534) autor dos “Ditos notáveis”, «*Vida cristã*», 1937, pp. 171-199.

**16** Cf. *Atos capitulares*, ASBR, S II e S III, nas datas indicadas. Cf PREMOLI, *História*, cit., pp. 494-499.

**17** PREMOLI, *História*, cit., p. 510.

**18** A.F. DONI, *Livraria*, Venezia 1555, p. 30. Cf PREMOLI, *História dos Barnabitas*, cit., p. 470, nota 2

**19** ASBM (*Arquivo histórico dos Barnabitas de Milão*), *Pasta amarela* 18, fasc. 5.

**20** *Correspondência relatada por PREMOLI*, *História*, cit., p. 472.

**21** ASBM, *Pasta amarela*, fasc. 8.

**22** Um único e precioso exemplar dessa está conservado na biblioteca barnabita da Casa matriz de S. Barnaba em Milão.

**23** ASBR, M.c.9. Após o título, segue a abertura e o incipit da carta de Desiderio Anichino veronense etc. O ms. termina com essa página.

**24** O manuscrito se conserva no fundo Zaccaria do ASBR, N.b.4, junto com a tradução latina dos Ditos, organizada por padre Agostino Gallicio. Em anexo, manuscrita por Torelli, a tradução do texto francês do “Prefácio” de Desiderio Anichini. Cabe assinalar que nesse texto o dominicano veronês é chamado de “Didier Amichin Peronnois”, que To-

relli traduz como “Didaco Amichin di Penna” (de todo modo, Torelli conhecia o original italiano, como se deduz da nota precedente).

**25** A. SECCHI, *De Clericorum regularium sancti Pauli Congregatione et parentibus Synopsis*, Milão 1682, § 122, pp. 181-182.

**26** O manuscrito de Gallicio está conservado no ASBR, N.b.4.

**27** ASBR, M.d.7: Vitae, “Do ven. Padre Antonio Maria Zaccaria”, pp. 17-18.

**28** T. ABBIATI, Gaetano Bugati e os “Ditos notáveis atribuídos a santo Antonio M. Zaccaria, «A Escola católica», 1940, pp. 391-392.

**29** ASBR, Y.d.3, “B[eatus] Antonius M.a Zacharia”, p. 5.

**30** Cf G. BOFFITO, *Biblioteca barnabita*, Firenze 1937, 4, p. 212.

**31** Ivi, p. 254.

**32** ASBM, Q 3. Apêndice. Fasc. 2, n° 15 (Caderninho 218x170 mm., com 27 folhas manuscritas). Cf. BOFFITO, *Biblioteca*, cit., 2, p. 429.

**33** ASBM, Q 3, fasc. 3, n° 5.

**34** Cf «Estudos Barnabitas», 14/1997, pp. 116-17.

**35** Cf «Estudos Barnabitas», 14/1997, p. 45, nota 154.

**36** Extraímos essas informações da *Positivo super revisione scriptorum*, Roma 1828 (exemplar na Biblioteca barnabita de S. Barnaba em Milão).

**37** Cf. «Estudos Barnabitas», 14/1997, pp. 126-131.

**38** L. UNGARELLI, *Bibliotheca scriptorum ecc.*, Roma 1836, pp. 7-9. So dois os exemplares conservados atualmente junto à Congregação na casa de S. Carlo ai Catinari em Roma. Um completo no ASBR e outro muito mutilado na Biblioteca barnabita. Esse último é a cópia, como dito nas primeiras páginas, que leva o timbre “Residentia genuensis S[ocietatis] J[esu]”.

**39** G. BOFFITO (org.), *Ditos notáveis etc.*, Firenze 1936, p. 129.

**40** O. PREMOLI, *Frei Battista da Crema*, Roma 1910, pp. 116-118; *História dos Barnabitas no Século XVI*, cit., “O livro das Frases de frei Battista de Crema”, pp. 470-473.

**41** BOFFITO, *Biblioteca*, cit., 4, p. 255.

42 Sobre um opúsculo, cit., p. 5.

43 Acrescente-se ao artigo citado a recensão aos Ditos notáveis de santo Antonio M. Zaccaria, «Vida cristã», 1936, pp. 568-570 e a Breve e última resposta a padre Giuseppe Boffito a propósito dos “Ditos notáveis”, Ivi, 1938, pp. 213-215. Boffito interveio com uma nota Ditos de frases? Ou ditos-frases, Ivi, 1938, pp. 101-102.

44 I. COLOSIO, Battista de Crema O.P. (+1534) autor dos “Ditos notáveis”, «Vida cristã», 1937, pp. 181-182.

45 Ivi, pp. 184-199.

46 V. COLCIAGO, Os “Ditos notáveis”, obra de santo Antonio Maria ou de frei Battista de Crema? «Eco dos barnabitas - Estudos», 1938, pp. 47-55.

47 T. ABBIATI, Gaetano Bugati e os “Ditos notáveis” atribuídos a santo Antonio M. Zaccaria, «A Escola católica», 1940, pp. 388-396, e Ainda sobre os “Ditos notáveis” atribuídos a santo Antonio M. Zaccaria, «Eco dos barnabitas - Estudos», 1942, pp. 64-68.

48 Um centenário para não esquecer, «Estudos Barnabitas», 1/1984, pp. 101-109.

49 C. CAMPO, Os imperdoáveis, Milano 1987, p. 117.

50 Milano 1975, p. 16.

51 I. COLOSIO, Ditos notáveis de santo Antonio M. Zaccaria, cit., p. 570.



Capelinhas de N. Sra. Mãe da  
Divina Providência

Foto  
Seminário Sto. Alexandre Sauli  
Belo Horizonte (MG)

## ***DITOS NOTÁVEIS - Introdução***

Antonio M. Gentili  
Gênova, 12 de setembro de 2020,  
dia do Nome de Maria

### ***A “pré-história”***

Essa obra, que, ininterruptamente, através dos séculos, manteve vivo o espírito de Santo Antonio Maria em seus discípulos, é de fato devida a frei Battista Carioni de Crema, “primeiro pai e fundador” dos três Colégios paulinos e seu guia espiritual. Devemos, pois, aceitar a paternidade battistiana dos *Ditos*, ilustrando sua “pré-história”. A Carioni atribuía-se um “livro das *Frases*”, cuja primeira documentação de que temos notícia remonta a Serafino de Fermo (+1540), que morreu no ano seguinte à morte do Fundador. Na reedição do *Tratado sobre a descrição*, o antigo companheiro de estudos de Zaccaria se refere a este texto e a seu autor frei Battista: “*Quis adornar meu livrinho com suas Frases*”. Do texto das *Frases*, estavam disponíveis algumas cópias manuscritas, como deduzimos dos *Atos capitulares*, ou seja, dos diários dos Paulinos, de onde se lê que, em 1546, se dá como leitura “*o livro das Frases do reverendo padre frei Battista*”. Em seguida, ao edital das Terras vênetas (1551) e às disposições do Visitador apostólico, em 1552, foram enviadas à Inquisição romana as obras do Zaccaria, dentre as quais um exemplar do “livro das *Frases*, de autoria do padre Battista, todo deteriorado”; portanto, um original bastante usado.

### ***A caminho da impressão das Frases: a publicação dos Ditos***

No que diz respeito às obras de frei Battista chegadas em Roma, a condenação inicial que lhes declarara heréticas (1552) foi posteriormente atenuada com a cláusula que vedava sua publicação “até que fossem emendadas” (1564). Tanto é verdade que, nesse meio tempo, pensara-se em repô-las em circulação. Em carta datada de 1563, padre Nicolò D’Aviano escreveu ao padre Geral que, se por acaso se preten-

dessem reimprimir as obras do Dominicano, “terei em consideração o livro das *Frases* mais do que os outros”. Ao que parece, nada se fez até que, vinte anos depois, apareceu em Veneza, em 1583, um pequeno volume com o título *Ditos notáveis*, especificando se tratar de “reunião de diversos Autores, pelo reverendo padre Antonio Maria Zaccaria de Cremona”. Seguia-se o adendo: “Obra devotíssima e muito útil para quem deseja obter proveito nas coisas do espírito”. Na dedicatória ao cardeal Gabriele Paleotti, arcebispo de Bolonha, que incansavelmente propugnava pela reforma tridentina, o ex-clérigo regular de São Paulo (o epíteto de barnabita virá mais tarde...), Giovanni Paolo Folperto, afirmava “ter-lhe chegado às mãos uma pequena obra composta” por Zaccaria. Após “recomendar a Obra”, seguia um convite “aos piedosos leitores”, por parte do dominicano de Verona, Desiderio Anichino, moralista e célebre pregador, assegurando-lhes que se se espelhassem nesse opúsculo, “lendo-o e relendo-o todos os dias... em breve, poderão se tornar santos nessa vida e beatos na outra”. Na edição francesa, publicada pouco depois (Paris 1600), o mesmo Folperto afirma ter recebido essa obra espiritual da Angélica Paola Antonia Negri, sinal de que nem todas as cópias acabaram em mãos dos inquisidores.

### ***Subterfúgio... desmascarado***

É de se notar que, a partir da versão em francês de 1600, que foi a segunda edição dos *Ditos*, em todas as edições sucessivas desaparece a referência aos “diversos autores”, expressão com que Folperto escondia o fato de que, sob o nome de Antonio Maria, viajava um escrito que não era propriamente seu, figurando o Santo como simples compilador... A razão desse subterfúgio deveu-se, sem dúvida, ao temor de que a atribuição a frei Battista teria provocado a previsível censura da Inquisição à qual o texto deveria ser submetido. É fato que devemos a Folperto – e, como não lhe sermos gratos, apesar de tudo – a sobrevivência e a sucessiva difusão de uma obra, definida pelo dominicano Innocenzo Colosio (+1997) como “uma das obras primas da espiritu-



alidade italiana”. Foi ele que conseguiu demonstrar a paternidade batistiana dos *Ditos*, retornando à obra citada por Serafino de Fermo e confrontando os dois textos. Tanto é que a questão da paternidade dos *Ditos* perturbou bastante o sono dos historiadores da Ordem barnabita, ainda que o primeiro e mais respeitável, padre Giovanni Antonio Gabuzio, afirmasse categoricamente se tratar de um “parto falsamente atribuído” a Zaccaria.

### ***Difusão dos Ditos***

Os *Ditos* foram traduzidos em latim (1670 e 1715) e impressos ininterruptamente até os nossos dias. A última edição inaugurou, na editora Oscar Mondadori, a coleção “Homens e Religiões – Os místicos”, Milão 2000. Novamente atribuída a Padre Zaccaria, leva o título *Com as mãos e com os pés*, sendo introduzida por Marco Vannini (Resenha de G. Cagni, em “Barnabiti Studi”, 17/2000, pp. 461-468). Saiu ainda uma edição reduzida, organizada por Marcello Stanzione, *365 dias com santo Antonio M. Zaccaria*, Ediz. Segno, Tavagnacco (UD) 2012. Concluindo, assinalamos que, se escaparam à Inquisição quando foram publicados, os *Ditos* foram submetidos a censura durante os processos canônicos do Fundador, a quem eram atribuídos. Falaremos disso a seu tempo, apontando seis Censuras relativas às vozes Amor, Oração, Penitência (cf. *Positio super revisione scriptorum*, Roma 1828, pp. 3-10: *Censúrae theologici revisoris de scripto cui título Axiómata sacra*).

### ***Bibliografia***

Aqui é suficiente oferecer as indicações bibliográficas essenciais, a partir da edição crítica do texto, magistralmente organizada por padre G. Boffito, Biblioteca barnabita, Firenze 1937, IV, pp. 250-255, 499-404. Ele também organizou a 12ª edição, junto à Libreria Editrice Fiorentina, 1936. Veja-se, além disso, L. Bogliolo, Battista da Crema,



SEI, Torino 1952, pp. 23-24; 112-116. A. Gentili, Um centenário inesquecível, “Barnabiti Studi”, 1/1984, pp. 101-109. Id., Os “Ditos notáveis” e o espírito de “Padre Zaccaria” através dos séculos, “Cadernos de vida barnabita”, 13, Roma 2003, pp. 351-406. Dedicou uma atenta pesquisa sobre as fontes dos *Ditos* o barnabita brasileiro José Meireles Sisnando, *Os “Ditos notáveis”*. As fontes, Belo Horizonte 1974 (texto datilografado com 66 páginas); veja-se do mesmo autor, que, em todos os casos, reivindica a paternidade zaccariana, *Santo Antônio Maria Zaccaria o autor de Máximas notáveis*, in “Informativo barnabítico”, Rio de Janeiro, 1991, n. 70, pp. 11-42.

Nas notas a seguir, ao lado de cada voz indicamos o número dos ditos e a graduação da própria voz.

## ***DITOS NOTÁVEIS - Notas***

### ***I. AMOR (55/1)***

A primeira voz dos *Ditos* é a mais longa, juntamente com a voz “Tibieza”, e investiga os diversos aspectos do amor. Será retomada, sob outro ângulo, com a voz “Caridade”.

1. “O conhecimento é causa do amor”, Sto. Tomás, *Summa theol.*, I II, 27,2.

2. “O amor transforma o amante no amado”, Sto. Tomás, 3 *Sententiarum*, 27,1,1.

3. Sobre o amor, ao mesmo tempo bom e mau, cf. Agostinho, *De Civitate Dei*, XIV, 7,2.

8. Cf. também 19; 25. O Censor dos *Ditos* julga que parece excluída a ação da graça, quando se ressalta a cegueira que ofusca a mente e, ao contrário, que o amor-próprio seja suficiente para suscitar temor e remorso, sendo, assim, bom em si mesmo, *Posítio*, cit., pp. 3-4 (I Censura).

10. Sobre a relação ódio/amor e sobre o fato de que “todo ódio é causado pelo amor”, cf. *Summa theol.*, I II, 29,2 e 3.

14. “O amor é comparável ao fogo”, Tomás de Aquino, *3 Sententiarum*, 27,1,3; “O amor espiritual [é] como o fogo”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,27.

17. Cf. II II, 26,2.

21. Sobre o fato de que todo pecado derive do amor-próprio, cf. Agostinho, *Sermo 96,2*.

24. “O amor-próprio [conduz ao] desprezo de Deus”, Agostinho, *De Civitate Dei*, XIV, 28.

26. Quem quiser possuir uma virtude, deve odiar o quanto a ela se opõe, Giovanni Mosco, *Prato spirituale*, 187: PG 87,3,3065.

30. “Um espírito puro, simples e estável tudo faz em honra de Deus”, *Imitação de Cristo*, I, 3,3.

40. “Deus ama naturalmente o seu ser”, Tomás, *Contra Gentiles*, I, 80.

43. “Nenhum modo, nenhuma medida no amar a Deus”, Origene, *Homilia sobre o Cântico dos Cânticos*, II, 3. «Amandi Deum modus est sine modo; A medida de amar a Deus é sem medida», Agostinho, *Sermo II D*. Essa afirmação se encontra novamente em Bernardo, *De diligendo Deo*, I: «Causa diligendi Deum, Deus est; modus sine modo dilígere». Frei Battista se refere ao amor puro, em *Caminho de aberta Verdade*, cap. XXII sobre o anátema, ilustrando como “o modo de amar deva ser sem modo”, 150r; cf.152r.

52. “O verdadeiro e perfeito amor é solitário e ciumento; de modo algum, quer companhia”, *Espelho interior*, 66v.

53. Segundo Tomás, “o amor fere”, *3 Sententiarum*, 27,1,1.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

1. “*O amor nasce do conhecimento*”, Sermão 2 (20212):

26. “*O não gostar de uma coisa nasce do amor por outra*”, Sermão 4 (20414):

30. “*são bem poucos os que têm reta intenção*”, Constituições 16 (31608). “*Ora, a verdadeira finalidade da Reforma revela-se nisto: que procuremos tão somente a pura honra de Cristo, a pura utilidade do próximo, o puro desprezo de nós mesmos*”, Constituições 16 (31608).

39. “*Que seja apaixonado pelo Crucificado*”, Soresina, Testemunhos,

cit., p. 66.

47. “Só uma coisa faz você adquirir e aumentar o amor de Deus e crescer neste amor: ... É o amor ao próximo!”, Sermão 4 (20418). Cf. também 20424.

## II. CARIDADE (40)

1. “A caridade... pela qual o homem ama a Deus e Deus ama o homem”, Tomás, 3 *Sententiarum*, 27,2,1.

5. “A caridade é chamada a mãe das outras virtudes”, Tomás, 3 *Sententiarum*, 27,2,4; “Contém em si todas as virtudes”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,24.

6. “A alma recebe de Cristo a ferida da caridade”, Orígenes, *Comentários aos Romanos*, 7,11: PG 1,1132.

8. “Deus não é amado sem prêmio, embora não deva ser amado em vista do prêmio”, Agostinho, *Sermo* 385,4.

12. “Frequentemente, parece ser caridade, mas é, antes de tudo, amor carnal”, *Imitação de Cristo*, I, 15,2.

11. “O amor não pode ser ocioso; pois, se existe, opera grandes coisas”, cf. Tomás, 3 *Sententiarum*, 27,1,1.

13-20. Frei Battista retoma, nesses ditos, a 1 Cor 13,4-13. Em *Filosofia divina*, cap. XXI, 106v e segs., ilustra como “Cristo pregado na cruz ensina quais sejam os sinais da verdadeira caridade”. Ivi, 107v evoca diretamente os ensinamentos de Paulo.

23. “O ínfimo grau da caridade é amar o amigo... o máximo grau é conduzir o inimigo ao amor”, Boaventura, *De grádibus virtutum*, 1.

27. “Ao amor podem-se atribuir quatro efeitos: liquefação, fruição, enfraquecimento e fervor”, *Summa theol.*, I II, 28,5.

32. A caridade opera “não diversamente de luz, fogo e chama”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, XXX, 198: PG 88,1156.

34-35. Cf. *Ditos*, VIII, “Excesso da fala”, onde se ilustram os aspectos de um discurso paradoxal e provocante, como frequentemente era o de frei Battista.

**36.** “Enquanto estamos envolvidos pelo amor [de Deus], não sentimos dor”, Orígenes, *Comentários aos Romanos*, 7,1: PG 14,1132. Agostinho, “Quando se ama não se sofre; ou a dor é amada”, *De bono viduitatis*, 21,26: PL 40,446. O amor “traz o peso sem peso e torna qualquer coisa amarga doce e saborosa”, *Imitação de Cristo*, III, 5,3.

**SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA** (cf. Sermão 4)

**1.** “... é necessário viver ... o amor de Deus; é por ele que você é agradável a Deus”, Sermão 4 (**20411**).

**2.** “levante os seus olhos para enxergar a honra de Deus”, Constituições 18 (**31801**).

**4.** Sermão 2 (**20207**): “o Espírito sempre lhe sugere a lembrança de Deus”.

**11.** Constituições 18 (**31808**): “... você fará as (coisas) grandes”.

**23.** Sermão 3 (**20323**): “amar a Deus sobre todas as coisas e, por amor dele, amar a todos: amar os amigos nele e amar os inimigos por amor dele.

**25.** Cf. Sermão 5, **20503.13-16**.

**37.** Carta 3 (**10311**): “você ... rezará sempre, de modo que bebendo, comendo, trabalhando, falando, estudando, escrevendo... , você estará rezando”; Constituições 10 (**31014**): “..., comendo ou fazendo outras coisas, vocês estejam sempre com a mente elevada”.

### **3. COMPUNÇÃO ( CONTRIÇÃO ) (23)**

**6.** “O religioso que vive de maneira negligente não é capaz de chorar e fica sem aquela compunção da qual o verdadeiro religioso é dotado e que traz salvação”, **Religioso 6**.

**7.** “Atenda à contrição do coração e encontrará a devoção”, *Imitação de Cristo*, “*De compunctione cordis*”, I, 21,1.

**11.** A contrição pode surgir da compaixão”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,74.

**13.** “A lembrança da morte e dos pecados suscita no homem lágrimas e luto”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, VI,61: PG 88,793. Cf. *Imitação de Cristo*, I, 4.

17. Adquirimos contrição quando “nos comiseramos com Cristo que sofre”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,74.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Recomenda: “*Esforce-se por criar, na sua mente, pensamentos de compunção*”, como os sofrimentos de Jesus e de Maria, Constituições 10 (31009). Ele quer que nas “Colações” se indague sobre “*as causas do desejo ardente ou da esterilidade da mente, como também da sua divagação ou da sua estabilidade*”, Constituições 9 (30902). E acrescenta: “*Vocês desejam a compunção? Não se deixem levar pela distração*”, Constituições 10 (31010).

Ensina aos noviços “*a não ... deixar a oração, mesmo que não sintam consolação. E mais: quando vier a consolação, recusem-na, julgando-se indignos*”, Constituições 12 (31213).

Ainda nas regras para os noviços, explica a relação entre presença e ausência de contrição, definindo-as também como “fervor e “devoção exterior” e afirmando que quando isso faltasse, “*Deus está com vocês de um modo muito mais verdadeiro e amoroso do que com tantos outros de coração cheios de consolações*”, Constituições 12 (31241).

Julga, enfim, que a melhor punição para quem errasse por negligência ou fragilidade, mais do que o castigo, seria “*arrependimento voluntário*”, Constituições 14 (31405).

15. Sobre a alma enquanto instrumento divino tocado pelo Espírito, cf. Constituições 12 (31241).

19-20. Cf. Constituições 12, 31240-41.

## **4. CONTEMPLAÇÃO**

1. “A vida contemplativa consiste sobretudo no conhecimento das coisas divinas”, Tomás, 3 *Sententiarum*, 35,1,2. O fato de que a contemplação favoreça os processos mentais é afirmado em *Cognitione et vittoria*, 61r: Os “contemplativos... aprenderam a arte do pensamento frutífero”. Seu “ócio é comparável ao trabalho dos demais”.

2. Frei Battista adverte os que “pensam contemplar [enquanto] estão

fantasiando”, *Cognitione et vittoria*, 105v.

5. O papel da “indústria”, ou seja, do empenho e da atividade humana, é vigorosamente ressaltado por frei Battista, de modo a constituir um binômio com a “graça”, cf. *Caminho de aberta Verdade*, 84v. Com efeito, a indústria “ajuda a natureza” a desenvolver as próprias potencialidades, *Ivi*, 12r. Pedindo-se a Deus o dom das virtudes, deve-se fazer o que está a nosso próprio alcance: nós as adquiriremos “pela graça de Deus e nossa prática”, *Ivi*, 139r/v. Cf. *Ditos*, **Vida mista 10**. Praticando “o cuidado e a diligência, nossa alma..., de modo algum, estará impedida de contemplar”, Gregório Nissenso, *A alma e a ressurreição*, PG 46,89.

7. É insistente nos *Ditos* a referência à curiosidade como armadilha em uma vida espiritual autêntica. Vejam-se: **Distração 2; Furor 11; Humildade 6; Lágrimas 5; Mestre 10; Ócio 5; Ciência espiritual 7.21.27; Tibieza 9.51; Visão de Deus 3**. A curiosidade é um dos ramos da soberba, *Cognitione et vittoria*, 176r/v. Em *Espelho interior*, 30v frei Battista convida a um exame sobre a curiosidade. A contemplação “virá atrás de você que, humildemente, dela se repete indigno”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, VII,70: PG 88,813.

9. Para quem quiser contemplar são necessárias “muitas ocupações e obras exteriores”, que destruam todas as paixões, *Cognitione et vittoria*, 63v. Com efeito, “é botar o carro na frente dos bois querer contemplar se antes não [se] agiu vigorosamente para extirpar as próprias paixões”, *Caminho de aberta Verdade*, 40v. Em outras palavras, “a verdadeira contemplação pressupõe a mortificação”, *Cognitione et vittoria*, 63v. A “vitória sobre si mesmo [conduz] a um estado de quietude mental, em virtude do qual será fácil ingressar na contemplação”, *Ivi*, 163r. “A vida contemplativa pertence a poucos”, Gregório Magno, *Moralia in Job*, XXXII, 3,4: PL 76,636.

11. A contemplação leva a “estar absorto em Deus”, *Cognitione et vittoria*, 86v. Sobre o “Rapto” ou êxtase, cf. *Ditos*, **Rapto**.

14. Cf. *Ditos*, II,37; **Vida mista**, passim. Tomás confronta vida ativa com vida contemplativa, *Summa theol.*, II II, 182.

18. Frei Battista alude aos ensinamentos de Dionísio Areopagita, que, porém, parece fazer uma inversão quando afirma que a experiência contemplativa “não entende [compreende] com obscuridade, nem com o discurso humano, nem com qualquer esforço, nem com enfado, mas entende claramente”, *Cognitione et vittoria*, 105v. Moisés vê Deus na “escuridão”, Gregório Nisseno, *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*, 11: PG 44,100; Cf. *Vida de Moisés*, PG 44,376; Dionísio Areopagita, *Teologia mística*, I, 1: PG 3,997. Id., *Cartas* 5: PG 3,1073.

19. 1 Tm.6,16. Dionísio Areopagita, “A escuridão divina é luz inacessível, que se diz ser habitada por Deus”, *Cartas*, 5.

21. Virgílio já afirmava: “Trahit sua quemque voluptas; cada um é extraído de seu próprio deleite”, *Bucólicas*, 2,65.

23-27. Sobre os dois olhos espirituais, frei Battista escreve que um “mira e admira as coisas supremas, amando-as e venerando-as; o outro olha para as coisas inferiores, odiando-as e desprezando-as”, *Caminho de aberta Verdade*, 164r. Cf. 2 Cor.12,2-4.

28. Es 33,20. Cf. *Ditos*, **Paciência 37**. Tomás, *Summa theol.*, II II, 180,5 indaga-se se, nessa vida, a contemplação pode atingir a essência divina.

30. Cf. *Ditos*, **Mestre 31** e **Penitência 29**. “Quem purificou seu coração... de apegos viciosos pode intuir a imagem da natureza divina em sua própria beleza”, Gregório Nisseno, *Sobre as beatitudes*, 6: PG 44,1269.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Fala da contemplação no quadro da Lectio divina: «é necessário unir-se a Deus, elevar a mente, fazer oração e, mais ainda, contemplar», Sermão 3 (20324). Cf. Sermão 5 (20511): «a ira o afasta da contemplação de Deus»

17. «Ensine-lhes em quais pensamentos devem enraizar-se e os ritmos e harmonias do Espírito Santo neles», Constituições 12 (31235).

22. «Ah! Que abraços doces! Felizes os que neles se encontraram e neles descansam!», Sermão 2 (20207).



## 5. DEVOÇÃO (15)

1. A definição de devoção é tirada da *Summa theologiae*, II II, 82,1, texto que o Dominicano retoma sucessivamente no curso dos presentes *Ditos*. Interroga-se, pois, sobre “aquilo que importa e significa devoção”, ou seja, o “estar pronto nas coisas de Deus”, *Caminho de aberta Verdade*, 80v; e dedica todo um tratado sobre “A aquisição e conservação da verdadeira devoção”, *Ivi*, 81r-129v.

2. Dito de outra forma, o maior obstáculo a uma sincera devoção é o próprio eu. Frei Battista entende que “como o amor-próprio prejudica a devoção, assim o ódio por si mesmo torna o homem devoto”, *Caminho de aberta Verdade*, 106r. Pelo que “é preciso [que] o homem se faça violência e assim aparecerá sua devoção”, *Ivi*, 9r; cf. 94r. A devoção, assim, nutrida por leituras adequadas, abre as profundezas interiores: “Estude coisas devotas e verás maravilhas em profundidade”, *Caminho de aberta Verdade*, 100v.

4. “Estar sempre com a mente suspensa em Deus” é indicado aos religiosos, como exercício espiritual, por Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,20.

7. Ao contrário, “o diletantismo dos verdadeiros devotos é máximo e muito verdadeiro”, *Caminho de aberta Verdade*, 94r.

9. Estreita é a relação entre devoção e a “doce memória da paixão de Cristo”, *Espelho interior*, 95v. Veja-se ainda *Caminho de aberta Verdade*, 113v-116v; 119r-129v. Semelhante meditação, não especulativa, mas afetiva “ajuda, faz crescer e mantém a devoção”, *Ivi.*, 113v.

10. Cf. *Ditos*, **Lágrimas 32**: «...lágrimas que nascem da devoção». Afirmção que encontramos em Tomás, *Summa theol.*, II II, 82,4.

13. Boaventura denuncia o fato de que “em determinado momento, o bem da consolação espiritual e do afeto fiel se mistura com os males da confabulação inútil e de uma incauta familiaridade”, *De profectu religiosorum*, 2,5.27.

14. O mesmo Boaventura sustenta que, como resultado de “uma inútil ocupação do coração..., acontecem coisas impudicas”, *Ivi.*, 2,5.



## **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Ressalta a importância da devoção na oração: «*Deste modo, finalmente, vocês poderão chegar àquela situação de oração que é resultado da intenção, da devoção e da experiência. E essa situação consiste em dar sempre graças a Deus*» Constituições 10 (31006). Cf. Ditos, **Oração 20**: «*A única coisa que interessa é que a pessoa supere todas as formas de rezar e permaneça apenas em um contínuo agradecimento*»; cf Constituições 10 (31007). Vejam-se ainda: Constituições 1 (30101): «*Todas as horas sejam rezadas de maneira lenta e cuidadosa, ..., mas façam esforço para que seja com toda devoção*» e Constituições 12 (31212-18), onde se contrapõe a verdadeira devoção (e fervor) àquela puramente exterior.

1. Definição retomada nas Constituições 12 (31240): «*Noviços, fiquem sabendo que, se vocês se dedicarem à verdadeira devoção (que outra coisa não é senão a pronta vontade para fazer as coisas de Deus), se vocês atenderem a Ele e não à doçura exterior, vocês se tornarão, finalmente, tão fervorosos, que não se limitarão às coisas da bondade de Deus*», ou seja, não deverão considerar suficiente cumprir aquilo que agrada a Deus, ao ponto de «*as adversidades não os deixarão tristes e até os alegrarão e, nas mentes de vocês estarão tão elevados, que as coisas da terra não mais os preocuparão*».

4. Constituições 18 (31814) (5ª qualidade do reformador): «*É preciso que você ame muito a Meditação e a Oração*» («*oratione suspensus*», Gregório Magno, *Regra pastoral*, II, 1,5: PL 77,27).

5. Carta 7 (10708): o Santo recomenda aos barnabitas (Ia Carta circular de 3/11/1538!) «*E vão evitar também imitações bobas dos modos e das falas dos outros*», ou seja, o hábito no cotidiano, e aos noviços que o evitem nas confissões (Constituições 12 (31219); e era comum dizer: “Não façam as coisas automaticamente, como a bezerra Efraim acostumada a apreciar a trilha! (Os 10,11)”, enquanto sua tarefa era a busca do Senhor (Gabuzio, cit., p. 76). «*Todas as horas sejam rezadas de maneira lenta e cuidadosa, sem canto e sem órgão, mas façam esforço*

para que seja com toda devoção», Constituições 1,30101).

## 6. DISCRIÇÃO (40/7)

“Discrição” ou discernimento é tema de primordial importância nas doutrinas espirituais. Pense-se na ênfase que assume nos Exercícios espirituais de santo Inácio. Igualmente caro a frei Battista, é retomado várias vezes em suas obras. Fala-se de “espada”, “faca da discrição”, *Cognitione et vittoria*, 10v; 24r; e, repetidamente, de “luz de discrição”, *Espelho interior*, 50r; 84v. O conhecimento de si permite adquirir “tanto luz de discrição e luz divina [de modo a se tornar] toda luz”, *Filosofia divina*, 8v. Cf. *Cognitione et vittoria*, 102r. Tal luz é causada por “um santo e salutar” ódio de si, *Caminho de aberta Verdade*, 106v. Enquanto, em geral, não são confiáveis os conselhos dos homens comuns, resultam preciosos os dos “verdadeiros servos de Deus”, que “veem com os olhos de Deus”, *Espelho interior*, 85r. “A inoportunidade” se contrapõe à discrição, *Ivi*, 28, na medida em que não se deve exceder nas mortificações, *Cognitione et vittoria*, 51v e as punições devem ser infligidas “com perfeita discrição”, *Ivi*, 101r; cf 4r, e a “aflição [deve ser] moderada”, *Ivi*, 52v.

Os Ditos evocam várias vezes essa virtude. Cf. **Humildade 46**: Da humildade nasce a discrição, da discrição a visão... **Lágrimas 27**: “moderadas”, que devem resultar de «vigílias e jejuns». **Tibieza 3**: A meditação faz discernir a coisa preciosa da desprezível, e faz se aproximar à verdade. **Tibieza 7**: A meditação ... torna a mente iluminada, discernindo suas próprias cogitações. **Penitência 35**: Quem faz penitência exterior, sem o tempero da discrição, deveria se arrepender, pois não faz verdadeiramente penitência. **Sonhos e aparições 7** Não se deixe enganar por aquêlê pensamento que diz; “*Eu gostaria de aprender com os santos e me satisfazer com isso, porque neles não há engano escondido*’. Não acredite nisso mesmo se eles lhe falarem coisas boas, se você não souber discernir se estas inspirações são de Deus”.

3. “Todos os vícios se opõem à prudência e todas as virtudes são orien-

tadas pela prudência”, Tomás, *Summa theol.*, II II, 119,3.

5. “Nenhuma virtude pode ser praticada, ou durar de modo perfeito, sem a graça do discernimento. ... O discernimento é mãe, guarda e moderador de todas as virtudes”, Cassiano, *Conferências*, II, 4,2: PL 49,528.

11. “A discrição espiritual escolhe o caminho médio da virtude”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,1.

22. Cf. 2 Cor 2,15.

23. “Em toda oblação, você deve oferecer o sal, isto é, a discrição”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,1.

27. “Conforme as palavras, tanto de Antonio Maria quanto de outros, o discernimento... conserva ilesas todas as virtudes”, Cassiano, *Conferências*, II, 4,2: PL 49,528.

28. “Às vezes devemos revelar; outras vezes ocultar” nossas virtudes, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,10.

33. “A prudência é a razão de todas as coisas factíveis”, Tomás, *Summa theol.*, I, 96,1.

34. João Clímaco, *Escada do Paraíso*, XXVI,147: PG 88,1013 examina as diversas modalidades do discernimento nos incipientes, nos proficientes e nos perfeitos.

35. A prudência tem o dever de encontrar o meio justo nas virtudes, Tomás, *Summa theol.*, II II, 47,7.

Não se deixe enganar por aquêlê pensamento que diz; ‘Eu gostaria de aprender com os santos e me satisfazer com isso, porque neles não há engano escondido’. Não acredite nisso mesmo se eles lhe falarem coisas boas, se você não souber discernir se estas inspirações são de Deus

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Na Carta 5 (10504) recomenda às Angélicas que tenham «comportamento discreto e maduro» em suas ações. Os que se dispõem à reforma da Congregação devem ser «verdadeiramente fervorosos e discretos», Constituições 18 (31804-08). Há que se usar discrição nos casos em que alguém falte ao voto de castidade. «Tenham, porém, grande discerni-

mento para não expulsar alguém, quando ... virem esta pessoa refrear voluntariamente a língua e fugir da leviandade e da ociosidade e procurar viver uma profunda humildade, ao mesmo tempo em que deseja ardente e alegremente a verdadeira integridade da alma e do corpo», Constituições 3 (30303). O mestre dos noviços deve estar «cheio de discricção prática», Constituições 12 (31205). Os tempos áridos servem «para que o homem aprenda a virtude da discricção», Constituições 12 (31238). O reformador deve estar abastecido em sua obra e através de tal virtude «ele não seja nem por demais precipitado, nem demorado», Constituições 18 (31805).

12. “O discreto tem olhos na frente e atrás, em baixo e em cima, à direita e à esquerda...” Cf. Constituições 18: “É preciso que o reformador seja uma pessoa cheia de olhos na frente e atrás” (31805).

## 7. DISTRAÇÃO (13)

2-3. Cf. *Ivi*, 11. Causam distração “bisbilhotices e curiosidade”, *Caminho de aberta Verdade*, 28v. “A mente divaga quando está ociosa e não se ocupa das coisas necessárias”, Basílio Magno, *Breves Regras*, 21: PG 31,1097.

12. Sobre a morte, cf. *Ditos*, Tibieza 10-21

13. “Presta atenção a ti mesmo”, cf. Lc.17,3. Em grego, existe correspondência entre oração (προσευχή) e atenção (προσοχή). Cf. *Homilia* de Basílio Magno: *Attende tibi*. Sobre a atenção cf. *Catecismo da Igreja católica*, n. 2705: “A meditação... requer uma atenção difícil de ser disciplinada”; 2715: “Essa atenção a ele [Deus] é renúncia ao eu”.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Na Carta 3 (10305-06) a Carlo Magni evoca uma distração, própria da vida ativa, que não prejudica a união com Deus. Com efeito, se mesmo em um estado de distração, como o que acompanha a vida ativa, o homem pode se unir a Deus, invocando constantemente sua presença, «se até na distração, o homem se une a Deus, quanto mais nas outras situ-

*ações e nos momentos de recolhimento*», ou seja, com o recolhimento próprio da oração «*sentirá nascer em si maior união com o Cristo*». Esse aspecto é evocado nos *Ditos*, **Vida mista 6**: «*A vida mista é maravilhosa mas, para quem abraça coisas opostas, a vida ativa usa a distração e a contemplativa a união*».

Às noviças Angélicas, Zaccaria faz presente que “a distração” é fonte de relaxamento. Carta 9 (10913). Na Carta 11 (11102) ao casal Omodei, afirma sobre o túbio que, durante o dia, «*a distração é sua companheira*».

5. Antonio Maria fala de «*fogo de palha*», com referência a postulantes (Constituições 11, 31111) e a noviços (Constituições 12, 31233-43).

7. Fiquem longe «*da distração e a curiosidade, pois vocês sabem que o demônio costuma vencer os que se distraem*», Constituições 7 (30702). «*Vocês desejam a compunção? Não se deixem levar pela distração*», Constituições 10 (31010). O estado de aridez, para ser superado, implica que «*o homem evite a distração*», Constituições 12 (31238).

## 8. EXCESSO NA FALA (16)

No *Caminho de aberta Verdade*, 152v-160r, os capítulos XXIII-XXV da “*Epístola*” a Gaetano Thiene, em que frei Battista responde a “algumas dúvidas” (Ivi, 130v), dedicam-se a ilustrar como “os Apóstolos e homens apostólicos, às vezes, falaram com excessos, [afirmando] coisas que parecem impossíveis...” e como “tais falas são por excesso de excelência e não por excesso de imprudência”, Ivi, 152v e 153r.

2. “Olhando não veem”, Mt 13,13.

6. “De virtude em virtude”, Sl 83/84,8 (Vulgata). Trata-se de uma expressão cara a Zaccaria, que a cita várias vezes em seus escritos.

7. “Vou oferecê-lo [Isaac] em holocausto... Agora sei que você teme a Deus”, Gn 22,2.12; “Pare de apresentar ofertas inúteis... para mim é uma abominação”, Is 1,13.

8. «Ainda que queira me matar, Nele esperarei», Jó 13,15 (Vulgata); “Minha carne por acaso é de bronze?”, Jó 6,12.

9. “Procurei um homem que construísse um muro... para defender a aldeia”, Ez 22,30; “Mesmo se Moisés e Samuel se apresentassem diante de mim, não voltaria o olhar para aquele povo”, Jr 15,1.

10. “Grito, mas você não me responde”, Jó 30,20; “Humilhamos nossas almas e você o ignorou”, Is 58,3 (Vulgata).

11. “Desejo contestar Deus”, Jó 13,3; “Se bem que... sobre a mesma balança se pusesse minha desventura, decerto seria mais pesada do que a areia do mar”, Jó 6,2-3.

13. “Você se tornou cruel comigo e... me perseguiu”, Jó 30,2 l; “Não seja, para mim, causa de temor; você, meu único refúgio”, Jr 15,1.

14. O religioso “às vezes, assume a forma de um amigo familiar e doméstico, rezando com reverência e confiança... Às vezes, como filho confiante no afeto paterno, muitas vezes pede... que esconjure”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2.69. Cf. 2.68.

16. “Estou embriagado”, At.2,13; “Nós, tolos, por causa de Cristo”. 1 Cor.3,10.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Por similares excessos na fala, cf. Carta 9 (10911), com referência à conduta de Paola Antonia Negri: «*Com a mesma palavra ressuscita e mata*».

### **9. FUROR (18)**

1. “O furor é a ira que espera a ocasião para se vingar”, *Summa Theol.*, I II, 46,8,1. Sobre a ira, cf. *Ditos*, **Ira**.

2. “A ira expulsa a tranquilidade da mente”, segundo Gregório Magno e “prejudica ao máximo a alma”, Tomás, *Quaestiones disputatae*, “De malo”, 12,1,7.

11. É próprio da linguagem de frei Battista falar sobre o parentesco entre os vícios e as virtudes. O cap. XVI da *Filosofia divina* mostra como Cristo ensina da cruz “como é má a cegueira da mente”, 65r. Cf. *Ditos*, **Humildade 42**.

18. Sobre a tibieza, cf. *Ditos*, **Tibieza**.

## **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Nas Constituições 12 (31237), fala-se de «*furor e devoção exterior*» (deve-se corrigir o texto em que está escrito “*fervor*”!).

6. Cf. Constituições 11 (31111), em que Antonio Maria fala de “fogo de palha” no sentido de motivação passageira e ilusória nos postulantes. Volta a isso nas regras para os noviços, Constituições 12 (31239), contrapondo o “fogo de palha” ao “verdadeiro fervor”.

18. O Santo intervém várias vezes para desmascarar a presunção na vida espiritual: «*Você acredita mesmo que seus jejuns e penitências - se é que os pratica - que os seus retiros e suas tarefas valem alguma coisa?*», Sermão 1 (20132).

### **10. FERVOR (18)**

1. “O fervor designa certo excesso de calor”, Tomás, *Summa theol.*, I II, 28,3.

4. O fervor comporta a superação do desleixo, *Cognitione et vittoria*, 150r/v.

13. Cf. *Ditos*, **Vida mista**, “Vida mista”.

## **ANTONIO MARIA ZACCARIA**

1. Era familiar a referência ao fervor (20 passagens) e ao ser fervoroso (12 passagens). Fala ainda de fervor, doçura, contrição exterior e fervor verdadeiro e divino, no qual devemos nos inflamar. O fervor deve ser «*constante e intenso, que se renove pelos compromissos do batismo e mostre sempre novo vigor*», Carta 5 (10504). Finalidade da reforma é a «*renovação do fervor cristão*», Carta 7 (10711). O Fundador quer que seus discípulos sejam «*simples, fervorosas, preocupadas com o crescimento do próximo*», Carta 10 (11004).

3. Com relação à «*instrução e informação*», ou seja, ao conhecimento e observância «*de bons costumes*», SAMZ indica uma série de livros, dentre os quais «*os livros do nosso Pai, Frei Batista de Crema*», Constituições 8 (30803).

5. Considera «*a pura honra de Deus*» como primeira condição da Re-



forma, a que se seguem a «*utilidade do próximo*» e o «desprezo de si mesmo», Constituições 18 (31818); cf. tb Constituições 16 (31608)

6. Ilustra a relação entre preceitos e conselhos no Sermão sobre a Tibieza (cf. 20618 ss.).

7. Reflete sobre o ódio de si no Sermão 1 (20122-25).

17. Fala da «*semente da boa vontade*» nas regras para os noviços, Constituições 12 (31241).

18. Ainda nas regras para os noviços, Zaccaria escreve sobre um «*estado de espírito de verdadeiro fervor*», acompanhado por «*esforços violentos ou corporais*», como meio para aumentar o fervor, Constituições 12 (31243).

### 11. CIÚME ESPIRITUAL (7)

1. São Tomás fala de “zelotipia que não tolera companhia no amado”, 3 Sent., 27, I,1; *Summa theol.*, I II, 28,4. Sobre o “fervor”, cf. *Ditos*, **Fervor**.

3. “No deleite não se coloca nenhuma medida”, Tomás, 3 *Sententiarum*, 3,4,214.

4; 7. Típica de frei Battista é a linguagem que gosta de tais polaridades. Sobre o “falar excessivo”, cf. *Ditos*, **Excesso no falar**.

5. Sobre a “mente suspensa” cf. **Ditos**, **Devoção 4** e **Visão de Deus 7**

6. Sobre o “furor”, cf. *Ditos*, **Furor**.

### SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA

Nas Constituições 12 (31210) fala de um «*Deus ciumento, que proíbe todo e qualquer outro amor que não seja o seu*».

4. Na Carta 2 (10213) define os «*que amaram Cristo, foram sempre fervorosos e aplicados, nunca preguiçosos*».

### 13. HUMILDADE (47/4)

A voz “humildade” se encontra nesse ponto dos *Ditos* porque o termo latino é “humilitas”.



Tema obrigatório nas doutrinas espirituais, a humildade é objeto de reflexão nos escritos de Frei Battista. Fala dela em *Caminho de aberta Verdade*, 160r-164r: quem é humilde se julga pior do que o demônio, enquanto “o máximo de humildade se aprende aos pés da santa cruz”. Em *Cognitione et vittoria*, o cap. XXVIII, 183r-184v ilustra os sinais pelos quais se percebe se alguém é soberbo. Sobre as propriedades da humildade detém-se o *Espelho interior*, 92v-93r.

1. “Rebaixar” e seus derivados são termos recorrentes na linguagem battistiana. Nos *Ditos*, **Ciência espiritual 4** fala de «*humildade mais baixa*»; cf. *Filosofia divina*, 44r. O humilde “degrada a si mesmo”.

4. Sobre “ciência espiritual” cf. *Ditos*, **Ciência espiritual**.

5. Cf. Mt 23,12.

7. Clássica é a distinção entre incipientes, proficientes e perfeitos. Veja-se *Ditos*, **Lágrimas 22**. Sobre esses graus da vida espiritual, cf. *Espelho interior*, 7r/v. Em compensação “a soberba incomoda muito os cristãos incipientes, proficientes e perfeitos, mas os perfeitíssimos têm a coroa sem combater”, *Ivi*, 170v.

9. Sobre a busca do “lugar ínfimo”, cf. *Imitação de Cristo*, III, 23,4.

11. Cf. Lc 18,13.

13. Sobre a humildade, compêndio de todas as virtudes, todos os autores espirituais se detêm. Cf., especialmente, Boaventura, *Diaetae salutis*, 7,1: “A alma humilde, ... ao modo de um ramo, está carregada dos frutos das boas obras... é plena dos grãos das virtudes”.

16. Cf. *Ditos*, **Lágrimas**.

17. “Quem se humilha será exaltado”, Lc 18,14.

22. Boaventura considera o terceiro grau de humildade “não estar pronto a rir”, *Pharétrae*, 4,12.

23. “Falsa humildade... é grande soberba”, Tomás, *Summa. theol.*, II II, 161,1

27. Cf. Mt 11,29.

28. Sobre a Cruz como cátedra, cf. *Filosofia divina*.

29. “Por mais que você se abaixe, não será mais humilde do que Cris-

to”, Jerônimo, *Cartas*, 66,13: PL 22,646.

32. Tese exposta por Tomás, *Summa theol.*, III, 1,2.

33. Cf. Lc 14,11.

38. O primeiro grau da humildade importa que “o homem se reconheça vil, enfermo, privado do bem, viciado, pecador”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,33. Frei Battista ressalta, várias vezes, a necessidade de “conhecer por experiência e não de modo fantasioso, *Caminho de aberta Verdade*, 150v. Sobre a importância de que se reveste a experiência, cf. *Ditos*, **Mestre 2.9; Ciência espiritual 24; Tibieza 10 e Tentação humana 1**.

39. Cf. Jo 15,5.

43. Cf. Lc 18,43.

42. Enquanto “o soberbo perverte toda ordem da natureza, da graça e da glória”, *Cognitione et vittoria*, 155v; “a verdadeira arte de remediar a soberba é a humildade”, *Cognitione et vittoria*, 187v.

45. “Quanto mais alto os homens ascendem diante de Deus pela dignidade das virtudes, tanto mais sutilmente descobrem sua indignidade”, Gregório Magno, *Moralia in Job*, XXII, 1,1: PL 76,631.

47. Sobre a “paciência”, cf. *Ditos*, **Paciência**.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Sobre a humildade, cf. Prontuário para o espírito.

1. «*a humilhação está sempre ao lado da humildade*», Constituições 18 (**31812**).

7. Nas Constituições 10 (**31001**) lê-se sobre os “*proficientes*” em relação à Oração mental.

20. No Sermão 5, Antonio Maria julga que exatamente a “utilidade” dessa virtude seja conhecida por aqueles que a possuem: “*O homem pode tirar lições dos males cometidos ou dos bens que ele deixou de fazer: uma delas é um profundo conhecimento da sua pequenez e miséria, pela qual não se julga digno de viver e, ainda menos, de fazer coisa que seja agradável a Deus; dessa pequena estima de si mesmo, nasce uma profunda humildade; quem tem essa virtude sabe muito bem o quanto*

*ela é útil e necessária!” (20518).*

### **13. IRA (17)**

Frei Battista em *Cognitione et vittoria*, V, 91r-121v trata difusamente da ira.

1. São Tomás se pergunta se a ira acenderia ao máximo o ardor do coração, *Summa Theol.*, I II, 48.

2. A ira impede a contemplação, Tomás, *De ira*, 12,1,11.

4. Sobre “Deus justiceiro”, cf. Boaventura, *Compéndium theológicæ veritatis*, 3,17.

8. “Entreguemo-nos a um preceptor de virtude, asceta e que seja moderador inexorável sobre a alimentação”, João Clímaco, IV, 43: PG 88,725. Sobre o “Mestre”, cf. *Ditos*, Mestre 14. “Procure se submeter a alguma pessoa, seja frade, padre, monge, eremita, secular, homem, mulher, que tenha temor de Deus e luz de discipulação”, *Cognitione et vittoria*, 148r; cf 193r. Sobre o “furor”, cf. *Ditos*, Fervor.

11. Cf. Pr 15,1.

12. «Archita Tarentino, ofendido pelo servo, disse: “Severamente teria te punido, se eu não estivesse irado contra ti”, Tomás, *De Malo*, XII, 1,15.

14. “Da ira procedem os frutos da crueldade”, Boaventura, *Speculum animæ*, 4.

15. Sobre a ira que afasta o Espírito Santo, Tomás, *De Malo*, XII, 3,4 onde se reporta a Gregório Magno.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Sobre a ira, cf. Prontuário para o espírito..

2. «a ira o afasta da contemplação de Deus», Sermão 5 (20511).

11. Sobre os “demônios em forma de gente”, cf. Sermão 4 (20426): «acima de tudo, não trate seus filhos como animais, nem por palavras, nem por ações». Os túbios são definidos «os demônios invisíveis, isto é, os túbios, que são incontáveis.», Constituições 18 (31807).

#### 14. LÁGRIMAS (39/7)

Boaventura, em quem se inspira frei Battista, trata das lágrimas em *Diaetae salutis*, ao qual se referem os *Ditos*.

1. A importância de que se reveste a Paixão na prática meditativa é ressaltada em *Caminho de aberta Verdade*, 12r e 36v-39v. “A lembrança da morte precede o choro e a contrição”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, VI,58: PG 88,793.

3. Sobre os resultados “prazerosos” que possam derivar das lágrimas, cf. Agostinho, *Confissões*, IV, 4,9; Cassiano, *Conversações*, IX, 29,2; Tomás, *Summa theol.*, II II, 82,4.

9-11 e 22. É retomada a visão tripla do caminho espiritual dos incipientes, proficientes e perfeitos.

14. Em relação à meditação sobre a morte, vejam-se os *Ditos*, **Meditação 10-21**. “A lembrança da morte e dos pecados precede o choro e a contrição”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, VI,58: PG 88,793.

22. Trata-se de uma progressão sobre a qual frei Battista retorna em *Filosofia divina*, 120v, em que sustenta que “todo incipiente, todo proficiente e todo perfeito devem sempre ascender ao maior grau”.

24. “Há uma considerável diferença entre essas lágrimas e as que escorrem de um coração endurecido e olhos secos, ainda que acreditemos que essas não sejam de todo infrutíferas”, Cassiano, *Conferências*, IX, 30,1.

27-28. Sobre jejum e vigília, cf. *Ditos*, **Penitência 38**: *a integridade da mente e a pureza da castidade acompanham o jejum moderado do penitente; 42*: *O jejum, as vigílias e outras mortificações corporais são boas quando se mortifica a carne de tal modo que não fique impossibilitada de fazer o que é necessário; 46*: *Alguns conseguem jejuar por dois ou três dias; já para outros não é suficiente uma boa refeição quotidiana. Por isso, é necessário adequar-se à idade, à compleição física e aos costumes e respeitar sua natureza, pois, desgastá-la seria indiscrição [falta de juízo].* Em *Caminho de aberta Verdade*, 41r, frei Battista fala de “jejuns discretos”, ou seja, cumpridos com discrição.

38. Cf. 1 Jo 4,18.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Permanecendo no tema (nos escritos zaccarianos faltam referências às lágrimas), no Sermão I. (20135), o Santo exorta as religiosas: «*castigue o corpo com a fome e os cansaços, permaneça sempre em oração, use do seu tempo para ajudar o próximo, agarre-se à obediência e não se afaste dela*».

Na carta por ocasião das Cinzas, de 1548, a Angélica Paola Antonia escreve: “Não falte o jejum determinado por nossa santa mãe [a Igreja], pois é preciso mortificar a carne, dilacerá-la, roubar-lhe as satisfações e sensualidade: esse é o primeiro passo.... Mas, além do jejum corporal, é preciso que a alma jejue dos vícios”, dos quais a Angélica oferece uma longa lista. Para, em seguida, concluir: “Jejue o corpo e a alma se nutrirá de santas virtudes”.

O antigo Missal, tanto o romano quanto o ambrosiano, trazia uma “Missal para obter o dom das lágrimas”.

### **15. LIBERDADE (14)**

1. Cf. 2 Cor 3,17: “O Senhor é [onde está] o Espírito e onde está o Espírito do Senhor existe liberdade”.

2. O pecado faz com que o homem se torne “servo do demônio”, Tomás, *Summa theol.*, III, 48,4.

6. Gl 5,1: “Cristo nos libertou para a liberdade”.

8. Boaventura, *Pharetrae*, 2,4, cita Isidoro de Sevilha: “Todas as coisas inferiores serão devidamente sujeitas a nós, se estivermos sujeitos àquele que as submete a nós”.

14. Confronto entre a verdadeira e a falsa liberdade.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

3. Deus «*nos deu uma lei de amor e não de medo, de liberdade de espírito e não de escravidão, uma lei gravada em nossos corações*», Sermão 1 (20110). A observância dos mandamentos conduz «*à liberdade de espírito*» (20128). A obediência e, assim, a observância das regras,

«não pretende sobrecarregar, mas suavizar e levar à observância da lei, não com força, mas pelo amor.» (Constituições 17, **31706**).

Cf. Carta 6 (**10606**) a Ferrari: «a mais ampla liberdade que lhe demos é a garantia de que suas coisas terão um final feliz».

## **16. MESTRE (41/6)**

Cf. *Ditos*, **Ira 8** e **Ciência espiritual 30-33**. Em *Caminho de aberta Verdade*, 31v, frei Battista adverte sobre “muitos [que] são mestres daquilo que jamais aprenderam”.

**1** Boaventura, em *Pharetrae*, 3,34, cita Isidoro de Sevilha: “Não deve aceitar a honra de guiar, aquele que não precede os súditos no caminho de uma vida bastante boa”.

**5.** «Máximo de virtude», é uma expressão cara a frei Battista (cf. *Ditos* **Descrição 25**), assim como a Zaccaria. Sobre o “humilitatis culmen; cume da humildade” fala Gregório Magno, *Moralia in Job*, V, 4,5: PL 75,682.

**7.** João Clímaco fala do “gubernator; barqueiro [que] conduz ao porto”, *Escada do Paraíso*, “Recapitulação”, 175: PG 88,1089.

**8.** “Raramente aqueles que se julgam sábios aceitam humildemente ser guiados”, *Imitação de Cristo*, III, 7,3

**9.** “*Teologia mística*” é o título de uma obra de Dionísio Areopagita, conhecida de frei Battista e definida “uma das mais sedutoras da mística cristã”. “Vamos à procura ... de uma pessoa, antes de tudo e mais do que as outras, humilde”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, IV, 43: PG 88,725.

**15.** Basílio Magno já sustentava a necessidade da abertura de consciência, *Regras amplas*, 26: PG 31,985. É um ensinamento que se encontra novamente em Cassiano, *Instituições*, IV, 9: PL 49,161.

**20.** Sobre a docilidade do discípulo diante do mestre, cf. João Clímaco, *Escada do Paraíso*, IV, 16-17: PG 88,680.

**21.** “Quem recusa as reprovações morrerá”, Pr 15,10. Cf. Sir 19,5 (Vulgata).

29. Gregório Nazianzeno julga “arte das artes e ciência das ciências guiar (reger) o homem”, *Orações*, 2,16: PG 35,425. Cf «Ars ártium régimen animarum», Gregório Magno, *Regra pastoral*, I: PL 77,14).

32. “A obediência é uma morte voluntária”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, I, 16: PG 88,680.

38. Segundo Antonio Abade, a obediência é a expressão mais completa do discernimento.

41. Sobre os critérios que devem guiar a direção das almas em consideração de tempos, lugares, modos, pessoas... cf. Gregório Nazianzeno, *Orações*, 2,18: PG 35,428, bem como Pseudo Macario, *Epístola magna*, PG 34,424.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Veja-se o Prontuário para o espírito nas vozes “Mestre” e “Pai espiritual”. Sobre o mestre dos noviços, cf. Constituições 12 (31201-07).

2 e 9. Cf. Constituições 12, 31205-06

5. «Máximo de virtude», expressão recorrente na Carta 2 endereçada aos cofundadores e, várias vezes, nas Constituições. Cita-se o Salmo 83,8 (Vulgata), retomado no Sermão 3(20313-15.22-23).

\* NB: Na edição em Português de 2010 a expressão “máximo das virtudes” não aparece literalmente, mas sob diversas maneiras, sobretudo em 10202: “*É uma grande verdade que Deus fez o homem instável e querendo sempre mudar, para não ficar parado no mal e, também, para que, conseguindo um bem, não fique parado só nele, mas passe para outro maior e, desse, para outro maior ainda e, assim, crescendo degrau por degrau, chegue à perfeição*”.

16. Cf. Constituições 12, 31225.

17. «... se o homem quiser chegar a Deus, é necessário que ele vá por meio de outro homem.», Sermão 4 (20420).

24. É frequente nos escritos zaccarianos a evocação aos opróbrios, termo tirado de Hb 11,26 e 13,13. Figura ainda no programa partilhado com os seguidores de Zaccaria. Cf. a voz homônima no Prontuário para o espírito.



## 17. **MEDITAÇÃO (21)**

Sobre a meditação, cf. Ditos, **Lágrimas 27**: «*As lágrimas autênticas nascem das vigílias moderadas, dos jejuns e da oração mental permanente; estas práticas são rejeitadas pelos negligentes*». Sobre a relação oração/meditação, cf. Ditos, **Oração 4**: «*Se você quer orar bem, ... só ficará pronto para orar com a meditação*». Imprescindível a referência a Cassiano, *Conversações*, X.

1. «*O fruto da paciência é a serenidade da mente*», cf. Ditos, **Paciência 44**.

2. Sobre a “Distração”, cf. Ditos, **Distração**.

4. São indicadas as divisões em partes da Lectio divina. Sobre o “Rapto” (Êxtase), cf. Ditos, **Rapto**.

7. “Todo progresso provém da meditação”, Isidoro de Sevilha, citado por Boaventura, *Pharétrae*, 4,26.

9. A essa altura, a morte é considerada o objeto por excelência da meditação, como já ensinava Platão, segundo quem o “reto pensar” se resolve na “preparação para a morte; meléte thanátou» (*Fedon*, 80E-81A). Em um contexto cristão, “a familiaridade com Cristo torna o homem seguro e forte no tempo da morte”, *Caminho de aberta Verdade*, 160r.

10-21. Sobre a morte, cf. Ditos, IV,28 (morrer antes da morte); VII,12 (meditação sobre a morte e o que vem depois, para vencer as distrações); **Lágrimas 14** (*A meditação profunda sobre a morte, ..., é a mãe das lágrimas*); **Paciência 37** (*Quem deseja verdadeiramente padecer, embora viva, já está morto*).

10. Frei Battista aplica esse princípio a dois vícios em particular: a meditação é remédio contra a ira (*Cognitione et vittoria*, 114r) e contra o desleixo, em relação ao qual fala de “profunda e voluntária meditação frequente”, *Ivi*, 149v.

11-15. Nesses Ditos, frei Battista deve especialmente a João Clímaco, *Escada do Paraíso*, VI, 58-61: PG 88,793-800.

21. Boaventura, *Pharétrae*, 4,6 cita Sêneca: “Medita sobre isso todos os dias, a fim de que possas morrer de bom ânimo”.



Para selar essa série de aforismos, pode-se reportar a *Cognitione et victoria*, onde repetidamente se ressalta que é “clara loucura perseverar em viver em um estado no qual não se gostaria de morrer”, 20r; “Que loucura a sua estando em uma forma de ser na qual não gostaria de morrer”, *Ivi*, 196r.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

5. Sermão 3 (20324): «*a meditação não é suficiente; é necessário unir-se a Deus, elevar a mente, fazer oração*». Sobre a especificidade da meditação e da oração, cf. Prontuário ..., nas vozes respectivas.

15. Cf. Constituições 10, 31001.

### **18. ÓCIO (14)**

O tema do ócio é retomado também nos *Ditos*, **Tibieza 38**: «*Todo túbio é ocioso e todo ocioso é túbio, ...*»; **39**: «*O túbio chama o ócio de sossego ...*»; *Ditos*, **Tentação humana 7**: «*o ócio é a latrina de todos os pecados*».

4. Ao “pecado junto à porta [de tocaia atrás da porta]” refere-se Gn 4,7. São Jerônimo recomendava: “Faça sempre alguma coisa de bom, a fim de que o diabo não te encontre ocioso”, cit. em Boaventura, *Diaetae salutis*, 1,7.

6. Para o ocioso, o tempo não passa nunca, “lamenta-se do quanto são longos os dias, longas as noites” (são Bernardo, cit. por Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,2). Sobre o jogo como manobra do ocioso, cf. Boaventura, *Ivi.*, 1,32.

8. Para são Bernardo o ócio “é o antro de todos os maus pensamentos” (*De profectu religiosorum*, 1,39). Segundo santo Isidoro, “a luxúria domina o ocioso” (*Sinônimos*, II, 18: PL 83,894). Cf. Ez 16,49: “Eis que essa foi a iniquidade de Sodoma: ela e suas filhas estavam cheias de soberba, sofreguidão, ócio indolente”.

10. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,14 denuncia a perda de tempo própria de quem retarda e procrastina.

13. São Bento define a ociosidade “inimiga da alma” (*Regra*, XLVIII,

1), por isso prevendo o “trabalho manual” e a “lectio divina”. Cf. também Tomás, *Summa theol.*, II II, 187 e Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,33; *Pharétrae*, 2,10.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Denuncia as «*palavras inúteis*» (Carta 11, **11104**); as «*palavras com ira*» (Sermão 5, **20512**). Mas, é sobretudo nas Constituições que indica como sinais da falsa reforma por parte dos religiosos o desejo de «*viver na abundância e na ociosidade*» (Constituições 16, **31608**) e «*quando vocês virem alguns ficarem à toa só esperando a hora das refeições*» (Constituições 17, **31713**).

### **19. ORAÇÃO (30)**

Tema obrigatório, o da oração, é retomado várias vezes nos escritos de Battisti. Em *Cognitione et vittoria*, livro III, cap. XX, 68r-79v, são expostas três modalidades de oração: meras palavras; atenção àquilo que se diz; fazer sua parte no que expressa rezando. Sobre a relação entre oração vocal e oração mental se detém o *Espelho interior*, cap. XXXII-I-XXXVII, 56v-60v, após ressaltar a necessidade de passar do homem exterior ao interior, sob a direção de um bom mestre, *Ivi*, 20. A oração mental é imprescindível ao progresso espiritual, *Caminho de aberta Verdade*, 34r/v. É ainda fundamental a observação de que o objetivo da oração é a caridade, *Caminho de aberta Verdade*, 112r.

1. Trata-se da clássica definição: “Elevatio mentis in Deum”, São Nilo, *De Oratione*, 35: PG 79,1173. A referência à “mente” evoca a importância da atenção, ao ponto de frei Battista se perguntar de que vale a oração “onde não há atenção?”, *Espelho interior*, 58v. Interessante o destaque dado ao fato de que a oração autêntica vai além da atenção. Com efeito, escreve que, “começando com grande atenção, [o que reza] acaba em esquecimento de si mesmo, recordando-se apenas de Deus”, *Espelho interior*, 59v. Dito em outros termos: “A oração verdadeira e perfeita começa com grande atenção, mas acaba em um esquecimento de si muito atento.”, *Ivi*, 60v.

4. Sobre a exigência de purificação em relação à oração, cf. Cassiano, *Conversações*, IX, 4,3. Sobre a importância de a meditação preceder a oração, cf. *Ditos*, **Tibieza 5**.

5. Afirmção retomada no *Espelho interior*: “Uma coisa é o que reza-mos e outra coisa é o que Deus reza em nós... Uma coisa é quando nós mesmos fazemos a oração e outra coisa é, de certo modo, quando o Espírito faz a oração em nós, intercede por nós com gemidos inefáveis», *Espelho interior*, 62r.

6. Trata-se da ladainha sobre a qual cf. Agostinho, *Cartas*, 130 (a Proba): “Diz-se que os irmãos no Egito fazem orações frequentes, mas são muito curtas e rápidas, de certo modo jaculatórias”, PL 33,501. O mesmo em Cassiano, *Conversações*, IX, 36,1: “Deve-se rezar frequentemente, mas brevemente”, PL 49,817. Frei Battista ressalta a importância da “jaculatória”, ou seja, de uma fórmula simples adaptada a uma contínua repetição-ressonância. Partindo dessa – escreve – “você começará, pouco a pouco, a dizer por si mesmo suas orações ao Senhor seu Deus e, assim progredindo, você adquirirá, pouco a pouco, um hábito de oração mental, que seguindo, estando, ou fazendo alguma coisa com as mãos, agirá também em sua mente”, *Caminho de aberta Verdade*, 34r/v.

7. Cf. *Filosofia divina*, cap. XV: “Cristo da cruz ensina a cada um a fazer a oração”.

10. Segundo o Censor dos *Ditos*, excluir uma recompensa por parte de Deus contradiz o ensinamento de Paulo (cf. 1Cor 9,24; Tt 4,7-8) e do *Concílio Tridentino*, Sess. 6, Can. 32; *Echirídon Symbolorum*, 842. *Posítio*, cit., pp. 4-6. (II Censura).

12. «Pétere id quod volo» (pedir aquilo que desejo) é uma fórmula clássica: cf. Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, 25.

14. Para a referência a Moisés, cf. Ex 32,11.31-32; Nm 14,13. São Tomás, *Summa theol.*, II II, 83,17: “A obsecração... é uma súplica a Deus para implorar sua misericórdia”. Sobre a “violência” que permeia a oração, cf. Tertuliano: “A oração faz violência a Deus, mas é uma

violência que lhe é doce e grata”; João Clímaco: “Oratio pia, Deo vim infert”; santa Gertrudes: “Quem reza com confiança, de certo modo, faz a Deus muita violência”.

18. “Expediente”, ou seja, útil, oportuno, eficaz.

19. Santo Ambrósio, *In Lucam* 10,121: “Semper plus Dóminus tríbuit, quam rogatur”, PL 15,1834.

20. Análoga afirmação no *Espelho interior*, 63v, quando escreve sobre “uma outra espécie de oração em tudo perfeita, que, a essa altura, cessa de pedir, mas persevera na referência a graças, segundo se lê de nosso Patriarca São Domingos, que jamais pediu qualquer coisa sem obtê-la, disse dando graças a Deus”. Sobre as diversas modalidades de oração, cf. *Summa theol.*, II II, 83,17. Boaventura: *De profectu religiosorum*, 2,70. São Paulo ressalta a importância de se render graças: cf. Fl 4,6; 1 Tm 2,1. Cf. aqui, n. 23, 24 e 26.

21. São Domingos. É um claro indício da paternidade dos *Ditos*.

22. Segundo o Censor dos *Ditos*, aqui estar-se-ia ensinando como, às vezes, se possa desistir da constância na oração, no que essa “novíssima doutrina” contém em si uma heresia, somente uma invencível ignorância podendo desculpar o autor. *Posítio*, cit., pp. 7-8 (III Censura).

23. Cf. Jó 1,21; 42,12-16.

24. Segundo o Censor dos *Ditos*, “não há nada mais absurdo e claramente contrário às Escrituras” do que uma tal afirmação, *Posítio*, cit. p. 8 (IV Censura).

28. Sobre “romper com a própria vontade”, cf. *Imitação de Cristo*, III, 13.11 e 17,12.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Julga que «a oração externa ou vocal foi feita para o seguinte: animados pelo prazer e pelo sentido que ela traz possamos chegar, pelo menos no fim, a aprender a oração interior», Constituições 10, 31003 Nisso segue o ensinamento de Catarina de Sena, Diálogo, cit., 66. Veja-se o Prontuário ..., voz “Oração”.

1. Sobre a “elevação da mente”, Antonio Maria volta frequentemente

nas Cartas, nos Sermões e nas Constituições. Cf. Prontuário ..., na voz correspondente.

7. Cf. Constituições 12, **31212-13**.

12. Recomendação que vemos retomada por Zaccaria, Constituições 10 (**31004-09**) e 12 (**31212-18**).

19. Cf. Constituições 10, **31007**.

20. «*dar sempre graças a Deus*», **31006**

## **20. PACIÊNCIA (54/3).**

À luz da paixão de Cristo, frei Battista ensina três graus de paciência: não se lamentar; desejar as tribulações; alegrar-se com elas, *Caminho de aberta Verdade*, 39r-41r.

1. Sobre a ligação entre paciência e fortaleza, cf. Tomás, *Summa theol.*, II II, 128,1.

13. O Censor dos *Ditos* se reporta a “Penitência”, mas, de fato, se trata de uma referência a “Paciência”. Em sua visão, o significado desse axioma não parece de todo correto, pois Deus não apenas pode, mas quer agir em nós (cf. Fl 2,13). Daí se segue que tal afirmação é “suspeita de heresia”! Cf. *Posítio*, cit., p. 9 (V Censura).

18. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,36: Para extinguir “o fogo da impaciência [deve-se praticar] o fechamento da boca e dos lábios, a fim de que a língua não diga palavras falsas e desprezíveis e a mão não passe a obras enfurecidas”.

24. “Um corpo corruptível faz pesar a alma”, Sb 9,15. Cf. Tomás de Aquino, *Summa theol.*, I II, 13,6 e *Suppl.*, 70,3: “O corpo não pode agir naturalmente sobre o espírito, nem o danificar de certo modo ou agravá-lo...”.

25. “É o espírito que dá a vida; a carne não serve para nada”, Jo 6,64. “O exercício físico tem pouca utilidade”, 1Tm 4,8.

27. Cf. 2Cor 12,10. Sobre o cálice de Cristo, Mt 20,22.

28. Cf. Mt 16,25; Mc 8,35; Lc 9,24.

30. “Não se irrite com seu próximo por um erro qualquer”, Sr 10,6.

“Sou ... invadido de alegria em qualquer tribulação nossa”, 2Cor 7,4.

33. Cf. Ivi, 53.

37. João Clímaco, *Escada do Paraíso*, XXVII,186: “O homem paciente já está morto antes de morrer; seu sepulcro é a cela”: PG 88,1113-1114.

40. “A paciência deve completar a obra [de Deus] em vocês”, Tg 1,4.

45. “A caridade... tudo suporta”, 1Cor 13,7. Cf. “Que ninguém retribua o mal com o mal”, 1Ts 5,15.

47. “O justo é o primeiro a acusar a si próprio”, Pr 18,17 (Vulgata).

50. “A paciência [produz] uma virtude comprovada e a virtude comprovada a esperança. E a esperança não desilude, pois o amor de Deus foi novamente derramado em nossos corações através do Espírito Santo que nos foi dado”, Rm 5,4-5.

53. “O mundo, para mim, foi crucificado”, Gl 6,14.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Veja-se Prontuário ..., “Paciência”.

3. “*Querem a paciência? Desejem tribulação e penas, porque não há paciência sem tribulação e pena*”. Constituições 10 (31010)

12. cf. Carta 2 (10204-05).

13. «*Não há paciência sem tribulação e pena*», Constituições 10 (31010).

30. «*humilhações desejadas ardentemente*», Constituições 18 (31812).

34. «*Sofrer por Cristo*», Carta 5 (10502), expressão recorrente ainda na Alocução (20707-08).

44. «*A sua mente está sujeita apenas à vontade e, por isso, está mais livre. Por causa disso, será mais difícil mantê-la disciplinada*», Sermão 2 (20214).

### **21. PENITÊNCIA**

Frei Battista fala de três modalidades de penitência (*Caminho de aberta Verdade*, 136v-138r). A voluntária deve ser praticada com “madura discrição”, *Caminho de aberta Verdade*, 135v, na medida em que “incomoda a Deus querer mortificar o corpo e não refrear as próprias

paixões”, 136r. Segue aquela ligada às relações com o próximo e, finalmente, a que acompanha as vicissitudes da vida.

No que se refere à “penitência” que se segue à confissão dos pecados, o Dominicano indica sua natureza e expõe “a cautela que os penitentes devem ter juntamente com os confessores”, *Filosofia divina*, 97r.

1. Sobre penitência interior e exterior, cf. Boaventura, IV Sent., d. 14, pars 1, dub. 2.

2. “A penitência é uma renovada aliança vital com Deus”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, V,46: PG 88,764.

3. “Penitência quer dizer também suspeita ininterrupta diante dos reclamos do corpo ... autocrítica íntima, autotutela sem ansiedade, enquanto filha da esperança e negação do desespero”, *Ivi*.

4. “A verdadeira penitência é se abster do pecado”, Santo Ambrósio, cit. em Boaventura, *IV Sententiarum*, 15,2.

5. “A penitência gera a humildade”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, V,46: PG 88,764.

6. “Aceitação das aflições de todo gênero”, *Ivi*.

7. O Censor dos *Ditos* julga que tal sujeito não se arrepende propriamente de seus crimes, se não pede a Deus para afastar os merecidos flagelos de sua ira, *Posítio*, cit., pp. 9-10 (VI Censura).

8. Cf. n. 3.

12. “Quem se arrepende quer agir como quem pune a si mesmo... praticar violência contra seu próprio estômago, envolvendo toda a sensibilidade”, João Clímaco, *Escada do Paraíso*, V,46: PG 88,764

15. “[Não querer] nada a não ser Deus e em Deus”, conduz a um tal abandono nas mãos do Senhor a ponto de fazer exclamar: “Pretendo louvá-lo e agradecê-lo, seja no inferno, seja no paraíso”, *Caminho de aberta Verdade*, 101r.

15. Esse pensamento se inspira em Rm 9,3, onde Paulo se alegrava por ser “anátema, separado de Cristo”, de modo a levar proveito a seus consanguíneos hebreus. Frei Battista retoma tal conceito, dizendo-se disposto a ir ao Inferno, se isso der maior glória a Deus: “Que seu amor

seja tão puro de modo a até mesmo deixar Deus pelo amor de Deus”. Cf. Prontuário, “Anátema”, com as relativas referências.

18. “Quem faz penitência se reconcilia com o Senhor mediante comportamentos santos”, Clímaco, *Escada do Paraíso*, V,46: PG 88,764.

19. “Quem se lembra de ter cometido algo ilícito, deve se abster das coisas lícitas”, cit. em Boaventura, *IV Sententiarum*, 14,2,2.

25. “O justo cai sete vezes”, Pr 24,16.

35. Sobre a “Discrição”, cf. Ditos **Discrição**.

37. São Nilo afirma que “os demônios não apenas sugerem desculpar [na satisfação de] o ventre, mas exortam a praticar em excesso penosas abstinências e jejuns”, com o duplo risco de cair em soberba ou em dissolução, *Epístolas*, 3,46: PG 79,413.

38. “Moderado jejum”: veja-se ainda o n. 46. Cf. Prontuário, “Mortificação”, com as referências a frei Battista, *Caminho de aberta Verdade*. Cf. *Summa theol.*, II II, 147,1 onde Agostinho é citado sobre a eficácia do jejum.

41. “Quem come de tudo, come para o Senhor, na medida em que rende graças a Deus; quem não come de tudo, não come para o Senhor e rende graças a Deus”, Rm 14,6.

42. “Se, por de jejuns e vigílias, alguém debilita as forças naturais, a ponto de essas se tornarem impotentes para as obras necessárias, certamente está pecando”, Tomás, *Quodlibetales*, 111.

43. *Ivi*, cita-se São Jerônimo, que fala de “holocausto roubado” por parte de quem se excede em afligir o corpo ou prefere o jejum à caridade.

44. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,1 ressalta os efeitos da “aflição corporal” em referência aos vícios e às virtudes. Frei Battista se pergunta “Se a penitência especialmente árdua e necessária” consistiria em disciplinar a “carne”, ou seja, o corpo, *Caminho de aberta Verdade*, 135r-136v, onde recomenda “grande discrição e moderação”.

45. “Hóstia viva”, Rm 12,1. “O sacrifício dos maus é um horror”, Pr. 1,27. Deus não se deixa corromper com presentes: “não os aceitará”, Sr 35,14.



46. Tomás, *Summa theol.*, II II, 147,6 e 7 apresenta o jejum como “um ato da virtude da abstinência” e indica os critérios que presidem a moderação com que praticá-lo.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Cf. Prontuário, “Mortificação”.

11. Ajusta-se ao estatuto dos Paulinos a busca da «*pura honra de Deus*», Constituições 18 (31818). Cf 16 (31608).

13. «*Procurem até aumentar*» os próprios defeitos, Constituições 12 (31219).

18. Sobre «*o desejo de viverem valores cada vez maiores*», cf Carta 11 (11105).

19. Em relação às coisas lícitas e ilícitas, cf. Carta 11 (11105).

20. «*Não estabeleçam grande diferença entre os defeitos, ... porque Cristo morreu por causa de todos eles*», Constituições 14 (31405).

29. «*dominarem as suas vontades*», Constituições 12 (31208)

## **22. RELIGIOSO (36)**

No primeiro “Opúsculo” que conflui em *Caminho de aberta Verdade*, frei Battista ilustra “o que deve ser bem verificado antes de se fazer a profissão” religiosa, expondo quatro situações (leviandade, medo do mundo, falta de firmeza e, finalmente, amor divino), para, então, passar à ilustração dos votos e concluir, afirmando “o quanto é feliz o estado religioso [daqueles que] tendem à perfeição”, *Ivi*, 3r-22v. Na “*Epístola*” a Gaetano Thiene volta a tratar dos motivos que induzem a abraçar a vida religiosa, *Ivi*, 132v-134v.

1. Cf. Tg 1,27.

3. Cf. Mt 5,8. Fim imediato de quem abraça a vida religiosa “não é a vida eterna, mas a pureza do coração”, *Espelho interior*, cap. LXI, 93v-94v. No capítulo seguinte 95r-98r, frei Battista explica o que se deve entender por purza. Alusão indireta a Cassiano que estabelece uma diferença entre “fim” e “objetivo”, *Conversações*, I, 5,2: «*Hebentes finem vero vita aeternam, scopos puritas cordis*».

5. “Sou de um coração”, cf. At.4,32.

7. Frei Battista aplica aos falsos religiosos o quanto reprovava aos leigos de serem “cristãos só no nome ... e de meras cerimônias”, Ditos também “cristãos cerimoniais”, Caminho de aberta Verdade, 77r/v. Cf. Imitação de Cristo, I, 19.1: “[Religiosus] sit talis intérius qualis videtur homínibus extérius; O religioso deve ser interiormente tal como aparece exteriormente aos homens”. (Tendo a vida eterna como verdadeiro fim, seu objetivo é a pureza de coração).

8. Trata-se do beato dominicano, mais tarde cardeal, Giovanni Domini-ci (1356-1419). A errônea identificação com João Clímaco é atestada na edição latina de 1670 (*Axiómata sacra*), organizada por padre Giovanni Agostino Gallicio, assim como na edição latina de 1715. Similar identificação foi retomada na edição italiana, organizada por padre Alessandro Gavazzi em 1843 e repetida por padre Luigi Bruzza na edição de 1849. Com razão, padre Giuseppe Boffito, na edição crítica de 1936 – a última publicada pela Congregação –, cita Clímaco entre parênteses e com um ponto de interrogação. Embora tendo consultado os escritos de Dominici, não encontrou tal citação.

10-11. Os falsos religiosos também são definidos como “religiosos sem religião”, *Espelho interior*, 96r.

12. Cf. *Ditos*, **Lágrimas**.

19. Gregório Magno, *Regra pastoral*, I, 2 (PL 77,16): «Nemo ámplius in Ecclésia nocet, quam qui, perverse agens, nomen vel ordinem sanctitatis habet; Ninguém prejudica mais a Igreja do que aquele que age de maneira perversa, embora tendo o nome e o dever da santidade”.

21. Sobre progredir e regredir na vida espiritual, cf. Gregório Magno, *Regra pastoral*, III, 3,34: PL 77,118; Bernardo, *Sermo II in festo Purificationis*: PL 183,369.

24. “Luz do mundo”, Mt.5,14; “Anjos em corpo”, cf. Ps. Macario, *Homílias*, 18,7 (PG 34,640): «Fiunt velut ángeli incorpórei». *Imitação de Cristo*, III, 10,6: «O sacer status religiosi famulatus, qui hominem angelis reddit aequalem; Oh sacro estado do serviço religioso, que torna o

homem semelhante aos anjos”.

27. Mt.11,12. Boaventura, *Collatio*, VIII, cita João abade do Monte Sinai: «Monge é [aquele que inflige] uma contínua violência à sua natureza”.

29. Pensamento também expressado em *Espelho interior*, 94v, que define os religiosos como “dignos habitáculos do Cristo Crucificado”. Cf. Cassiano, *Conferências*, X, 7,2; 8,3 (PL 49,827-829): «...Ita fiet cum omnis amor, omne desidérium, omne stúdiu[m], omnis conatus, omnis cogitatio nostra, omne quod vívimus, quod lóquimur, quod spiramus, Deus erit ... ita scílicet eidem copulati, ut quidquid spiramus, quidquid intellégimus, quidquid lóquimur Deus sit. ... Deo iúgiter inhaerere; Isto acontecerá quando todo amor, todo desejo, toda aplicação, todo esforço, todos os nossos pensamentos, todas as coisas que vivamos, que dissermos, que respiremos, será Deus... Aderir sempre a Deus”. Boaventura, *Collatio*, VIII, se reporta a João abade: “Monge é aquele que somente age, pensa e fala das coisas de Deus, unido a Cristo em todo tempo e ocupação”.

30. Boaventura, *Collatio*, VIII, cita João abade do Monte Sinai: “Quem você pensa que é o monge fiel e prudente? Quem junta fogo a fogo, fervor a fervor, desejo a desejo, e solicitude a solicitude”.

31. Cf. *Ditos*, **Tibieza 18**.

32. Sobre a relação entre o temor filial e o temor servil, cf. Tomás, *Summa theol*, II II, 19,2.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

18. Tibieza e negligência são a mesma realidade cf. Sermão sobre a Tibieza. Antonio Maria lamenta em si «*uma negligência tão grave*», Carta 2 (10212).

21. Progredir ou regredir (“proficere” e “deficere”) são um binômio, frequentemente citado nas Constituições 12 (31233.45); 18 (31820-21); 19 (31905). Cf. Sermão sobre a Tibieza (20607.18).

28. O apelo à “violência”, seja na vida cristã, seja na religiosa, é retomado várias vezes. Cf «...poucos querem fazer violência contra si

mesmos e são poucos os que conseguem conquistar o Reino», Sermão 5 (cf 20516). Segundo Constituições 12 (31243) o fervor pode ser aumentado «*com esforços violentos ou corporais*».

34. Às «*batalhas espirituais*», que devem ser travadas contra o Demônio, se reportam as regras dos noviços, Constituições 12 (31225).

### 23. RAPTO (17)

O tema do arrebatamento místico ou do êxtase é enfrentado por frei Battista em três das obras maiores. Em *Caminho de aberta Verdade*, 22v é ilustrada a experiência de quem se encontra “absorto em Deus e raptado [raptado] para fora de si mesmo”. Pensamento retomado em *Cognitione et vittoria*, 137v, onde se fala daquele que reza “com tanta elevação da mente que acaba indo para fora de si mesmo”. “Levado para fora de si mesmo por raios superiores”, *Espelho interior*, 51r. Ainda nessa obra acena-se para quem está “absorto e arrebatado” na oração, *Ivi*, 60v. Finalmente, o capítulo LVI, 88r-89v, trata expressamente da alma “às vezes arrebatada para coisas superiores”, ou seja, entrando em êxtase.

1. Sobre o “raptus animae”, que pode ser duplo, implicando uma visão espiritual ou intelectual, escreve Agostinho em *De Genesi ad litteram*, 12, 26, 53. No texto que se segue, explica a espécie de visão por parte de Moisés e de Paulo.

2. Sobre o raptado e seus efeitos de violência e alienação dos sentidos, cf. Tomás, *Summa theol.*, II II, 175.

3. Sobre os resultados patológicos do raptado, cf. Agostinho, *cit.*, 12, 19.

4. Sobre o demônio “raptor” [que agarra], cf. Agostinho, *cit.*, 12, 18-19. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,76 fala dos “espíritos sedutores”.

5. Sobre o papel da “apreensão” no raptado patológico, cf. *Summa theol.*, I II, 28, 3.

8. As várias modalidades com que Deus fala são ilustradas por Agostinho, *Sermo 9*, 12, 4, 4: PL 38,102.

9. Cf. *Ditos* 17, “Meditação”; 19, “Oração”. Sobre a Contemplação, cf. 33, “Visão de Deus”.
10. Cf. 2 Cor 12,2 e At 9,6.
13. Cf. 1Rs 10,5; Ez 1,1; Dn 7,1-2. 8,1; Ap 1,10.
15. Sobre a experiência de Paulo, cf. 2Cor 12,2ss.
17. Sobre o “gáudio do Senhor”, cf. Mt 25,21.
- SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**8. Sobre os «*ritmos e harmonias*» que o Espírito produz em nós, tal como um instrumento musical, cf. Constituições 12 (31235).

## 24. **ESPÍRITO (28)**

1. Sb 7,22-23; 1Cor 2,10.
2. Cf. At 13,3.
3. Sb 7,22.
4. Sobre os vários modos com que Deus nos fala, cf. Agostinho, *Sermo* 9, 12, 4, 4: PL 38,102. Sobre o espírito de verdade, cf. Jo 16,13.
5. Sb 1,5: “O Santo Espírito escapa a todo engano”.
6. Sobre esses aspectos da ação do Espírito, cf. Pr 15,3; Gl 5,22. Sobre o “Espírito que santifica”, cf. 1Pd 1,2.
7. Cf. 1Cor 2,12-13.
8. 2Cor 3,17.
9. Jo 4,24 (cf. Jo 14,26); Jo 3,8.
10. 1Cor 2,14.
11. Experiência de São Paulo: 2Cor 12,4.
12. Cf. *Ditos*, **Mestre 1**.
14. “Exortação” evoca o próprio nome do Espírito “paráclito”. Cf. 1Cor 2,4.
16. Sb 7,22.
17. *Ivi*. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,24: “O Espírito Santo é dito, ao mesmo tempo, único e múltiplo; embora, em si, seja único, concede dons diversos, segundo os vários efeitos desses próprios dons”.
- 18-21. Cf. Sb 7,22, que fala de um espírito móvel.

22. Resistir ao Espírito, At 7,51.

23. Sb 7,23.

25. Sb 7,22-23; 1Cor 2,15.

26. 1Cor 6,3.

28. Is 11,2-3. Gregório Magno, *Homiliae in Ezechielem*, II, 7,7: PL 76,1016, ilustra a ascensão a Deus através dos dons do Espírito Santo.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Sobre o “Espírito” e sobre o “Espírito Santo”, cf. Prontuário, nas vozes respectivas.

## **25 CIÊNCIA ESPIRITUAL (33)**

1. Ciência (conhecimento) e sabedoria estão entre os dons do Espírito Santo, Is 11,2. Cf. *Summa theol.*, I II, 68,5.

2. Ilumina, cf. Jo 1,9; Aquece, cf. Lc 24,32.

3. 1Cor 2,15: “O homem movido pelo Espírito julga todas as coisas, sem poder ser julgado por ninguém”.

4. É familiar a frei Battista atribuir mães e filhas às virtudes. *Sobre a “Discrição”*, cf. *Ditos Discrição*.

5. A “pureza” é um atributo da sabedoria: “Por sua pureza se difunde e penetra todas as coisas”, Sb 7,24. Cf. Tg 3,17: “A sabedoria que vem do alto, antes de tudo, é pura”.

7. Sr 3,22: «Altiora te ne quaesieris».

9. Pr 30,5: “Toda palavra de Deus é purificada no fogo”. Cf. Is 6,6-7: o carvão ardente purifica a boca do profeta.

11. Mt 10,16.

13. 1Cor 2,2: “... Não julgues saber nada além de Jesus Cristo e Cristo Crucificado”. Nessa afirmação se inspira o próprio título da obra de frei Battista *Philosophia divina di quello solo vero maestro Jesu Christo crucifixo*, de 1531. A edição seguinte de 1543 traz o título inicial em italiano.

13. Frei Battista julga que a cruz seja algo abominável e vil aos olhos dos túbios: cf. *Filosofia divina*, cap. XXI, 106v: “Quanto mais cedo se

aprenda Teologia, lendo o livro do Crucificado”.

14. “Nossos defeitos”: a qualificação dos nossos defeitos é problemática. A edição francesa de 1600 traz “imperfections susdites”. As edições latinas de 1670 e 1715 trazem “Síquidem videris huius sapiéntiae expertem, audacter pronunciato et dic expertem ipsum reddunt labes vitiatorum; Se alguém se vê privado dessa sabedoria, deve declará-lo com franqueza e de que o fazem privado as torpezas dos vícios”. A edição de 1706 traz “notórios defeitos”. A edição de 1843 segue o texto francês, nela se lendo: “imperfeições supramencionadas”.

20. Com “cerimônias” frei Battista pretende se referir aos aspectos rituais que acompanham a prática cristã, sobretudo no culto.

21. Sobre os sentidos ocultos, contidos nas Escrituras, cf. Prontuário, na voz respectiva.

23. 2Cor 3,6.

24. Sobre a “Meditação”, cf. *Ditos*, **Meditação**..

26. Sb 7,26 fala de um “espírito estável”.

27. “O homem santo não deve responder a qualquer curiosidade”, *Filosofia divina*, 88v.

30-32. Sobre o “Mestre”, cf. *Ditos*, **Mestre**..

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

2. Sobre “Luz e fogo”, cf. Prontuário, na voz correspondente.

3. Cf. n. 15. O Santo fala de virtudes «*verdadeiras e reais*», contrapondo-as às «*fantásticas*», Constituições 9 (**30901**).

4. «*profunda humildade*», Constituições 3 (**30303**).

7. “Investigar” é um termo recorrente nos escritos zaccarianos; indica uma aprofundada busca interior.

12; 23. À «*filosofia de muitas palavras*» reportam-se as Constituições 8 (**30801**).

13. A junção negligência/tibieza é retomada várias vezes no Sermão sobre a Tibieza.

20. No Sermão 1 (**20115**) Antonio Maria expõe a distinção tomista em preceitos morais, legais e rituais (*Summa theol.*, I II, 99 e 100). Esses

últimos dizem respeito ao ritos litúrgicos ou monásticos sobre os quais se lê em Constituições 12 (cf. **31214**) e 19 (cf. **31903-05**).

**21; 27.** Sobre a “Curiosidade”, cf. Prontuário, na mesma voz.

**30.** Pôr em obra o que se aprende é regra que deve presidir o estudo: Constituições 8 (**30805**).

32. «... se acontecer que vocês vejam um bom discípulo sair de um Mestre mau, digam a este Mestre que ele não tem razão para gloriar-se da perfeição dos discípulos, pois não foi a sua capacidade que cooperou para a devoção do discípulos, mas a força do Espírito Santo», Constituições 12 (**31206**).

## **26. SONHOS E APARIÇÕES (9)**

**1-2.** Sr 34,1-7 trata dos sonhos. “Os sonhos dão asas a quem está privado de bom-senso... Como alguém que se aferra às sombras, assim acontece com quem se apoia nos sonhos... Os sonhos induziram muitos ao erro”.

**2.** A presença do Demônio nos sonhos requer a presença simultânea de dois anjos na vida do homem “unus iustitiae et unus nequitiae”, Pastor de Erma, “Preceitos”, XXXVI, 2,1-10: PG 2,928. Cf. *Summa theol.*, II II, 95,6.

**5.** A influência que Deus exercita através do sonho é ilustrado por Jó (33,14-18). Cf. Boaventura, *De Professione religiosorum*, 2,77.

**6.** Santo Atanásio, na *Vita Antonii*, 43,1-3: PG 26,905 oferece um critério de juízo para discernir se visões são uma influência divina ou demoníaca. À pergunta: “Quem és e de onde vens?”, responde: “Se se trata da visão de santos, lhe darão a certeza, transformando o espanto em regozijo; se se trata de uma visão diabólica, logo se percebe um desconforto, em razão da própria fraqueza”.

**7.** Sobre o Discernimento, cf. *Ditos*, **Discrificação**.

**8.** Sobre a Humildade, cf. *Ditos*, **Humildade**.

**9.** A Mula de Balaão, Nm 22,22-35, sabe discernir o que acontece segundo Deus e o que não.



## **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

O sonho não é bem visto no pensamento do Santo. «Dar atenção aos sonhos é considerado idolatria, adorar o demônio», Sermão 1 (cf. **20131-32**). Retomando para as monjas o ensinamento sobre o primeiro preceito do Decálogo, afirma que uma atitude supersticiosa e inclinada à magia (cf **20130**), Ilustrando o “Terceiro preceito”, Zaccaria fala de ações libertadoras por parte de Deus, como no caso de Jacó, que é libertado «*de seu irmão Esaú, durante o sono*», Sermão 3 (**20306**). Não sabemos em que fonte precisa se inspirou Antonio Maria, que, em todo caso, evoca o sonho de Jacó e a separação do irmão, Gn 32-33.

### **27. TIBIEZA (55/2)**

“A implicação da palavra tibieza” é exposta em *Caminho de aberta Verdade*, 21v-22v. Frei Batista denuncia “tão grande tibieza nos tempos modernos, como vemos seja em sacerdotes e monges, seja em seculares”, 43r. O laço que une tibieza à negligência, julgado um seu “filho”, é exposto em *Cognitione et vittoria*, 141v-144r. Após evocar Ap 3,16, o Dominicano afirma que ou se é quente, ou frio, ou tépido; essa última condição é de quem “não acrescenta desejos maiores aos grandes, os muito grandes aos maiores ainda, e os enormes aos máximos”, estigmatizando quem afirma não se importar “com tanto proveito”, de modo a “piorar e se degradar por seu pequeno status, fazendo-se menor; e, se era menor, fazendo-se mínimo; e, se estava no mínimo estado de perfeição, caindo fora da perfeição, tornando-se um túbio formal”.

No *Espelho interior*, 1v-5r, assinando a dedicatória à Governadora do Hospital dos Incuráveis de Veneza, frei Battista se detém amplamente sobre esse tema. Indica, antes de tudo, três causas da tibieza: 1. Existindo coisas de conselho e perfeição, mas não de necessidade, basta ater-se àquelas que são preceitos; 2. Muitos negligentes e túbios, embora não cometendo pecados graves, não se importam com os pecados veniais; 3. Quem desconfia de poder perseverar e, dessa forma, se acomoda na mediocridade. Deve-se acrescentar ainda a desculpa de quem não quer

ter a presunção de ser igual a Deus, *Ivi*, 81v-82r.

Sobre esse tema frei Battista volta à “Segunda parte do proêmio”, onde junta “dezessete razões” que provam “o quanto o homem deva querer crescer do bom para o melhor”. As 3 primeiras são retiradas da Bíblia, de São Tomás e “de um outro doutor”, enquanto as outras 14 “são retiradas de São Vicente [Ferrer] no Tratado sobre a vida espiritual” *Ivi*, 8v-16r (cf. Vicente Ferrer, O.P. [1350-1419], *Tratado sobre a vida espiritual*, III, I: “Alguns motivos para tender à perfeição”). Ainda no *Espeelho interior* é sucessivamente denunciada a “impressão de vida tibia”, uma habitual modalidade de vida marcada pela tibieza (III,19v). São ditos “tíbios e negligentes” os que consideram uma presunção e uma ofensa a Deus apontar para a perfeição (LI,81r). E insiste: “Odeia aquele que se diz [que se chama] Mercurio Trimegista, que foi pagão, mas melhor do que você, ó tívio e cristão de meras cerimônias: ‘Se você não se faz igual a Deus, jamais poderá conhecê-lo, pois o semelhante é sempre conhecido por seu semelhante’”. Antes de tudo, acrescenta frei Battista, semelhante a Deus “na onipotência de seu mundo. Seu mundo é você mesmo... pois, nesse seu mundo, em você mesmo se contém o poder do Pai, a sabedoria do Filho, a bondade do Espírito Santo” (LI,82r/v). Quanto a Ermete Trismegisto (o Hermes grego corresponde ao latino Mercúrio, dito Triplamente grande), trata-se do mítico autor da Literatura hermética (*Corpus Hermeticum*), que remonta ao final da era helênica, sendo atribuída ao deus egípcio Thoth. O Trismegisto está magistralmente retratado no mosaico do chão da entrada da catedral de Siena (sec. XV).

1. Sobre negligência/tibieza é fundamental a referência a Tomás, *Summa theol.*, II II, 53 e 54. Veja-se ainda Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2.

2. Boaventura, *Speculum animae*, 3: “Diz-se que alguém se torna tívio quando se faz incapaz de agir bem, como se diz da água que se torna ou é tépida, quando não tem calor suficiente”.

6. “Não raro, por negligência, até mesmo o conhecimento se obscure-

ce”, Marco Eremita, *De hiis qui putant se opéribus iustificari*, 13: PG 65,932. São Tomás cita Isidoro de Sevilha a propósito dos vícios que nascem da negligência, dentre os quais as afecções da mente, *Summa theol.*, II II, 35,4.

10. “Teologia Mística”, cf. *Ditos*, **Mestre 9**. Sobre a “teologia filosófica”, frei Battista denuncia como “frequentemente o homem se emporcalha de teologia filosofada”, *Philosophia divina*, ediz. 1531, 29r. Ele recorda que “a paixão de Cristo é de qualquer modo um epílogo de toda a sabedoria moral, racional, natural e divina, quem a tem bem esculpida no coração pode ser mais sábio do que qualquer filósofo”, 48r. Sobre as “verdadeiras virtudes”, expressão cara a frei Battista, cf. *Ditos*, **Devoção 9**.

12. Mt 23,29.

13. São Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,3: “São costumeiros, para se mostrarem religiosos ... serem zelosos nas observâncias exteriores ... demonstram exteriormente uma espécie de religiosidade, segundo a frase do Senhor quando falava aos Fariseus sobre as pequenas observâncias das cerimônias”.

13; 43. “Impressão” é um termo que alude claramente à invenção atribuída a Johann Gutenberg em meados do sec. XV.

16. “Muitos desejosos de morrer por Cristo, não querem sofrer por Cristo pequenas injúrias”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,5.

17. Dn 13,5: “A iniquidade surgiu ... por obra de anciães e juízes”.

18. “Diverte-se com novidades, tem prazer em jogos, inventa coisas para se ocupar”, Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,32.

19. Tomás, *Summa theol.*, II II, 35,3 julga a negligência “em seu gênero pecado mortal”.

23. Cassiano, *Conferências*, XI, 6,1 indica três maneiras de vencer os vícios: “o medo da Geena; o temor do inferno ou das leis do mundo; a esperança e o desejo do reino dos céus; o apego ao bem enquanto tal e o amor à virtude”. Cf. n. 36.

24. “Violência”, cf. Mt 11,12.

25. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,3: “Vivem relaxadamente ... para que seja assegurada a salvação”.
27. Qo 5,3: “Quando fizerdes um voto a Deus, não tardes em satisfazê-lo”.
28. Sr19,1: “Quem despreza as pequenas coisas, cairá...”. Gregório Magno: “Se formos negligentes em cuidar das coisas mínimas, insensivelmente seduzidos, logo também perpetraremos de forma audaz coisas maiores”, cit. em Boaventura, *Pharetrae*, 3,8.
29. “Muralhas”, cf. Boaventura, *Compendium theologiae veritatis*, 18: “O homem negligente é como uma cidade sem o cerco das muralhas”.
31. “A desconsideração é raiz e fonte causal de todos os males”, *Caminho de aberta Verdade*, 28v.
36. Clássica a distinção entre temor servil e temor filial. Cf. n. 22.
37. Sobre o “Fervor”, cf. *Ditos*, **Fervor**.
38. Tomás, *Summa theol.*, II II, 35,4: “A ociosidade e a sonolência se reduzem ao torpor relativo aos preceitos, em torno aos quais alguém é ocioso ao descuidar totalmente deles e sonolento observando-os com negligência”. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,32: “O torpor da preguiça ... se compraz com o ócio”. Ambrósio, *In Lucam*, afirma que “o Espírito Santo não tolera lentidão”.
45. *Apophthegmata Patrum*, 111: PG 65,349: “Enquanto a panela é esquentada pelo fogo que lhe está embaixo, a mosca ou algum réptil não podem tocá-la; mas, quando fica fria, posam nela. O mesmo acontece com o monge: enquanto permanece nas práticas espirituais, o inimigo não encontra o modo de fazê-lo cair”.
46. Pr 15,8: “O sacrifício dos maus é um horror para o Senhor”.
51. Da negligência nasce a instabilidade: Tomás, *Summa theol.*, II II 35,4.
52. 2Tm 3,7: “Sempre prontas a aprender, mas jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade”.
54. Mt 23,3: “Falam e não fazem”.

**SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Sobre a “tíbieza”, cf. Prontuário, na voz respectiva.

9. «*A casca da letra*», cf. Constituições 8 (30804) não ler de maneira superficial..

10. Antonio Maria fala de virtudes «*verdadeiras e reais*», contrapondo-as às «*fantásticas*», Constituições 9 (30901).

23. «Opróbrios» é um termo emprestado de Hb 12,2; 13,13. Tem diversas recorrências nos escritos do Santo, sendo sempre retomado em chave cristológica, com referência à cruz.

24. «Violência» reporta-se a Mt 11,12. Veja-se Sermão 2 (20210). Sobre a «*violência adequada*» que acompanha a vida espiritual, escreve nas Constituições 12 (31218.24.43-45).

25. «*As palavras dos tíbios*» são retomadas literalmente no Sermão sobre a Tibieza, que se reporta diretamente ao *Espelho interior*. Análogas evocações em Constituições 12 (31225). «*demônio fecha a boca*», cf. Sermão 1. Prática (20122): «demônios encarnados»; Constituições 18 (31807): «*demônios invisíveis*».

28. Cf. Sermão sobre a Tibieza (cf. 20620).

37. Vejam-se *Ditos*, **Fervor**, com as respectivas referências.

41. Nas Constituições 16, Zaccaria estabelece normas que permitam à Congregação enfrentar a insídia dos tíbios. Cf. cap. 17, “Os sinais das ruínas dos costumes”.

45. Para a referência às moscas e à sua presença na oração, cf. Constituições 12 (31215).

## 28. TENTAÇÃO HUMANA (16)

1. [Tentação como prova]. “A tentação tem por finalidade a experimentação de algo desconhecido. ... Com a tentação temos ciência de alguma dúvida”, Tomás, 2 *Sent.* 21, I,1.

2. 1Cor 10,13.

3. “Seguridade”, proteção sem disciplina (no caso desse *Dito*).

4. Sr 34,10: “Quem não foi provado, conhece pouco”.

6. Tb 3,21 (Vulgata): «Si in probatione fuerit, coronabitur».

7. Boaventura, *Pharétrae*, 2,1 cita Agostinho: “Em nós mesmos, uma única enfermidade já é causa de combate”; Bernardo: “O ócio é um antro de toda tentação e todos os males”. Tomás, 2 *Sententiarum*, 21, I,1: “O homem tenta o homem para experimentar a ciência ou qualquer outra coisa que esteja nele”.

12. Tomás, 2 *Sententiarum*, 21.I,3 fala de um duplo “movimento”: puramente natural ou suscitado pela mente através dos sentidos internos ou externos.

13. Tomás distingue entre “paixão” (no sentido de se submeter) e “ação” (no sentido de condescender): 2 *Sententiarum*, 21.I,3. Cf. *Summa theol.*, III, 41,1. “Amante de castidade”, cf. Bento, *Regula*, IV, 64: «Castitatem amare».

16. A tentação pode ser desejada em vista da vitória que a ela se segue: 2 *Sententiarum*, 21.I,3. Boaventura considera imprudência desejar a tentação sobretudo por parte de quem é imperfeito: *De profectu religiosorum*, 2,5 e 1,2.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

As tentações se dão a «partir do demônio», ou por “uma permissão divina»: Constituições 3 (30303). O Santo conhece a presença das tentações na vida espiritual e deseja que seus seguidores não sejam pessoas «assustadas com a violência das paixões ou das tentações»: Carta 10 (11004). Escrevendo a Negri, nota que estar «sempre aberta para as tentações» evoca «que ela ainda é a mesma que era antes»: Carta 9 (10908), parecendo adverti-la sobre o risco de se submeter às provas confiando em suas próprias virtudes. Cita, em relação a isso, um episódio de que fala João Clímaco, *Scala Paradisi*, XXVI, 165: PG 88,1064: “Certa vez, a um solitário foi oferecido um cacho de uvas. Após a partida do ofertante, comeu-o sem apetite, mas demonstrando grande avidez, para parecer guloso aos olhos dos demônios”.

10. Zaccaria se pergunta como «podem reger-se sem a ajuda de ninguém», Constituições 12 (31225) e convida, várias vezes, a “esforçar-se”, a empreender “esforços” no caminho de Deus.

## 29. TENTAÇÃO DIABÓLICA (27)

No *Espelho interior*, cap. LIX, 91r/v, frei Battista elenca “as três maneiras principais [mediante as quais o Demônio] se diverte em combater conosco”: 1. O mais encobertamente possível; 2. Por interpostas pessoas; 3. Manifestamente. Segundo *Cognitione et vittoria*, livro VIII, cap. XXII-XXV, sua ação se desenvolve através da curiosidade, leviandade da mente, falsa alegria, inveja e especialmente soberba, “que se encontra [introduzida no espírito humano] pelo Demônio, *Ivi*, 181v. Ele age através dessa e nos tenta, fazendo dela uma alavanca, pelo que “aqueles que matam as virtudes e não têm olhos a não ser para a soberba alegram profundamente o Demônio”, *Ivi*, 170v-172. Além disso, o Demônio engana todos os que “se comprazem em vencer a si mesmos com muitos jejuns, longas vigílias e ásperas disciplinas”, mas não cuidam “da total vitória sobre si mesmos”, *Ivi*, 206; ou ilude quem pratica uma devoção superficial e carola, cf. *Caminho de aberta Verdade*, 111r. Apenas a oração fervorosa pode sanear os pensamentos provocados pelo Demônio, cf. *Cognitione et vittoria*, 21v.

[Tentação como instigação ao mal].

1. “A intenção do diabo é a de enganar”, Tomás, 2 *Sententiarum*, 21, I,1. Boaventura, *Centiloquium*, 1a, s. 2 cita Cassiodoro: “A tentação do diabo assemelha-se a um bem aparente, para enganar”.
2. “O diabo usa as coisas do mundo e da carne como instrumentos para tentar o homem”, 2 *Sententiarum*, 21, I,1.
3. Segundo Tomás, a tentação se dá “por meio de um agente que arrasta para o pecado através da persuasão, do terror, das carícias e processos similares; assim se diz que a tentação vem do inimigo e daqueles que são seus membros”, 2 *Sententiarum*, 21, I,1.
4. “Outro movimento do concupiscível é o que surge da apreensão do que é prazeroso. ... O apetite concupiscente possui alguma liberdade, ao menos no homem, na medida em que pode obedecer ao comando da razão proibitiva; por isso, no concupiscível, pode surgir o pecado. Mas, o demônio não pode extorquir esse movimento”, 2 *Sententiarum*, 21,



I,2.

5. Os atos do livre arbítrio estão sob o poder do homem que, assim, pode resistir à tentação, *Ivi*. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,2, afirma que, quando o demônio nos provoca ao pecado, “exige de nós que lhe emprestemos nossas armas, com as quais nos mata. ... Estúpido, porém, é quem consente com ele”. Frei Battista considera quando “os movimentos da carne são do Demônio” e quando, ao contrário, se devem à própria vontade, sustentando que ele “mata o corpo através [da falta de] discrição e a alma com a presunção”, *Cognitione et vittoria*, 166r.

9. Boaventura, *Pharetrae*, 2,1 cita Gregório Magno: “A menos que Deus regule as tentações segundo as forças [do homem], certamente não existe ninguém que seja assediado pelas insídias dos espíritos malignos e consiga não cair”.

10. Mt 12,45 faz referência a ação semelhante dos espíritos malignos.

12. “Satanás se mascara como anjo de luz”, 2Cor 11,14. Segundo Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,2, o demônio “persuade para o mal sob as cores do bem”.

15. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,2: o demônio “procura nos subtrair a verdadeira fé, nos abater com o espírito de blasfêmia e infesta com outros pensamentos semelhantes, ... como o desespero, ... os vícios espirituais”. O Demônio “aflige o homem duvidoso”, *Caminho de aberta Verdade*, 132r.

18. “O demônio não tenta os incrédulos e os pecadores que ele já tem seguramente em suas mãos, mas assedia e atormenta, de várias maneiras, os fiéis e os devotos”, *Imitação de Cristo*, IV, 18,14.

21. Sobre a relação consolação/desolação e a origem divina ou demoníaca, detém-se santo Inácio quando, nos *Exercícios espirituais*, 313-336, trata do discernimento dos espíritos.

23. *Summa theol.*, II II, 20,1: “O movimento do desespero, devido a uma falsa opinião em relação a Deus, é vicioso e constitui um pecado”.

24. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,2: “Diz-se que Deus tenta



alguns quando os flagela na terra, para seu progresso e exemplo para os outros”.

26. Cf. Jó 1,12: “O Senhor disse a satanás: “Eis aqui; o quanto possui está em seu poder, mas não estenda a mão sobre ele”.

27. “A santa comunhão desvia o homem do mal», *Imitação de Cristo*, IV, 3,14.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Sobre o demônio e suas estratégias, cf. Prontuário, na voz correspondente.

### **30. TENTAÇÃO ANGÉLICAL (5)**

[Tentação por influência exercitada pelos anjos sobre os homens].

1. Sobre o papel dos anjos como guias dos homens, cf. ÉX 23,20-21 e SL 90/91,11.

Tomás, *Quodlibetales*, 3,2 cita Isidoro: “Os homens são purificados, iluminados e aperfeiçoados pelos anjos”.

2. Soa nesses termos a mensagem de Gabriel a Zacarias: “Fui enviado para falar com você e trazer esse anúncio feliz”, Lc 1,20. “O anjo da justiça é delicado e pudico, manso e tranquilo. Se penetra em seu coração, logo fala de justiça, de castidade, de modéstia, de frugalidade, de toda ação justa e de toda insigne virtude. Quando todas essas coisas entram em seu coração, pode ter certeza de que o anjo da justiça está com você”, O pastor de Hermas, “*Preceitos*”, 6,2,3: PG 2,928.

5. Cf. Lc.5,8-10.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Sobre os Anjos, cf. Prontuário, na voz correspondente.

### **31. TENTAÇÃO DIVINA (18)**

1. «Quia acceptus eras Deo, necesse fuit ut tentatio probaret te», Tb 12,13 (Vulgata). Sobre a utilidade de que se revestem as tentações, ou seja, as provas da parte de Deus, cf. *Caminho de aberta Verdade*, 70r/v. Boaventura, *De profectu religiosorum*, II,1-2: “Deus nos humilha com

as tribulações das tentações, de modo a conhecer o que somos através de nós mesmos. ... Experimenta-se a paciência quando não se murmura contra Deus”.

2. Tg 1,13. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,2: “Diz-se que Deus tenta alguns quando os flagela na terra para seu progresso”.

3. 1Cor 10,13.

4. At 2,4; 4,3.

5. Adão, Gn 3,9. Noé, Gn 6-8. Abraão, Gn 22,1. Cf. Tomás, 2 *Sententiarum*, 21 I, 1. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,2.

6. Jó, Jó 1,12-22. Moisés, cf. Êxodo e Números.

7. Mt 26,36-44 e Hb 4,5. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,2: Deus põe à prova alguns “para seu progresso e exemplo para os outros”.

9. “Precipitar”. A edição latina exemplifica: «inconsulte per praecipítia cursitántibus; desatinadamente, correm o risco de se precipitar”.

12. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 2,2: “A tentação mais perigosa é a que julgamos menos incômoda”.

15. «Qui spernit mó dica, paulatim dé cidet», Sr 19,1 (Vulgata).

16. Boaventura, *De profectu religiosorum*, 1,39: “Nenhuma fortificação exterior basta para proteger os recintos da cidade, quando os cidadãos são pérfidos”.

17. Cassiano, *Conversações* i, V, 27,1 fala do “ordo proeliorum” no enfrentamento dos vícios.

18. «Ascendit mors per fenestras nostras», Jr 9,21 (Vulgata); «Per fenestras intrabunt», Gl 2,9.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

1. Como já mencionado, segundo Antonio Maria «*Vocês saberão se alguém está sendo tentado pelo demônio ou por permissão divina ...*», Constituições 3 (30303). Deus e demônio constituem uma alternativa que se apresenta na vida humana: «*Veja bem: a liberdade é tão importante, apoiada pela graça de Deus, que o homem pode tornar-se demônio ou Deus, como ele desejar*», em razão do livre arbítrio, Sermão 5 (20515).

12. «*O homem deve estar sempre pronto e disposto a obedecer*», daí enfrenta vitoriosamente as tentações, sejam devidas ao demônio ou por permissão divina, Constituições 2 (30202).

15. «*Caríssimo, cuide dos seus sentimentos*», ou seja, dos sentidos, Sermão 2 (20213). Cf. n. 18. «*quem despreza o pouco, cairá logo na miséria*», Sermão sobre a Tibieza (20621) que cita Sr 19,1.

16. É familiar ao Santo a referência às “armas” espirituais de que fala São Paulo, Sermão 5 (20517) e Alocução, 163. Sobre a “vitória”, cf. ainda o n. 18. Trata-se de um tema familiar a Zaccaria, como demonstra a referência à obra de frei Battista, *Cognitione et vittoria di sé stesso*, Carta 1(10110).

17. «Tendo conhecido o comandante». Na Carta a Carlo Magni fala-se de «*defeito que, como comandante geral,... tendo os olhos sempre voltados para o que é o mais importante, abra caminho até ele, matando todos os que estiverem na frente*», Carta 3 (10313).

18. “A morte entra pelas janelas” (Jr 9,21) é uma afirmação clássica para indicar que «*o conhecimento do seu interior e da sua mente vem do exterior*», Sermão 2 (20212).

### 32. VIDA MISTA (14)

*Ação e contemplação* constituem um clássico binômio da vida humana religiosamente entendida. Diga-se, porém, que, para os antigos, a praxis ou ação comportava, em primeira instância, o trabalho sobre si mesmo, ou ascese, e, em segunda instância e conseqüentemente a caridade, a ação dirigida ao próximo. Tornou-se proverbial a figura de um asceta do deserto, definido “mega praktikós; grande prático”. Sobre a tríplice qualificação de vida ativa, contemplativa e mista, cf. *Espelho interior*, 97r/v.

1. Frei Battista fala de uma “vida ativa nobre”, que consiste na “total vitória sobre si mesmo” e, portanto, propriamente na ascese, *Cognitione et vittoria*, 105v.

2. Tomás, 3 *Sententiarum*, 35, I,2, cita Isidoro: “A vida contemplativa

... se fixa na única afeição de Deus”; “A vida contemplativa ... consiste principalmente na operação do intelecto em relação a Deus”.

3. O autêntico religioso, assim julga frei Battista, “terá o mérito e a perfeição da vida ativa [como também] da vida contemplativa”, *Espelho interior*, 97r. Agostinho, *De Civitate Dei*, 19,3: “Quanto aos três gêneros de vida: ocioso, ativo e misto, agrada ... mais o terceiro”. Gregório Magno, *Regra pastoral*, convida os pastores, enquanto se entregam na ação, a serem “sobretudo experientes na contemplação”, II, 5: PL 77,32.

4. Tomás, *3 Sententiarum*, 35, I,3: “A vida ativa introduz à contemplativa”.

5. Lc 10,42.

7. Gregório Magno, *Moralia in Job*, XXVIII, 13, 33: PL 76, 467: “Ab activa vita longe contemplativa distat; sed incarnatus Redemptor noster veniens, dum utramque exhibuit, in se utramque sociavit, etc; A vida ativa é bem distante da contemplativa; mas, o nosso Redentor, com sua encarnação, praticou ambas, unindo-as em si mesmo”. Tomás, *3 Sententiarum*, 35,1,3: “A vida contemplativa e a ativa podem estar juntas”.

10. Sobre a relação graça/esforço, cf. Tomás, *Summa theol.*, II II, 47,14 e Boaventura, *Commentarium in IV libros Sententiarum*, 2, 29, 1,1,6: A graça “não pode nem deve absolutamente ser ingrata”; *Expositio in Hexaémeron*, 14: “A graça do Espírito Santo só se encontra no homem grato”; Nos *Sermone de tempore*. Em Pentec., 9,1,3 pergunta-se como “possa a graça abundar em um ingrato”. Afirmção cara a frei Battista era a de que Deus estende seus dons «gratis, sed non ingratiss». Sobre o esforço”, cf. Prontuário, na voz correspondente.

11. A relação entre vida ativa e vida contemplativa pode ser resumida nessa máxima: “Trabalhar com as mãos através do exercício” das diversas funções, “e com a mente através das contemplações”, *Cognitione et vittoria*, 63v. Cf. Agostinho, *De Ópere monachorum*, 17, 20: PL 40,564: «Quid impedit servum Dei má nibus operantem, in lege Dómini meditari et psállere nómini Dómini altíssimi? O que impede um servo de Deus de meditar e recitar salmos em nome do Senhor altíssimo, quando está trabalhando com as mãos?» Tomás, *3 Sententiarum*, 35,

I,4: “O bem, em sua união, consiste na ação e na contemplação”.

13. “Com as mãos e com os pés”; com esse título foram reimpressos os *Ditos notáveis*, organizados por Marco Vannini, Oscar Mondadori, Milão 2000, atribuídos a “Padre Zaccaria”. Cf. Resenha assinada por padre Giuseppe Cagni, em “*Barmabiti Studi*”, 17/2000, pp. 463-468.

14. «Veritatis et sobrietatis verba loquor», At 26,25.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

6. Sobre a união e a distração em relação com Deus e na oração, Antonio Maria se detém na Carta 3(cf. **10305.08**) a Carlo Magni. Veja-se Prontuário, nas vozes “Distração” e “União”.

9. À “tristeza” o Santo faz referência no Sermão 4 (**20422**), citando Pr 17,22: «*A tristeza seca os ossos*».

### **33. VISÃO DE DEUS**

1. Agostinho, *De Trinitate*, I, 8,17: «Visio Dei, vita aeterna». Tomás, *Summa theol.*, II II, 175,3: “A visão de Deus não pode se dar sem deleite”; Id., 3 *Sententiarum*, 35, I,2: “A contemplação consiste essencialmente no ato da faculdade cognoscitiva anteriormente requerido pela caridade”. Id., *Summa theol.*, I, 12,6: “Mais participará da luz da glória quem tiver maior caridade”.

2. Sr 24,29: «Qui edunt me adhuc exúrient et qui bibunt me adhuc sítient». “O deleite de Deus é insaciável; quanto mais se tiver saboreado e comido, mais se terá fome dele”, Ps. Macario, *Homilias*, 15,37: PG 34,593; cf 17,13: PG 34,862.

3. Sr 42,26 se interroga: «Quis satiábitur videns glóriam éius?».

4. Gn 32,30; 1Tm 6,16.

6. Tomás, *Summa theol.*, I, 12,13: “...Deus é trino e uno”.

7. “Rapto”, cf. *Ditos Rapto*. Tomás, *Summa theol.*, II II, 175,1: “O rapto consiste em uma certa violência”.

8. “Idade incorrupta e sem sucessão”, se entende alforriada do decorrer do tempo. O latim expressa “sucessão” com «*facies semper ridens*». Tomás, *Summa theol.*, I II, 5,4: “A beatitude é uma perfeição completa,

que afasta do beato qualquer defeito”.

9. Tomás, *Summa theol.*, cit.: “A fim de que [a essência divina] seja vista, todos são imediatamente iluminados por Deus”.

11. Tomás, 3 *Sententiarum*, 35,2,2, cita Dionísio Areopagita: “É impossível que o raio divino resplandeça em nós, sem estar oculto com a variedade dos sacros véus”.

12. As edições francesa e latina omitem “*como se Tu pudesses ser compreendido por nós...*”

13. Clemente Alexandrino, *Stromata*, 5,11, 71,3 (PG 9,109): “...Ad intelligentiam Omnipotentis pervenimus, non ita tamen ut quod est, sed ut quod non est cognoscamus; Atingimos o conhecimento do Onipotente, não pelo que é, mas pelo que não é”. Agostinho, *De ordine*, II, 16.44: “Mélius scitur Deus nesciendo; Conhece-se melhor a Deus, não o conhecendo”. O mesmo Agostinho afirma categoricamente: «Si dicis deum non est Deus». Tomás, **Contra Gentiles**, I,14: “Em sua imensidão, a substância divina ultrapassa qualquer forma ao alcance de nossa inteligência. Assim, não podemos atingi-la, conhecendo o que seja. Mas, dela temos alguma notícia, conhecendo o que ela não é”.

14. *Imitação de Cristo*, III, 10,40: “Verdadeiramente inefável é a doçura de sua contemplação”.

### **SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA**

Introduzindo a explicação do “Primeiro preceito”, ilustra a ação desenvolvida por Deus na criação e na redenção e exclama: «*Ó que sabedoria das sabedorias! Ó luz que não se alcança*», Sermão 1, **20104**.

O conhecimento de Deus nessa vida, possível através de suas criaturas e perceptível através «de figuras e de sombras» na Revelação bíblica, se faz manifesto em Cristo, Sermão 2 (**20208**). Chega-se «ao conhecimento de Deus», primeiro deixando o exterior e entrando no próprio interior, Sermão 5 (**20502**). Os justos «*camparam de fortaleza em fortaleza até verem Deus*” (Sl 83,8).», Sermão 3 (**20322**).

Antonio Maria recomenda que os noviços, valendo, porém, para todos os religiosos, «*se mantenham sempre na presença de Deus*», Constituições 12 (**31216**).

**Gênova, 12 de setembro de 2020**  
**Festa do Santo Nome de Maria**

**FIM**

Começamos a tradução dos *Detti notabili* pensando que fossem da autoria de nosso Santo Fundador, mas ao ler os dois artigos do padre Gentili nos convencemos de que o verdadeiro autor dos *Ditos* é o Frei Batista de Crema e foi possível também perceber a grande influência dos escritos do frei sobre Santo Antônio Maria Zaccaria. Afinal, o bom discípulo é fiel ao seu mestre e vai mais além, trazendo assim a sua contribuição para os contemporâneos e os pósteros.

Que esse livro contribua para os confessores e orientadores espirituais, bem como para os estudiosos de nossa Espiritualidade e para os historiadores, por que não?

